O PASTOR COMO **TEÓLOGO PÚBLICO**

Recuperando uma visão perdida

KEVIN J. VANHOOZER
E OWEN STRACHAN



VIDA NOVA

O PASTOR COMO **TEÓLOGO PÚBLICO**



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Vanhoozer, Kevin J.

O pastor como teólogo público : recuperando uma visão perdida / Kevin J. Vanhoozer e Owen Strachan ; tradução de Marcio L. Redondo. - São Paulo : Vida Nova, 2016.

ePub

Bibliografia

ISBN 978-85-275-0698-4 (recurso eletrônico) Título original: *The pastor as public theologian: reclaiming a lost vision*

1. Teologia pastoral 2. Cristianismo e cultura I. Título II. Strachan, Owen III. Redondo, Marcio L.

15-1202 CDD 253

Índices para catálogo sistemático:

1. Cristianismo e cultura

O PASTOR COMO **TEÓLOGO PÚBLICO**

Recuperando uma visão perdida

KEVIN J. VANHOOZER
E OWEN STRACHAN

Tradução
Marcio Loureiro Redondo

VIDA NOVA

©2015, de Kevin J. Vanhoozer e Owen Strachan Título do original: *The pastor as public theologian: reclaiming a lost vision*, edição publicada pela Baker Academic, uma divisão do BAKER PUBLISHING GROUP (Grand Rapids, Michigan, EUA).

Todos os direitos em língua portuguesa reservados por
SOCIEDADE RELIGIOSA EDIÇÕES VIDA NOVA
Caixa Postal 21266, São Paulo, SP, 04602-970
www.vidanova.com.br | vidanova@vidanova.com.br

1.ª edição: 2016

Proibida a reprodução por quaisquer meios, salvo em citações breves, com indicação da fonte.

Todas as citações bíblicas sem indicação da versão foram extraídas da Almeida Século 21. As citações bíblicas com indicação da versão *in loco* foram extraídas da Almeida Revista e Atualizada (ARA) ou traduzidas diretamente da English Standard Version (ESV), da New International Version (NIV) e da Revised Standard Version (RSV). Citações bíblicas com a sigla TA se referem a adaptações feitas pelo autor.

GERÊNCIA EDITORIAL

Fabiano Silveira Medeiros

EDIÇÃO DE TEXTO
Tiago Abdalla T. Neto

REVISÃO DA TRADUÇÃO E PREPARAÇÃO DE TEXTO

Larissa Malkomes

REVISÃO DE PROVAS

Rosa Maria Ferreira

COORDENAÇÃO DE PRODUÇÃO
Sérgio Siqueira Moura

DIAGRAMAÇÃO E E-BOOK

Felipe Marques

CAPA

Souto Crescimento de Marca

Sumário

Colaboradores

Prefácio
Owen Strachan e Kevin J. Vanhoozer

Introdução: Pastores, teólogos e outras figuras públicas
Kevin J. Vanhoozer

- Problema: uma visão perdida
- Proposta: o pastor-teólogo como figura pública distinta
- Perspectiva: o ministério do que está "em Cristo"

Perspectivas pastorais
Gerald Hiestand — Seis passos práticos para ser um pastor-teólogo
Josh Moody — Sete maneiras de elaborar teologia como um pastor

PRIMEIRA PARTE: TEOLOGIA BÍBLICA E TEOLOGIA HISTÓRICA

1. Profetas, sacerdotes e reis: uma breve teologia bíblica do ministério pastoral
Owen Strachan

- O ministério da antiga aliança no Antigo Testamento
- Participação no ministério de Jesus da nova aliança: o Novo Testamento
- Conclusão: O ministério pastoral como ofício teológico

Perspectivas pastorais
Melvin Tinker — O pastor como teólogo público
Todd Wilson — A origem da humanidade: um estudo de caso para pastores-teólogos
Jim Samra — Uma teologia prática da tecnologia

2. Estudiosos e santos: uma breve história do ministério pastoral
Owen Strachan

- A igreja antiga
- O período medieval: escolasticismo e monasticismo
- O despertamento promovido pela Reforma: pastores protestantes
- Pastores teológicos: os puritanos e o aspecto prático da verdade
- Representantes de uma "ocupação divina": os seguidores de Edwards e a esfera pastoral

- A virada moderna: populismo, profissionalismo e a subjugação do ministério pastoral
- Vislumbres de esperança: Harold Ockenga e a ousadia neoevangélica
- Conclusão: Rumo a que tipo de ministério pastoral?

Perspectivas pastorais

Wesley G. Pastor — Como a teologia da fé salvadora tem afetado minha congregação

Kevin DeYoung — Um lugar para a verdade

SEGUNDA PARTE: TEOLOGIA SISTEMÁTICA E TEOLOGIA PRÁTICA

3. No modo evangélico: o propósito do pastor-teólogo
Kevin J. Vanhoozer

- Os diversos *modos* da teologia: entre a morte e a ressurreição
- Um ministério da realidade: teologia no modo indicativo
- Um ministério de entendimento: a *diakonia* da Palavra de Deus
- Um ministério de vida (nova): teologia no modo imperativo
- Os benefícios da teologia: para que servem os seminários?

Perspectivas pastorais

David Gibson — Sobre a morte

Bill Kynes — Pregando a doutrina do evangelho como verdade, bondade e beleza

Cornelius Plantinga Jr. — Ler para pregar

4. Artesãos na casa de Deus: as práticas do pastor-teólogo
Kevin J. Vanhoozer

- A Grande Comissão Pastoral: "façam discípulos";"edifiquem a casa de Deus"
- Evangelista: proclamar o que está em Cristo
- Catequista: ensinar o que está em Cristo
- Liturgista: celebrar o que está em Cristo
- Apologista: demonstrar o que está em Cristo

Perspectivas pastorais

Guy A. Davies — O drama da pregação

Jason B. Hood — O pastor-teólogo como apologista no púlpito

Conclusão: 55 teses resumidas sobre o pastor como teólogo público
Kevin J. Vanhoozer

Colaboradores

BILL **K**YNES formou-se em teologia na Universidade de Oxford (MA), na Trinity Evangelical Divinity School (MDiv) e na Universidade de Cambridge (PhD) antes de se tornar pastor da Cornerstone Evangelical Free Church, em Annandale, Virgínia, onde tem servido desde 1986. Sua tese de doutorado foi publicada com o título *A Christology of solidarity: Jesus as the representative of his people* [Uma cristologia da solidariedade: Jesus como o representante de seu povo] (University Press of America). É casado com Susan, e eles têm quatro filhos, três noras e sete netos.

CORNELIUS ("**N**EAL") **P**LANTINGA **J**R. (PhD pelo Princeton Theological Seminary) é educador teológico, escritor e pregador que, por mais de uma década, tem sido um dos organizadores das conferências para pregadores intituladas "Ler para pregar". O resultado das conferências está em seu livro *Reading for preaching: the preacher in conversation with storytellers, biographers, poets, and journalists* [Ler para pregar: o pregador em diálogo com contadores de histórias, biógrafos, poetas e jornalistas] (Eerdmans).

DAVID **G**IBSON (PhD pela Universidade de Aberdeen) é pastor presbiteriano e serve na igreja Trinity Church, em Aberdeen. A igreja e os presbíteros permitem que, de vez em quando, ele dê uma escapada até a biblioteca para escrever sobre diversos assuntos. No momento, os temas pesquisados incluem batismo, Eclesiastes e Sínodo de Dort. Ele e a esposa, Angela, têm quatro filhos pequenos.

GERALD **H**IESTAND é pastor titular adjunto da igreja Calvary Memorial Church, em Oak Park, Ilinóis, e diretor executivo do Center for Pastor Theologians [Centro de Pastores Teólogos]. Gerald está fazendo doutorado em estudos clássicos na Universidade de Kent (condado de Canterbury, Inglaterra) e é coautor (junto com Todd Wilson) do livro *The pastor theologian: resurrecting an*

ancient vision [O pastor teólogo: restaurando uma antiga visão] (Zondervan). Ele e a esposa, Jill, têm três filhos.

GUY **A**. **D**AVIES estudou para o ministério pastoral no London Theological Seminary e obteve, com louvor, o bacharelado em teologia no Greenwich School of Theology. É copastor da igreja Providence Baptist Church, em Westbury, e da Ebenezer Baptist Church, em West Lavington, ambas no condado de Wiltshire, Inglaterra. Nasceu no País de Gales e é casado com Sarah, com quem tem dois filhos adolescentes.

JASON **B**. **H**OOD estudou no Reformed Theological Seminary e obteve o doutorado em Novo Testamento em um programa conjunto da Highland Theological College, em Dingwall, Escócia, com a Universidade de Aberdeen. Ele e a esposa, Emily, têm quatro filhos e vivem em Moshi, na Tanzânia, onde Jason é pastor de uma igreja internacional, a St. Margaret's Anglican Church. Entre suas publicações acadêmicas estão artigos do *Journal of Biblical Literature* e do *Bulletin for Biblical Research;* seu livro mais recente é *Imitating God in Christ: recapturing a biblical pattern* [Imitando Deus em Cristo: recuperando um modelo bíblico] (InterVarsity).

JIM **S**AMRA é pastor-titular da igreja Calvary Church, em Grand Rapids, Michigan. Jim é formado em Engenharia Mecânica (BS) pela Universidade de Michigan, tem mestrado (ThM) em Novo Testamento e Ministérios Pastorais pelo Dallas Theological Seminary e doutorado em Novo Testamento pela Universidade de Oxford, na Inglaterra. É autor de *God told me* [Deus me contou] (Baker Books), *The gift of church* [A dádiva da igreja] (Zondervan) e *Being conformed to Christ in community* [Conformando-se a Cristo na comunidade] (T. & T. Clark). Ele e a esposa, Lisa, têm quatro filhos.

JOSH **M**OODY (PhD pela Universidade de Cambridge) é pastor-titular da igreja College Church, em Wheaton, Ilinóis. Entre seus livros estão *Journey to joy: the psalms of ascent* [Jornada rumo à alegria: os salmos de degraus] (Crossway), *No other gospel* [Nenhum outro evangelho] (Crossway) e *The God-centered life:*

insights from Jonathan Edwards for today [A vida teocêntrica: percepções de Jonathan Edwards para hoje] (Regent College Publishing). Cresceu no sul de Londres, na Inglaterra, e é casado com Rochelle. Ele e a esposa têm quatro filhos. Josh escreve para o blog do site GodCenteredLife.org, em que também publica seus sermões.

KEVIN **D**E**Y**OUNG é o pastor-titular da igreja University Reformed Church, em East Lansing, Michigan. Estudou na Hope College (BA) e no Gordon-Conwell Theological Seminary (MDiv). No momento, está matriculado como aluno de doutorado da Universidade de Leicester, na Inglaterra. Kevin escreveu vários livros, entre eles *Por que amamos a igreja?* e *Não quero um pastor bacana e outras razões para não aderir à igreja emergente* (os dois em coautoria com Ted Kluck, [Mundo Cristão]), *Just do something* [Apenas faça alguma coisa], *Super ocupado* (Fiel) e *Taking God at his Word* [Considerando Deus em sua Palavra]. Kevin e a esposa, Trisha, têm seis filhos.

KEVIN **J**. **V**ANHOOZER (PhD pela Universidade de Cambridge, Inglaterra) é professor pesquisador de Teologia Sistemática na Trinity Evangelical Divinity School, em Deerfield, Ilinóis. Anteriormente, lecionou na New College, a faculdade de Teologia e Ciências da Religião da Universidade de Edimburgo, Escócia. Foi ordenado presbítero em sua congregação local, que pertence à Igreja da Escócia, da qual, em âmbito nacional, foi membro da Comissão de Doutrina. É autor e organizador de dezesseis livros, dos quais o mais recente é *Encenando o drama da doutrina* (Vida Nova). Ele e a esposa, Sylvie, têm duas filhas e um genro.

MELVIN **T**INKER estudou para o ministério no Wycliffe Hall, em Oxford (Inglaterra), e cursou seu mestrado na Honor School of Theology da Universidade de Oxford (MA Oxon). É pároco da Igreja de St. John, em Newland, Kingston upon Hull, condado de Yorkshire, na Inglaterra. É casado com Heather, com quem tem três filhos adultos e seis netos. Seus livros incluem *Intended for good: the providence of God* [Destinado para o bem: a providência de

Deus] (InterVarsity) e *What do you expect? Ecclesiastes for today* [O que você espera? Eclesiastes para hoje] (Evangelical Press).

OWEN **S**TRACHAN (PhD pela Trinity Evangelical Divinity School) é professor assistente de Teologia Cristã e História da Igreja no Southern Baptist Theological Seminary e na Boyce College, ambos em Louisville, Kentucky. É presidente do Council on Biblical Manhood and Womanhood [Conselho sobre Masculinidade e Feminilidade Bíblicas] e diretor do Carl F. H. Henry Institute for Evangelical Engagement [Instituto Carl F. H. Henry para o Engajamento Evangélico]. É autor de sete livros, casado com Bethany e pai de três filhos.

TODD **W**ILSON é o pastor-titular da igreja Calvary Memorial Church, em Oak Park, Ilinóis. É formado pela Wheaton College (BA, MA), Ilinóis, e doutor pela Universidade de Cambridge. Ele e a esposa, Katie, são pais de sete filhos, três biológicos e quatro adotados. Todd é autor de vários livros, entre os quais *Galatians: gospel-rooted living* [Gálatas: vida fundamentada no evangelho] (Crossway) e *Real Christian: bearing the marks of authentic faith* [Cristão de verdade: exibindo as marcas de uma fé autêntica] (Zondervan).

WESLEY **G**. **P**ASTOR fundou a igreja Christ Memorial Church, na qual é pastor. Também é fundador e presidente do NETS Institute for Church Planting [NETS Instituto para Plantação de Igreja]. A igreja e o instituto ficam em Williston, Vermont, Estados Unidos. Depois de cursar um MBA na Universidade de Miami (estado de Ohio, Estados Unidos), Wesley graduou-se mestre em Estudos Religiosos (MAR) pelo Westminster Theological Seminary, na Philadelphia, e mestre (ThM) na área de Escrituras e Teologia Prática pela Universidade do País de Gales. Ele e a esposa, Sue, têm cinco filhos adultos e dois netos.

Prefácio

A ideia de escrever este livro começou com uma surpresa (em um cemitério) e com um escândalo (em um seminário). Kevin estava ensinando na Universidade de Edimburgo, na Escócia, quando ouviu, sem querer, a conversa de um casal de turistas norte-americanos que visitavam a Greyfriars Kirk [Igreja de Greyfriars] (a maioria dos turistas visita o cemitério ao lado da igreja para ver a estátua do cão conhecido como Greyfriars Bobby). Enquanto observavam as lápides, a esposa exclamou de forma inesperada e sem pensar:

— Olhe, querido! Enterraram duas pessoas na mesma sepultura!

— De onde você tirou essa ideia? — perguntou o marido.

A mulher respondeu:

— É o que está escrito bem aqui: "Aqui jaz um pastor e um teólogo".

É trágico, não cômico, o fato de logo percebermos o que há de engraçado nessa anedota, a saber, a fonte de confusão da mulher. Grande parte dos norte-americanos simplesmente não está acostumada a pensar em pastores como teólogos ou em teólogos como pastores. No entanto, durante um longo período da história da igreja, a distinção que para nós é tão natural teria sido vista como uma aberração. O que aconteceu? As razões são complexas, e, embora mencionemos algumas delas, o foco principal de nosso livro não é entender como chegamos até aqui, mas, sim, propor a melhor maneira de seguir adiante.

O escândalo no seminário ocorreu durante o expediente de trabalho de Kevin. Um aluno brilhante veio pedir conselho sobre seu futuro. Jordan (não é seu verdadeiro nome) estava relutando entre o desejo de continuar seus estudos teológicos, o que em seu caso significava candidatar-se a um doutorado, e o trabalho em uma igreja. Ele não tinha certeza se suas notas eram suficientes para

entrar em um programa de doutorado (o que significava para ele: "Será que sou inteligente o bastante?"). Jordan suplicou:

— Por favor, não me diga que sou capaz apenas de ser pastor — declaração em que percebi a ideia implícita de que pastores são de algum modo intelectos ignorantes de segunda classe. Precisei de tempo para pôr em ordem minha justa indignação e estruturar meus pensamentos. Então respondi:

— Lamento informar que talvez você não tenha as qualidades necessárias. Ser pastor demanda sabedoria e entusiasmo vibrante. Para obter um doutorado é necessário somente ter um pouquinho de inteligência e a capacidade de se dedicar aos estudos por um longo período. Receio que você tenha condições apenas de ser um acadêmico, não um pastor. O ministério é bem mais difícil que o trabalho acadêmico.

Esses dois casos são sintomas que revelam um problema mais profundo, um problema de visão que aflige a igreja do século 21, em especial o evangelicalismo norte-americano. Embora existam algumas exceções brilhantes, em geral há uma confusão sobre a natureza, a identidade e o papel do pastor.

Em outro texto, Kevin declarou que o pastor-teólogo deve ser o intelectual público modelo do evangelicalismo.[1] Essa afirmação deixou Owen, que estava fazendo seu doutorado, intrigado, levando-o, por fim, a pedir a Kevin que escrevesse este livro com ele. Antes disso, Kevin e Owen haviam trabalhado juntos em atividades do Center for Pastor Theologians [Centro de Pastores Teólogos] (anteriormente conhecido como Society for Advanced Ecclesial Theology [Sociedade para o Desenvolvimento da Teologia Eclesiástica]), uma comunidade de pastores com doutorado em sua formação e comprometidos com a realização de estudos acadêmicos nas áreas bíblica e teológica, cuja finalidade dupla consiste na renovação teológica da igreja e na renovação eclesial da teologia. Por um breve período, chegamos a considerar o título *The pastor as public intellectual* [O pastor como intelectual público], mas concluímos que, sem um subtítulo explicativo, o título provavelmente seria mal entendido. No entanto, a ideia original acabou entrando de forma imperceptível nas páginas deste livro. Portanto, os leitores são aconselhados a prestar especial atenção ao

que queremos dizer com as palavras "público" e "intelectual" e à razão de qualificarmos ambas com o adjetivo "teológico".

Até aqui falamos sobre a origem do livro. Quanto ao processo efetivo de coautoria, a estrutura geral da obra surgiu logo depois de uma rápida tempestade de ideias. Owen escreveu os capítulos 1 e 2, e Kevin, os capítulos 3 e 4, o prefácio, a introdução e a conclusão. Depois lemos e comentamos os rascunhos um do outro e, em seguida, revisamos nossos próprios textos de acordo com a interação que tivemos. Somos particularmente gratos aos "doze" — não nossos discípulos, e sim nossos companheiros no ministério do evangelho — que contribuíram com testemunhos sobre a importância de recuperar a visão do ministério pastoral como vocação teológica. Esses doze depoimentos — testemunhos do dia a dia ministerial — são prova concreta de que, longe de ser uma ideia abstrata, a visão que apresentamos já está, de fato, sendo vivenciada em seus contextos específicos. Também oferecem conselhos práticos sobre como tornar nossa visão mais clara na igreja local. Esses doze profetas menores (i.e., no que diz respeito à extensão de seus textos) conferem credibilidade ao argumento de nosso livro — se não credibilidade pública, ao menos credibilidade entre os membros das igrejas.

Por falar em credibilidade, o que dá a nós, dois *professores* teólogos, o direito de emitir declarações sobre a natureza e o papel do *pastor*? Estamos bem conscientes de nossa falta de qualificação. Ser um teólogo no mundo acadêmico implica correr o risco de tornar-se uma mente sem corpo. Voltando ao cemitério: o teólogo que não é pastor se assemelha a uma alma que, depois da morte, foi separada do corpo (i.e., da igreja). Lamentamos esse "estado intermediário" anormal, mas, crentes na ressurreição, aguardamos com expectativa o tempo em que corpo e alma serão reunidos.

Mentes teológicas pertencem a corpos eclesiásticos. Não queremos exagerar: há um papel a ser desempenhado pela teologia acadêmica, mas ele é *secundário*. O papel primário — o lugar de honra da teologia — pertence ao pastor-teólogo. Portanto, nada mais justo que dedicarmos este trabalho a Gerald Hiestand e Todd Wilson, cofundadores do Center for Pastor Theologians, e a todos os membros das duas comunidades dessa instituição. Esses pastores-teólogos

exemplares encarnam a visão que nosso livro pretende recuperar. Que sejam frutíferos e se multipliquem!

Owen Strachan
Kevin J. Vanhoozer

[1]O contexto da referência é a interpretação da Bíblia como palavra de Deus. Esta é a citação completa: "O pastor-teólogo deve ser o intelectual público modelo do evangelicalismo, sendo a pregação a principal forma pública de interpretação teológica das Escrituras" (Kevin J. Vanhoozer, "Interpreting Scripture between the rock of biblical studies and the hard place of systematic theology: the state of the Evangelical (dis)union", in: Richard Lints, org., *Renewing the Evangelical mission* [Grand Rapids: Eerdmans, 2013], p. 224).

Introdução

Pastores, teólogos e outras figuras públicas

KEVIN J. VANHOOZER

"As sociedades não se tornam seculares quando prescindem completamente da religião, mas quando já não são particularmente incomodadas por ela."[1] A igreja, a sociedade de Jesus, também corre o risco de se tornar secular exatamente na área em que menos esperaríamos isso acontecer: sua compreensão do clero. O motivo não é que as igrejas estejam dispensando o ministério pastoral, mas que já não consideram sua natureza teológica estimulante ou clara. A ideia do pastor como teólogo — alguém que abre as Escrituras para ajudar pessoas a entender Deus, o mundo e a si mesmas — não faz mais o coração da maioria dos membros da igreja "arder" (Lc 24.32).

Um grande número de pastores trocou seu direito de primogenitura vocacional por um prato de sopa de lentilhas (Gn 25.29-34; Hb 12.16): habilidades de gerenciamento, planos estratégicos, cursos de "liderança", técnicas terapêuticas e assim por diante.[2] Congregações demandam essas qualificações de seus pastores, e é melhor ainda se eles tiverem um título de MBA. Nessas circunstâncias, não surpreende que pastores recém-consagrados se queixem, com muita frequência, de não terem sido preparados no seminário para o "verdadeiro trabalho" do ministério. Enquanto isso, os seminários se apressam em satisfazer as novas expectativas, reformulando seus currículos de maneiras que resultam em perda ainda maior da teologia na igreja.

A história é complexa e já foi contada em outras obras.[3] A ideia central é a seguinte: a teologia tem sido, em maior ou menor proporção, banida de

Jerusalém. Ela está no exílio e, consequentemente, o conhecimento de Deus está em declínio na igreja. Por isso, a terra prometida, o povo de Deus reunido, agora parece uma terra árida: uma terra de oportunidades desperdiçadas que já não cultiva discípulos como fazia no passado.

Este livro foi escrito para apressar o retorno da teologia. Seu propósito é *recuperar* a terra — o lugar em que Deus habita — vendo o povo de Deus como o principal instrumento com o qual o pastor trabalha. Nossa convicção fundamental é que mentes teológicas precisam retornar ao contexto a que pertencem: o corpo de Cristo. Esta obra pretende recuperar a origem teológica da profissão mais ousada do mundo e despertar a igreja para a vocação imensamente desafiadora, emocionante e prazerosa de ser um pastor evangélico.[4] De forma específica, este livro tem como objetivo ajudar três grupos de pessoas a recuperar uma visão perdida.

Escrevemos a vocês, pastores (não apenas pastores-titulares!), porque precisam de ajuda para recuperar a essência teológica de sua vocação, não importa se ela é definida de forma específica como "ministério de jovens", "educação cristã", "vida congregacional", "liderança de louvor" ou alguma outra função. Falar de Deus ou relacionar-se com as pessoas não é tarefa fácil; no entanto, os pastores têm de fazer, muitas vezes (sempre?), as duas coisas ao mesmo tempo, seja qual for sua área de responsabilidade principal. Cada pastor é responsável por comunicar Cristo e ministrar a palavra de Deus em todos os momentos, de muitas maneiras e a todas as pessoas. Ministrar a palavra de Deus ao povo de Deus é vital ao trabalho do pastor.

Escrevemos a vocês, igrejas, porque precisam ser incentivadas a repensar a natureza, a função e as credenciais dos pastores que escolhem para servi-las. Em particular, devem pensar seriamente sobre como criar as condições em que o pastor é capaz de servir e crescer como teólogo público (sobre essa questão, veja adiante). Também cremos que vocês precisam recuperar sua herança como comunidade teológica criada pela Palavra de Deus e sustentada pelo Espírito de Deus e lembrar que fazem parte da história de Deus, em vez de Deus fazer parte de sua história (pastores-teólogos devem ser capazes de ajudá-las nisso!).

Escrevemos a vocês, seminários, porque existem para treinar pastores e servir a igreja. Vocês estão no mundo acadêmico mais amplo, mas não devem se limitar a ele, pela simples razão de que a palavra de Deus "não é do mundo" (cf. Jo 17.16). Em especial, vocês devem fazer todo o possível para minimizar o abismo repulsivo (e constrangedor) entre as disciplinas teológicas denominadas teóricas e as disciplinas que são chamadas de práticas. Também cremos que os seminários devem se esforçar mais para encorajar seus alunos mais brilhantes a considerar o trabalho na igreja, em vez de na academia, justamente porque cultivar a sabedoria de Jesus Cristo no dia a dia exige mais inteligência e criatividade do que as necessárias para escrever artigos acadêmicos.

"Terra árida" é uma expressão severa, mas exata para descrever um lugar em que não é possível cultivar ou desenvolver algo. O "mundo" — homens e mulheres que não têm um conhecimento pessoal de Jesus Cristo nem um relacionamento com ele — é de fato uma terra que se tornou estéril (infrutífera), coberta de ervas daninhas físicas, psicológicas e ideológicas que sufocam a vida. Isso de fato é uma perda trágica, motivo de profunda tristeza. Em contraste, a igreja deve ser uma terra que mana leite e mel, em especial o fruto do Espírito. O pastor-teólogo é um cultivador de homens e mulheres, encarregado de trabalhar e manter a terra prometida — o evangelho de Jesus Cristo — e de levar correntes de água viva a desertos urbanos e suburbanos, a fim de cultivar a nova criação em Cristo. Mas estamos nos antecipando. Primeiro, a má notícia...

Problema: uma visão perdida

Sem visão teológica, os pastores perecem. Visão é o que nos permite perceber onde estamos e para onde estamos indo. Às vezes o que vemos nos assusta e nos intimida: Pedro andou sobre as águas com os olhos fixos em Jesus até observar o vento (e supostamente as ondas); nesse momento, ele começou a afundar (Mt 14.28-31). No caso de Pedro, a visão física sufocou sua fé em Cristo. No entanto, em última análise, é a fé em Cristo que nos capacita a ver o mundo como realmente é: criado, redimido e amado por Deus. Essa foi a mensagem dos profetas, porta-vozes de Deus, que *disseram* o que *viram*: Deus está renovando

todas as coisas por meio do servo de sua aliança e do povo de sua aliança. Se essa é a visão, por que tantos pastores estão afundando no mar?

Tempestades marítimas não são o problema. O que faz pastores afundarem — ou melhor, evitarem a tarefa teológica — são as ondas do sentimento popular e os ventos da opinião pública que atuam como obstáculos e tentações, atrapalhando sua vocação de levar outros à maturidade em Cristo (cf. Ef 4.14). Podem estar certos de que não é fácil nadar contra a corrente cultural, e, em sentido bem real, o pastor fiel sempre será um personagem da contracultura — o que mais os pastores podem ser quando proclamam Cristo crucificado e, então, exortam os discípulos a imitarem seu Senhor, morrendo para si mesmos? O chamado ao autoesvaziamento sempre será impopular para aqueles cujos bolsos e guarda-roupas estão cheios.

O que torna o papel do pastor ainda mais desafiador é a existência de três diferentes grupos de pessoas, *três públicos*, cada um com a própria forma de pensar. Quando falo de três públicos, refiro-me a três realidades sociais, três ambientes em que pastores podem falar de Deus e de Jesus Cristo: (1) a academia, (2) a igreja e (3) a sociedade em geral.[5] Porque Deus é o Criador de tudo o que existe, seja visível seja invisível, e porque as boas-novas do amor sacrificial de Deus dizem respeito a todo o mundo, não há um único centímetro quadrado no universo nem um único aspecto da existência humana que, de alguma forma, não estejam relacionados com Deus e com o evangelho. No entanto, a maioria de nós vive em mais de um mundo cultural, e a maneira de falarmos sobre a verdade ou o sentido da vida varia de forma considerável, dependendo de nosso contexto social (e.g., sala de aula, igreja cinema, etc.). Se há alunos e professores universitários em uma congregação, então o pastor precisa se dirigir aos três públicos, às vezes a todos ao mesmo tempo — em especial nos domingos. Como é possível falar de Deus simultaneamente a um adolescente, a um aluno de pós-graduação, a um marceneiro desempregado, a uma mãe que trabalha fora, a um prefeito e a um professor de física?

David Tracy afirma que a maneira de uma pessoa elaborar teologia é em grande parte resultado do público específico que ela identifica como seu público-alvo principal. Cada um tem as próprias normas e formas de discurso e suas

preocupações específicas, e isso gera três tipos de teologia: fundamental, sistemática e prática.[6]

Tracy tem razão em se preocupar com a degeneração da religião em mais uma opção particular ou escolha pessoal. Mas a separação que faz da teologia em diferentes modos de discurso pode levar pastores a ficarem em dúvida — ou a enterrarem a cabeça na areia. Sem dúvida, o contexto principal do pastor é a igreja, mas será que isso torna os pastores livres (desobrigados) de proclamar a verdade de maneiras que alcancem a população em geral e os alunos de uma faculdade? Não é fácil dividir pessoas reais em três públicos. A verdade é que muitos de nós vivem em dois ou mais desses contextos sociais. Tracy tem consciência disso e defende que a tarefa da teologia sistemática (a que está mais intimamente relacionada à igreja) é interpretar as Escrituras, relacionando-as de forma criteriosa à situação contemporânea. Essa perspectiva se aproxima do papel do pastor-teólogo que também defenderemos, embora estejamos inclinados a conceder a função mais importante de critério final às Escrituras, e não à situação contemporânea, especialmente porque são as Escrituras que iluminam a história de vida de cada pessoa que veio ao mundo.

No entanto, a análise de Tracy ajuda a esclarecer a natureza e a abrangência do desafio de recuperar a visão do pastor-teólogo. Pastores-teólogos têm de ser trilíngues, capazes de falar a língua de cada um dos três contextos sociais ou, ao menos, falar suficientemente bem para pedir orientações (e dá-las). Neste livro, nossa tarefa é defender, em primeiro lugar, que pastores têm de ser teólogos; em segundo lugar, que cada teólogo é em certo sentido um teólogo público; e, em terceiro, que um teólogo público é um tipo muito particular de generalista. Começaremos analisando como a visão do pastor-teólogo foi perdida em todos os três públicos.

Academia: poder e jurisdição da teologia?

É difícil identificar o momento exato em que pastores perderam o interesse na teologia, ainda que esteja claro que a transferência da teologia para a academia tenha sido um fator importante. Embora a separação entre igreja e Estado possibilite à igreja praticar a fé e organizar sua vida como lhe parece correto, a

separação entre igreja e academia, associada com a transferência da teologia da primeira esfera para a segunda, teve um efeito debilitante.[7] "Ninguém pode servir a dois senhores" (Mt 6.24). A pergunta sensata que aspirantes a teólogos devem fazer é se alguém consegue atender às necessidades de comunidades eclesiásticas e, ao mesmo tempo, satisfazer às exigências do mundo acadêmico contemporâneo.[8]

A teologia se tornou pela primeira vez uma atividade de sala de aula no período medieval, em que as escolas das catedrais se desenvolveram dando origem às primeiras universidades. Entretanto, durante muito tempo depois, a teologia continuou a florescer na igreja, em grande parte porque os teólogos mais importantes também eram clérigos.[9] A ruptura decisiva ocorreu no início do século 19, quando Friedrich Schleiermacher, um pastor que foi nomeado professor da Universidade de Berlim (e considerado por muitos o pai da teologia moderna), reestruturou o currículo teológico conforme a divisão quádrupla que hoje conhecemos bem — estudos bíblicos, história da igreja, teologia sistemática e teologia prática — e considerou sua unidade de acordo com o treinamento vocacional, e não das matérias. Esse "modelo de Berlim" teve grande influência na educação teológica da América do Norte e levou a uma divisão entre as disciplinas clássicas, ou acadêmicas (as três primeiras divisões), e as disciplinas profissionais, ou práticas (a quarta divisão).

A percepção de que a atividade acadêmica é abstrata e "teórica", dissociada das questões da vida diária, não sendo relevante nem necessária para o ministério "prático", é talvez o maior preconceito contra a educação teológica (não posso dizer "equívoco", porque, infelizmente, há um elemento real nele conforme a descrição de muitos programas acadêmicos).[10] Relacionada a isso, mas de outra perspectiva, a compreensão de que as disciplinas "práticas" são não teológicas, mas dirigidas pelo pragmatismo e influenciadas por modelos seculares das ciências humanas é outro preconceito que atua contra a noção do pastor-teólogo.

A divisão posterior na academia entre estudos bíblicos e teologia apenas tornou a situação pior. Acadêmicos que estudam a Bíblia têm as próprias organizações profissionais (e.g., a Society of Biblical Literature [Sociedade de Literatura Bíblica]), leem os próprios periódicos (e.g., *Journal of Biblical*

Literature) e, em geral, se especializam não apenas no Antigo ou no Novo Testamento, mas, com frequência, em um só gênero ou autor (e.g., estudos paulinos; literatura apocalíptica). Da mesma forma, teólogos têm suas organizações profissionais (e.g., a American Academy of Religion [Academia Americana de Religião]), seus periódicos acadêmicos (e.g., *International Journal of Systematic Theology*) e suas áreas de especialização (e.g., teologia analítica; teologia reformada; cristologia).

Aspirantes à função de pastor-teólogo não lutam contra carne e sangue, mas contra poderes institucionais e principados acadêmicos. Em particular, pastores-teólogos devem lutar em duas frentes. Primeiramente, eles têm de encarar o fato de que boa parte da teologia é escrita por acadêmicos para acadêmicos (i.e., "professores-teólogos"). Muitas vezes, é difícil traduzir ou aplicar essas abordagens técnicas de assuntos especializados às necessidades cotidianas de sua congregação. O que o entendimento de Tomás de Aquino a respeito das pessoas da Trindade como relações de subsistência tem que ver com visitar um diácono que acabou de descobrir um câncer no pâncreas? Ou como a economia da Trindade econômica está relacionada com membros da igreja que enfrentam desemprego? Nesse sentido, será que a doutrina da Trindade tem alguma relevância para a vida da igreja? Pensar que ela não tem é uma atitude lamentável e errada. A crença na Trindade é fundamental para a igreja e está totalmente relacionada com a identidade e a obra salvadora de Jesus Cristo, embora seja verdade que professores-teólogos nem sempre deixam isso tão claro quanto deveriam.[11]

Em segundo lugar, pastores também têm de enfrentar o muro de Berlim que faz separação entre as disciplinas de estudos bíblicos e de teologia, divisão atualmente estabelecida na academia.[12] Tendo em vista a grande importância da pregação na vida da maioria dos pastores, se tivessem de escolher a quem serviriam, a maioria optaria por estudos bíblicos. No entanto, o problema é que boa parte do que os pastores encontram em muitos comentários acadêmicos sobre a Bíblia é difícil, senão impossível, de pregar. O comentário bíblico padrão produzido na academia moderna geralmente trata a Bíblia como um documento histórico, muitas vezes dando mais atenção ao mundo *por trás* do texto (e.g.,

antecedentes históricos, paralelos do Antigo Oriente Próximo) do que ao que Deus está dizendo para a igreja atual *no* texto e *por meio do* texto sobre o assunto *do* texto: o plano divino de salvação focalizado em Jesus Cristo (cf. Lc 24.27; Ef 1.9,10). Não são poucos os estudiosos da Bíblia que creem que o comentário bíblico deve ser uma área teológica restrita.[13]

Poderes institucionais e principados acadêmicos têm separado o que originalmente havia sido unido sob a bênção de Deus: a teologia e a vida da igreja, estudos bíblicos e teologia, pastor e teólogo. Embora os teólogos assumam a responsabilidade primária de demonstrar a importância da doutrina para o discipulado, pastores não podem se dar ao luxo de negligenciar a teologia ou esperar que alguém promova negociações de paz entre estudiosos da Bíblia, teólogos sistemáticos e teólogos práticos. O caminho a seguir é este: pastores e teólogos devem carregar os fardos uns dos outros, reagindo juntos à amnésia eclesiástica da academia e à anemia teológica da igreja. Agora focalizaremos o último problema.

Igreja: imagens que mantêm pastores cativos

Há cerca de cinquenta anos, temos visto uma desconcertante variedade de imagens que descrevem o que os pastores são e o que fazem. Continua existindo muita confusão sobre o que precisamente é um pastor. Aliás, o próprio termo "pastor" é uma metáfora. As metáforas são poderosos instrumentos da imaginação que podem afetar nossa experiência diária. George Lakoff e Mark Johnson falam de metáforas que influenciam nosso comportamento, como "tempo é dinheiro".[14] Também podemos falar de metáforas que influenciam o ministério de pastores.

Com frequência, metáforas do ministério pastoral se prendem tão fortemente à imaginação que às vezes é difícil desfazer-se delas. Essas metáforas se tornam imagens que nos mantêm cativos. Normalmente, essas imagens revelam mais sobre as preocupações da época em que foram produzidas do que sobre os próprios pastores. Aliás, a imagem predominante do pastor quase sempre reflete as influências intelectuais e culturais mais amplas da época.[15] Podemos ir além e arriscar a sugestão de que imagens do ministério pastoral são lançadas de um

lado para outro por ondas (i.e., tendências culturais) e por todo vento de doutrina (i.e., tendências acadêmicas).

Outros autores já têm alistado algumas dessas imagens principais, por isso posso ser breve. William Willimon observa com razão: "O ministério contemporâneo tem sido vítima [...] de imagens de liderança que não são extraídas das Escrituras, mas da cultura ao redor — o pastor como diretor executivo, como guru psicoterapêutico ou como agitador político".[16] Certamente, não há nada de errado em organizar programas e ajudar pessoas; a única questão é se essas coisas *definem* a vocação do pastor. Há uma característica distintiva da pessoa e da obra de pastores cristãos? Qual seria essa característica? É nesse aspecto que existe constante confusão.[17]

Imagens do que os pastores fazem influenciam, por sua vez, o que os seminários fazem. Tudo gira em torno das metáforas predominantes que orientam os ministérios dos pastores. Joseph Hough e John Cobb descrevem a ascensão e a queda de quatro modelos que predominaram em diferentes épocas na história da igreja norte-americana: o "mestre" de conhecimento bíblico e teológico (final do século 18 e início do 19), o "pregador de reavivamento" (século 19), o "construtor" de igrejas e congregações (final do século 19 e início do 20) e o "gestor" de pessoas e programas (século 20).[18] Willimon elaborou uma atualização útil dessa lista de metáforas que nos mantêm cativos, ou ameaçam fazê-lo, acrescentando imagens do século 21. Além de imagens mais antigas (e.g., negociador político, terapeuta, administrador) que continuam desfrutando de considerável influência, ele menciona o magnata da mídia e o ativista comunitário.[19] Há ainda outras imagens, como o "documento humano vivo", o tolo sábio, o treinador moral, o agente de esperança, o diagnosticador, o contador de histórias populares e a parteira.[20]

Essa proliferação de imagens indica simplesmente a falta de consenso e até mesmo a confusão generalizada sobre o que os pastores são e o que deveriam fazer. Como um observador da situação dos pastores afirma: "É difícil conceber pessoas em outras áreas de trabalho — operários da construção civil, cabeleireiras, dentistas, tenistas profissionais, até mesmo teólogos sistemáticos ou acadêmicos da área bíblica — preocupando-se o tempo todo em inventar

equivalentes metafóricos da profissão que escolheram".[21] Certamente, há descrições mais literais do trabalho pastoral, como "cuidador da alma" ou "pregador". Essas descrições, no entanto, levantam a questão sobre o tipo de cuidado que vale a pena prestar e o que os pregadores têm a dizer que ninguém mais tem.

O que os pastores têm a dizer e a fazer que seja papel exclusivamente seu? Essa pergunta gera o debate sobre a questão da identidade distintiva do pastor. Em 1967, Karl Menninger foi o preletor da conferência *Stone lectures* [Palestras Stone], ocorrida no Princeton Theological Seminary, e ficou impressionado com o número de seminaristas com dúvidas quanto à sua profissão. Menninger sugeriu que uma das razões para as dúvidas deles era o desaparecimento do pecado. Muitos comportamentos anormais que antes eram considerados "pecados" (e.g., gula) hoje são vistos como sintomas de algum distúrbio psicológico ou social pré-existente, e outros "pecados" (e.g., coabitação antes do casamento) deixaram, em grande parte, de ser classificados como tais em razão da ampla aceitação social. Menninger descreve, de modo acertado, a importância desse desdobramento semântico: "O desaparecimento da palavra 'pecado' implica uma mudança na atribuição da responsabilidade pelo mal".[22] Essa mudança de pecado para sintoma também significa que as pessoas estão mais propensas a pedir ajuda aos que entendem do problema. Se o problema não é mais pecado, mas algum distúrbio psicológico, social ou talvez até mesmo biológico pré-existente, podemos indagar: "Que ajuda específica um pastor pode oferecer? Que serviço distinto um pastor pode prestar?".

A incerteza sobre qual é a contribuição que os pastores podem dar não é bom para a alma de um ministro. Sem dúvida, esse é um fator que explica uma manchete na edição de 9 de abril de 1971 do periódico *Chicago Sun-Times*: "Jovens clérigos confusos e desiludidos". É fácil perceber o motivo. Se a metáfora que define seu ministério é "profissão de ajuda", então é bom você estar preparado para dizer que tipo de ajuda você tem a oferecer.[23] Porém, esse era justamente o problema. O que pastores têm a dizer e a fazer que pessoas em profissões de ajuda — psicólogos, psiquiatras, assistentes sociais e assim por diante — já não estão fazendo e, muitas vezes, fazendo melhor? Atualmente, há

muitos "especialistas" em uma variedade de profissões de ajuda que estão oferecendo soluções e estratégias para lidar com diversos problemas pessoais. Os serviços de saúde mental e social oferecem uma combinação de teorias e terapias para o que nos aflige. Pastores-teólogos precisam ter a convicção de que o ministério do evangelho é mais do que uma profissão de ajuda.

John Leith faz uma constatação semelhante ao perguntar: "O que igrejas têm a dizer e a fazer que nenhuma outra instituição é capaz?". Sua resposta de uma perspectiva reformada é: ministrar a Palavra de Deus, pregando, ensinando e aconselhando. A essa resposta gostaríamos de acrescentar: "e moldar o povo de Deus para refletir a nova humanidade que está em Cristo". A pergunta complementar de Leith aos presbiterianos pode ser facilmente ampliada para incluir todos os evangélicos: "Será que hoje podemos afirmar que, no que diz respeito à competência, nossa pregação presbiteriana tem um desempenho tão bom quanto o dos melhores profissionais da comunidade em suas atividades — isto é, os melhores advogados e os melhores médicos?".[24] Não é preciso aceitar a sugestão de que pastores são profissionais (*que negócio* é esse de pastor profissional?) para concordar com a ideia de Leith: é difícil aplicar padrões de excelência ao que os pastores fazem, a menos que determinemos, em primeiro lugar, o que estão (ou deveriam estar) fazendo.

Uma das metáforas mais impactantes para o pastor é a do terapeuta: alguém que trata de problemas pessoais ou interpessoais e realiza a cura.[25] Aqui a tentação é depender demais do ouro extraído de outras minas (e.g., psicologia clínica) a fim de parecer "profissional": "Seminaristas aprendiam conceitos básicos a respeito da natureza humana com psiquiatras, psicólogos e assistentes sociais que eram conhecedores do assunto; ou seja, aprendiam com profissionais que agora controlam as definições desses mesmos conceitos".[26] Mas o resultado final desse empréstimo conceitual enorme foi que, como grupo, o clero "perdeu qualquer resquício de autoridade cultural sobre problemas pessoais".[27] Já não se pode aplicar categorias teológicas a problemas pessoais. Isso conduz ao desaparecimento não apenas do "pecado", mas também da "graça" e até mesmo de "Deus".[28]

Outra metáfora significativa para o pastor é a do gestor de pessoas e programas religiosos. Aliás, a imagem do pastor como gestor repercute tão bem na cultura contemporânea que conquistou, na mesma intensidade, a imaginação de igrejas protestantes tradicionais, católica romana e evangélicas. De acordo com George Weigel, a Igreja Católica Romana, durante boa parte do século 20, "passou a conceber o bispo de Roma como o presidente-executivo de uma empresa global cujos líderes locais (os bispos) eram, na prática, delegados papais (ou gerentes de filiais) de suas respectivas áreas".[29] Os sacerdotes de cada paróquia eram vistos "como homens que tinham recebido autorização para realizar certos tipos de negócios eclesiásticos: batizar crianças, ouvir confissões, celebrar a missa, realizar casamentos e funerais".[30]

Eugene Peterson tem sido especialmente crítico da metáfora do gestor: "A vocação de pastor foi substituída pelas estratégias de empresários religiosos com planos de negócios. [...] Eu amo ser americano, [...] [mas] não amo o consumismo desenfreado que trata Deus como produto a ser comercializado".[31] A imagem mais traiçoeira de todas é a do ministério pastoral como *carreira* profissional: "Pastores norte-americanos, sem realmente perceber o que estava acontecendo, redefiniram nossas vocações de acordo com o carreirismo norte-americano. Deixamos de pensar na paróquia como um contexto de espiritualidade pastoral e começamos a vê-la como uma oportunidade para progredir".[32] Uma imagem cultural mantém pastores cativos até mesmo na igreja. Por isso, agora trataremos da perda da visão do pastor-teólogo na sociedade em geral.

Sociedade: a situação desagradável do discurso público

Era uma vez, em uma época tão recente quanto o século 19, pastores que eram figuras públicas reverenciadas e respeitadas e desfrutavam de certa importância na sociedade. Não raro eles eram as pessoas de melhor nível educacional em cidades de pequeno e médio porte e os intelectuais da vila. Quando avançamos cem anos de história, vemos como as coisas mudaram radicalmente: muitas vezes, a imagem popular do pastor de hoje não passa de uma caricatura estereotipada (e.g., o santarrão moralista e reprimido, o megalomaníaco cheio de

si e muito bem vestido). Infelizmente, há bastante verdade por trás desse retrato superficial. *God's man in Texas* [O homem de Deus no Texas], peça teatral (baseada em uma história real) escrita por David Rambo em 1999, fala de um pastor de 81 anos de idade de uma megaigreja que não consegue entregar as rédeas do poder a seu jovem auxiliar. A arrogância, a teimosia, a paranoia e a insegurança do pastor são muito evidentes.

David Wells preocupa-se com o fato de que o frequentador de igreja comum confessa a fé em Cristo, mas ingere a mesma comida cultural de todas as outras pessoas. Espetáculos de televisão e filmes influenciam nossas percepções sobre tudo, desde a vida de luxo e conforto até a família considerada "normal". Wells não menciona isso, mas a cultura popular tanto reflete quanto influencia a maneira pela qual as pessoas veem os pastores. Romances, televisão e filmes exercem na população em geral uma influência bem maior do que apresentações teatrais. Que tipo de figura pública o pastor representa nesses meios de comunicação?

David Larsen, professor emérito de homilética no Trinity Evangelical Divinity School, investigou por iniciativa própria a literatura ocidental, examinando os vários modelos de ministério descritos em obras de ficção ao longo dos séculos. Isto é assunto sério: ficção não é meramente algo da esfera da fantasia, mas um laboratório de possibilidades humanas, em que a condição humana está sendo analisada e testada. Uma obra séria de ficção pode, com mais eficácia do que livros-textos, explorar os desafios da vida e do trabalho de um pastor e oferecer mais percepções a respeito deles porque dá aos leitores um gostinho da realidade, não uma lição, mas uma experiência vicária.[33] Vendo como outros reagem e agem em diversas situações específicas, os pastores podem aprender coisas importantes sobre as possibilidades e os perigos ocultos de sua vocação.[34] Além do mais, obras de ficção não só refletem o entendimento de uma sociedade sobre o que é ser humano — e o que é ser pastor — como também influenciam essa compreensão. Larsen observa: "Na literatura ocidental, o ministério é visto de forma mais negativa do que positiva. Esse é um dado que exige reflexão, em vez de uma reação impensada".[35]

Cite uma obra de ficção em que o herói é um pastor fiel (ganha um ponto extra se conseguir pensar em um romance cujo protagonista é um pastor *evangélico*). É um exercício mental interessante, ainda que doloroso. Duas obras vêm à mente: *Witch wood* [O bosque da bruxa], de John Buchan (publicado em 1927, mas ambientado no século 17), e *Gilead*,[36] de Marilynne Robinson (publicado em 2004 e ambientado no século 20). Em seu livro, Larsen dedica um capítulo ("Cameos of character and courage" [Proezas de caráter e coragem]) a imagens do pastor fiel e examina, entre outros, "A Parson's tale" [Um conto de Parson], da obra *Canterbury tales,* de Chaucer,[37] *The vicar of Wakefield*, de Oliver Goldsmith,[38] *The warden*, de Anthony Trollope,[39] e o personagem padre Tim nos vários livros da série *Mitford*, de Jan Karon.[40] Infelizmente, esses promissores perfis pastorais dão lugar a cinco capítulos focalizados em romances que tratam os ministros de uma maneira menos lisonjeira, em que se veem respectivamente imagens de incompetência, imoralidade, desonestidade intelectual, instabilidade familiar e falta de convicção vocacional. Ao longo do texto, os leitores são apresentados a ministros na ficção de Jane Austen ("moralistas sem igual"), George Eliot ("os solenes, formais e pomposos") e Charles Dickens ("combinação de vários tipos de ministros").

Anteriormente, mencionei minha teoria favorita de que, à semelhança de comentários bíblicos, nossas imagens de pastores servem de indicadores de tendências ideológicas e culturais mais amplas. Muito trabalho precisa ser feito para confirmar essa hipótese. Embora diversos livros tenham sido escritos sobre como Deus ou Jesus Cristo têm sido retratados em filmes, estudos que focalizam líderes eclesiásticos são bem menos comuns.[41] No entanto, o cinema e a televisão influenciam, provavelmente mais que os livros, a percepção que o público tem do pastor. *The church on TV: portrayals of priests, pastors, and nuns on American television series* [A igreja na TV: Representações de padres, pastores e freiras em seriados da televisão norte-americana],[42] de Richard Wolff, é apenas um de vários estudos que procuram identificar o que a cultura popular nos diz sobre as atitudes dos norte-americanos em relação à igreja e seus líderes. Seu livro estuda seriados televisivos que mostram membros do clero (e.g., *The flying nun* [A noviça voadora], *Father Dowling mysteries* [Os mistérios de padre Dowling], *7th*

heaven [Sétimo céu]). O fato de ser muito mais provável encontrar um programa de televisão sobre um pastor-detetive do que sobre um pastor-teólogo revela o que a respeito de pastores ou da cultura contemporânea?

Ser um pastor-teólogo — falar de Deus perante algum público — é ser honesto aos olhos das pessoas. E essa é a difícil situação do pastor-teólogo: apresentar declarações de verdade sobre Deus de uma maneira que satisfaça as exigências do discurso público. Karl Barth, um pastor-teólogo, expressou a situação da seguinte maneira: "*Como ministros, devemos falar de Deus. Mas somos humanos e, por isso, não podemos falar de Deus*".[43] Aqui, Barth reflete não apenas a respeito dos limites da linguagem e razão humanas, mas também sobre a dificuldade de explicar a *autoridade* de uma pessoa para fazer declarações sobre Deus. Que criatura tem condições de falar de seu Criador? Como nós, ou alguma outra pessoa, nos atrevemos a falar de Deus?

Quem tem a autoridade para falar de Deus? Que autoridade deve ser levada em consideração? Por quê? Chegar a uma resposta satisfatória — aceitável no ambiente público — não é tarefa fácil, em parte porque uma hermenêutica da suspeita predomina em nosso contexto. Uma atitude pós-moderna de suspeita bastante conhecida alega que todas as pretensões de verdade são parciais, reflexo da situação social particular da pessoa, ou opressivas, reflexo da vontade de poder. Essas suspeitas aumentam exponencialmente quando o tema de nosso discurso público é Deus e quando o discurso parece beneficiar uma pessoa (em relação à posição social, ao dinheiro ou ao poder) ou um grupo de interesse particular.

O romance *Elmer Gantry*, de Sinclair Lewis, sintetiza a dificuldade contemporânea do discurso público sobre Deus. O romance narra a vida e a carreira de Elmer Gantry desde o momento de sua conversão na faculdade até sua ascensão como pastor reconhecido nacionalmente. O livro foi a obra de ficção mais vendida em 1927 e transformado em filme em 1960, com Burt Lancaster atuando no papel de Elmer.[44] Na história, Elmer Gantry confunde seu desejo de aplausos com um chamado para o ministério: ele é viciado na "droga da oratória" e encontra nas igrejas as multidões mais receptivas.

Elmer Gantry é exatamente alguém a respeito de quem os pós-modernos nos advertem: uma pessoa que se preocupa mais com a retórica e o reconhecimento trazido pelo discurso impactante do que com a verdade e o sofrimento que falar a verdade pode acarretar. Lewis diz: "Elmer achava que era o centro do universo". Para Gantry, Deus é um componente na história dele, em vez de Gantry ser um pequeno participante da história de Deus. Parafraseando o Satanás de Milton:[45] melhor reinar em minha própria narrativa do que ser personagem secundário na narrativa de Deus.

Elmer Gantry é uma história com uma advertência sobre a hipocrisia ministerial. Gantry personifica exatamente o que preocupa Eugene Peterson: pastores buscando carreiras bem-sucedidas em vez de sua vocação, buscando o engrandecimento do próprio nome em vez do engrandecimento do nome de Jesus Cristo. Sinclair Lewis elaborou uma ótima descrição do pastor como um jovem profissional. Em alguns aspectos, a história é notavelmente contemporânea, ainda que já tenha quase cem anos. Para os pastores, a tentação de se verem como os heróis da própria história é ainda mais clara em uma época de tele-evangelistas e megaigrejas: "Se o ministério não passa de uma profissão, então tudo o que diz respeito a ele é profissionalizado. E a pergunta para o ministro passa a ser: como isso promoverá ou atrapalhará meu progresso na carreira ministerial?".[46]

Eis o paradoxo central: o pastor é uma figura pública que não deve fazer nada para o próprio benefício, que não deve falar com o objetivo de atrair atenção para si, mas para longe de si — ao contrário da maioria das celebridades contemporâneas. O pastor deve apresentar alegações de verdade com o objetivo de ganhar as pessoas não para sua maneira de pensar, mas para a maneira de pensar de Deus. O pastor tem de se realizar não pelo crescimento de sua posição social, mas, se for necessário, pela diminuição dela.[47] Além disso, quando pastores se referem a si devem seguir o exemplo do apóstolo Paulo, reconhecendo que são pecadores públicos que receberam a graça e a misericórdia de Deus e continuam precisando delas (1Tm 1.15). Por fim (e novamente à semelhança de Paulo), pastores têm de se dedicar a falar em público sobre assuntos gerais, como o sentido da vida, para os quais eles não têm credenciais

publicamente aceitas, ao contrário de especialistas cuja especialidade é publicamente reconhecida.[48] A situação é ainda mais difícil e paradoxal quando consideramos a pressuposição geral de que figuras públicas não são confiáveis nem verídicas. Como pesquisas de opinião recentes deixam claro, as pessoas estão em grande parte desencantadas com personagens públicas, em especial com aquelas que representam os interesses de alguma instituição ou organização à qual estão ligadas.

Sem dúvida, as pessoas tendem a confiar em neurocirurgiões quando precisam ser operadas ou em pilotos quando voam em aeronaves. No entanto, neurocirurgiões e pilotos são especialistas com evidente conhecimento instrumental (i.e., operam o cérebro, operam aviões a jato). Portanto, nesse aspecto está a difícil situação pastoral. Para explicar a contribuição que fazem para o bem público, os pastores precisam determinar o tipo de conhecimento especializado que têm *ou* então vestir o manto intelectual: alguém que reivindica certo tipo de conhecimento e autoridade para falar sobre assuntos gerais de importância filosófica e social (e.g., o sentido da vida). Vejamos um exemplo: "A world split apart" [Um mundo dividido], palestra de abertura do ano letivo de 1978, apresentada por Alexander Soljenítsin, na Universidade de Harvard, aborda nada menos que o tema da trajetória da civilização ocidental. Soljenítsin afirma — em público! — que o Ocidente perdeu sua coragem cívica, talvez porque esteja materialmente muito bem e se organize de maneiras legais (i.e., processuais) que enfatizam direitos e liberdades mais do que responsabilidades e propósito. Sem dúvida, muitos norte-americanos franziram a testa quando ele examinou se poderia em sã consciência propor o Ocidente como modelo para seu país seguir (na época ele vivia na União Soviética): "Não, não posso recomendar a sociedade de vocês como um ideal para a transformação da nossa. Por meio de profundo sofrimento as pessoas de nosso país alcançaram um desenvolvimento espiritual de tamanha proporção que o sistema ocidental em seu atual estado de exaustão espiritual não parece atraente".

O discurso de Soljenítsin se torna ainda mais contundente, até mesmo com um tom de sermão, quando se aproxima do final. Ele diz: A luta pelo nosso planeta é "física e espiritual, uma luta de proporções cósmicas". Soljenítsin

conclui com uma espécie de apelo: uma convocação para que se recupere uma espiritualidade que vai além do aspecto material. Ele menciona o Mal (com *M* maiúsculo) e identifica o problema bem no fundamento do pensamento moderno: "a autonomia do homem proclamada e praticada em relação a qualquer força superior". Lembre-se: ele está discursando em Harvard, fazendo declarações de grande importância em uma das mais respeitadas universidades seculares norte-americanas, com centenas de especializações acadêmicas. Então ele prossegue e faz a declaração anterior. Corre o risco de ofender a sociedade sofisticada ao mencionar Deus: "O Ocidente finalmente alcançou os direitos do homem e até mesmo em excesso, mas o sentido de responsabilidade do homem para com Deus e para com a sociedade tem se tornado cada vez mais obscuro".

O discurso de Soljenítsin impressiona por causa do alcance de suas afirmações. Existem algumas declarações de grande importância: não predições, mas prédicas. "Predicar" é declarar alguma coisa a respeito de algo. A prédica é o ato preeminente do pregador. Declarar alguma coisa a respeito de algo tão vasto quanto a civilização ocidental, para não mencionar *Deus*, não é tarefa fácil, especialmente quando se está discursando diante de uma plateia. Se falar em público é o maior temor das pessoas, muito mais temível é fazer declarações públicas sobre Deus e o mundo! É exatamente essa capacidade — falar de modo significativo e verdadeiro sobre tópicos gerais de interesse social supremo — que é a característica do que chamarei de intelectual público. A questão diante de nós é se um pastor-teólogo também é um intelectual público.[49]

Proposta: o pastor-teólogo como figura pública distinta

Até aqui descrevemos um quadro negativo da situação contemporânea: muitas igrejas perderam a visão do que o pastor é e de qual é a responsabilidade dele. Como já analisamos, os pastores têm uma infinidade de metáforas com base nas quais podem escolher o estilo de ministério que seguirão. Por isso, pastores estão liderando o povo de Deus de várias maneiras e em diferentes direções. Sem uma visão bíblica do pastor, o povo de Deus pode realmente perecer; com certeza, deixará de progredir. Então, como os pastores devem liderar? O restante de nosso livro procura responder a essa pergunta apresentando uma proposta

positiva e, dessa maneira, guiando a igreja para que deixe para trás sua peregrinação no deserto da modernidade.[50]

Assim, resumimos aqui nosso argumento. Primeiro, pastores são e sempre foram teólogos. Em segundo lugar, cada teólogo é, em certo sentido, um teólogo público, um tipo particular de intelectual, uma classe específica de generalista. Uma convicção central que fundamenta nosso argumento é que uma pessoa não precisa ser acadêmica para ser intelectual. Pastores-teólogos não são necessariamente pessoas com QI elevado, mas precisam ter QT (quociente de teologia) elevado.[51] Em terceiro lugar, o propósito de o pastor-teólogo ser um intelectual público é servir ao povo de Deus, edificando-o na "fé entregue aos santos de uma vez por todas" (Jd 3). Deixe-me comentar de forma sucinta esses três pontos.

Teólogo: dizer o que Deus está fazendo em Cristo

Os pastores são e sempre foram teólogos; no entanto, esse aspecto, que não deveria ter sido abandonado, foi esquecido e perdido. Conforme vimos na breve narrativa anterior, teólogos e pastores têm sido separados e relegados a públicos distintos (a academia e a igreja, respectivamente). "A invenção de 'teólogos' como autoridades profissionais da fé cristã talvez se revele um dos acontecimentos realmente prejudiciais na história da igreja."[52] Essa afirmação pode ser surpreendente, mas a lógica é simples: a existência de teólogos "profissionais" sugere que pastores e leigos — os que não são pagos para produzir teologia — são incapazes de elaborar teologia (porque não têm uma "inteligência brilhante") ou então não têm a autoridade para fazê-lo (porque não têm as credenciais acadêmicas adequadas).

A teologia é importante demais para ser deixada para os "profissionais". Cada ser humano é responsável perante Deus por agir corretamente de acordo com o conhecimento de Deus que está disponível nas coisas que foram feitas, inclusive no coração humano (Rm 1.19-21). Cristãos "comuns" (se é que essa classe existe) são capazes de ler a Palavra de Deus com uma dose de entendimento e são responsáveis por reagir com amor, confiança e obediência. Teologia é parte integrante do ímpeto incessante da fé em alcançar maior compreensão. A

teologia é inevitável: William Ames diz que ela é basicamente o ensino [*doctrina*] sobre como "viver para Deus".[53] A teologia diz respeito a falar e viver a verdade revelada por Deus em Jesus Cristo.

Dessa maneira, a teologia é o esforço de falar bem de Deus e viver para a sua glória, com base na história de Deus contada na Palavra escrita de Deus (Antigo e Novo Testamentos). O adjetivo qualificativo "cristão" indica a centralidade de Jesus Cristo para o projeto teológico. Jesus Cristo é a palavra final de Deus (Hb 1.2), a revelação completa de Deus (1.3a) e o agente da obra suprema de Deus (1.3b). Jesus Cristo é o Alfa e o Ômega tanto da revelação quanto da redenção. Ele é a totalidade da sabedoria divina e o cumprimento do plano divino para o mundo (Ef 1.8-10). O Cristo ressurreto afirmou que tudo nas Escrituras gira em torno dele (Lc 24.27). *Ser um teólogo cristão é buscar, falar e demonstrar entendimento sobre o que Deus estava fazendo em Cristo a favor do mundo*. A teologia cristã expõe com palavras *o que está em Cristo*: Deus; a verdadeira humanidade; todas as coisas criadas visíveis e invisíveis; a reconciliação do mundo com Deus (2Co 5.19).

Público: envolvido com pessoas da comunidade e em favor dela

Já apresentamos um breve relato dos três públicos ou realidades sociais em que teólogos falam de Deus. Qual público — igreja, academia ou sociedade — temos em mente ao falar do pastor como teólogo público? Alguém poderá pensar que "público" é o sentido mais claro dos três termos, mas na verdade é o mais difícil de compreender, em grande parte porque existe um sentido já estabelecido de teologia pública (veja a seguir). Em parte, mas não totalmente, esse significado convencional é o que temos em mente quando utilizamos o adjetivo. Nosso uso é mais radical porque ele recupera a raiz etimológica (*radix*) do termo "público" (lat., *pubes*, "população adulta", e *populus*, "povo"). Pastores são teólogos públicos porque trabalham com o público de Deus e em favor dele, para o bem do público/povo em todos os lugares.

Teologia pública: a ideia predominante. O significado comum de teologia pública é "teologia na praça pública e para ela". O público específico em vista é a sociedade: a *polis* mais ampla. Portanto, a teologia pública é aquela que aborda

preocupações comuns em um fórum aberto, em que nenhum credo ou confissão em particular ocupa posição de maior destaque. De modo específico, a teologia pública diz respeito às formas e aos meios pelos quais indivíduos cristãos (e igrejas) devem testemunhar de sua fé na praça pública (i.e., na sociedade em geral). Uma rápida análise de como esse tipo de teologia pública se relaciona com as políticas públicas, com a teologia política e com o evangelho social ajudará a esclarecer em que aspectos nossa proposta de pastores como teólogos públicos é distinta.

Antes de tudo, a teologia pública é uma reação contra a tendência de privatizar a fé restringindo-a à questão da salvação de cada um. Conforme veremos em capítulos posteriores, a igreja não é uma coleção de pessoas salvas, mas o ápice do plano da salvação: criar um *povo* de Deus. Ademais, Cristo é Senhor de todas as áreas da vida, e é importante que os cristãos evitem modos dualistas de pensar a fim de não dividir o discipulado em compartimentos (aos domingos e na privacidade do lar), separando-o da cidadania (no restante da semana, nas escolas e nos locais de trabalho). De acordo com Max Stackhouse, um dos principais precursores da teologia pública, o mundo público — escolas, empresas, clínicas, cinemas, restaurantes, fábricas e assim por diante — é o espaço em que os discípulos vivenciam sua fé: "Se essas esferas públicas são o contexto mais amplo de nossos ministérios, precisamos de uma teologia pública para lidar com essa realidade".[54]

De acordo com Stackhouse, há uma clara distinção entre teologia pública e teologia política. Teologia política é a análise e crítica da política (a arte ou ciência de governar) e da relação entre igreja e Estado. O foco da atenção é a organização, a distribuição e o uso do poder político para tratar de questões sociais. Em contraste, a teologia pública não trata cada problema como se fosse um problema político nem soluciona cada problema público por meio da reforma do Estado ou da formação de uma maioria moral.[55] A teologia pública não procura ganhar eleições, mas debates: "Ela se propõe a oferecer ao mundo não a 'nossa perspectiva confessional', mas declarações com fundamento sobre o que, em última análise, é verdadeiro e justo e diz respeito a todos".[56] Stackhouse gostaria que o pastor fosse um teólogo público no sentido do "teólogo-filósofo da

verdade e da justiça universalmente válidas, [...] [capaz] de equipar as pessoas para discernir como e onde, *no mundo*, é possível descobrir os indícios da verdade e da justiça de Deus".[57] Por isso, Stackhouse se preocupa com que a teologia, "a única coisa que pastores têm a oferecer ao mundo que não é oferecida por outros de um modo melhor",[58] seja com demasiada frequência removida do discurso público, como se lhe fosse impossível apresentar uma justificativa pública. Por isso, Stackhouse conclama os pastores a assumirem "também a responsabilidade de recuperar e reformular as noções fundamentais de verdade e justiça na esfera mais ampla do discurso público".[59]

Os organizadores de um livro em homenagem a Max Stackhouse apresentam essa ideia da seguinte maneira: "Assim como os cristãos estão no mundo, a igreja também tem de estar nele e, por isso, deve elaborar uma teologia pública".[60] A teologia pública envolve análise crítica sobre como os cristãos devem testemunhar em praça pública. Uma das perguntas centrais é se (e em que medida) os cristãos podem trabalhar com pessoas de outras religiões ou sem religião em favor de causas sociais comuns. A ideia predominante, representada por Stackhouse, é que a teologia pública deve empregar formas de discurso e argumentos que são, em princípio, inteligíveis e aceitáveis para todos, independentemente da religião (ou falta dela). Em resumo: a teologia pública é um discurso com conteúdo teológico destinado ao público em geral. É interessante que Stackhouse crê que os seminários têm de preparar pastores para serem teólogos públicos que podem, por sua vez, ensinar as pessoas de sua congregação a serem "teólogos públicos leigos".[61]

Richard Mouw fala de uma geração anterior de evangélicos norte-americanos que pensavam que a tarefa básica da igreja era preparar as pessoas para ir ao céu: "Dar demasiada atenção às principais questões de política pública era considerado quase um 'mundanismo' que desonrava Deus".[62] Hoje, o etos é bem diferente, em especial entre os evangélicos entre vinte e trinta anos de idade, muitos dos quais são "intelectuais públicos sem uma agenda político-partidária".[63] Agora os evangélicos estão falando acerca de uma variedade de questões de política pública, desde questões morais mais conhecidas, como o aborto e a pobreza, até as mais recentes, como a imigração e o cuidado com a saúde.[64]

Será que ser um teólogo público significa que o pastor tem de defender o evangelho social, concentrando seu ministério e seus esforços em problemas deste mundo — questões de paz e de justiça, como a desigualdade econômica, o racismo e assim por diante?[65] O problema básico com debates do início do século 20 acerca do denominado evangelho social é que eram polarizados demais: seus defensores enfatizavam a natureza mundana do reino de Deus, a proclamação e a prática de libertar pessoas de instituições opressivas aqui na terra; seus oponentes destacavam a natureza extramundana do reino de Deus, uma proclamação da libertação da pessoa em relação ao pecado e à morte. Pastores-teólogos não devem ter de escolher entre um evangelho "social" e um "espiritual", pois há um único evangelho (Gl 1.6,7), "um evangelho eterno" que diz respeito ao céu *e* à terra (Ap 14.6).

As boas-novas não apenas proclamam que almas vão para o céu, mas também que Deus estabeleceu "um reino de sacerdotes e uma nação santa" (1Pe 2.9, ESV; cf. Êx 19.6; Ap 1.6) bem como a paz social ao reconciliar judeus e gentios (Ef 2.14) e que tudo isso se concretizará em uma nova terra. Embora o evangelho tenha implicações para assuntos públicos — afinal, toda a ordem criada está sendo renovada em Cristo (2Co 5.17) —, ele não deve ser reduzido a uma série de posições sobre questões de política pública. Ao contrário, a teologia pública é, ou deveria ser, a demonstração da vida da igreja em Cristo para a glória de Deus e para o bem do mundo.

Teologia pública: uma antiga-futura alternativa. Portanto, a teologia pública convencional não é o que temos em mente. Estamos recuperando uma visão perdida e não aderindo a um modismo. Miroslav Volf está mais próximo do que temos em mente quando, ao desenvolver uma posição equilibrada entre o evangelho social e o evangelho dos tempos passados, exorta os cristãos a não serem nem uma presença dominadora na sociedade nem pessoas ausentes que só pensam na vida futura, mas a serem uma presença testemunhadora. Não há uma maneira única de a igreja se relacionar com a cultura contemporânea, embora em cada confronto cultural o objetivo da igreja consista em ser sal e luz, trazendo à esfera pública a visão cristã de Deus e da vida plena: "Uma visão do florescimento humano e do bem comum é o principal elemento que a fé cristã traz ao debate

público".[66] Para Volf a teologia pública é uma questão de a igreja dar testemunho público de Jesus Cristo, a personificação da vida plena. Viver bem para Deus — isto é, esforçando-se para que a ordem criada seja renovada em Cristo — não pode ser outra coisa que não teologia pública; a doutrina cristã atribui um conteúdo específico ao significado e à expressão viva do amor, da justiça e da existência humana.

Rowan Williams oferece outro bom exemplo de teólogo público. As palestras que formam seu livro *Faith in the public square* [A fé na praça pública] abordam questões que são de interesse comum para a academia, a igreja e a sociedade em geral: secularismo, meio-ambiente, justiça, diversidade religiosa, entre outras. Essas palestras são "exemplos desenvolvidos da tentativa de descobrir pontos de contato entre diversas questões públicas e as crenças fundamentais sobre a Criação e a salvação com base nas quais (assim espero) os cristãos começam a pensar sobre absolutamente tudo".[67] Seu objetivo não é influenciar de maneira direta a política pública nem proclamar o evangelho abertamente em praça pública, mas comunicar de forma indireta uma visão de fé cristã sobre a vida comunitária centrada em Deus. Uma vida religiosa é uma vida concreta em um lugar específico, uma vida que assume "a tarefa de assegurar uma habitação para Deus, [...] [que] só se torna visível quando um ser humano lhe dá lugar e lhe oferece hospitalidade, e assim, esse lugar, essa identidade, se torna um testemunho".[68]

Este livro mostra "um caminho muito superior" de conceber e praticar teologia pública. É radical por retornar à raiz etimológica do termo *público* (veja a definição anterior). Teologia pública, conforme nosso emprego da expressão, significa "teologia constituída de pessoas": "Deus está agindo para criar um povo sob seu governo e como seu representante. Portanto, a ideia de povo de Deus está no centro da teologia bíblica".[69] A igreja — não um prédio, mas o povo de Deus falando, agindo e talvez sofrendo — é o "lugar" em que Deus e seu reino mais se destacam.

Lesslie Newbigin descreve a vida da congregação local como uma "hermenêutica do evangelho", o melhor indicador do que realmente significa falar da nova criação em Cristo.[70] Isso também é teologia pública — e verdade

pública. É exatamente como hermenêutica do evangelho que a igreja é uma hermenêutica do Deus trino e uno, pois, na condição de povo de Deus, a igreja experimenta a vida de Jesus Cristo e a comunhão com o Pai no Filho por meio do Espírito, que se tornou possível pela pessoa e obra de Cristo. A fé trinitária não é uma opinião particular, mas uma verdade pública. A doutrina da Trindade ressalta como o Pai oferece a relação familiar por meio do Filho e do Espírito àqueles que anteriormente não eram seu povo.[71] Portanto, a igreja é um *pináculo público* na praça pública, a parte visível e pontiaguda de uma estrutura "organicamente unida" [*symbibazō*] no amor divino que se fez carne em Cristo (Cl 2.2,19).

A igreja está onde quer que o povo de Deus — o público de Jesus Cristo — vivencie sua fé e comunhão no Deus trino e uno. Isto é teologia pública: filhos da luz sendo "a luz do mundo" (Mt 5.14), trazendo à luz "o plano do mistério oculto por séculos" (Ef 3.9, ESV), a saber, "unir todas as coisas em [Cristo]" (Ef 1.9,10, ESV). Nas palavras de Newbigin: "Essa *koinōnia* é, na verdade, a própria essência da igreja como sinal, instrumento e prenúncio do que Deus pretende para toda a família humana".[72] A igreja, como pináculo público, é a vanguarda da concretização desse plano. Assim, a igreja é a verdade pública de Jesus Cristo, e não apenas a verdade, mas também a bondade pública e a beleza pública do plano divino de redenção.

A igreja é um público separado cuja vida e testemunho serve aos interesses do público mais amplo (i.e., "toda nação e tribo" [Ap 14.6, ESV], bem como toda casta e classe social). A teologia pública tem que ver com moldar o povo de Deus para ser uma hermenêutica do amor divino. Eugene Peterson comenta: "Mas nossa vocação é bastante pública no que fazemos em relação a Deus e a uma vida de amor. [...] [As pessoas] veem a seriedade e a reverência com que expressamos nossa resposta a Deus (a vitrine disso é o culto de domingo), e isso as influencia para o bem ou para o mal; elas observam a maneira que vivemos com nossas famílias e amigos".[73] Em resumo: o povo de Deus é o lugar público em que aquilo que está em Cristo é lembrado, celebrado, examinado e revelado. De modo simples, a tarefa do pastor é ajudar congregações "a se tornarem o que são chamadas a ser".[74] Essa é a antiga-futura tarefa do pastor como teólogo público.

Pastor: um teólogo público na condição de intelectual orgânico que edifica as pessoas em Cristo

Embora todos os cristãos participem do ministério de edificação mútua em Cristo, a função específica do pastor é servir aos outros edificando-os em Cristo de modo particular pelo ministério da palavra e do sacramento. A ordenação significa que a pessoa é separada para um propósito especial, a saber, para um serviço específico na casa de Deus. Assim, o pastor é o *principal* (mas não o único) ministro, o primeiro (servo) entre iguais. O pastor é um administrador da casa [*oikonomos*] — um "mordomo dos mistérios de Deus" (1Co 4.1, TA). Nossa preocupação imediata é descrever o trabalho do pastor como um teólogo público, uma pessoa que trabalha com pessoas, tanto no sentido de trabalhar ao lado delas como seu colaborador quanto no sentido de trabalhar com elas como o próprio instrumento ("material" soa muito impessoal) da arte ministerial. O papel específico do pastor é desenvolver ou edificar pessoas: em particular, edificá-las como parte da casa de Deus, do corpo de Cristo e da comunhão do Espírito Santo.

Stanley Woodworth, meu professor de francês no ensino médio, descreveu certa vez sua paixão muito particular pela própria vocação da seguinte maneira: "A alegria de ensinar não está no entusiasmo pessoal com os alunos nem mesmo no assunto ensinado, mas no privilégio de apresentar um ao outro". Se isso se aplica a francês, química ou história, será que não é muito mais aplicável à paixão do pastor, que não é apenas motivada pelo amor de Deus ou o amor das pessoas, mas, principalmente, pelo amor de apresentar um (as pessoas) ao outro (Deus)? A responsabilidade especial do pastor é cuidar do povo de Deus, falando, mostrando, sendo e praticando a verdade e o amor de Deus. O êxito no ministério não é avaliado por números (e.g., pessoas, programas, dinheiro), mas pelo crescimento do amor das pessoas por Deus e de seu conhecimento a respeito dele. Essa é a única maneira de apresentar "todo homem perfeito em Cristo" (Cl 1.28).

Neste ponto, creio que esteja claro por que pastores têm de ser teólogos públicos. Mas por que pastores-teólogos precisam ser "intelectuais" a fim de

ministrar a verdade? Lembre-se do exemplo de Soljenítsin: um intelectual é alguém que fala de maneira significativa e verdadeira a respeito de temas gerais de interesse social supremo. A verdade do plano de Deus para o mundo é, sem dúvida, um desses assuntos! Aliás, até mesmo falar de "Deus" é abordar um tema de interesse universal em potencial. Com certeza não desejaríamos que aqueles que falam do plano de Deus para o mundo fossem *anti*-intelectuais!

O que faremos é esclarecer ainda mais o que entendemos por "intelectual". Há intelectuais que atuam tanto na academia quanto na sociedade, mas são bem poucos. A maioria dos acadêmicos é constituída de especialistas: sabem muito sobre um pouco, mas com frequência ficam mudos quando são obrigados a tratar de grandes questões. No entanto, os pastores, em geral, abordam os grandes temas: questões sobre a vida e a morte, sentido e ausência de sentido, céu e inferno, o físico e o espiritual. Na verdade, nenhuma igreja deseja que um pastor seja um intelectual, se isso significa que ele é tão racional e preocupado com ideias que não consegue se relacionar com outras pessoas. Esse tipo de intelectual é tão teórico que na prática não serve para nada. Mas o tipo de intelectual que temos em mente é uma forma específica de generalista que sabe como relacionar grandes verdades a pessoas reais.

Tom Oden examina uma série de títulos para o ministro (e.g., pároco, reitor, sacerdote, reverendo etc.) e acha que cada um ilumina um aspecto do trabalho do pastor; conclui declarando sua preferência por pastor como o paradigma central, em que a analogia fundamental é a da atividade pastoril.[75] O termo latino *pastor* ("aquele que cuida do rebanho") deu origem à nossa palavra. Ainda mais importante é o fato de que Jesus se intitula o Bom Pastor (Jo 10.1-18) e comissiona Pedro a "alimentar minhas ovelhas" (Jo 21.17, ESV). Oden crê que a analogia do pastoreio ainda funciona em uma sociedade pós-industrial porque a Bíblia explica em detalhes como o pastor se relaciona com o rebanho. Chama bastante a atenção o fato de que uma das características de um bom pastor de ovelhas também descreve os intelectuais: "O pastor está de modo particular 'adiante' das ovelhas, não apenas guiando-as, mas [também] em alerta, antevendo perigos, para o bem-estar delas".[76]

O rebanho de Jesus Cristo não é ameaçado por leões, ursos ou lobos (1Sm 17.34,35), mas pela religião falsa, pela doutrina errada e por práticas ímpias — para não mencionar os "principados e poderios" (Ef 6.12). Como consequência, pastores que desejam estar adiante das congregações precisam ter seu fundamento no evangelho e ser culturalmente competentes. Teólogos públicos ajudam as pessoas a entender o mundo em que vivem e, o que é mais importante, a seguir Cristo tanto em situações cotidianas quanto incomuns. "A liderança ministerial é, antes de tudo e em última instância, discipulado",[77] embora, para seguir Jesus, a pessoa tenha de saber onde ela está, o que está acontecendo e qual é o caminho da verdade e da vida. *O pastor-teólogo é o intelectual orgânico do corpo de Cristo, alguém que tem conhecimento evangélico e é "sábio para a salvação"* (2Tm 3.15).[78]

Um intelectual orgânico não é um gênio — um pensador isolado com seus pensamentos brilhantes e sem contato com mais ninguém — nem um membro de uma elite intelectual. Ao contrário, o intelectual orgânico enuncia com clareza as necessidades, convicções e aspirações do grupo social ao qual pertence. O intelectual orgânico traz para o nível do discurso as doutrinas e os desejos da comunidade.[79] O intelectual orgânico não é produto de uma universidade de renome, mas cresceu, por assim dizer, na roça. Mais importante ainda, o intelectual orgânico não se dirige às pessoas com ares de superioridade: "O modo de ser do novo intelectual não pode mais consistir na eloquência, que é um estímulo exterior e momentâneo de sentimentos e paixões, mas na participação ativa da vida prática, como construtor, organizador, 'persuasor permanente', e não apenas um mero orador".[80]

No capítulo 4, voltaremos a tratar do papel dos intelectuais orgânicos em expor e combater a hegemonia cultural — a cosmovisão disseminada que circula de tantas formas e em tantos lugares que geralmente nem temos consciência disso.[81] O foco imediato está no intelectual orgânico que serve ao interesse de uma minoria ou grupo social oprimido, dando-lhe voz profética e poética — discurso que visa esclarecer a situação, expressar os alvos e objetivos da comunidade e despertá-la para agir de forma consistente com a própria visão.[82] O intelectual orgânico sabe que ideias são importantes e que têm o poder de

influenciar certos modos de vida. Por isso, ele não é um teórico abstrato, mas, sim, um ativista social e organizador político.

A nossa sugestão é que o termo "intelectual orgânico" outorga conteúdo concreto à analogia do pastor como alguém que cuida de um rebanho. O pastor-teólogo é um defensor da comunidade do povo de Deus. O pastor-teólogo leva cativo cada pensamento falso à sã doutrina (2Co 10.5) — "ideias" (i.e., verdades) cristológicas que indicam o caminho para a vida e são vivificadoras. David Wells destaca que os líderes da igreja, ao longo da história, eram santos eruditos, pastores que "se sentiam à vontade tanto lendo livros e aprendendo quanto cuidando das angústias da alma".[83] A leitura de livros, tanto teológicos como de ficção (veja cap. 3), deve fazer parte do plano de ação de cada pastor para estar adiante do rebanho.

Vale a pena repetir: pastores-teólogos não devem ser acadêmicos, mas intelectuais orgânicos. Pastores-teólogos não precisam ser as pessoas mais brilhantes do mundo — mas os apóstolos também não foram. Quando Pedro e João foram presos por pregar o evangelho e arrastados até o Sinédrio, tiveram de fazer um discurso público improvisado, ou melhor, inspirado: "Este Jesus é a pedra rejeitada por vós, os construtores, a qual foi colocada como pedra angular. E não há salvação em nenhum outro..." (At 4.11,12). Quando os sumos sacerdotes, anciãos e escribas — todos com excelente preparo em escolas rabínicas — viram a "ousadia" de Pedro e João, ficaram atônitos, pois "perceberam que eram homens iletrados e comuns" (At 4.13, ESV). Pedro e João não eram gênios, mas apóstolos: sabiam de algo que o Sinédrio não sabia ("Ele ressuscitou!") e sabiam disso não porque tinham uma mente brilhante, mas porque foram ensinados a esse respeito. Eles *tinham* aprendido algo que deixou atônitos os líderes judeus, mas esse aprendizado não ocorreu na escola. Lucas nos conta que os líderes judeus reconheceram que Pedro e João "tinham estado com Jesus" (At 4.13, ESV) — uma maneira eufemística de reconhecer as credenciais educacionais deles.

Pastores-teólogos têm conhecimento de um assunto que outros não têm, e esse conhecimento exclusivo provém da Bíblia. Ser instruído pelo Espírito na escola das Escrituras implica estar, assim como Pedro e João, "com Jesus". O que

pastores-teólogos sabem é algo bem específico (o que Deus estava fazendo em Cristo), mas tem implicações imensas, até mesmo universais. O intelectual orgânico não se assemelha à raposa, que sabe muitas coisas, mas ao ouriço, que na conhecida metáfora sabe uma grande coisa: neste caso, o que Deus está realizando para criar um povo como sua propriedade exclusiva (Êx 19.5; Dt 7.6; 14.2; 26.8; Ml 3.17; Tt 2.14; 1Pe 2.9).[84] Como Soljenítsin, pastores-teólogos são generalistas, mas com uma diferença: eles dão voz ao entendimento da igreja sobre o sentido da vida — ou melhor, sobre o sentido da vida oculta em Cristo (Cl 3.3). Pastores-teólogos sabem algo específico e preciso, mas, estritamente falando, não se trata de um conhecimento especializado. Na verdade, o pastor-teólogo é um tipo especial de generalista: *um generalista que se especializa em analisar todos os aspectos da vida em sua relação com Deus e com o evangelho de Jesus Cristo*. Ou melhor: o pastor-teólogo é um intelectual orgânico que está presente como a *mente de Cristo*, que dá vida ao *corpo de Cristo*.

Perspectiva: o ministério do que está "em Cristo"

> Pois resolvi nada saber entre vós, a não ser Jesus Cristo, e este, crucificado (1Co 2.2).
>
> Considero todas as coisas como perda por causa do valor insuperável do conhecimento de Cristo Jesus, meu Senhor (Fp 3.8, ESV).

Este livro apresenta uma visão para recuperar a vocação do pastor-teólogo, mas isso não significa que ele seja apenas para o clero. Ao contrário, escrevemos este livro também para congregações; elas também precisam recuperar uma visão perdida. Cada cristão é uma exposição viva da Bíblia, responsável por reagir de modo positivo à palavra de Deus com o uso dos dons do Espírito para edificar a igreja: "A palavra de Cristo habite ricamente em vós, em toda a sabedoria; ensinai e aconselhai uns aos outros com salmos, hinos e cânticos espirituais, louvando a Deus com gratidão no coração" (Cl 3.16). Mesmo assim, nosso foco principal é o trabalho do pastor-teólogo. O que intelectuais orgânicos — mentes que colocam o corpo de Cristo em atividade — devem realmente fazer?

Apresentamos o pastor como um teólogo público, um participante na economia divina de "obras públicas". O pastor é aquele que trabalha com pessoas,

ministrando a realidade de Jesus Cristo a fim de edificá-las como casa de Deus. Ministrar a realidade de Cristo é mais do que instruir outros acerca dele (mas não é menos do que isso). O apóstolo Paulo fala do "valor insuperável" de conhecer Cristo. Paulo quer conhecer o Cristo, todo o Cristo, e nada além do Cristo. O pastor-teólogo transmite esse conhecimento não para encher a cabeça das pessoas, mas para transformar seus corações. Em última análise, o que pastores-teólogos querem que seu povo conheça é "o amor de Cristo que excede todo conhecimento" (Ef 3.19, ESV).

Talvez seja útil um breve resumo do que trataremos a seguir. Nossos quatro capítulos abordam respectivamente a teologia bíblica, a teologia histórica, a teologia sistemática e a teologia prática do ministério pastoral. O capítulo 1 examina a maneira pela qual as Escrituras, tanto o Antigo quanto o Novo Testamento, descrevem os líderes do povo de Deus. Deus nunca deixou sua propriedade exclusiva sem algum tipo de líder pastoral para guiá-la. Atenção especial é dada à natureza teológica exclusiva da função pastoral. O capítulo 2 apresenta um panorama da rica tradição do pastor-teólogo na história da igreja. Concentra-se em certos personagens que exemplificam a natureza teológica da função pastoral ou que escreveram a respeito do assunto. Juntos, esses dois capítulos são uma defesa de que estamos realmente recuperando uma visão perdida, e não criando uma ideia totalmente nova.

Os capítulos 3 e 4 — as teologias sistemática e prática do ministério da palavra de Deus — foram concebidos como dois gumes da mesma espada (Hb 4.12) e são mais bem compreendidos quando lidos juntos. O capítulo 3 dedica atenção à teologia sistemática, a tentativa de dizer de forma coerente e culturalmente inteligível *o que está* "em Cristo" (e, em seguida, de viver em conformidade com esse discurso). Apresentamos um ministério tríplice da teologia: um ministério da realidade, um ministério de entendimento e um ministério de edificação do povo de Deus. O capítulo 4 compara o pastor-teólogo com um mestre-artesão, cujo trabalho é edificar a casa de Deus. Atenção especial é dada ao trabalho prático do pastor-teólogo de pregação, catequese, celebração da ceia do Senhor e organização das pessoas para realizar obras de amor que sejam também manifestações da verdade do evangelho.

O livro termina com 55 teses resumidas sobre o pastor como teólogo público. Essas teses ressaltam a obra teológica do pastor com o povo de Deus. Alguns leitores talvez façam a objeção de que nossa visão é idealista demais: pastores estão ocupados demais ou são muito limitados para fazer tudo o que dizemos que devem fazer. Compreendemos a preocupação, mas cremos que o problema tem menos que ver com tempo, energia ou inteligência natural do que com visão e prioridades. A teologia não é um luxo, um elemento opcional (como bancos de couro), mas um elemento operacional padrão (como o volante) do ministério pastoral. Os artigos mais breves intercalados ao longo do livro e escritos por doze pastores atestam, de várias maneiras, a possibilidade e o aspecto prático de nossa visão. Essas contribuições demonstram que a teologia é parte integrante do dia a dia do ministério, em especial porque a tarefa do pastor é tornar discípulos, aqui na terra, semelhantes a Cristo, que está no céu.[85]

Perspectivas pastorais

Seis passos práticos para ser um pastor-teólogo

GERALD HIESTAND

Se há algo que aprendi como pastor foi o seguinte: ser pastor-teólogo exige nadar contra a corrente contrária à teologia, que é o movimento evangélico contemporâneo. Não estou dizendo que encontrei a solução completa para essa questão, mas ao longo dos anos fui desenvolvendo uma compreensão maior de algumas providências que um pastor pode tomar para ajudar na implementação da visão do pastor-teólogo. Aqui estão seis passos que achei úteis, em ordem de importância mais ou menos decrescente.

1. *Contratar uma equipe com a visão*. Formar uma equipe que valoriza a teologia ajudará muito na criação de uma cultura teológica sólida em sua igreja. Não recomendo fazer mudanças na equipe apenas por causa da visão do pastor-teólogo. Mas, se você supervisiona a contratação de pessoas para sua igreja e precisa de alguém novo na equipe ministerial, deixe-me incentivá-lo fortemente a procurar parceiros de ministério que partilhem de seu senso de vocação para a liderança teológica. Se conseguir encontrar um parceiro de ministério que tem um modo de pensar parecido e leva a sério a liderança teológica, você talvez terá superado o maior obstáculo para o pastor-teólogo: o isolamento. Essa é uma desvantagem significativa para o pastor-teólogo. Nas igrejas anteriores em que servi, não havia um ambiente de trabalho em que eu podia entrar na sala ao lado e falar sobre como a prioridade dada por

Tomás de Aquino ao intelecto na conversão o leva a uma *ordo salutis* diferente da de Calvino, bem como sobre as implicações que isso tem, por exemplo, para a doutrina da depravação total. Agora tenho esse ambiente, e a diferença que isso tem feito é significativa.

2. *Mantenha contatos.* Nem todos temos condições de contratar um colega pastor-teólogo. Talvez sua igreja seja pequena demais. Seja como for, a segunda coisa mais importante que você pode fazer é envolver-se em uma rede de pastores com a mesma maneira de pensar. Seja uma reunião de pastores da denominação, seja um encontro informal com pastores de outras igrejas locais, participar de uma rede de colegas que desejam envolver-se com teologia é fundamental para manter viva sua vocação teológica. Utilize Skype, filie-se a uma associação teológica evangélica ou comece um blog. Todos os meses, reúno-me por Skype com dois outros pastores para conversar sobre o que estivemos lendo e escrevendo. As conversas regulares proporcionam um sentimento de coleguismo e me motivam a continuar teologicamente perspicaz. Independente de como você o faça, encontre um grupo de pastores que esteja comprometido em participar de diálogo teológico.
3. *Torne seu tempo de estudo uma prioridade em sua agenda semanal.* Muito provavelmente, as expectativas e exigências de sua congregação o impedirão de estudar e escrever teologia. Se você vai estudar e escrever, precisa tornar isso uma prioridade em sua agenda. Descobri que separar as manhãs funciona melhor em minha rotina. Passo a primeira hora ou mais em oração e leitura das Escrituras. A hora seguinte é dedicada a estudar minha gramática de latim (estou fazendo doutorado em estudos clássicos); depois, cerca de três horas são investidas no estudo de teologia. Neste ano, estou lendo Agostinho às segundas-feiras, Barth às quartas-feiras e livros e artigos de teologia contemporânea às quintas-feiras. Dedico as manhãs de terça-feira a questões sobre visão da igreja. Reuniões de equipe, encontros de aconselhamento e tarefas administrativas são reservadas para a tarde. É claro que às vezes tenho de interromper os estudos: funerais, questões emergenciais e acontecimentos semelhantes acabam ocasionalmente

interferindo. Não estude apenas para o próximo sermão ou aula. O número de pastores que não foram muito além do treinamento teológico recebido é enorme. Uma dieta constante de teologia profunda, oração e leitura da Bíblia é condição fundamental para o pastor — quer sua congregação reconheça quer não. Pare de se sentir culpado por ler em espírito de oração *As institutas*, de Calvino, ou *Sobre a encarnação*, de Atanásio, ou *A Trindade*, de Agostinho. O estudo teológico não é algo que o pastor encaixa em sua agenda depois de cumprir outros deveres pastorais; ao contrário, o estudo teológico é o dever do pastor. Para o bem da sua congregação — para o bem de sua pregação, ensino, aconselhamento e capacidade de oferecer cuidado pastoral — é fundamental que você não deixe de se alimentar.

4. *Consiga o apoio da liderança de sua igreja*. Se você está fazendo seu trabalho direito, com o tempo a liderança de sua igreja valorizará o período que você investe em seu estudo. Afinal, mais do que ninguém, ela deve estar colhendo os benefícios do seu labor teológico. No entanto, dependendo da história de sua igreja, o estudo teológico sólido pode ser visto como uma distração de seus deveres pastorais. Vá com calma aqui. Visto que durante tanto tempo a teologia esteve separada da igreja, já não é mais tão evidente para muitas congregações que o envolvimento teológico constante de seus pastores seja uma coisa boa. Isso precisará ser demonstrado e não simplesmente defendido. De qualquer modo, é importante que você ajude a liderança de sua igreja a perceber que sua busca de aprofundamento teológico não é um complemento de seu chamado pastoral, mas, ao contrário, é uma parte fundamental desse chamado. E isso leva ao próximo ponto.
5. *Não se esqueça de que a teologia existe para a igreja — antes de tudo, para sua igreja!* Se as pessoas em sua congregação não sentem que você as valoriza como prioridade, então você está sendo um pastor-teólogo pobre, não importa quão brilhante intelectualmente se torne. Sua congregação deve sentir que o tempo que você passa estudando diz respeito a eles e não apenas ao próximo sermão ou ao próximo texto que está planejando escrever. Se começam a se ressentir de seu tempo de estudo (e.g., "Ele passa o tempo

todo trancado em seu escritório"), você precisará avaliar bem a si mesmo e suas prioridades. Nesse caso, é muito provável que seu tempo de estudo, na verdade, não seja tão relacionado a Deus e a seu reino quanto pensa que é. A teologia serve à igreja, não o contrário. O amor a Deus e ao seu povo deve nos conduzir aos nossos livros. Se o amor a Deus e a nossas congregações não é o combustível que alimenta nosso estudo, então para que estamos realmente estudando?

6. *Pare de chamar de "escritório" o lugar em que você trabalha e comece a chamá-lo de seu "gabinete de estudos"*. Jamais, sob pena de excomunhão do clube de pastores-teólogos, refira-se a seu gabinete de estudos como "escritório". Se é a primeira vez que ouviu essa regra, você pode quebrá-la no máximo três vezes até vencer o velho hábito. Depois disso sua licença de pastor-teólogo será suspensa. Questões semânticas importam. Se você chamar de escritório seu gabinete de estudos, as pessoas de sua igreja terão uma série de expectativas quanto ao que você faz durante o dia. Se você se referir a ele como seu gabinete de estudos, elas passarão a ter uma série de expectativas diferentes. O ambiente com todos os seus livros, onde você lê as Escrituras e ora — esse ambiente é seu gabinete de estudos. Comece a chamá-lo assim, e seu povo passará a esperar que o estudo faça parte de seu chamado.

Sete maneiras de elaborar teologia como um pastor

JOSH MOODY

Sou grato pela oportunidade de compartilhar algumas reflexões sobre o tema deste livro e considero seu papel de extrema importância. De modo curioso, também vejo o assunto desta obra como um tema de proporções um tanto

irônicas! Talvez a minha ideia fique clara à medida que apresento os breves comentários a seguir.

1. Antes de tudo, parece-me *impossível* alguém ser pastor sem produzir algum tipo de teologia (boa, má ou razoável)! Não importa como entendamos o papel do pastor em nossa tradição eclesiástica de origem, esse papel está de alguma maneira relacionado com levar pessoas a encarar a realidade de Deus, respondendo de forma positiva ao chamado divino e moldando sua existência de acordo com a verdade eterna. Se isso não é *teológico*, então não sei o que é. Essa declaração parece tão evidente — e provavelmente também parece para você — que me sinto um pouco constrangido em mencioná-la logo de início. Talvez possamos passar rapidamente para o próximo comentário. Mas, antes de seguirmos em frente, faço uma observação: o pastor produz, quer queira quer não, alguma forma de teologia; o fato de isso não ser óbvio a todos certamente se deve em parte à natureza assustadora da palavra "teologia", que parece significar "acadêmica", quando deveria significar algo mais parecido com "o que diz respeito a Deus ou ao estudo de Deus ou à palavra de Deus", ou algo semelhante (não é meu propósito definir a palavra aqui).
2. Acredito que nossa tarefa *central* como pastores é "pregar a palavra" (2Tm 4.1,2), seja no púlpito, seja junto ao leito de hospital, seja em pequenos grupos, seja em conversas pessoais, seja em qualquer outra situação. Se esse é o caso, então *estamos* envolvidos com teologia. A maneira de realizar isso é nos dedicarmos à tarefa fundamental de proclamação e cumpri-la da melhor forma possível.
3. Questões/assuntos pastorais (práticos) têm origem *teológica*. Por exemplo, suponha que você esteja se reunindo com um líder que parece estar o tempo todo envolvido em vários esquemas e manipulações para conseguir o que deseja mesmo à custa do relacionamento com outras pessoas. Você descobre que, se ele não estiver envolvido pessoalmente com alguma atividade, não consegue deixar Deus agir e conduzir tudo a bom termo. Você está (no mínimo) tratando *basicamente* de uma questão teológica ligada à soberania

de Deus. Pesquisar o assunto, partindo de questões práticas para as teológicas e, então, retornar para os aspectos práticos, é, em geral, o segredo para o progresso pastoral. Jesus não disse que "a boca fala do que o coração tem em grande quantidade" (cf. Lc 6.45)?

4. Exercitar-se como pastor teólogo significa dedicar *tempo* ao ministério da palavra. Isso envolve questões que parecem simples, como arranjar tempo na agenda para estudar a Bíblia, evitar interrupções, dar prioridade à preparação da pregação e assim por diante. Para que ninguém ache que isso só pode ser dito por alguém como eu, que tem uma grande equipe de apoio, deixe-me mencionar rapidamente que, em meu primeiro ministério como pastor titular de uma igreja em processo de revitalização, minha escrivaninha era o fundo de uma caixa virada em nosso quarto alugado. Meu notebook tinha um protetor de tela que dizia: "Pregue a palavra", e eu priorizei isso. (Não quero dizer que evitava visitar, aconselhar ou administrar; apenas fazia isso depois de ter tido meu tempo de estudo matinal diário.)
5. Exercitar-se como pastor teólogo significa tornar-se especialista em *tradução*. Ou seja, precisamos traduzir as palavras difíceis de nossas teologias sistemáticas, dos livros-textos e do fraseado pomposo da academia para a linguagem do dia a dia. E precisamos fazê-lo sem uma atitude de superioridade, lembrando que palavras técnicas geralmente funcionam como uma espécie de abreviatura. Evitar terminologia técnica não significa que você tenha menos a dizer; significa apenas que você tem de levar mais tempo para dizê-lo.
6. Exercitar-se como pastor teólogo significa continuar a desenvolver *confiança* na Palavra (e não apenas em livros sobre a Bíblia); assim, com base nas Escrituras, você pode encontrar nova luz para tratar de situações específicas que está enfrentando. Professores de renome que ensinam em universidades de renome e produzem longas obras podem acabar assustando algumas pessoas, levando-as a pensar que precisam se tornar semelhantes a eles ou imitá-los. Longe disso! Certamente, leia as ideias que escrevem, mas em

seguida seja inspirado a ter suas próprias ideias fundamentadas na própria Bíblia (*sola Scriptura*).

7. Exercitar-se como pastor teólogo significa realizar a tarefa de *evangelização*. Se alguém acha que, para ser teólogo, precisa abandonar a evangelização pessoal ou a evangelização pública ou deixar de participar de eventos evangelísticos, então prefiro vê-lo desistindo da teologia e dando continuidade à evangelização. Dito isto, evangelistas precisam ser cuidadosos; historicamente, a maioria das heresias da igreja cristã surgiu de esforços evangelísticos bem intencionados para alcançar pessoas, mudando conceitos teológicos importantes de modo a torná-los mais aceitáveis, só que esse tipo de mudança teve efeitos inesperados. Como regra geral, se você é, antes de tudo, um evangelista, meu conselho sincero é: leia teologia, mas não tente escrevê-la. Não tenho tempo para mencionar toda a bobagem escrita por evangelistas brilhantes que deveriam apenas ter permanecido evangelizando. É preciso observar que os evangelistas são, com frequência, os mais talentosos entre nós, mas o impressionante desejo recebido de Deus de alcançar os perdidos tem uma forte tendência a levá-los ao erro teológico. É claro que os pastores também devem realizar o trabalho de evangelização e, à medida que o fazem, enfrentarão desafios teológicos e desafios apologéticos, para os quais precisam formular respostas teológicas a fim de proteger e orientar a evangelização das igrejas.

Em virtude da descrição bíblica do pastor como "pastor-mestre" (cf. Ef 4.11), aqueles que ganham a vida trabalhando para a igreja como pastores devem ensinar. No entanto, embora tenham de estar comprometidos com a igreja e seu desenvolvimento, os que ganham a vida trabalhando para a academia como professores não precisam, necessariamente, ser pastores.

[1]Terry Eagleton, *Culture and the death of God* (New Haven: Yale University Press, 2014), p. 1.

[2]Contudo, não devemos nos esquecer que Paulo alista a "administração" entre os vários dons que Deus concedeu à igreja (1Co 12.28). No entanto, justamente porque é um dom espiritual (não um cargo), deve ser usado com toda a sabedoria para edificar a igreja.

[3]Veja, e.g., H. R. Niebuhr; James Gustafson; Daniel Day Williams, orgs., *The purpose of the church and its ministry: reflections on the aims of theological education* (New York: Harper & Row, 1956); Edward Farley, *Theologia: the fragmentation and unity of theological education* (Philadelphia: Fortress, 1983).

[4]Todo cristão tem vocação teológica: todos são chamados a glorificar a Deus em suas profissões (e.g., presidente de banco, encanador, professora, enfermeira etc.) e em todos os seus papéis (e.g., filho/filha, marido/mulher, pai/avô, vizinho, cidadão etc.). A vocação do pastor de ministrar o evangelho não é "superior" no sentido de ser mais importante, mas é "mais santa" no sentido estrito de ser "separada".

[5]David Tracy identifica esses três públicos ao apresentar um "retrato social" do teólogo. Veja a análise em Tracy, *The analogical imagination: Christian theology and the culture of pluralism* (New York: Crossroad, 1998), p. 3-31.

[6]Ibidem, p. 31. Em seu artigo "Taxonomy of the pastor-theologian: Why PhD students should consider the pastorate as the context for their theological scholarship", *Expository times* 124, n. 6 (March 2013), p. 261-71, Gerald Hiestand propõe uma tipologia tríplice do pastor-teólogo parecida, envolvendo professores-teólogos (academia), teólogos populares (sociedade) e teólogos eclesiásticos (igreja).

[7]Cf. a observação de R. Albert Mohler Jr.: "A transformação da teologia em uma disciplina acadêmica mais associada à universidade do que à igreja tem sido um dos desdobramentos mais lamentáveis desses últimos séculos" (Mohler, *The pastor as theologian* [Louisville: Southern Baptist Theological Seminary, 2006], p. 4, disponível em: http://www.sbts.edu/resources/files/2010/09/the-pastor-as-theologian.pdf).

[8]Para um estudo mais profundo desse tema, veja Gerald Hiestand, "Pastor-scholar to professor-scholar: exploring the theological disconnect between the academy and the church", *Westminster Theological Journal* 70 (2008): 355-69.

[9]Veja no cap. 2 um relato mais completo dos antecedentes históricos da visão do pastor-teólogo que foi perdida.

[10]Veja ainda David Kelsey, *To understand God truly: what's theological about a theological school?* (Louisville: Westminster John Knox, 1992).

[11]Um teólogo que mostra com clareza a relação entre doutrina e vida prática é Fred Sanders em *The deep things of God: how the Trinity changes everything* (Wheaton: Crossway, 2010).

[12]Para mais informações sobre essa divisão artificial, veja Kevin J. Vanhoozer, "Interpreting Scripture between the rock of biblical studies and the hard place of systematic theology: the state of the Evangelical (dis)union", in: Richard Lints, org., *Renewing the Evangelical mission* (Grand Rapids: Eerdmans, 2013), p. 201-25.

[13]A situação talvez esteja mudando com mais séries de comentários dedicadas a refletir sobre a mensagem teológica dos textos e a maneira pela qual a igreja os tem interpretado ao longo dos séculos, mas a poeira acadêmica ainda não baixou. Quanto a exemplos de novas tendências na produção de comentários, veja as séries *Brazos Theological Commentary on the Bible* e *InterVarsity's Ancient Christian Commentary on Scripture*.

[14]George Lakoff; Mark Johnson, *Metaphors we live by* (Chicago: University of Chicago Press, 1980).

[15]Em outro texto, defendo uma visão semelhante em relação aos comentários bíblicos. Veja Kevin Vanhoozer, "'Exegesis I know, and theology I know, but who are you?': Acts 19 and the theological interpretation of Scripture", in: Darren Sarisky; R. David Nelson; Justin Stratis, orgs., *Theological theology: essays in honor of John B. Webster* (London: T. & T. Clark, 2015).

[16]William H. Willimon, *Pastor: the theology and practice of ordained ministry* (Nashville: Abingdon, 2002), p. 55.

[17] Não queremos simplesmente mover o pêndulo para o outro extremo, dando demasiada ênfase ao intelecto e criando um rev. Frankenstein. Temos uma concepção ampla da pessoa e do trabalho do pastor-teólogo. Cremos que enfatizar a teologia como sabedoria proporciona o equilíbrio certo entre conhecer, fazer e ser. Conforme defendemos a seguir, pastores também precisam saber como se relacionar com as pessoas, porque as pessoas são, por assim dizer, a "matéria-prima" da teologia pública.

[18]Joseph Hough; John Cobb, *Christian identity and theological education* (Atlanta: Scholars, 1985).

[19]Donald E. Messer concentra sua análise em cinco imagens contemporâneas: curandeiro ferido, líder servo, místico político, teólogo prático e libertador escravizado (*Contemporary images of Christian ministry* [Nashville: Abingdon, 1989]).

[20]Cada uma dessas imagens é o assunto de um ou mais capítulos em Robert C. Dykstra, org., *Images of pastoral care* (Danvers: Chalice, 2005). Jonathan Edwards descreve pastores como despenseiros, construtores sábios, arquitetos, comerciantes, pescadores e soldados, apresentando a base bíblica para cada imagem ("Some thoughts concerning the revival", in: *The works of Jonathan Edwards* [New Haven: Yale University Press, 1972], vol. 4: *The Great Awakening*, p. 445).

[21]Dykstra, *Images of pastoral care*, p. 3.

[22]Karl Menninger, *Whatever became of sin?* (New York: Hawthorne Books, 1973), p. 17 [edição em português: *O pecado de nossa época*, tradução de Clarice Lispector (Rio de Janeiro: José Olympio, 1975)].

[23]Para um relato histórico sério sobre como pastores têm respondido a essa pergunta, veja E. Brooks Holifield, *A history of pastoral care in America: from salvation to self-realization* (Eugene: Wipf & Stock, 2005). O subtítulo *from salvation to self-realization* [da salvação à autorrealização] indica a tese da obra: "O cuidado pastoral passa do ideal de negação de si mesmo para o ideal de amor próprio, do ideal de amor próprio para o de autoaprendizagem, do ideal de autoaprendizagem para o de autocontrole, do ideal de autocontrole para o de autorrealização em uma cultura confiável e, por fim, para o de uma forma de autorrealização posterior contraposta a costumes culturais e instituições sociais" (p. 12).

[24]John H. Leith, *The Reformed imperative: what the church has to say that no one else can say* (Philadelphia: Westminster, 1988), p. 13.

[25]Seward Hiltner escreveu o livro que deu início a uma compreensão mais secular da teologia pastoral. Veja sua obra *Preface to pastoral theology* (Nashville: Abingdon, 1958). Para uma crítica do conceito de Hiltner de que o ministério se baseia em necessidades, veja Andrew Purves, *Reconstructing pastoral theology: a Christological foundation* (Louisville: Westminster John Knox, 2004), p. xxxi-xxxiv.

[26]Andrew Abbott, *The system of professions: an essay on the division of expert labor* (Chicago: University of Chicago Press, 1988), p. 309.

[27]Ibidem, p. 308.

[28]Cf. Andrew Purves: "A teologia pastoral [...] abandonou, em grande medida, a responsabilidade de falar a respeito de Deus" (*Reconstructing pastoral theology*, p. xvii).

[29]George Weigel, *Evangelical Catholicism: deep reform in the 21st-century church* (New York: Basic Books, 2013), p. 55.

[30]Ibidem, p. 79.

[31]Eugene Peterson, *The pastor: a memoir* (New York: HarperOne, 2011), p. 4 [edição em português: *Memórias de um pastor*, tradução de A. G. Mendes (São Paulo: Mundo Cristão, 2011)].

[32] Eugene Peterson, *Under the unpredictable plant: an exploration in vocational holiness* (Grand Rapids: Eerdmans, 1992), p. 20 [edição em português: *À sombra da planta imprevisível: uma investigação da santidade*

vocacional (São Paulo: United, 2001)]. Cf. a crítica respeitosa de William Willimon ao desprezo de Peterson pela estrutura institucional do ministério: "Eugene Peterson: American pastor", in: Jason Byasse; L. Roger Owens, orgs., *Pastoral work: engagements with the vision of Eugene Peterson* (Eugene: Cascade, 2014), p. 53-62.

[33]Uma afirmação importante feita por autores de outro livro valioso que apresenta lições sobre o ministério cristão com base em obras-primas da literatura mundial. Veja Leland Ryken; Philip Ryken; Todd Wilson, *Pastors in the classics: timeless lessons on life and ministry from world literature* (Grand Rapids: Baker Books, 2012).

[34]Ryken, Ryken e Wilson incentivam os leitores a fazerem quatro perguntas em particular: "Que papel o pastor desempenha nesse livro? Que relacionamentos são importantes para ele? Quais são os traços de caráter desse pastor? Qual é o lugar do pastor no contexto social retratado no livro?" (Ibidem, p. 14).

[35]David L. Larsen, *Oracles and odysseys of the clergy: images of the ministry in Western literature* (Bloomington: AuthorHouse, 2007), p. xi.

[36]Edição em português: *Gilead*, tradução de Maria Helena Rouanet (Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005).

[37]Edições em português: "O conto do pároco", in: Geoffrey Chaucer, Os *contos da Cantuária*, tradução de José Francisco Botelho (São Paulo: Companhia das Letras, 2012); "O conto do pároco", in: Geoffrey Chaucer, *Os contos de Cantuária*, tradução de Paulo Vizilioli (São Paulo: T. A. Queiroz, 1988). Em ambas as traduções "O conto do pároco" é uma sinopse de "A Parson's tale". (N. do T.)

[38]Edição em português: *O vigário de Wakefield*, tradução de Ciro Neri, Coleção Clássicos de Bolso (Rio de Janeiro: Ediouro, 1993).

[39]Edição em português: *O guardião*, tradução de Myriam Campello, Coleção Clássicos de Bolso (Rio de Janeiro: Ediouro, 1994).

[40]Os livros da série foram traduzidos para o português e publicados pela Editora Leganto, do Rio de Janeiro. (N. do T.)

[41]Wolff observa que todos os estudos existentes tendem a se concentrar na Igreja Católica Romana. Veja, e.g., Les Keyser; Barbara Keyser, *Hollywood and the Catholic Church: the image of Roman Catholicism in American movies* (Chicago: Loyola University Press, 1984); Colleen McDannell, org., *Catholics in the movies* (New York: Oxford University Press, 2008). Talvez devamos ser gratos porque até agora ninguém ainda se propôs a escrever *Evangélicos nos filmes*.

[42]Richard Wolff, *The church on TV* (New York: Continuum, 2010).

[43]Karl Barth, "The Word of God and the task of the ministry" (1922), in: *The Word of God and the word of man* (Gloucester: Peter Smith, 1978), p. 186 (grifo do autor).

[44]A história também foi encenada como ópera em 2007. Lewis baseou sua história em observações que fez de vários pastores em Kansas City (estado do Kansas, Estados Unidos), onde visitou igrejas duas vezes aos domingos durante algum tempo para "pesquisar" o assunto. [Título do filme em português: *Entre Deus e o Diabo*.]

[45]Alusão à obra *Paradise lost*, de John Milton [edições em português: *O paraíso perdido*, tradução de António José Lima Leitão (Belo Horizonte: Villa Rica, 1994); *O paraíso perdido: poema épico em doze cantos*, tradução de Antônio José de Lima Leitão (Lisboa: David Corazzi, 1884; *O paraíso perdido*, tradução de Conceição G. Sotto Maior (Rio de Janeiro: Ediouro, 1992)]. (N. do T.)

[46]Ryken; Ryken; Wilson, *Pastors in the classics*, p. 44-5.

[47]A melhor maneira de resolver o paradoxo do pastor como figura pública que não aponta para si, mas para Deus, ocorre de modo particular — a saber, em momentos de solidão, estudo e, acima de tudo, oração —, quando pastores se colocam diante de Deus e se lembram de quem são (uma ideia que devo a um

comentário de Paul Uyen). A oração reorienta e reajusta não somente as prioridades, mas também o conhecimento de si. Em resumo: é na oração que lembramos quem é o soberano e quem é o servo.

[48] Devo essa ideia a um comentário de Paul Maxwell.

[49]Marilynne Robinson é outro exemplo de intelectual público. Veja sua coletânea de ensaios *When I was a child I read books: essays* (New York: Farrar, Straus & Giroux, 2012).

[50]Outros autores também têm dado contribuições úteis. Veja, e.g., Derek Prime; Alister Begg, *On being a pastor: understanding our calling and work* (Chicago: Moody, 2013).

[51]Inteligência teológica envolve, ao menos para os pastores, inteligência relacional e emocional, visto que, conforme defendemos em capítulos posteriores, o trabalho da teologia pública é justamente o de ajudar pessoas e congregações a se tornarem maduros em Cristo. Apresentando de antemão nosso argumento: pastores-teólogos precisam entender tanto as pessoas quanto Deus (esse é o motivo por que cremos que pastores devem ler ficção, conforme nossa sugestão mais adiante).

[52]Philip Clayton, *Transforming Christian theology for church and society* (Minneapolis: Fortress, 2010), p. 19.

[53]William Ames, *The marrow of Theology* 1.1. Reimpr. (Grand Rapids: Baker, 1968). Edição em latim: 1656.

[54]Max L. Stackhouse, "The pastor as public theologian", in: Earl E. Shelp; Ronald H. Sunderland, orgs., *The pastor as theologian* (New York: Pilgrim, 1988), p. 111.

[55]Ibidem, p. 113-4. Na realidade, a situação é mais complexa; há vários tipos de teologia política. Veja ainda: Peter Scott; William T. Cavanaugh, orgs., *The Blackwell companion to political theology* (Oxford: Blackwell, 2004); Elizabeth Phillips, *Political theology: a guide for the perplexed* (London: T. & T. Clark, 2012). Uma questão que divide teólogos políticos é se os cristãos devem viver ou não como "estrangeiros residentes" na sociedade em geral. Os cristãos têm de viver à margem da sociedade ou será que devem tentar influenciá-la na direção cristã?

[56]Ibidem, p. 114.

[57]Ibidem, p. 116.

[58]Ibidem, p. 120.

[59]Ibidem, p. 128.

[60]Deirdre King Hainsworth; Scott R. Paeth, orgs., *Public theology for a global society: essays in honor of Max L. Stackhouse* (Grand Rapids: Eerdmans, 2010), p. ix.

[61]Veja E. Harold Breitenberg Jr., "What is public theology?", in: Ibidem, p. 6.

[62]Richard J. Mouw, "Foreword", in: Harold Heie, org., *Evangelicals on public policy issues: sustaining a respectful political conversation* (Abilene: Abilene Christian University Press, 2014), p. 9.

[63]Richard Lints, "Introduction", in: Lints, *Renewing the Evangelical mission*, p. 4. Para um relato com mais informações desse desdobramento, veja Brian Steensland; Philip Goff, orgs., *The new Evangelical social engagement* (Oxford: Oxford University Press, 2013).

[64]Veja ainda os doze casos estudados em Heie, *Evangelicals on public policy issues*.

[65]A definição clássica é de Walter Rauschenbusch, *A theology for the social gospel* (New York: Macmillan, 1917).

[66]Miroslav Volf, *A public faith: how followers of Christ should serve the common good* (Grand Rapids: Brazos, 2011), p. xvi.

[67]Rowan Williams, *Faith in the public square* (London: Bloomsbury, 2012), p. 2.

[68]Ibidem, p. 319.

[69]J. G. Millar, "People of God", in: T. D. Alexander; Brian S. Rosner, orgs., *New dictionary of biblical theology* (Downers Grove: InterVarsity, 2000), p. 684 [edição em português: *Novo dicionário de teologia bíblica* (São Paulo: Vida, 2009)].

[70]Lesslie Newbigin, "The congregation as hermeneutic of the gospel", in: *The gospel in a pluralist society* (Grand Rapids: Eerdmans, 1989), p. 222-33.

[71]"Uma compreensão trinitária de Deus não pode fazer parte da verdade pública, exceto pelo reconhecimento de que Jesus Cristo é Senhor e Salvador do universo" (Lesslie Newbigin, "The trinity as public truth", in: Kevin J. Vanhoozer, org., *The Trinity in a pluralistic age: theological essays on culture and religion* [Grand Rapids: Eerdmans, 1997], p. 8).

[72]Newbigin, "Trinity as public truth", p. 8.

[73]Eugene Peterson, "Letter to a young pastor", in: *Pastor*, p. 316.

[74]Lesslie Newbigin, "Ministerial leadership for a missionary congregation", in: *The gospel in a pluralist society* (Grand Rapids: Eerdmans, 1989), p. 234.

[75]Thomas C. Oden, *Pastoral theology: essentials of ministry* (New York: HarperOne, 1983), p. 50-2. Veja tb. Timothy Laniak, *Shepherds after my own heart: pastoral traditions and leadership in the Bible* (Downers Grove: InterVarsity, 2006). Em contraste, Andrew Purves observa quatro problemas que surgem da metáfora do pastoreio, incluindo sua tendência em favorecer (1) um abismo funcional entre pastores "profissionais" e suas ovelhas e (2) um relacionamento de imitação de Jesus Cristo, em vez de participação nele (*Reconstructing pastoral theology*, p. xxvi-xxx).

[76]Oden, *Pastoral theology*, p. 51.

[77]Newbigin, "Ministerial leadership", p. 241.

[78]Adotei o termo "intelectual orgânico" de Antonio Gramsci, um teórico social e crítico literário italiano do século 20. Veja esp. seu livro *Selections from the prison notebooks*, edição de Quentin Hoare; Geoffrey Newell Smith (New York: International Publishers, 1971). Veja ainda Steven J. Jones, *Antonio Gramsci* (London: Routledge, 2006).

[79]Gramsci faz distinção entre intelectuais "tradicionais", os quais reforçam as instituições e ideologias sociais existentes, e intelectuais "orgânicos", os quais representam os interesses do "povo", que significa, para Gramsci, a classe trabalhadora. O próprio Gramsci associou "eclesiásticos" (i.e., teólogos) a intelectuais "tradicionais" à medida que impõem a ortodoxia. Ao associar teólogos a intelectuais orgânicos, estou apropriando-me, de forma criativa, das ideias de Gramsci para atender a meus objetivos.

[80]Gramsci, *Selections from the prison notebooks*, p. 10.

[81]Um estudioso de Gramsci chama o bispo Samuel Ruiz Garcia de intelectual orgânico por causa de seus esforços de conscientização entre os camponeses da América Latina (veja Adam Morton, *Unravelling Gramsci: hegemony and passive revolution in the global economy* [London: Pluto, 2007], p. 181-2).

[82]Segundo Gramsci, a linguagem não é um sistema impessoal de signos, mas o instrumento das relações sociais. Isso está de acordo com a ênfase bíblica na linguagem como meio de relações pactuais (i.e., fala interpessoal) e com a tarefa do pastor de ministrar às pessoas em palavras, com palavras e por meio delas.

[83]David Wells, *The courage to be Protestant* (Grand Rapids: Eerdmans, 2008), p. 40.

[84]De modo específico, o que o Pai está fazendo no Filho por meio do Espírito é a ideia básica no centro das Escrituras, o conceito que serve de lente ao pastor-teólogo para ver tudo o mais. O contraste entre raposa e ouriço vem do comentário de Isaiah Berlin sobre um antigo aforismo grego. Berlin usa o aforismo ("a raposa sabe muitas coisas, mas o ouriço sabe uma grande coisa") para estabelecer contraste entre pensadores cuja reflexão é dominada por uma única grande ideia e aqueles cuja cosmovisão incorpora uma

série de experiências e noções que não podem ser integradas em uma única ideia. Veja Isaiah Berlin, *The hedgehog and the fox* (London: Weidenfeld & Nicolson, 1953).

[85]Sou grato a Wayne Johnson, Derek Rishmawy, Greg Strand e, em especial, Paul Maxwell, que discordou com mais veemência (e frequência), pelos comentários feitos às versões iniciais de meus capítulos.

PRIMEIRA PARTE

Teologia bíblica e teologia histórica

1

Profetas, sacerdotes e reis

Uma breve teologia bíblica do ministério pastoral

OWEN STRACHAN

Ele orou no centro da maior cidade do mundo.

Eram 11h20 da manhã de 18 de junho de 1944, uma época de personagens célebres como Churchill, Hitler e Roosevelt. Foi um período de guerra terrível e de enorme proporção, quando o mundo inteiro parecia uma mistura de fogo e fumaça. Na prática, o Império Britânico havia acabado. Nas últimas décadas, ele tinha controlado quase um quarto da superfície terrestre, tornando-se a maior superpotência da história humana. Agora, a cidade no centro desse império estava sitiada. Em meio à invasão aérea, com as sirenes soando e o caos reinando, David Martyn Lloyd-Jones estava diante de seu povo. Apesar de estar próximo do Palácio de Buckingham, residência dos reis da Inglaterra, ele buscava a ajuda de um reino superior.

Era uma época assustadora em Londres. O lançamento de bombas teleguiadas sobre a cidade pelos alemães tinha começado apenas alguns dias antes e já havia causado imensas baixas — mais de dez mil pessoas em uma semana, de acordo com o historiador Iain Murray.[1] Era uma cena insana, uma tragédia para a cidade. Mas "o doutor" não se deixou intimidar. A igreja toda podia ouvir o avião se aproximando, mas Lloyd-Jones tinha iniciado sua "longa oração", sua oração pastoral, e não a interrompeu. No entanto, o estrondo no céu ficou alto demais

para ele prosseguir, de modo que fez uma pausa. Toda a congregação segurou a respiração.

Então a bomba caiu. Houve uma enorme explosão, caíram pedaços do teto, e apareceram rachaduras na capela. Uma mulher havia fechado os olhos momentos antes; quando os abriu, viu uma poeira branca e fina cobrindo os irmãos da igreja e pensou que estava no céu. A congregação ficou de pé; havia um sentimento geral de pânico. Os membros da igreja esperaram para ver como seu pastor reagiria. Será que ele choraria, correria ou entraria em pânico?

Ele não fez nada disso. Com as sirenes tocando, o doutor reiniciou sua oração pastoral. Concluída a oração, disse ao povo que aqueles que se sentissem mais seguros debaixo da galeria poderiam ir para lá. Em seguida, um diácono foi à plataforma, tirou a poeira e voltou ao seu lugar. Lloyd-Jones retomou seu lugar na frente da capela e abriu sua Bíblia. Sem hesitar, começou a pregar a Palavra de Deus para o povo.

O texto era Judas 20, que, com o versículo 21, diz: "Mas vós, amados, edificando-vos sobre a vossa fé santíssima, orando no Espírito Santo, conservai-vos no amor de Deus, esperando a misericórdia de nosso Senhor Jesus Cristo para a vida eterna".[2]

O ministério da antiga aliança no Antigo Testamento

Nessa cena notável, testemunhamos uma imagem impressionante de coragem pública. Nela também vemos um exemplo memorável da natureza do ministério cristão em um mundo em colapso. Enquanto o mundo arde em chamas, o pastor leva a igreja a edificar-se continuamente no poder do Espírito.

Talvez nem todos ministremos em um ambiente de tanta tensão emocional, mas há de fato uma batalha em que cada pastor luta. O ministério pastoral é uma campanha local na guerra mais ampla entre o Deus vivo e os principados e potestades do ar (Ef 6.12). Vemos os efeitos desse conflito: pessoas desanimadas; intrigas; crítica constante da equipe; adultério; propensão ao ensinamento falso; famílias devastadas por má liderança; discípulos outrora vibrantes se afastando da fé; desespero com as finanças; depressão. Muitas batalhas modernas são travadas a cada quarteirão; o conflito espiritual é travado no relacionamento com cada

pessoa. O local dessa guerra é o coração humano, o centro interior que abrange todas as esperanças, pensamentos, sonhos, planos e conflitos de alguém que reflete a imagem de Deus.

Se o local desse conflito é o coração humano, no meio do campo de batalha congregacional está o pastor. Na luta mais importante entre Deus e o Diabo, o pastor vai adiante do povo, apresentando-o a Deus, protegendo-o de Satanás. No entanto, apesar do papel central do pastor no trabalho da igreja para o avanço do reino de Cristo na grande guerra dos séculos, tem havido relativamente pouca reflexão bíblico-teológica a respeito da função pastoral. Como consequência, tem sido mínimo o esforço de exegetas e teólogos em associar o que se poderia chamar de "oficiais da aliança" do Antigo Testamento com o pastor-teólogo do Novo Testamento. Isso não significa que sacerdotes, profetas e reis foram deixados fora do campo doutrinário. Calvino e muitos outros têm usado o termo *munus triplex* (ofício tríplice) com grande proveito, por exemplo, ao estruturar o quadro de como Cristo cumpriu esses ofícios. Somos enriquecidos ainda mais com essas associações entre as alianças — condicionadas, como devem ser, tanto pela expectativa israelita quanto pela concretização em Cristo.

Todavia, com todo respeito a Calvino e aos que seguiram seus passos, temos também de refletir sobre como os ofícios de sacerdote, profeta e rei estão associados ao pastor. A seguir, convidamos os antigos de volta à sala de reuniões. Fazemos a constatação fundamental e bastante sensata de que o trabalho de sacerdotes, profetas e reis influencia nossa compreensão do trabalho do pastor. Sem dúvida é verdade que o pastor da nova aliança não exerce diretamente esses papéis. Por exemplo, a linhagem sacerdotal tanto acabou quanto se cumpriu na pessoa e obra de Jesus Cristo. No entanto, elementos básicos do trabalho do sacerdote, do profeta e do rei na antiga aliança foram transferidos para o trabalho pastoral na nova aliança. De forma mais clara, o tríplice ofício do Antigo Testamento nos mostra a estrutura geral de quem o pastor é e deve ser por sua herança bíblico-teológica: aquele que assume, diante de Deus e do povo, o ofício de ministro da aliança.

Portanto, em nossa reconstrução, o pastor não é uma inovação, mas o oficial que é a concretização do ministério de personagens do passado. O pastor é o

herdeiro do privilégio e da responsabilidade de conduzir o povo de Deus, em especial por meio do ministério da reconciliação da nova aliança. Conforme veremos, essa designação divina também exige que pastores — à semelhança de profetas, sacerdotes e reis antes deles — proclamem a Palavra de Deus ao povo do Senhor, intercedam a Deus em nome do povo e sejam exemplos da vida de salvação.

O sacerdote: alguém consagrado para um povo consagrado

À medida que a revelação do Antigo Testamento se desdobra, encontramos três classes de oficiais da aliança. Pessoas que exerciam esses papéis podiam ser o sacerdote, o profeta ou o rei;[3] o elemento comum era que cada um desempenhava alguma função central na condução do povo de Deus a uma vida em conformidade com a aliança bondosa estabelecida pelo Senhor com Abraão em Gênesis 12 e confirmada com Isaque, Jacó, Moisés e Davi.[4] "Serei o vosso Deus, e vós sereis o meu povo" é a promessa central do Antigo Testamento, tendo em vista a ordem de Yahweh a Abraão para que observasse as estrelas e nelas visse o número de seus descendentes como a imagem maravilhosa do cumprimento dessa promessa. Graça é o que Yahweh prometeu a seus descendentes, e graça é o que ele concedeu.

Yahweh utilizou várias pessoas escolhidas para mediar sua graça. Ele não precisava agir assim, mas decidiu usar mediadores humanos para abençoar e guiar seu povo. O Senhor sempre desejou uma espécie de relação familiar e parceria santas com a humanidade, o ápice de sua criação, e sempre designou administradores para servir seu povo e conduzi-lo a uma experiência mais profunda de sua misericórdia e favor. Em nenhuma parte isso é visto com mais clareza do que nos três ofícios da aliança. O sacerdote estava no centro da relação divino-humana. O sacerdote era um homem escolhido pelo Senhor para ser um mediador terreno da santidade entre Deus e o povo. Os sacerdotes levíticos eram responsáveis por executar, supervisionar e até mesmo cobrar o cumprimento de vários rituais, mandamentos e cerimônias. Quando os israelitas se afastavam da lei de Deus e deixavam de cumpri-la, o sacerdote os chamava de volta e oferecia a provisão sacrificial para curar a falta de santidade do povo. A maior preocupação

do ministério sacerdotal era a pureza moral das pessoas. Em todas as suas obrigações, quer de conciliação quer de ensino, os sacerdotes buscavam vivenciar, até mesmo encarnar, a santidade de Deus, sua natureza separada, na vida de Israel. Yahweh era santo, e seu povo tinha de ser santo.[5]

O sacerdote era designado para se envolver totalmente com essa realidade e torná-la prática. Era chamado a fornecer os meios com os quais um povo impuro poderia partilhar de um compromisso imprescindível com um Deus santo. Em seu trabalho didático e cerimonial, o sacerdote aplicava os preceitos fundamentais da Lei à experiência de vida cotidiana das pessoas. A santidade não era uma ideia abstrata no antigo Israel. De fato, ela havia sido declarada de forma resumida no monte Sinai. A fonte dessa declaração indicava seu caráter inerente. O que Deus havia dito estava bem acima da terra, tendo origem no conselho celestial. Mas a Lei em si era extremamente relevante para a vida do povo de Deus. "Não terás outros deuses além de mim" não era apenas uma ordem, mas também uma declaração sobre como as coisas são: não há nenhum deus além de Yahweh.

Quando Moisés desceu da montanha, trouxe a Lei consigo. Sua descida simbolizava o destino do código de Deus: deveria entrar na corrente sanguínea de Israel. Deveria ser culturalmente assimilada na vida da nação. Não apenas a santidade estava se voltando para os israelitas, como também eles deveriam se tornar santos. Precisavam assumir o caráter do próprio Deus, separando-se das nações, vivendo conforme a Lei e convidando-a a transformar cada parte de suas vidas. Quando deixavam de cumprir essas expectativas, como inevitavelmente acontecia, precisavam do sacerdote para expiar seu pecado. A Lei foi concebida para influenciar suas vidas, consagrando-os a um modo de vida santo; quando não viviam de acordo com esse sublime chamado para obedecer à Lei, dependiam (conforme explicamos a seguir) das ministrações sacrificiais do sacerdote. Portanto, a Lei era uma realidade abrangente para o povo de Deus; era o padrão e o guia imutável deles. Se tomarmos aqui uma ideia emprestada do livro de Apocalipse, podemos dizer que o povo devia comer a lei, ingeri-la e tornar-se saudável e santo por meio dela (Ap 10.10). Os sacerdotes, então, eram aqueles que se aproximavam do povo e diziam: "Comam esta lei".[6]

O sacerdote da antiga aliança desempenhava um ofício sublime e sagrado. Nenhum ajudante sacerdotal exemplificava melhor a natureza consagrada desse trabalho do que os levitas. Em Números 18.3-7, as palavras de Yahweh a Arão, o chefe da ordem levítica, revelaram que os levitas serviam diretamente ao Senhor e administravam as santas instruções de Deus, sob pena de morte se não cumprissem seu dever:

> Eles cumprirão as tuas ordens e se responsabilizarão por toda a tenda, mas não se aproximarão dos utensílios do santuário, nem do altar, para que não morram, nem eles, nem vós. Mas se juntarão a ti e assumirão a responsabilidade pela tenda da revelação, por todo o serviço da tenda. Nenhum homem comum poderá aproximar-se de vós. Assumireis o serviço do santuário e do altar, para que não haja furor outra vez contra os israelitas. Separei do meio dos israelitas vossos irmãos, os levitas. Eles são uma oferta ao SENHOR, para realizarem o serviço da tenda da revelação. Mas tu e teus filhos cumprireis o sacerdócio com relação a tudo o que é do altar e a tudo o que está depois do véu; nisso servireis. Eu vos dou o sacerdócio como dádiva ministerial, e se um homem comum aproximar-se dele será morto.[7]

O cumprimento desse importantíssimo chamado significava que a nação seguiria os levitas na adoração ao Senhor em um sentido integral, sob pena de morte caso se desviasse. Toda a vida deveria ser dirigida pela lei de Deus, e os sacerdotes tinham de assegurar que as pessoas aceitassem o governo bondoso e proveitoso da lei divina. As proibições e mandamentos para o dia a dia — que tecido vestir, quais alimentos comer, como lidar com casos de adultério e muito mais — não eram arbitrários, ao contrário do que é sugerido em alguns livros populares.[8] A Lei introduzia o povo de Deus em um modo de vida claramente distinto de todos os outros povos ao redor. Portanto, a ênfase da Lei não estava na realização de certos rituais bizarros. A obediência de todo o povo à Lei criava uma comunidade que não apenas adorava o Senhor, mas também era transformada por meio dessa adoração em uma nação justa, um povo santo que praticaria o que é correto da mesma maneira que Deus o faz. O Deus separado instituiu uma classe separada, os sacerdotes, para ministrar a uma nação separada.

O instrumento desse processo santificador era a Lei. Ela era boa e trazia benefícios para as pessoas (veja Sl 119). Mas, embora pura e justa, a Lei era incapaz de salvar os indivíduos e nunca o fez (veja Gn 3.21; 15.6). Como administrador da lei, o sacerdote era encarregado de supervisionar o sistema sacrificial do Antigo Testamento, que proporcionava purificação simbólica da

pecaminosidade do povo. Nesse papel, o sacerdote "exercia uma função mediadora, colocando-se entre Deus e os seres humanos".[9] Portanto, o sacerdote não era simplesmente alguém que garantia o cumprimento do código legal no antigo Israel, um agente regulador instituído por Deus e mergulhado em pergaminhos e estipulações. Os levitas eram arautos da graça divina.

Isso fica evidente em Levítico 16. No Dia da Expiação, os levitas realizavam os rituais centrais de sacrifício da comunidade de fiéis, dirigindo cerimônias anuais que representavam de forma vívida a natureza maligna do pecado e a natureza sangrenta da expiação do pecado que Deus proveu. O Dia da Expiação era algo que mexia com as emoções, cheio de sangue, fogo e morte e, em seu centro, estava a esperança concretizada de perdão por meio do arrependimento. O povo poderia ser puro. O sacerdote simbolizava tudo isso enquanto fazia expiação pela impureza geral de si, de seu entorno e de sua nação:

> Depois sacrificará o bode da oferta pelo pecado, em favor do povo, e levará o sangue do bode para além do véu. E, diante do propiciatório, fará com ele como fez com o sangue do novilho, aspergindo-o sobre o propiciatório, e fará expiação pelo lugar santíssimo, por causa das impurezas e das transgressões dos israelitas, sim, de todos os seus pecados. Assim também fará pela tenda da revelação, que permanece com eles no meio das suas impurezas (Lv. 16.15,16).

Devemos ler todo o texto de Levítico 16 e as passagens que tratam do ministério da Lei como um cumprimento inicial — mas não definitivo — da promessa do Senhor de formar para si um povo da aliança. Por causa do pecado, esse povo precisava de purificação. Os sacerdotes forneciam purificação ritual. Conforme James M. Hamilton Jr. declarou: "A transferência de culpa do adorador para o animal do sacrifício e, em seguida, a morte do animal purificam o adorador, deixando-o sem pecado". Por isso, "os adoradores são salvos pela fé mediante o juízo que é efetuado sobre o sacrifício".[10] Não era a cerimônia que salvava os adoradores na antiga aliança, mas a fé naquele que organizou a impressionante cerimônia, a confiança na graciosa provisão de Deus para o pecado. Após a simbólica representação da expiação, o sacerdote trabalhava diariamente para garantir que essa identidade purificada fosse transferida para a vida diária da nação.

Portanto, o ministério dos sacerdotes era uma representação de esperança. Os sacerdotes ofereciam graça à nação, não de uma forma física, mas com base na promessa de purificação oferecida a todo o penitente da comunidade. Então, não devemos perder de vista que esse era um trabalho claramente *teológico*. Longe de apenas cumprir rituais misteriosos, os levitas encenavam diante do povo de Deus a própria história da redenção. Mostravam ao povo quem era o Senhor, chamando a atenção para a impureza da nação e para a solução cruenta desse problema. O mais importante é que revelavam a Israel quem era Yahweh. Ele não havia abandonado o povo em sua impureza. Em vez disso, Yahweh estipulou sacrifícios para que a nação pudesse permanecer em sua presença e representá-lo diante das outras nações.

Yahweh comunicava sua ação graciosa a seu povo por meio de um mediador humano. Agia assim não para que Israel ficasse satisfeito com alguma superioridade natural, mas para que alcançasse outros com esperança e "fosse mediador da presença divina no mundo".[11] De acordo com a perspectiva bíblica, ser consagrado não é uma espécie de fuga; na verdade, é um chamado a se envolver plenamente com o trabalho de salvar outros. Israel não foi criado e escolhido por Deus apenas para a própria edificação. Mesmo quando a nação era somente um vislumbre aos olhos de Abraão, o reflexo noturno na areia das incontáveis estrelas, o objetivo de Yahweh era que ela fosse uma bênção para o mundo ao redor (Gn 12.2; cf. 22.18).

O profeta: proclamador da revelação objetiva

O que os sacerdotes ofereciam ao povo de forma concreta, os profetas apresentavam com palavras. O profeta era separado pelo Senhor para proclamar a vontade e a mente de Deus. Os profetas interpretavam as épocas com uma perspectiva firmemente teocêntrica por meio de declaração, exortação, repreensão severa e convites insistentes para que o povo experimentasse a abundante misericórdia de Deus. Dispostos a fazer tudo por Deus, foram tomados por Yahweh e falaram em nome dele. Conforme declarou Walter Brueggemann: "Com o aparecimento deles, Yahweh passa a estar de forma direta e concreta presente em Israel".[12] Os profetas manifestavam não só a mente de

Deus, mas também sua presença. Ele estava com seu povo. Não o havia deixado. Quando os israelitas se desviavam, o que ocorria com frequência, ele desejava que voltassem.

Como governante de todas as coisas, Yahweh nomeia seus profetas para falarem imbuídos da própria autoridade divina. O chamado de Jeremias para o ofício profético mostra que ele recebeu exatamente esse papel.

> Então o SENHOR estendeu a mão, tocou-me a boca e me disse:
>
> Ponho as minhas palavras na tua boca.
> Olha, no dia de hoje te estabeleço sobre as nações e sobre os reinos,
> para arrancares e derrubares,
> para destruíres e demolires,
> e também para edificares e plantares (Jr 1.9,10).

Muitos anos antes de Jesus interpretar essas palavras como uma declaração de sua realeza, Jeremias falou aos israelitas como um ato de proclamação transcendente. Poderíamos dizer que as palavras de Jeremias eram decretos. Os ouvintes podiam rejeitar suas declarações e seus ensinamentos da parte de Deus, mas isso não significava que pudessem escolher um caminho diferente do que o Senhor lhes havia prometido.

Os profetas exerciam o ministério de dizer a verdade. A verdade não é algo externo a Deus nem está acima dele. Antes, a verdade está relacionada à confiabilidade da Palavra de Deus e à fidelidade pactual do Senhor. De acordo com os profetas, ele *é* a verdade (veja Is 25.1; 65.16), pois não há nada mais confiável do que as promessas de Yahweh. Seu caráter nunca sofre variação; sua palavra nunca falha (Is 55.11). Os profetas serviam ao povo de Israel, lembrando-os continuamente desse fato. As promessas de Deus não falhariam. Mesmo quando parecia o contrário, quando o remanescente fiel a Deus sentiu as botas assírias e as esporas persas em seu pescoço, Yahweh não tinha se esquecido do povo de sua aliança. Mesmo nos piores momentos para os escolhidos de Deus, a graça estava disponível, ainda que o juízo contra o pecado fosse, por fim, executado.

Deus não estava gritando em uma terra vazia. Não havia ameaças vãs. As advertências divinas também eram verdades declaradas a um povo rebelde, que se desviava de modo contínuo da aliança da graça que o chamava a uma confiança fiel e a uma vida santa. Até quando assumiam o papel de promotores contra a violação da aliança com Deus, os profetas lembravam o povo de sua identidade. Mesmo em tempos de cativeiro, o povo tinha uma incumbência divina. Os profetas gritaram até ficar roucos, exortando o povo de Yahweh a guardar a aliança e a não se esquecer dela.

Se o povo de Deus desse ouvidos, descobriria outro caminho que não levaria à destruição. Era o caminho da preservação e da salvação. Apesar do medo da justiça de Yahweh, o povo de Jacó — o lutador — não devia se encolher perante seu Senhor.

> Mas tu, meu servo Jacó,
> não temas nem te assustes, ó Israel;
> pois livrarei a ti, mesmo que de longe,
> e a tua descendência da terra do cativeiro;
> então Jacó voltará e ficará tranquilo e em paz,
> e ninguém o perturbará (Jr 46.27).

Com textos assim aprendemos muito sobre o que os profetas faziam. Jeremias advertiu acerca do juízo e garantiu ao povo que ele não conseguiria superar o Senhor. O profeta convocou os israelitas a prestarem contas de seus pecados e os exortou a se arrependerem, prometendo-lhes a graça de Deus, caso seguissem o Senhor — e, em virtude da paciência constante de Deus, até mesmo se não o fizessem. Walter Kaiser fez a observação de que Jeremias, junto com os colegas profetas, ofereceu "revelação objetiva" verdadeira — e não apenas verdadeira, mas também "alimento para a alma do próprio profeta", um resumo que capta a natureza viva de seu testemunho.[13] Os profetas eram o meio de comunicação da palavra de Deus, que era divina, imutável e verdadeira. O que Deus anunciava acontecia. Quando o povo duvidava disso ou negava a veracidade das obras divinas e os resultados inevitáveis de seus planos, o profeta se levantava no meio dos israelitas e contestava a sabedoria deles, que não era sabedoria de forma alguma. O papel do profeta não era apenas declarar a verdade imutável, mas

também dirigir-se, com base em uma perspectiva teocêntrica, às situações de mudança do povo de Deus. O Egito podia parecer promissor; a Babilônia talvez parecesse indestrutível; mas o profeta existia para lidar com esses desafios contextuais, lembrando aos seguidores de Yahweh que um soberano maior reinava no mundo dos homens. Dessa forma, o ofício de profeta era diferente de todos os outros. "Mediador fiel da vontade de Deus", conforme Paul House afirmou, "intérprete do mundo e arauto da graça generosa, até mesmo escandalosa" — esse era o profeta.[14]

Em resumo, o profeta falava em nome de Yahweh. Essa declaração parece audaciosa nos dias de hoje, quando as pessoas raramente se atrevem a falar até mesmo o que passa pela própria mente, possivelmente confusa. Os profetas não podiam se dar ao luxo de alegar déficit cognitivo como pretexto para não se pronunciar de forma aberta. Foram comissionados pelo Deus todo-poderoso a dar voz ao pensamento dele e receberam desse personagem divino as próprias palavras que deveriam proclamar. Essa era uma incumbência majestosa. Como Wayne Grudem explicou: "As palavras dos profetas são palavras de Deus; por isso, as pessoas têm a obrigação de crer neles e lhes obedecer. Crer em Deus implica crer em seus profetas (2Cr 20.20; 29.25; Ag 1.12), pois as palavras dos profetas são as próprias palavras de Deus (2Cr 36.15,16)".[15]

O profeta tremia diante de sua responsabilidade. Quando Yahweh o chamava para esse ministério, o profeta, em geral, não batia no peito nem rugia. Pode-se pensar, por exemplo, em Ezequiel. Confrontado com uma visão da glória de Deus, não teve a reação instintiva de ficar admirando aquela luz santa. Ele se prostrou em terra com os olhos quase sangrando por ver a santidade da presença divina, esforçando-se para se esconder no chão como abrigo do peso radiante e sufocante do Senhor (Ez 1). No entanto, Ezequiel se pôs de pé, capacitado pelo Espírito Santo para falar as palavras do Senhor a um povo que, de modo surpreendente, não quis muitas vezes ouvi-las. E foi assim com Isaías, Jeremias e muitos outros.

Em geral, o profeta não ministrava de uma posição de poder terreno, mas ao envolver-se com o sofrimento do povo. Abraham Heschel descreve o ministério de Oseias como um ministério de "sofrer junto".[16] O sofrimento afligiu muitos

profetas, não a despeito da palavra de Deus, mas por causa dela. Em um mundo corrompido por uma mentira — em Gênesis 3, o Diabo enuncia exatamente três frases falsas —, dizer a verdade não é fácil nem aceito com facilidade. Em situações repletas de tentações para adorar falsos deuses — e em que época a idolatria não existe em abundância? —, o profeta se atreve a falar a verdade, levando cativo todo engano sedutor.

O rei: personificação da sabedoria divina

Não há ofício no Antigo Testamento mais relacionado à nação de Israel do que o de seu rei. O antigo Israel era uma teocracia, uma nação com um matiz claramente religioso, governada pelo próprio Yahweh. Aliás, parece que ele preferia governar seus seguidores sem um intermediário humano. Ao menos é o que se lê na narrativa de 1Samuel 8, em que o Senhor fala aos israelitas por meio de Samuel em resposta ao clamor deles por um rei "como o têm todas as nações":

> Samuel transmitiu todas as palavras do SENHOR ao povo que lhe havia pedido um rei, e disse: "Este será o direito do rei que reinará sobre vós: ele tomará os vossos filhos e os porá sobre os seus carros para serem seus cavaleiros e para correrem adiante dos seus carros; e os porá por chefes de mil e chefes de cinquenta, para lavrarem seus campos, fazerem suas colheitas e fabricarem suas armas de guerra e os equipamentos de seus carros. Tomará as vossas filhas para serem perfumistas, cozinheiras e padeiras. Tomará o melhor das vossas terras, das vossas vinhas e dos vossos olivais, e o dará aos seus servos. Tomará o dízimo das vossas sementes e das vossas vinhas para dar aos seus oficiais e aos seus servos. Também tomará vossos servos e vossas servas, vossos melhores jovens, e vossos jumentos, e os empregará no seu trabalho. Tomará o dízimo do vosso rebanho; e vós lhe servireis de escravos. Então clamareis naquele dia por causa do vosso rei, que vós mesmos escolhestes; mas o SENHOR não vos ouvirá" (1Sm 8.10-18).

Está claro que essa mensagem deve ser interpretada como uma advertência aos que queriam um rei terreno (e aos pastores de hoje que conduzem o povo de Deus). A repetição do verbo "tomar" indica que esse monarca, como regra, buscaria os próprios interesses e lhes serviria, colocando-os à frente da prosperidade de seus súditos. O Senhor abençoa seu povo e não tira nada deles; o rei prometido por Samuel não terá esse caráter e não prestará tal serviço. Seu reinado será duro a ponto de as pessoas se tornarem "escravas" do rei e "clamarem" por causa dele. É possível que essas palavras sejam alusões à experiência passada do povo de Deus no Egito; nesse caso, a nação não apenas se

queixou do Senhor após o Êxodo, mas na prática também voltou a se sujeitar a um governante parecido com os reis egípcios.

O povo insistiu em seu desejo, apesar da séria advertência. Foi assim que teve início o ofício de rei, com Saul, alguém claramente inconstante, como o primeiro a exercer o cargo. Depois de Saul, Davi ascendeu ao trono. Então, o ofício de rei teve uma reconfiguração importante: agora o rei não devia ser uma alternativa ao governo divino, mas o representante terreno desse governo. Davi governou bem e sabiamente, mantendo, apesar de seu pecado, intimidade com o Senhor. O Senhor lhe deu um título muito maior do que o de "rei", a saber, o de "um homem segundo o próprio coração [de Deus]" (1Sm 13.13,14, ESV; At 13.22). Um bom rei governa com justiça: "O governo dos reis davídicos representa o governo de Deus que está acima do reino deles".[17]

Junto com sacerdotes e profetas, os reis também serviram de oficiais da aliança. De forma particular, o rei liderava o povo de Deus com humildade e perspicácia, ouvindo os ministros divinamente designados que cuidavam da vida espiritual da nação. No entanto, o rei também era um líder-servo da aliança da graça, e seu papel tem valor decisivo para nossa análise. O rei era "instruído diretamente por Deus" e "dotado por Deus com sabedoria para governar".[18] No reinado de Salomão, por exemplo, o registro de sua vitória suprema não é uma de suas muitas conquistas militares, por maiores e mais notáveis que tenham sido, mas o momento em que sua capacidade de discernimento desmascarou uma falsa mãe e revelou a verdadeira, um ato que salvou a vida de uma criancinha, um inocente incapaz de se proteger (1Rs 3).

As Escrituras deixam claro que essa sabedoria extraordinária não veio do próprio Salomão, mas de Deus, a quem o rei havia pedido entendimento. Ao suplicar a Deus que lhe concedesse sabedoria, força e graça para liderar bem o povo, Salomão prefigurou o rei maior que viria.[19] O rei sábio dá ouvidos à palavra de Deus. Outros monarcas foram julgados por suas proezas militares, seu destemor e suas demonstrações de força que lhes permitiram derrotar e até mesmo humilhar os fracos. Em contraste, o rei que liderava o povo de Yahweh era julgado por ter feito ou não o que era reto aos olhos do Senhor, por ter obedecido ou não à palavra de Deus. O rei não estava acima da lei; ele era na

verdade um "primeiro-ministro", o primeiro adorador da nação, chamado a praticar e a demonstrar verdadeira humildade e obediência à aliança diante de Deus e seu povo.

Deus prestava mais atenção à oração que a bravatas. Muito antes de o rei superior vir à terra, os reis justos da antiga aliança exemplificavam, ainda que de modo imperfeito, a natureza do reinado de Cristo. Abençoado com um imenso poder e vastos recursos, o rei israelita governava com santidade, liderava com sabedoria e personificava a justiça: "Davi fez o que era reto aos olhos do SENHOR" (1Rs 15.5; cf. 15.11; 2Rs 10.30; 12.2; 14.3; 15.3; etc.).

Participação no ministério de Jesus da nova aliança: o Novo Testamento

O pastor como sacerdote: ministrando a graça

O que analisamos até aqui girou em torno de duas ideias centrais. Em primeiro lugar, observamos como os oficiais da aliança no período do Antigo Testamento — o sacerdote, o rei e o profeta — prenunciaram e, de certa maneira, dão forma hoje ao trabalho pastoral, em particular ao inevitável trabalho *teológico* do pastor. O foco da seção anterior foram os exemplos precedentes pactuais do pastor na história de Israel. A ênfase desta seção é o trabalho do pastor na era da nova aliança. Aqui, o objetivo é completar nossa "teologia bíblica" do pastor, examinando como o Novo Testamento se fundamenta no material precedente e o desenvolve.

O ministério sacerdotal focalizava o ensino e o cumprimento da Lei. O ministério pastoral gira em torno da pessoa e obra de Cristo. Ao falar de seu amor pela igreja, Jesus utilizou diversas metáforas e imagens para indicar a centralidade de seu sacrifício. No evangelho de João, aprendemos que ele é o Bom Pastor:

> Eu sou a porta. Se alguém entrar por mim, será salvo. Entrará e sairá, e achará pastagem. O ladrão vem somente para roubar, matar e destruir; eu vim para que tenham vida, e a tenham com plenitude. Eu sou o bom pastor; o bom pastor dá a vida pelas ovelhas. Mas o empregado, que não é pastor e a quem as ovelhas não pertencem, quando vê o lobo se aproximar, abandona as ovelhas e foge. E o lobo as ataca e dispersa. O empregado foge porque é empregado e não se importa com as ovelhas. Eu sou o bom pastor;

> conheço as minhas ovelhas, e elas me conhecem, assim como o Pai me conhece e eu conheço o Pai; e dou a minha vida pelas ovelhas (Jo 10.9-15).

Jesus não tinha a intenção de que seu ministério como "Bom Pastor" significasse meramente uma proteção geral. Ao contrário, aqui o ministério é retratado como conflito sangrento com um inimigo — "o ladrão" — que atacava cruelmente as ovelhas, o povo de Deus. Mas Jesus não deixará isso ocorrer. O Bom Pastor protege não com táticas defensivas, mas dando a vida por seu rebanho (Jo 10.11,15). Aqui Jesus desenvolve o conceito acerca do ministério pastoral de Yahweh no salmo 23. Cristo não apenas conduzirá seu povo a uma paz verdadeira e duradoura, mas fará isso mediante uma morte vicária e eficaz. Sem esse triste autossacrifício, não pode haver paz duradoura junto às águas tranquilas nem sono restaurador em pastos verdejantes.

A instituição da ceia do Senhor, o cumprimento da refeição pascal centrado na cruz, tornou ainda mais clara a obra do sumo sacerdote Jesus. No cenáculo, ao instruir seu grupo de discípulos a se alimentar de si, Jesus os ensinou que seu sangue seria a provisão para os pecados deles. A antiga aliança havia passado. Em Cristo a nova aliança chegou:

> Enquanto comiam, Jesus tomou o pão e, abençoando-o, partiu-o e o deu aos discípulos, dizendo: Tomai e comei; isto é o meu corpo. E, tomando um cálice, rendeu graças e o deu a eles, dizendo: Bebei dele todos; pois isto é o meu sangue, o sangue da aliança derramado em favor de muitos para perdão dos pecados. Mas digo-vos que desde agora não mais beberei deste fruto da videira até aquele dia em que beberei o vinho novo convosco, no reino de meu Pai (Mt 26.26-29).

Poucas horas após essa refeição, Jesus de fato foi para a cruz, entregou seu corpo e derramou seu sangue. A nova aliança havia raiado, e o ápice de sua inauguração é Jesus, o centro de todas as coisas, pendurado em um madeiro amaldiçoado para o "perdão de pecados". O grande sumo sacerdote, aguardado e desejado por muito tempo, realizou seu serviço, assim como seus antecessores, ao oferecer sacrifício pelo povo de Deus. No entanto, Jesus não apresentou o sangue de touros e bodes (Hb 9.13; 10.4). Ele ofereceu a si mesmo e convidou todos que invocaram seu nome e participaram de sua refeição sagrada a serem lavados de uma vez por todas.

Conforme já estudamos, o sacerdote tinha a responsabilidade de ensinar a Lei ao povo de Deus e, ainda mais precisamente, dar vida à Lei, "santificando" o povo por meio da instrução, treinando-o na prática da justiça e oferecendo a provisão de sangue para seus pecados contínuos. O ministro da aliança separado treinava o povo separado para viver uma vida separada a fim de glorificar o Deus separado. O papel do pastor é ministrar a nova aliança com base no sangue de Jesus (Lc 22.20; 1Co 11.25). Assim como os sacerdotes, os pastores são chamados a influenciar a vida das pessoas demonstrando de forma concreta a santidade na igreja de modo que todo o povo de Deus, constituído "sacerdócio real" em Cristo (1Pe 2.9), ofereça sacrifícios de louvor e orações de intercessão. Pastores conduzem a nação santa, que abrange todas as tribos e línguas, a adorar o Senhor em nome de Jesus, o grande sumo sacerdote (Hb 4; 10). O ministério pastoral não é outra coisa senão o ministério das boas-novas da graça de Deus disponíveis em Jesus Cristo por meio de seu Espírito. Ministrar a graça é comunicar a mediação, feita pelo próprio Cristo, do perdão e do amor pactuais de Deus por meio da obra de reconciliação realizada na cruz. O pastor não "dispensa" a graça por meio de gestos físicos ou fórmulas espirituais; ao contrário, o pastor proclama o evangelho da graça em Cristo a um povo que precisa desesperadamente dela.

Para os apóstolos e os pastores treinados por eles na igreja primitiva, o evangelho não era apenas um recurso entre muitos. Na verdade, era o cerne de seu trabalho:

> O elemento fundamental do ministério de Paulo foi a pregação do evangelho (1Co 1.17). Ele reconheceu que esse era o meio que Deus havia escolhido para se revelar às pessoas (1Co 1.21); esse era o poder de Deus para a salvação (Rm 1.16; 1Co 1.18). Ele tinha a obrigação de pregar esse evangelho e sofreria terríveis consequências, caso não o fizesse (1Co 9.16,17).[20]

O trabalho do pastor está centrado na mensagem do evangelho e tem origem nela, a saber, a boa notícia da reconciliação em Cristo e, consequentemente, de vida com Deus. Assim como o sacerdote levava o povo da antiga aliança a se aproximar de Deus por meio da Lei e de seus sacrifícios conciliatórios, hoje o pastor leva as pessoas a se aproximarem de Deus por meio da pregação da palavra e do evangelho do Cristo crucificado. À semelhança do sacerdote, o pastor

conduz as pessoas ao que Eugene Peterson chama de "vida de salvação", a existência singular estabelecida pela santidade de Deus, capacitada pela união com Deus em Cristo e moldada pela Palavra de Deus.[21]

O pastor se assemelha ao sacerdote da antiga aliança ao servir de modelo de vida consagrada para a igreja. Esse modelo de justiça tem por finalidade inspirar, edificar e, se necessário, repreender as pessoas — tudo para incentivá-las a buscar o Senhor com zelo para que também sejam transformadas. O pastor não é mais (ou menos) justo que o povo. O ministério não remove imperfeições e fraquezas pessoais, ao contrário, amplia-as, levando os pastores a clamar em primeiro lugar por graça divina antes de ministrá-la a seu povo. O pastor não está separado do povo, mas vive e se movimenta no meio dele, aconselhando-o, visitando-o e treinando-o para uma vida de salvação, ao invés de carnal. O ministério da graça não afasta o pastor do povo. À semelhança do grande sumo sacerdote cuja vida e obra inspiram o pastor, o ministro sai em busca das ovelhas, aproximando-se delas para que elas se aproximem de Deus.[22]

Em resumo, o pastor segue o modelo do sacerdote por meio do ministério de autossacrifício do evangelho, participando do ministério sumo sacerdotal de Cristo como seu representante terreno. Portanto, a igreja não é propriedade do pastor, mas de Cristo. Por isso, o serviço prestado à igreja não é resultado da perspicácia do pastor ou de sua capacidade de realizar as mais variadas tarefas. É fruto apenas do evangelho da graça, somente da obra de Cristo. Em última análise, eis o que os pastores têm a oferecer às pessoas: perdão e amor inabalável de Deus em Cristo.

Nesta altura, podemos nos lembrar da famosa resposta de Karl Barth, quando indagado sobre o que pastores devem pregar. Em vez de brindar seus ouvintes sequiosos com recursos homiléticos, Barth respondeu apenas: "Cristo!". De modo semelhante, quando pastores avaliam como ministrar a graça a seu povo em todos os seus deveres pastorais, podemos simplesmente responder: "Cristo!".[23] A Lei está cumprida. Os rituais foram removidos. Os sacrifícios sangrentos terminaram. Mas em toda pregação e em todo ensino, aconselhamento, treinamento, visitação e assim por diante, o pastor, à

semelhança do sacerdote que ministrava graça antes dele, oferece provisão bondosa em favor do povo: a totalidade de Cristo para a totalidade da vida.

O pastor como rei: ministrando sabedoria

Os reis do antigo Israel não deviam governar com punho de ferro nem com autoritarismo nem mediante consulta exclusiva aos oráculos de sua própria mente. Deviam ser reis de um tipo diferente. Eles se tornariam grandes ao seguir a humildade, o discernimento e a sabedoria. O rei israelita era na realidade um "vice-rei", alguém que governava somente por chamado e provisão bondosos de Yahweh. O líder monárquico do povo de Deus não era arrogante e poderoso, mas humilde e manso, incumbido de ser modelo desses atributos para o povo.

Como o ofício de rei se relaciona com nossa concepção de pastor? Por um lado, pastores proclamam as reivindicações universais da realeza de Cristo ("a terra é o estrado dos seus pés"). Eles apresentam uma mensagem que vence principados e poderios, refaz a vida e reorienta o cosmo. No entanto, pelo fato de o mundo estar sob o poder de Satanás, a glória do ofício pastoral e a verdade sobre o reino de Deus estão encobertas. Em um mundo em trevas, o evangelho parece loucura. Neste mundo de cabeça para baixo, a mensagem de Cristo, a sabedoria de Deus, parece algo tolo, irrelevante ou bom demais para ser verdade. O pastor da nova aliança que se envolve com o ministério de Cristo tem de ser o mediador da sabedoria de uma mensagem sobre um rei crucificado — e, portanto, deve estar disposto a parecer louco.

Paulo analisa essa questão em 1Coríntios 1—2:

> Pois a palavra da cruz é insensatez para os que estão perecendo, mas para nós, que estamos sendo salvos, é o poder de Deus. Pois está escrito:
>
> Destruirei a sabedoria dos sábios
> e anularei a inteligência dos inteligentes.
>
> Onde está o sábio? Onde está o instruído? Onde está o questionador desta era? Por acaso Deus não tornou absurda a lógica deste mundo? Visto que, na sabedoria de Deus, o mundo por sua própria sabedoria não o conheceu, foi do agrado de Deus salvar os que creem por meio do absurdo da pregação. Pois, enquanto os judeus pedem sinais, e os gregos buscam sabedoria, nós pregamos Cristo crucificado, que é motivo de escândalo para os judeus e absurdo para os gentios. Mas para os que foram chamados,

> tanto judeus como gregos, Cristo é poder de Deus e sabedoria de Deus. Porque o absurdo de Deus é mais lógico que os homens, e a fraqueza de Deus é mais forte que os homens (1Co 1.18-25).

Em nenhuma outra passagem o paradoxo do evangelho de Cristo está mais claro do que nessas palavras. A verdade sobre Jesus morto e ressurreto é o evento central da história e a maior necessidade do coração humano. Mas, por causa do poder do pecado, essa mensagem é vista como "absurdo" para os gentios e "motivo de escândalo" para os judeus. A humanidade quer um evangelho que não exige a fraqueza do sofrimento e da morte. Temos uma sede natural por aquilo que Martinho Lutero chamou de *theologia gloriae*, uma teologia da glória que celebra um Deus criado à nossa melhor imagem.[24]

Paulo não cedeu ao anseio dos coríntios por glória mundana. Ao contrário, pregou "Cristo crucificado" e rejeitou explicitamente a possibilidade de alcançarmos a salvação por meio de nossos esforços morais, como determina a lógica de conduta. Paulo se recusou a ficar agradando seus ouvintes cosmopolitas gregos e romanos, que eram ávidos por credenciais, sofisticação e *status* mundano. Em vez disso, ofereceu a eles a sabedoria de Deus, a palavra divina que julgava todas as palavras humanas, tornando ineficazes seus artifícios mundanos para alcançar notoriedade. Aos ouvintes que desejavam ser importantes, Paulo dava testemunho da necessidade de se humilhar e tornar-se nada. Ele simplesmente ensinava o que Jesus ensinou, exemplificou e sofreu de forma pessoal.

Jesus era e é rei, mas não um tipo de rei que o mundo ainda anseia seguir. A realeza de Jesus não era deste mundo. Ele reinou mediante serviço e sofrimento e nunca foi mais poderoso do que no momento de sua morte. Tudo isso era sabedoria, verdade e poder — mas de uma forma invertida. Assim ocorre com o pastor, que, da mesma forma que o rei da antiga aliança, serve de ministro de sabedoria. A participação do pastor no ofício régio de Jesus não se baseia em grandeza nem na intimidação dos obreiros da igreja nem na direção arrogante das reuniões. Ao contrário, o pastor é mais parecido com o rei Jesus quando serve à igreja com sabedoria e em fraqueza, conduzindo a congregação com humildade e carregando em oração os fardos dela.

A sabedoria de Deus, à semelhança do reino de Cristo, transforma completamente o mundo. É claro que os pastores não se esquivam de tomar decisões e liderar com convicção; eles têm de pôr as coisas em ordem, conforme Paulo instruiu a Timóteo (1Tm 1). Isso implica a necessidade de coragem, visão e percepção para um ministério pastoral fiel. Reconhecer a natureza cruciforme do trabalho pastoral régio não significa que um pastor nunca chega a uma conclusão, nem dá um passo de fé, nem é defensor de uma causa. O Antigo e o Novo Testamentos estão repletos de reis, apóstolos e outros líderes que agiram com ousadia, mas também com humildade, em nome de Deus, e foram louvados por isso.

No entanto, o fato de o pastor liderar bem não se deve tanto a "boas práticas" ou à visão estratégica, mas a uma teologia bíblica e ao caminho da cruz. A base da liderança pastoral é a realidade de que Jesus, mediante o holocausto de si mesmo, estabeleceu o reino de Deus na terra. Pertencer à igreja implica ter sido "transferido" para "o reino do Filho amado [de Deus]" (Cl 1.13, ESV). Pastores não são reis. Contudo, eles participam do ofício real de Jesus Cristo; porém, como já estudamos, o reino de Jesus não se manifesta no poder imperial de César, mas em fraqueza cruciforme. Quem reina é aquele que foi crucificado, um paradoxo em que se precisa crer para compreender.[25] Pastores podem aprender com o modelo bíblico do rei crucificado que lidera não apenas ao servir, mas também ao humilhar-se até a morte. Se o pastor não vive sob a influência dessa equação paradoxal, a igreja não entenderá a natureza da cruz e o mundo não compreenderá a glória e a beleza do evangelho.

Não raro pastores são seduzidos e afetados de seu trabalho régio por versões falsas: versões de presidentes-executivos que nunca pedem conselhos e de políticos que dominam a arte da persuasão. A liderança pastoral deve marchar ao ritmo de um baterista diferente que desafia o mundo, participando da realeza de Cristo mediante a encarnação da sabedoria cruciforme de Deus.

Encontramos repercussão dessa ideia de ministério pastoral em um contexto bem diferente: a lógica dos "contos de fadas" na obra de C. S. Lewis e de J. R. R. Tolkien. Esses homens atraíram bastante crítica, na década de 1930 e no período seguinte, dado o seu interesse no que hoje chamaríamos de "literatura de ficção".

Esse tipo de literatura não era apropriado — da perspectiva acadêmica, não era respeitável o bastante! — para professores da renomada Universidade de Oxford. No entanto, Lewis e Tolkien insistiram na convicção comum entre eles de que *o reino da fantasia* podia esclarecer verdades sobre nosso mundo de uma maneira que nenhuma "ciência" poderia:

> Em seu ambiente de conto de fadas — ou sobrenatural —, a "virada" feliz é uma graça inesperada e milagrosa: jamais se pode achar que tornará a acontecer. Isso não nega a existência de tragédia, tristeza e fracasso: a possibilidade desses aspectos negativos é necessária para a alegria da libertação; a "virada" feliz nega (com muitas provas, se preferir) a derrota universal final e, nesse sentido, é *evangelium*, oferecendo um rápido vislumbre de Alegria.[26]

Assim também ocorre com o ministério pastoral, que é uma espécie de *reino da fantasia* à medida que revela verdades profundas sobre o mundo real ausentes em outras histórias. Nenhuma outra vocação oferece esse "vislumbre de alegria" constante que está "além dos muros do mundo". Quando pastores-teólogos proclamam o evangelho, eles nos permitem ver, ouvir e até mesmo experimentar a sabedoria divina que ingressou na história e, ao mesmo tempo, está além do mundo da experiência sensorial que é objeto da ciência.[27]

O pastor como profeta: ministrando a verdade

Às vezes nos dizem que a pregação está ultrapassada. No passado, em uma época de oradores com grande eloquência, fazia sentido subir a um púlpito envelhecido e pregar um longo sermão. Hoje, no entanto, apesar de tratarmos a homilia com reverência, como um membro idoso da família cujos dias de glória ficaram bem para trás, mas já não a consideramos o ponto central de nosso culto. Vivemos em uma era pós-homilética, que se comunica com *tweets* e *emoticons*, não com declamações e discursos.

Na realidade, a era da palavra falada não acabou. Os meios de comunicação continuam divulgando análises políticas, comentários sobre eventos esportivos e confissões pessoais em *podcast*. Em uma época como essa, os pastores fazem bem em retomar seu manto profético. Não são psicólogos, executivos da área de publicidade ou gurus da vida que devem treinar o pastor. Não é a mais recente tendência sociológica, mas o profeta, incumbido muitas vezes da tarefa

impopular de apresentar a palavra de Deus, que deve inspirar os pastores a pregar hoje em dia com poder e zelo renovados. Como os apóstolos, o pastor permanece firme na tradição oratória dos profetas, que ouviam a palavra de Deus e a explicavam, aplicavam e transmitiam ao povo. O ministério do profeta era um ministério da palavra de Deus e, portanto, um ministério da verdade.

Para entender o aspecto profético do ministério no Novo Testamento, considere os sermões do livro de Atos. Em Atos 2, Pedro prega o primeiro sermão apostólico registrado. Ele cita Joel 2 para anunciar à sua audiência em Jerusalém que chegou o dia de Pentecostes, confirmado pelo derramamento do Espírito sobre todos os que o ouvem. Esse acontecimento sinalizou o início do dia da salvação: agora, "todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo" (At 2.21). Pedro fundamenta esse chamado à salvação na pessoa e obra de Jesus Cristo:

> Homens israelitas, escutai estas palavras: Jesus, o Nazareno, homem aprovado por Deus entre vós com milagres, feitos extraordinários e sinais, que Deus realizou entre vós, por meio dele como bem sabeis; ele, que foi entregue pelo conselho determinado e pela presciência de Deus, vós o matastes, crucificando-o pelas mãos de ímpios; e Deus o ressuscitou, quebrando as algemas da morte, pois não era possível que fosse detido por ela (At 2.22-24).

O sermão de Pedro não foi pregado em um ambiente formal de igreja. Ele estava ao ar livre, pregando em Jerusalém, logo depois de línguas em chamas ardentes terem descido do céu. Se o cenário era um pouco incomum, o conteúdo da mensagem de Pedro não era.

A pregação apostólica do evangelho de Cristo procedia da convicção de que Jesus cumpriu o Antigo Testamento, de que ele é o único Salvador e o caminho exclusivo para Deus e de que todo aquele que ouve a mensagem é chamado a responder com fé. Como os profetas, os apóstolos apresentavam a verdade a seus ouvintes não de uma forma abstrata, mas de um modo que afetava todos os aspectos da vida de cada pessoa. Todos estavam aquém da glória de Deus e foram julgados pelo querigma, contudo a todos foi também oferecida a vida eterna em Cristo.

Os apóstolos pregavam Jesus e o faziam sem medo, mesmo em meio à tremenda hostilidade e à intensa oposição à sua mensagem (como aconteceu com

os profetas antes deles). O mundo era sua paróquia, e logo foram enviados aos gentios. Quando Paulo chegou ao Areópago, proferiu um sermão notável. Depois de fazer referência à inclinação religiosa de seus ouvintes, Paulo revelou a identidade do Deus desconhecido:

> De um só fez toda a raça humana para que habitasse sobre toda a superfície da terra, determinando-lhes os tempos previamente estabelecidos e os territórios da sua habitação, para que buscassem a Deus e, mesmo tateando, pudessem encontrá-lo. Ele, de fato, não está longe de cada um de nós; pois
>
> nele vivemos, nos movemos e existimos,
>
> como também alguns dos vossos poetas disseram:
>
> Pois dele também somos geração.
>
> Sendo nós gerados por Deus, não devemos pensar que a divindade seja semelhante ao ouro, à prata, ou à pedra esculpida pela arte e imaginação humana. Deus não levou em conta os tempos da ignorância, mas agora ordena que todos os homens, em todos os lugares, se arrependam, pois determinou um dia em que julgará o mundo com justiça, por meio do homem que estabeleceu com esse propósito. E ele garantiu isso a todos ao ressuscitá-lo dentre os mortos (At 17.26-31).

A princípio, a mensagem de Paulo pode parecer bastante diferente da pregação de Pedro, mas na realidade é semelhante. Ambos os apóstolos remetem às autoridades canônicas da cultura em que apresentam seu discurso. Os dois se fundamentaram no Antigo Testamento. Paulo citou não apenas o ensinamento de Gênesis, mas também os grandes poetas e filósofos do mundo grego, inclusive Epimênides e Arato. Entretanto, o que chama a atenção de forma especial é a explicação de Paulo sobre o propósito da ressurreição, que não apenas serve de base para a existência da igreja, mas também garante o futuro juízo do mundo, inclusive dos que vivem na "ignorância" do Deus vivo. Mais uma vez, o querigma deixa os ouvintes sem desculpa. A ressurreição implica a veracidade do senhorio de Cristo, e os apóstolos se esforçaram ao máximo para torná-la relevante para cada pessoa, fosse em Jerusalém, o centro religioso do antigo reino, fosse em Atenas, o centro filosófico da superpotência pagã.

Os apóstolos não fizeram divagações retóricas cheias de fantasia nem se adequaram aos padrões greco-romanos em seu pronunciamento público, mas mantiveram seus discursos profeticamente simples. Conforme Paulo disse à

igreja em Corinto: “Minha linguagem e pregação não consistiram em palavras persuasivas de sabedoria, mas em demonstração do poder do Espírito, para que a vossa fé não se apoiasse em sabedoria humana, mas no poder de Deus” (1Co 2.4,5).[28] Como apóstolo e pastor de muitas igrejas, o ministério de Paulo foi em grande parte verbal, um ministério exercido por meio de palavras.[29] Ele não proclamou suas palavras, mas as de Deus e, dessa maneira, apresentou a mente de Cristo a seus ouvintes.[30] Paulo treinou a geração seguinte de pastores a fazer o mesmo e a guardar o evangelho, o “bom depósito”: “Pelo Espírito Santo que habita em nós, guarde o bom depósito que lhe foi confiado” (2Tm 1.14, ESV). Se esse depósito, o evangelho, se perdesse, então tudo estaria perdido.

Os pastores devem não apenas guardar essa mensagem, mas também alimentar regularmente seu povo com ela. De acordo com Hebreus 5.11—6.3, os pregadores têm a incumbência divina de dar a seu povo “alimento sólido” em vez de “leite”. Nas Escrituras, não há chamado mais claro do que esse para que pastores adotem um ministério pastoral teológico e um ministério de pregação expositiva. As pessoas não crescerão nem se desenvolverão nem terão saúde plena com uma dieta apenas de leite. Elas precisam crescer, comer alimentos mais nutritivos e estar bem sustentadas para uma vida de exercício espiritual. Isso significa conhecer mais as Escrituras, adquirir um conhecimento que é resultado de trabalho pastoral árduo e de estudo dedicado de teologia bíblica e sistemática. Para oferecer isso, porém, o pastor deve primeiro seguir a própria natureza do trabalho pastoral, isto é, sua identidade teológica: contribuir para que a palavra de Deus habite ricamente no povo de Deus (e vice-versa). O ofício pastoral é uma função que não existiria sem um conjunto de revelação dada por Deus. O cargo de pastor existe para oferecer às pessoas uma refeição nutritiva dessa revelação.[31]

Portanto, cada pastor está ao lado de Pedro quando Jesus lhe diz três vezes: “Alimente as minhas ovelhas” (João 21, ESV). Essa é uma ordem notável. Jesus não diz: “Ensine as minhas ovelhas”, como poderia muito bem ter feito. A metáfora que ele emprega é bem mais evocativa e instrutiva. Ela nos diz qual é o cerne do ministério do evangelho: alimentar o povo de Deus com a sua palavra. Quando se assenta semanalmente para receber a ministração da pregação

pastoral, a igreja não está se submetendo a uma prática estranha, ainda que historicamente reconhecida. Os membros da igreja estão se alimentando juntos. Ao restaurar seu discípulo ignorante, Jesus chama Pedro a um ministério de alimentação, que é na verdade um ministério de pregação e ensino. A lição é clara: se cristãos de hoje estão com fome, se ficam se perguntando por que lutam com certo mal-estar e com uma caminhada sem vigor espiritual, talvez seja porque não estão sendo alimentados.

O que foi dito anteriormente leva a uma conclusão simples, mas de grande importância: à semelhança do ministério profético dos tempos antigos, o ministério pastoral é em grande parte um ministério de palavras. Assim como Pedro, o pastor é alguém que cuida de ovelhas, mas, esse trabalho pastoral não é físico, com vara e cajado, e sim espiritual, com verbos e substantivos. A responsabilidade do pastor é declarar a mente e a vontade de Deus, conforme Carl Trueman ressaltou:

> É difícil ver como a identidade de Deus e sua ação em Cristo e na igreja poderiam ser enunciadas de forma mais adequada do que com o uso de palavras. Aliás, os sermões de Atos e as epístolas indicam que o modelo profético de Moisés (exposição, aplicação e exortação fundamentadas na revelação de Deus) é o padrão; e, como essa ação está claramente ligada a uma teologia divina de um Deus que fala, o pregador não pode simplesmente ver sua tarefa como mera comunicação de informação.[32]

Deus não é um Deus de pantomima ou de encenação. Sua criação fundamental é um conjunto de revelação verbal e o corpo humano de Jesus Cristo, a palavra que se fez carne. O trabalho do pregador não é citar a Bíblia como em uma palestra cheia de conselhos pragmáticos, mas expor o texto bíblico, aplicá-lo e exortar o povo a viver de acordo com ele, em união com Cristo e pelo poder do Espírito.[33]

O pastor, vendo plenamente o que seus antecessores conheciam apenas como tipo e sombra, não expressa o que ele próprio pensa, mas o que Deus pensa. Assim como os profetas do passado, o pastor não chama as pessoas à aflição e à ansiedade, mas ao arrependimento, que corrige o curso do mundo e renova a alma. A Babilônia desaparece e a Pérsia não existe mais, mas o mundo ainda é governado por forças das trevas que desejam escravizar o povo de Deus. O pastor, como alguém dominado e arrebatado pela doutrina bíblica e pela verdade teológica, assume o manto do profeta, fazendo o apelo à igreja para que se

lembre da aliança e para que seja transformada por meio da graça que emana dessa aliança. Tudo isso é um ministério de palavras — não meras palavras, mas palavras imbuídas da autoridade divina. O ministério pastoral de pregação é o ministério da verdade de Deus: o caminho e a vida de Jesus Cristo.

Conclusão: O ministério pastoral como ofício teológico

Quando D. Martyn Lloyd-Jones se pôs de pé na igreja de Westminster para orar e pregar no meio de um ataque em época de guerra, deu um testemunho poderoso do trabalho do ministro em um mundo caído. Para um povo assediado por Satanás e atraído para longe de Deus pela tentação de pecar, o pastor atua como sacerdote, chamando-o a se alimentar com ousadia da graça de Deus, a qual vence o pecado e cria um novo modo de vida, vida de salvação. Para um povo que precisa desesperadamente de sabedoria em uma ordem mundial construída com base em grandes mentiras, o pastor atua como rei, treinando os olhos das pessoas para se fixarem na humildade e na mansidão de Jesus Cristo, que por sua morte venceu o inimigo e destruiu as forças das trevas, uma vitória desconhecida para o homem natural, mas gloriosamente visível aos olhos da fé. Para um povo que anseia por palavras confiáveis em uma cultura de imagens instáveis, o pastor atua como profeta, estudando com profundidade as Escrituras como um todo para expor Cristo e chamar as pessoas a um arrependimento renovado e a uma fé revigorada.

Em todos esses papéis, nesse trabalho coletivo, pastores servem à aliança da graça da mesma maneira que sacerdotes, profetas e reis fizeram há muito tempo. Hoje em dia, assim como no passado, pastores atuam como teólogos da igreja, fazendo brilhar em corações ávidos "a luz do conhecimento da glória de Deus na face de Jesus Cristo" (2Co 4.6, ESV). Isso não significa que ministros devam assumir o manto, muito menos o jugo, da teologia acadêmica, mas, sim, que o ministério pastoral é, como os oficiais da aliança no passado, um ofício fundamentado em realidades teológicas: a salvação, a sabedoria e a verdade — em uma única palavra, Cristo. Se removermos Deus e o evangelho de Jesus Cristo, então o ministério pastoral deixa de existir. Com base nesse fundamento cristológico, o pastor prega, aconselha, discipula, lidera, age, cuida, gerencia,

administra, põe ordem no caos, evangeliza, repreende e ensina. Em todo esse trabalho, o pastor separado serve ao Deus separado alimentando seu povo separado. Esse é um trabalho essencialmente teológico; por isso, cada pastor trabalha como teólogo.[34]

O pastor procede assim, quer em meio a uma chuva de pedras enquanto a morte se aproxima, como no martírio de Estêvão, quer em meio a bombas que se estilhaçam ao redor na cidade, como no ministério de Lloyd-Jones. Todos os pastores ministram em meio ao pecado e ao combate contra um inimigo satânico que deseja derrotá-los. Bombas podem cair ou não. Seja qual for a situação, cada pastor tem o privilégio de ministrar no poder de Cristo e obter grande esperança dessa verdade. Os prédios podem desabar, as sirenes podem soar, a cultura pode implodir, mas o pastor e o reino ao qual ele serve nunca serão abalados.

O pastor como teólogo público

MELVIN TINKER

O missiólogo David Bosch escreve: "Os escritores do Novo Testamento não eram acadêmicos com tempo livre para pesquisar bastante antes de começar a escrever. Ao contrário, escreveram no contexto de uma 'situação de emergência', de uma igreja que, em virtude de seu encontro missionário com o mundo, foi *obrigada* a elaborar seu discurso teológico".[35] Portanto, como pastor-mestre sou "obrigado" (com toda a disposição!) a apresentar um discurso teológico cada vez que o povo de Deus se reúne.

Além disso, se a teologia é um diálogo entre a Palavra de Deus e o mundo de Deus, então tenho o dever de fazer exegese tanto das Escrituras quanto do mundo para que, sob a atuação iluminadora do Espírito, o ouvinte da palavra de Deus (seja cristão ou não) esteja apto para entrar no mundo da Bíblia e para que o mundo bíblico possa causar um impacto profundo no mundo do ouvinte. O resultado é o "compromisso" com Deus por meio de sua Palavra. Para isso reconheço que no ministério pastoral de ensino há três pares de ideias em harmonia.

1. *A teologia pública é contextual e expositiva*. Meu ministério ocorre no contexto da cidade com o maior índice de pessoas que não vão à igreja, uma frequência inferior a 1%. A congregação é bem diversificada, composta por trabalhadores simples e funcionários de escritório, jovens e idosos, brancos de origem anglo-saxã, negros, chineses e cada vez mais poloneses (uma congregação com um total de trezentas a quatrocentas pessoas em um domingo). Preciso ter

consciência dos mundos em que eles vivem e me assegurar de que se estabeleça uma relação entre o que é ensinado e como o ensino é aplicado. Isso envolve "andar pela fábrica", conhecer pessoas e conversar com elas, ler com regularidade livros, jornais e revistas seculares (bem como assistir a filmes, um de meus passatempos favoritos!) e refletir de modo bíblico sobre todos esses aspectos.

O principal meio de ensino público é a pregação expositiva rotineira. Quer esteja expondo uma série de mensagens sobre um livro como Colossenses quer esteja pregando uma série de tópicos, o método é explicar de forma clara o significado das Escrituras de acordo com seus diversos contextos (literário, histórico, canônico) e, então, *ao longo* do sermão demonstrar sua relevância. À medida que o mundo das Escrituras é esclarecido, o mundo do ouvinte também é esclarecido; quaisquer que sejam as diferenças culturais, os dois mundos são o mesmo mundo caído, com vislumbres da "luz divina" como resultado da graça comum — e o poder do evangelho para transformar vidas começa a atuar.

Darei um exemplo. Anos atrás, deparei com vários problemas pastorais entre os membros da igreja, questões que, à primeira vista, pareciam não ter relação entre si (crianças problemáticas, questões de sexualidade, estresse no trabalho) até que percebi que havia algo em comum entre todos. Os cristãos simplesmente não tinham consciência da natureza em transformação da sociedade em que viviam; por esse motivo, estavam experimentando uma espécie de "déficit cognitivo" e não conseguiam entender o que estava ocorrendo. Para tentar consertar essa situação, planejei uma série de sermões intitulada "Junto aos rios da Babilônia: vivendo como cristãos no mundo de hoje". Apresentei a ideia de que a igreja vivia em cativeiro na "Babilônia" e que os cristãos eram "peregrinos e estrangeiros" (1Pe 2.11; cf. 1.1; 5.13). No Reino Unido, a natureza do "cativeiro" se revela no relativismo da ética pública e pessoal, no julgamento das pessoas por sua aparência e seu emprego, na secularização que empurra a religião para a margem da vida pública ("privatização"). Com tudo isso, o cristão certamente *se sente* como um forasteiro e é visto com antipatia. A diferença entre a crença e como ela deve ser praticada (sem orientação) pode alcançar proporções enormes na mente das pessoas, e, assim, a tentação de capitular diante do mundo por meio da privatização da religião é forte. Pela fundamentação deliberada em

diversos gêneros literários (salmos, profecia, lei, sabedoria, evangelho, epístola, literatura apocalíptica), uma grande variedade de questões foi tratada: idolatria, sexualidade, casamento, trabalho, criação de filhos, a esperança futura e assim por diante. Isso ajudou os membros da congregação não só a perceberem que a totalidade da Palavra de Deus diz respeito em sua variedade maravilhosa à vida como um todo, mas também lhes deu confiança para estabelecer relações entre as Escrituras e sua existência cotidiana. Pequenos grupos de estudo bíblico e eventos especiais em que lidamos com questões como consumismo, superstição e "Dawkins e o novo ateísmo" reforçam essa abordagem.

2. *A teologia pública é cristológica e doxológica*. Levando a passagem de Lucas 24.27 a sério, que ensina que todas as Escrituras se referem a Cristo (embora nem todas o façam da mesma maneira), a teologia bíblica dá forma ao ensino que é público. O objetivo de cada sermão é exaltar Cristo. Isso não se alcança com uma citação de Jesus no final do sermão, mas expondo Cristo por meio de qualquer texto das Escrituras que esteja sendo estudado. Cristo é a chave hermenêutica, e as pessoas ficam animadas ao descobrir isso. O tríplice ofício de Cristo como profeta, sacerdote e rei diz respeito claramente à maneira de encararmos o mundo ao entender o relacionamento de Jesus com o mundo em seu ofício tríplice. Portanto, como pastor-mestre, meu objetivo também é apresentar a teologia como doxológica. A tentação de estar "por dentro" e ser prático é concluir cada sermão com uma lista de coisas para fazer. Mas, ao deixar que o gênero e também o conteúdo do texto determinem a pregação, o fato de considerar a palavra de Deus "em operação" (performativa), e não simplesmente "instrutiva" (informativa), significa que, na maioria das vezes, há um elemento surpreendente (o "calor" bem como a "luz" mencionados por Jonathan Edwards) conduzindo à adoração absoluta do Deus trino e uno. O elemento "luz" é resultado da análise da doutrina principal do texto. O valor da pregação expositiva sistemática está na garantia de que, ao longo do tempo, todas as principais doutrinas bíblicas (i.e., teologia sistemática) serão expostas. No mínimo, isso afetará a postura que o crente adotará em relação ao mundo em uma manhã de segunda-feira, transformando suas afeições bem como orientando suas decisões e tornando-o mais perspicaz.

3. *A teologia pública é missional e pastoral.* Se a revelação progressiva do evangelho da justiça mediante a fé em Romanos conduz a uma "renovação de mente" (12.1,2), não é de se admirar que Paulo interprete a vida cristã com expressões da adoração do Antigo Testamento, que produz efeito, então, nas relações dos cristãos uns com os outros (12.5-13) e com um mundo hostil (12.14-21). O ápice da carta é a preocupação de Paulo em proclamar o Evangelho em território desconhecido e seu pedido para que os cristãos de Roma o apoiem em seu "serviço sacerdotal" (15.14—16.27). Assim, quando ensino a Bíblia, sempre há elementos que se relacionam com o mundo da perspectiva do serviço e da evangelização e com a vida em comunhão conforme o amor e as boas obras. Isso envolve conviver com as pessoas para compreender seu mundo da perspectiva bíblica a fim de que adotem uma postura semelhante a de Cristo em relação a esse mundo.

Visto que a igreja é o grande objetivo do propósito salvador de Deus (Ef 1.22), desejo que a congregação local se prepare para a vinda do noivo ao se tornar mais parecida com uma noiva. Portanto, o ensino não pode estar dissociado de outros aspectos do culto público. Isso significa que, no início de nosso tempo juntos, há um claro lembrete do que somos: a expressão da igreja celeste na terra; do que estamos fazendo: reunindo-nos na presença do Altíssimo, com Cristo entre nós por meio de seu Espírito, e respondendo com fé, arrependimento e louvor à sua Palavra. Comprometer-nos com Deus é mais importante do que nos divertirmos em sua presença. Cremos que Deus renova seu compromisso conosco por meio da Palavra e dos sacramentos (a Palavra audível e visível). Também criamos oportunidades para as pessoas se relacionarem umas com as outras, em especial depois do evento principal de adoração. A igreja é uma família, e espera-se que, quando vierem pessoas de fora, elas não somente vejam a relevância da fé cristã, mas também a *sintam*.

A origem da humanidade:um estudo de caso para pastores-teólogos

TODD WILSON

Recentemente, recebi um telefonema de um colega pastor pedindo ajuda. “Estou pregando uma série de mensagens sobre Gênesis 1—11”, ele me disse, “e preciso de alguns conselhos sobre essa coisa toda de criação e evolução”. Pelo tom ansioso de sua voz, percebi que estava preocupado com a maneira pela qual sua congregação poderia reagir. Isso é bem compreensível, pois nos dias atuais é difícil encontrar um assunto mais polêmico do que a origem do homem.

No entanto, pastores-teólogos não devem se acanhar diante do envolvimento com questões controversas. Aliás, quem tem a responsabilidade de tornar a Palavra de Deus relevante para o mundo precisa levar cativo todo pensamento a Cristo e, quanto mais controverso é um problema, mais importante é que pastores-teólogos tratem dele.

Os melhores teólogos públicos da igreja, seus pastores, têm a capacidade singular de examinar inúmeros problemas envolvidos na questão da origem do mundo, mas sem deixar que as árvores o impeçam de ver a floresta como um todo. No entanto, eles também estão bem equipados para servir de modelo das virtudes intelectuais da humildade e da hospitalidade para suas congregações, de modo que essa questão não gere mais calor do que a luz que há no corpo. Em resumo, pastores-teólogos estão bem preparados para se posicionar entre a cruz da bendita ignorância e a caldeira da disputa irascível, de modo que suas congregações não entrem em choque por causa de um assunto polêmico em detrimento do próprio crescimento e testemunho.

Vários anos atrás começou a circular em minha congregação o boato de que o pastor titular acreditava que “nós viemos dos macacos”. Isso deixou assustadas algumas pessoas que tinham opinião diferente sobre o assunto e, por esse motivo, precisei, junto com a liderança, abordar a questão — à luz da tradição eclesiástica e de artigos de fé de nossa igreja, bem como da própria Palavra de Deus.

Embora pudéssemos ter sido tentados a ver isso como uma distração da atividade ministerial, concordamos por várias razões que era um bom investimento de nosso tempo e nossa energia.

Primeiro, o tema da origem humana é uma grande questão cultural e apologética para a igreja. Se folhear a revista *National Geographic*, você encontrará em quase todos os números algo relacionado com a origem do universo e a evolução. Ou, se acompanha sempre o noticiário, lerá com frequência a respeito de novas descobertas arqueológicas que foram manchetes e apresentam um novo desafio à compreensão cristã tradicional da origem da vida e do universo.

Em segundo lugar, a origem do homem é uma questão importante para o discipulado, em especial entre nossos jovens. Não é raro ouvir a respeito de estudantes que faziam parte dos jovens da igreja e abandonaram a fé durante os estudos na faculdade como consequência de terem sido ensinados sobre a biologia evolutiva e a cosmovisão correspondente.

Em terceiro lugar, a origem do homem é em si um assunto fascinante, exigindo que a pessoa desenvolva um sistema que leve em conta uma gama de diferentes disciplinas, desde as ciências biológicas e história até a teologia e a exegese. É um exercício intelectual desafiador e revigorante.

Em nossa igreja, eu tinha uma posição que não era compartilhada por todos. Por isso, precisava expressar e defender minha posição. Como parte desse processo, li dezenas de livros e artigos de revistas acadêmicas para me atualizar sobre as questões. Isso me ocupou bastante durante três meses, e, ao final do período, produzi um parecer para a liderança de nossa igreja. Foi um exercício de valor inestimável, porque não apenas me deu a oportunidade de expressar minhas opiniões por escrito, mas também proporcionou ocasião para nossa equipe de liderança lidar com os aspectos bíblicos, teológicos, hermenêuticos, históricos, culturais, científicos e filosóficos em torno da questão da origem da vida e do universo. No final, independentemente da decisão a que chegamos sobre o assunto, cada um de nós alcançou maior perspicácia por causa do processo.

No entanto, preparar e analisar um parecer não foi a única tarefa ou mesmo a mais importante. Também precisei fornecer orientação sobre como refletir a

respeito desse assunto à luz das Escrituras e de nossa tradição, levando em conta a diversidade de opiniões no seio de nossa igreja. Por esse motivo, preparei o que chamamos de "Elder affirmations on creation & evolution" [Declarações dos pastores e presbíteros sobre Criação & evolução]. Foi uma tentativa de expressar, em uma série de declarações breves e sucintas, como devem viver juntos crentes fiéis à Bíblia que têm opiniões distintas sobre essa questão, mas, ao mesmo tempo, permanecem juntos em uma corrente específica do cristianismo evangélico. É claro que não foi uma tarefa fácil, mas foi proveitosa.

Pastores-teólogos, como ministros da Palavra de Deus neste mundo, estão, para o bem da igreja, na linha de frente do engajamento teológico. Também estão na posição ideal e têm preparo singular para ajudar congregações a lidar com as principais questões intelectuais da época de uma forma que não só torne a reflexão mais profunda, mas também pastoreie almas, pois esse é o objetivo supremo do pastor-teólogo.

Uma teologia prática da tecnologia

JIM SAMRA

"Meu filho de doze anos diz que é a única criança em sua sala de aula que não tem um *smartphone* e está desesperado para ter um. O que devo fazer?"

"Minha mãe recentemente criou um perfil no Facebook e está o tempo todo querendo saber quantas pessoas 'curtiram' sua atualização de *status*. Isso não me parece saudável. O que acha?"

"Todas as outras igrejas grandes que conheço têm algum local fora de sua sede para projeção de filmes a fim de alcançar mais pessoas; será que também não deveríamos ter um?"

"Se um pastor ainda não tem um perfil no Facebook e no Twitter, deve se arrepender e começar a usá-los imediatamente."[36]

O que há em comum nessas perguntas e comentários é a ênfase no papel que a tecnologia deve ter na vida da igreja e de cristãos fiéis. Por ter sido engenheiro, eu era fascinado pela tecnologia. Hoje, como pastor, fico desconfiado com o que ela está fazendo às pessoas que Deus me encarregou de pastorear. Todos sabemos

que a tecnologia pode ser usada para o bem ou para o mal e que os cristãos devem utilizá-la apenas para o bem. Será que a tecnologia é neutra? Ou é possível que, mesmo quando a empregamos para o bem, talvez haja consequências negativas? Será que a tecnologia pode nos tentar a colocar a fé nela, ainda que a utilizemos para a realização de um grande bem?

Como devemos responder a essas perguntas? Uma abordagem é permitir que o que "funciona" determine o que fazemos. Se o Twitter faz as pessoas se sentirem mais próximas do pastor, então ele deveria usá-lo. Mas será que Deus não tem nada a dizer sobre a tecnologia? Sendo pastor, não sou simplesmente um conselheiro que incentiva as pessoas a adotar as últimas tendências tecnológicas, mas um profeta que fala em nome de Deus a seu povo. O que Deus tem a dizer sobre a tecnologia e sobre o modo de usá-la com responsabilidade?

Precisamos de uma teologia da tecnologia a fim de responder a essa pergunta. Mas não estudei teologia da tecnologia em nenhuma das disciplinas cursadas no seminário nem tratei desse tema em minha pesquisa de doutorado. Geralmente não encontro trechos sobre tecnologia em livros de referência de teologia sistemática ou de teologia bíblica. Quando leio comentários bíblicos sobre passagens bíblicas que hoje entendo serem pertinentes à tecnologia, a maioria dos comentaristas não menciona nada a respeito.[37]

Uma teologia da tecnologia é especialmente prática. As pessoas precisam de ajuda para traduzir princípios e ideias teológicas sobre a tecnologia em decisões diárias específicas de cada indivíduo e família. Novas tecnologias estão surgindo todos os dias, e as pessoas precisam de orientação pessoal para, com base em princípios bíblicos e teológicos, terem direção em um mundo tecnológico em constante mudança. Essa também é uma tarefa do pastor.

Ao longo dos últimos anos, tenho buscado formular uma teologia da tecnologia, investindo tempo em oração sobre o assunto, estudando a Bíblia, lendo o que outros escreveram, pesquisando os meios de comunicação em busca de estudos sobre os efeitos da tecnologia na vida das pessoas, observando o uso que as pessoas fazem da tecnologia, ouvindo perguntas e refletindo sobre o material com nossa equipe pastoral e a congregação.

Deus fez com que eu percebesse que a Bíblia tem muito a dizer sobre a tecnologia — desde que estejamos dispostos a usar uma definição ampla o suficiente: "A tecnologia inclui todas as ferramentas, as máquinas, os utensílios, as armas, os instrumentos, as técnicas de construção, o vestuário, os aparelhos de comunicação e de transporte e as habilidades com as quais os produzimos e usamos".[38] As histórias nos primeiros onze capítulos de Gênesis oferecem princípios fundamentais e relevantes para o uso da tecnologia: (1) A tecnologia é possível porque o homem foi criado à imagem de Deus (Adão e Eva). (2) Muitas vezes, a tecnologia atrapalha nossa capacidade de reconhecer a necessidade de Deus e pode ser utilizada para tentar torná-lo desnecessário (Caim). (3) A tecnologia pode nos deixar mais livres para pecar ao tentarmos nos proteger de algumas consequências do pecado (Lameque e Tubal-Caim). (4) A tecnologia é usada por Deus para nos resgatar, contribuindo para tornar menos difíceis algumas consequências da Queda e nos auxiliando a adorar a Deus (Noé). (5) A tecnologia é inerentemente perigosa porque é produto de atividade humana intencional, e precisamos da ajuda de Deus para restringir seu uso (Torre de Babel). Descobri que as pessoas têm mais dificuldade em entender o último dos cinco princípios.

Estudar a cruz como uma forma de tecnologia me levou a reconhecer que a tecnologia é perigosa à medida que está constantemente nos tentando a imaginar uma vida melhor à nossa disposição por meio da tecnologia: cobiçar e colocar nossa fé na tecnologia em vez de confiar em Deus. A cruz é associada aos líderes judeus que desejavam um mundo sem Jesus (Lc 20.9-19) e à idolatria deles ao se submeter a César, em vez de se submeter a Deus (Jo 19.13-16).[39]

Porque a tecnologia é um meio com que o mundo tenta influenciar nossa vida para a cobiça e a idolatria, os sintomas de infecção por tecnologia são os mesmos de ser infectado pelo mundanismo. Isso inclui falar mal dos outros (Tg 4.11,12), fazer planos sem Deus (4.12-17), ser egoísta com o dinheiro (5.1-6), ser impaciente com Deus (5.7-12) e ser individualista em vez de se interessar pela comunidade (5.13-20). Ao apresentar esses sintomas fáceis de reconhecer e que os cristãos podem examinar na própria vida e na de outros, Tiago nos ajuda a identificar os efeitos muitas vezes ocultos que a tecnologia tem sobre nós.

A solução não é abster-se de tecnologia. Isso não apenas é impraticável, mas também errado. Deus usou a tecnologia da cruz para alcançar o maior bem imaginável, e ele continua a utilizar a tecnologia humana para tornar menos difíceis algumas consequências da Queda e fazer seu reino avançar. A tecnologia pode ser uma bênção divina e um aspecto integrante do serviço prestado a ele. No entanto, os perigos inerentes à tecnologia exigem as mesmas soluções que Tiago apresenta para todas as coisas deste mundo: humildade, submissão à lei de Deus (o segundo e o quarto mandamentos são especialmente relevantes para a tecnologia) e comunhão com Deus em oração, pois a oração é de muitas maneiras o oposto da tecnologia.

Observar cristãos procurando uma orientação para viver neste mundo tecnológico é como observar ovelhas sem pastor. Meu trabalho como pastor é ajudar meu povo a pensar de forma bíblica e teológica sobre a tecnologia, para que consiga viver com fidelidade neste mundo tecnológico.

[1]Iain Murray, *D. Martyn Lloyd-Jones: the fight of faith*, 1939-1981 (Edinburgh: Banner of Truth, 1990), p. 113-5.

[2]Esse não foi um simples ato de coragem espiritual ou de alguma outra natureza. Vários dias depois, conforme Murray relata, um oficial de alta patente do exército britânico disse a um colega militar: "Já vi muitas coisas em trincheiras na França, mas nunca vi nada mais notável do que a maneira como aquele homem continuou orando como se nada tivesse acontecido" (Ibidem, p. 115).

[3]Também poderíamos examinar os juízes e outros personagens do AT, mas nos limitaremos aos três ofícios aqui mencionados por causa de seu destaque na vida da nação.

[4]Para diferentes perspectivas sobre a aliança da graça que têm em comum um profundo reconhecimento de sua natureza salvífica, veja O. Palmer Robertson, *The Christ of the covenants* (Phillipsburg: P&R, 1980) [edição em português: *O Cristo dos pactos*, tradução de Américo Justiniano Ribeiro (São Paulo: Cultura Cristã, 2011)]; Peter J. Gentry; Stephen J. Wellum, *Kingdom through covenant: a biblical-theological understanding of the covenants* (Wheaton: Crossway, 2012).

[5]Para mais informações sobre o sacerdote, veja William R. Millar, *Priesthood in ancient Israel: understanding biblical themes* (St. Louis: Chalice, 2001); Aelred Cody, *A history of the Old Testament priesthood*, Analecta Biblica (Rome: Pontifical Biblical Institute, 1969).

[6]Veja Eugene Peterson, *Eat this book: a conversation in the art of spiritual reading* (Grand Rapids: Eerdmans, 2006) [edição em português: *Coma este livro: a comunidade santa à mesa com as Sagradas Escrituras*, tradução de Josué Ribeiro (Niterói: Textus, 2004)].

[7]Ada Taggar-Cohen destaca o aspecto pactual desse texto, comentando que ele descreve "a condição especial" de sacerdotes e levitas "na aliança". Como ministros do pacto, os sacerdotes e levitas orientavam os israelitas na vida diária perante o Senhor. A aliança, conforme observamos anteriormente, organizava a realidade. Veja Taggar-Cohen, "Covenant priesthood: cross-cultural legal and religious aspects of biblical and Hittite priesthood", in: Mark Leuchter; Jeremy M. Hutton, orgs., *Levites and priests in biblical history and tradition* (Atlanta: Society of Biblical Literature, 2011), p. 11-24, esp. p. 17.

[8]Um livro que trata a Lei dessa maneira e deixa de analisar adequadamente a promessa e o cumprimento como categorias bíblico-teológicas fundamentais é: A. J. Jacobs, *The year of living biblically: one man's humble quest to follow the Bible as literally as possible* (New York: Simon & Schuster, 2007).

[9]P. Ellingsworth, "Priests", in: T. D. Alexander; B. S. Rosner, orgs., *New dictionary of biblical theology* (Downers Grove: InterVarsity, 2000), p. 698 [edição em português: *Novo dicionário de teologia bíblica* (São Paulo: Vida, 2009)].

[10]James M. Hamilton Jr., *God's glory in salvation through judgment: a biblical theology* (Wheaton: Crossway, 2010), p. 111.

[11]Gordon Wenham, *The book of Leviticus*, New International Commentary on the Old Testament (Grand Rapids: Eerdmans, 1979), p. 27. Wenham defende que a lei de Levítico ensinava às pessoas que a "totalidade da vida do homem tem de ser vivida na presença de Deus" (p. 17).

[12]Walter Brueggemann, *Theology of the Old Testament: testimony, dispute, advocacy* (Minneapolis: Fortress, 1997), p. 623 [edição em português: *Teologia do Antigo Testamento: testemunho, disputa e defesa*, tradução de Jonathan Luis Hack (Santo André: Academia Cristã, 2014)].

[13] Walter C. Kaiser Jr., *Toward an Old Testament theology* (Grand Rapids: Zondervan, 1978), p. 228 [edição em português: *Teologia do Antigo Testamento*, tradução de Gordon Chown (São Paulo: Vida Nova, 1980)].

[14]Paul House, *Old Testament theology* (Downers Grove: InterVarsity, 1998), p. 222 [edição em português: *Teologia do Antigo Testamento*, tradução de Marcio Loureiro Redondo e Sueli Saraiva (São Paulo: Vida, 2005)].

[15] W. A. Grudem, "Prophecy/prophets", in: *New dictionary of biblical theology*, p. 704.

[16]Abraham Heschel, *The prophets* (San Francisco: HarperCollins, 2001), p. 73.

[17]Graeme Goldsworthy, "Kingdom of God", in: *New dictionary of biblical theology*, p. 619.

[18]Ibidem, p. 637-8.

[19]Para mais informações sobre o tipo e o antítipo de rei e reino, veja Graeme Goldsworthy, "Gospel and kingdom", in: *The Goldsworthy trilogy* (Cumbria: Paternoster, 2000), p. 1-148.

[20]C. G. Kruse, "Ministry", in: Gerald F. Hawthorne; Ralph P. Martin; Daniel G. Reid, orgs., *Dictionary of Paul and his letters* (Downers Grove: InterVarsity, 1993), p. 605 [edição em português: *Dicionário de Paulo e suas cartas*, 2. ed., tradução de Barbara Theoto Lambert (São Paulo: Vida Nova/Paulus/Loyola, 2008)].

[21]Eugene Peterson, *The pastor: a memoir* (New York: HarperOne, 2011), p. 308 [edição em português: *Memórias de um pastor*, tradução de A. G. Mendes (São Paulo: Mundo Cristão, 2011)]. Para uma análise útil acerca da vida em união com Cristo e as implicações disso para todas as áreas, veja J. Todd Billings, *Union with Christ: reframing theology and ministry for the church* (Grand Rapids: Baker Academic, 2011).

[22]Conforme Timothy Laniak afirmou: "A ampla gama de atividades envolvidas no pastoreio é determinada pelas necessidades diárias e sazonais dos animais. Como consequência, pastores atentos e cuidadosos conquistam o amor de seus rebanhos" (Laniak, *Shepherds after my own heart: pastoral traditions and leadership in the Bible*, New Studies in Biblical Theology [Downers Grove: InterVarsity, 2006], p. 56-7).

[23]Lembramo-nos da avaliação de Samuel Wells sobre a centralidade de Cristo: "A Bíblia trata de Jesus", pois "Jesus foi o tempo todo o plano de Deus" (Wells, *Speaking the truth: preaching in a pluralistic culture* [Nashville: Abingdon, 2008], p. 40).

[24]O texto da Disputa de Heidelberg, que inclui esse comentário, pode ser encontrado em Gerhard Forde, *On being a theologian of the cross: reflections on Luther's Heidelberg disputation, 1518* (Grand Rapids: Eerdmans, 1997); veja tb. Alister McGrath, *Luther's theology of the cross: Martin Luther's theological breakthrough* (Oxford: Blackwell, 1985) [edição em português: *Lutero e a teologia da cruz: a ruptura teológica de Martinho Lutero* (São Paulo: Cultura Cristã, 2014)].

[25]Para uma análise excelente desse tema relacionado, veja Jeremy R. Treat, *The crucified king: atonement and kingdom in biblical and systematic theology* (Grand Rapids: Zondervan, 2014).

[26] J. R. R. Tolkien, "On fairy-stories", in: C. S. Lewis, org., *Essays presented to Charles Williams* (Grand Rapids: Eerdmans, 1966), p. 81.

[27]Veja também o que P. T. Forsyth falou sobre a necessidade de o pregador desvendar o mundo invisível: "A única responsabilidade do pregador apostólico é fazer com que os homens percebam concretamente um mundo invisível e espiritual" (Forsyth, *Positive preaching and the modern mind* [New York: Armstrong, 1907], p. 3-4, citado em Richard Lischer, org., *The company of preachers: wisdom on preaching — Augustine to the present* (Grand Rapids: Eerdmans, 2002), p. 99.

[28]Com relação a esse texto, Timothy Keller afirma: "Paulo diz que evitou de propósito as formas comuns de retórica e lógica usadas por oradores gregos". Em vez disso, "ele queria que o Espírito operasse com poder nos ouvintes e, por isso, tomou cuidado para não tornar suas mensagens muito parecidas com 'preleções' lógicas" (Keller, "Preaching the gospel in a post-modern world" [Jackson: Christian Reformed Seminary, 2002], p. 15, disponível em: https://simeon.org/cst/media/doc-tkeller-preachingsyllabus.pdf).

[29]Veja o comentário de Kruse sobre o ministério de Paulo: "Mediante sua pregação apostólica do evangelho, ele levou pessoas a se unirem a Cristo [...] Tal devoção esteve ameaçada quando o ensino falso induziu os pensamentos dessas pessoas ao erro, e, por esse motivo, o apóstolo procurava por todos os meios esclarecer-lhes a verdade do evangelho" (Kruse, "Ministry", p. 606).

[30] Paulo foi o pastor-teólogo por excelência: "As cartas de Paulo são um testemunho claro de seu coração pastoral. Aliás, suas cartas são produto de seu cuidado pastoral, pois Paulo exerceu um papel pastoral por meio delas em relação às igrejas que ele ou seus convertidos haviam fundado. O apóstolo não foi nenhum teólogo acadêmico, distante das realidades da vida da igreja; ao contrário, foi sua preocupação com as igrejas que motivou a elaboração de sua teologia" (P. Beasley-Murray, "Paul as pastor", in: Gerald F. Hawthorne; Ralph P. Martin; Daniel G. Reid, orgs., *Dictionary of Paul and his letters* [Downers Grove: InterVarsity, 1993], p. 654).

[31] "O pregador que ama a Deus com a mente e pensa com o coração indagará de forma refletida e amorosa como, da perspectiva teológica, deve falar a essa congregação específica." (John M. Stapleton, "Loving God with the mind and thinking with the heart", in: Wallace M. Alston Jr.; Cynthia A. Jarvis, orgs., *The power to comprehend with all the saints: the formation and practice of a pastor-theologian*, [Grand Rapids: Eerdmans, 2009], p. 211).

[32]Carl R. Trueman, "The preacher as prophet: some notes on the nature of preaching", in: Iain D. Campbell; Malcolm Maclean, orgs., *The people's theologian: writings in honour of Donald Macleod* (Glasgow: Mentor, 2011), p. 205.

[33] Sem a dimensão pessoal, a pregação será uma palestra, um exercício intelectual bem intencionado, mas insuficiente. Registramos a descrição clássica de Lloyd-Jones sobre a pregação: "lógica ardente". Veja D. Martyn Lloyd-Jones, *Preaching and preachers* (Grand Rapids: Zondervan, 1972), p. 97 [edição em português: *Pregação e pregadores*, tradução de João Bentes Marques, 2. ed. (São José dos Campos: Fiel, 2008)].

[34]Lembramos as palavras de R. Albert Mohler Jr. sobre a natureza do ministério pastoral: "Não há um chamado mais teológico do que este: cuidar do rebanho de Deus por amor à verdade de Deus" (Mohler, *He is not silent: preaching in a postmodern world* [Chicago: Moody, 2008], p. 107).

[35]David J. Bosch, *Transforming mission: paradigm shifts in theology of mission* (Maryknoll: Orbis, 1991), p. 16 [edição em português: *Missão transformadora: mudanças de paradigma na teologia da missão*, tradução de Geraldo Korndörfer; Luís Marcos Sander (São Leopoldo: Sinodal, 2002)].

[36] A última observação é uma paráfrase bem fiel de um comentário de Ed Stetzer relatado em "Not tweeting? Repent: Ed Stetzer on why ignoring social media is no longer an option for church leaders", *Leadership Magazine* 34 (2013): 29.

[37] Contudo, achei de grande proveito a leitura de George Pattison, *Thinking about God in an age of technology* (Oxford: Oxford University Press, 2005); Jacques Ellul, *The technological bluff* (Grand Rapids: Eerdmans, 1990); Quentin Schultze, *Habits of the high-tech heart* (Grand Rapids: Baker Books, 2002); John Dyer, *From the garden to the city* (Grand Rapids: Kregel, 2011); e Arthur Boers, *Living into focus* (Grand Rapids: Brazos, 2012).

[38]

Read Bain, "Technology and state government", *American Sociological Review* 2 (December 1937): 860.

[39] O dinheiro também expõe essas duas tendências.

2

Estudiosos e santos

Uma breve história do ministério pastoral

OWEN STRACHAN

Poucos filmes mostraram com tanto suspense a natureza indomável do pecado original quanto *No country for old men*, que se baseia no romance de mesmo título em inglês escrito por Cormac McCarthy.[1] Próximo ao fim do filme, o xerife Ed Tom Bell está sentado com a esposa tomando um café. Ele comenta sobre um sonho que teve na noite anterior, em que viu o pai, um policial, passar por ele a cavalo:

> É como se nós dois estivéssemos de volta aos velhos tempos. Eu estava montado em um cavalo, atravessando as montanhas em uma noite, passando por aquele desfiladeiro no meio das montanhas. Fazia frio, e havia neve no chão. Ele passou por mim a cavalo e continuou sua cavalgada [...] nunca disse nada, só passou. Tinha o cobertor enrolado em torno de si e a cabeça caída.
>
> Quando passou a cavalo, vi que carregava fogo em um chifre [...] como as pessoas costumavam fazer, e eu [...] pude ver que era um chifre por causa da luz dentro dele [...] uma cor como a da lua. E, no sonho, eu sabia que ele estava [...] indo na frente.
>
> Ele estava se preparando para fazer uma fogueira em algum lugar lá fora em um ambiente totalmente escuro e frio.

A atmosfera de *No country for old men* é deprimente. Como um apocaliptista, dificilmente McCarthy será acusado de otimismo exagerado com o futuro. Mas esse trecho introduz uma nota dissonante na sinfonia fúnebre do mal que o precede. Nesse sonho estranho, ouvimos um acorde de esperança. Parece que a escuridão não havia dominado o mundo.

Essa visão de esperança está de acordo com os objetivos deste livro. Para aqueles que veem o ministério pastoral como um ofício teológico, às vezes é difícil conseguir apoio diante da tendência evangélica de ampliar o escopo desse chamado. Hoje em dia, solicitam-se muitas coisas dos pastores, e é bem possível que muitas dessas responsabilidades sufoquem o trabalho essencialmente teológico do ministério. Conforme observado na introdução, talvez nenhuma outra ocupação no mundo tenha tantas facetas: líder, gestor de organização, administrador, *coach*, motivador, solucionador de problemas intermináveis, pragmático espiritual e muito mais. Além disso, há uma forte pressão para que os pastores de hoje sejam inventores incansáveis e visionários cheios de criatividade. Nesse sentido, a cultura está influenciando a igreja; atualmente, a carreira cobiçada é, de acordo com as capas das revistas *Fortune* e *Inc.*, a que requer "criatividade", não a do executivo impassível.

Como é revigorante descobrir que pastores não precisam inventar coisas novas o tempo todo. O pastor não está sozinho. Muitos já passaram por isso. Eles têm uma imensa herança espiritual, embora as pessoas não saibam disso com base na informação da mídia evangélica atual. Muitos que nos precederam resistiram às pressões nocivas ao seu redor — tanto culturais quanto teológicas — e, sem dar satisfação a ninguém, assumiram o trabalho teológico pastoral. Em outras palavras, viram o ministério pastoral como um ofício teológico, uma vocação para comunicar — com palavras, atos e ações — a nova vida disponível em Cristo: comunhão com Deus Pai em Deus Filho por meio de Deus Espírito Santo.

A nossa afirmação fundamental é a seguinte: em várias épocas da história da igreja, o pastor foi um teólogo. Aliás, podemos ir além e concordar com Douglas Sweeney que afirma: "A *maioria* dos *melhores* teólogos da história da igreja foram pastores de congregações".[2] Embora para a mente moderna e fascinada pelo trabalho acadêmico essa ideia pareça ir contra o bom senso, o pastor, conforme David Wells reconheceu, foi historicamente "o erudito-santo, alguém que se sentia à vontade com livros e com o estudo bem como com as dores da alma".[3] Essa não é uma simples tentativa de tornar o ministério pastoral mais atraente. Essa avaliação é a constatação de um fato histórico, como as informações a seguir

deixam claro. Para os desanimados e confusos, há grande esperança na herança pastoral fiel da igreja.

A igreja antiga

Ireneu de Lião e a regra de fé

Os bispos da igreja antiga bebiam das Escrituras como água no deserto. Meditavam de modo sério sobre as verdades que aprendiam. É claro que não tinham formação em seminários. Não acumularam graus acadêmicos. Mas os pastores, chamados, em geral, de "sacerdotes" no final do século segundo, viam-se claramente como mestres do povo de Deus e, portanto, responsáveis por conhecer a doutrina bíblica. Não se afastavam do povo e do ministério de estudo teológico, ao contrário, cultivavam o rico solo das Escrituras no contexto do trabalho pastoral. Podemos declarar isso de forma mais categórica: teria sido impensável para esses primeiros pastores abrir mão de expor-se ao estudo bíblico semanal, isolando-se em meditação teológica com a finalidade de escavar mais profundamente a doutrina bíblica. Ao contrário, ler a Bíblia para a preparação do sermão era em si uma oportunidade de trabalho teológico verdadeiro, um glorioso estudo exegético intenso.

Um dos primeiros pastores-teólogos foi Ireneu, bispo de Lião. Há pouquíssimo material de autoria dele disponível (130-200), mas, temos acesso a duas de suas obras principais: *Contra heresias* e *Demonstração da pregação apostólica*. Com Tertuliano (160-225), um antigo autor e teólogo cristão, Ireneu formulou a *regula fidei*, ou "regra de fé", que era um resumo da mensagem central da Bíblia e de seu evangelho. O que segue é uma tradução aproximada do credo completo:

> A igreja, embora dispersa por todo o mundo até os confins da terra, recebeu dos apóstolos e seus discípulos esta fé: no único Deus, o Pai todo-poderoso, Criador do céu e da terra e do mar e de todas as coisas que neles existem;
>
> e no único Cristo Jesus, o Filho de Deus, que se encarnou para nossa salvação;
>
> e no Espírito Santo, que proclamou por meio dos profetas as dispensações de Deus e os adventos, o nascimento de uma virgem, a paixão e a ressurreição dos mortos e a ascensão ao céu em carne do amado Cristo Jesus, nosso Senhor.[4]

Essa regra é um resumo de toda a narrativa da história da salvação, uma história que exigia dos que professavam a fé a consideração pelas obras do Pai, do Filho e do Espírito como igualmente importantes e divinas, em oposição ao ensinamento falso que rebaixava a posição do Filho ou do Espírito a um segundo plano. A regra de fé podia ser entendida em termos minimalistas — em outras palavras, esse é o mínimo em que alguém precisa crer para conhecer a verdade. O oposto, porém, é verdadeiro. Essa regra demarcava a superestrutura de toda a teologia cristã, proporcionando à igreja parâmetros fundamentados na Bíblia. Portanto, para Ireneu e seus colegas, a teologia não era um exercício de especulação intelectual, mas um assunto que exigia a mais alta precisão. Vida e morte, até mesmo vida eterna e morte eterna, dependiam desse trabalho.

Ao tratar de questões complexas da teologia trinitária, os teólogos da igreja antiga não estavam fazendo um trabalho "preliminar ao evangelho"; estavam ajustando as categorias por meio das quais as verdades do evangelho fluíam. Podemos parafrasear o teólogo Fred Sanders nesse aspecto: a doutrina da Trindade é a mais evangélica de todas as doutrinas cristãs.[5]

O desenvolvimento da organização da igreja antiga

Precisamos deixar, por um breve momento, nossa análise sobre a obra teológica do pastor para fazermos uma consideração mais geral acerca dos deveres pastorais na igreja antiga. Como Ireneu e outros chegaram à conclusão de que o ofício episcopal é próprio para um pastor que tem autoridade sobre uma área geográfica definida e, dessa forma, lidera várias igrejas?

Temos de admitir que o desenvolvimento do que é denominado "episcopado monárquico", a supervisão eclesiástica de uma região por um bispo, está envolta em certo mistério. Não é tão evidente como esse sistema de organização foi adotado pela igreja antiga; não houve nenhum decreto definitivo dado à igreja antiga que tenha levado à formação desse sistema eclesiástico. Em *Pastor de Hermas*, encontramos uma lista ampliada de ofícios estabelecidos para o governo da igreja. O documento menciona "apóstolos, bispos, mestres e diáconos".[6] Nessa época, o ofício de bispo foi separado do ofício de mestre.

A adoção do episcopado monárquico pela igreja se disseminou bastante no início do segundo século. Nessa época, o episcopado monárquico tinha alcançado aceitação geral. No Concílio de Niceia, em 325, a igreja formalizou aspectos desses desdobramentos.[7] Bispos foram instruídos a nomear outros bispos com a confirmação do prelado metropolitano.[8]

Crisóstomo, Agostinho, e o pastor como professor

Ireneu, nosso primeiro personagem, não foi o único a ver o pastor como o mestre e teólogo da igreja. João Crisóstomo (347-407), o maior pregador de sua época e autor de *Sobre o sacerdócio*, deu grande importância à vida espiritual do "sacerdote", ou pastor, que seria a identificação dessa função hoje. Embora esse fosse o foco do tratado de Crisóstomo, ele explicou de modo detalhado a necessidade de o supervisor do povo de Deus pregar a doutrina verdadeira e refutar o ensinamento falso:

> No entanto, quando surge um desentendimento em questões de doutrina e todos se armam com os mesmos textos das Escrituras, qual o valor que a vida da pessoa terá no debate? [...] Nenhum, da mesma maneira que não haverá fé sadia se a vida for corrupta. É por essa razão, acima de tudo, que aquele cujo ofício é ensinar os outros precisa ter experiência nesse tipo de debate. Pois, embora ele próprio esteja firme e saia ileso do ataque dos opositores, ainda assim, quando a multidão de pessoas simples sob sua liderança vir seu líder derrotado e sem nenhuma resposta aos opositores, ela estará pronta para pôr a culpa da humilhação de seu pastor não na fraqueza dele, mas nas próprias doutrinas, como se elas estivessem erradas. Assim, por causa da inexperiência de uma pessoa, muitos são levados à ruína completa. Pois, embora nem todos passem para o lado do adversário, ainda assim são compelidos a duvidar acerca de questões em que antes criam com toda firmeza e já não conseguem defender aquelas doutrinas que costumavam aceitar com uma confiança inabalável. Como consequência da derrota de seu líder, uma tempestade tão grande desaba sobre suas almas que o prejuízo termina com seu naufrágio total.[9]

O enfoque de Crisóstomo é basicamente negativo nesse texto. Ou seja, ele defende a importância da doutrina porque pressupõe que entendê-la de modo errado leva "muitos" fiéis à "ruína completa". Pelos motivos mencionados, essa era uma perspectiva comum no período antigo. Aos olhos de Crisóstomo a doutrina bíblica não estava "errada". Dar essa impressão levaria ao "naufrágio" da fé. Cabia ao líder do povo, o pastor, ensinar-lhe palavras sadias sobre Deus e sua Palavra, uma mensagem que só poderia trazer saúde para a igreja.

Observamos de modo atento a convicção de Crisóstomo de que, em última análise, o pastor deve ensinar e responder aos "opositores" que treinavam as pessoas para questionar o ensinamento bíblico. De acordo com sua perspectiva, o pastor não tinha outra escolha senão equipar-se com as Escrituras a fim de vencer a incredulidade e apresentar a salvo as pessoas sob seus cuidados diante do temível tribunal de Deus. Para Crisóstomo o pastor era um mestre: o ministério pastoral era um ofício teológico que conduzia o povo em segurança até Deus.[10]

Um dos principais bispos dos primeiros quinhentos anos da história da igreja foi Agostinho de Hipona (354-430), pastor no norte da África. Com certeza seu ministério foi teológico, mas, antes de tudo, estava voltado para homens e mulheres comuns que precisavam do seu evangelho e frequentavam sua igreja, e não para seus amigos de mentalidade filosófica. Escrevendo a seu talentoso colega Jerônimo, o bispo de Hipona revelou que não tinha tempo para devaneios teológicos. Agostinho precisava estudar para ministrar e entendia que ministrar significava *instruir*:

> Qualquer habilidade que eu tenha para esse estudo dedico completamente à instrução do povo que Deus me confiou; e, em razão das minhas ocupações eclesiásticas, estou totalmente impedido de ter tempo livre para me envolver com meus estudos mais do que o necessário à minha responsabilidade de ensino público.[11]

Temos de prestar muita atenção na concepção que Agostinho tinha de si mesmo. Até mesmo essa compreensão bem clara de seu trabalho explica muito sobre a natureza do ministério que escolheu. Deus havia lhe concedido um povo. "Instrução" era sua obsessão. Ele via seu trabalho principal como "ensino público". Como Michael Pasquarello III declarou, para Agostinho "a formação pastoral ocorre por meio da contemplação ou atenção reverente, amando a Deus com o intelecto e a vontade, uma forma de conhecimento adquirida por meio da imersão constante nas Escrituras para se tornar participante do modo de vida 'narrado' por elas".[12] Para o bispo de Hipona a teologia cria hábitos de reflexão e ação que produzem uma vida de sabedoria piedosa.[13] Portanto, sem teologia não há sabedoria alguma.

Agostinho acreditava que o ministério da verdade seria conduzido pela graça divina ao milagre da transformação. Em sua obra clássica *Da doutrina cristã*, ele

expressou de forma simples e direta a necessidade de mestres cristãos ensinarem o certo e corrigirem o erro:

> O dever do intérprete e mestre das Sagradas Escrituras, o defensor da verdadeira fé e o adversário do erro, é ensinar o que é certo e contestar o erro e, no desempenho dessa tarefa, apaziguar as pessoas hostis, despertar os indiferentes e dizer aos ignorantes tanto o que está ocorrendo no presente quanto o que é provável que ocorra no futuro.[14]

Agostinho compreendia o ministério da verdade tanto de forma positiva quanto defensiva. O correto deve ser encorajado, ao passo que o que é falso tem de ser corrigido. Não há dúvida de que Agostinho dedicou bastante esforço em transmitir e recomendar o que era certo a seu povo e leitores. Mas ele também foi um "adversário do erro", usando as Escrituras para corrigir heresias. Em ambas as funções, não raro desempenhadas ao mesmo tempo, Agostinho serviu à igreja como teólogo. Esse ministério não significava afastar-se do povo, mas comprometer-se com ele. Se Agostinho não lhes ministrasse bem um ensino completo, abrangendo tanto encorajamento quanto defesa da fé, eles permaneceriam "hostis" a Deus, "indiferentes" a ele e "ignorantes" da própria natureza de suas vidas.

Esse último comentário é instrutivo: ao contrário de alguns pastores-mestres, Agostinho não conseguia se satisfazer apenas em declarar os fatos do passado. O chamado do pastor, até mesmo sua obrigação, era despertar o povo para ver o que estava "ocorrendo no presente", entender a própria existência em seu contexto particular. Por esse motivo Agostinho escreveu *A cidade de Deus*, um texto que busca explicar por que Roma caiu depois de ter-se tornado oficialmente cristã, ao mesmo tempo que apresenta, de forma mais geral, uma teologia cristã da história. O ministério está alicerçado na proclamação do que é atemporal, porém, conforme a prática de Agostinho e de muitos outros, o ministério deve aplicar o atemporal ao presente.

O ministério pastoral como ofício

Aqueles que administram os mistérios da graça de Deus em Cristo (cf. 1Co 4.1) não estão em uma atividade comercial, mas, sim, em um "ofício". Em uma carta

ao bispo Valério, em 391, Agostinho expressou sua opinião de que não havia "nada nesta vida, e especialmente neste momento, mais fácil, mais agradável ou mais aceitável para os homens do que o ofício de bispo, sacerdote ou diácono".[15] Essa crítica severa é notável não apenas por causa da mudança de expectativas do ministro depois de Constantino, mas também em razão do uso da palavra "ofício" para descrever a vocação pastoral.

O uso de "ofício" por Agostinho para descrever o ministério pastoral continuou com os primeiros teólogos da igreja. Tertuliano utilizou o termo no início do terceiro século para falar contra as pastoras.[16] Hipólito empregou a palavra em 215 para falar do rito de iniciação pastoral: "Se um confessor foi posto na prisão por causa do nome do Senhor, não se realiza imposição de mãos sobre ele", pois, por meio de seu sofrimento, esse cristão "tem a honra do ofício".[17] Ao que parece, na época de Agostinho, era comum falar do ministério pastoral como um ofício. Esse costume permaneceu ao longo de todo o período medieval. Em sua *Regra pastoral*, Gregório I censura, por exemplo, aqueles que buscam sem humildade "o ofício do cuidado pastoral".[18] Séculos mais tarde, Tomás de Aquino utilizou o termo em sua *Summa theologica*, ao falar, por exemplo, sobre a necessidade de somente os sacerdotes, "cujo ofício é batizar de forma solene", realizarem o rito de iniciação.[19]

Avançando em nosso panorama cronológico por um instante, os reformadores também empregaram o título, embora rejeitassem uma divisão entre ofícios "espirituais" ou eclesiásticos e vocações leigas. Calvino, por exemplo, falou de "quatro ofícios" da igreja, inclusive o de pastor ou doutor.[20] Do período da Reforma Protestante em diante, o ministério pastoral como "ofício" se tornou quase universal nas concepções protestantes acerca do pastor, embora tenha se tornado menos proeminente no século 20. Ao longo da história da igreja antiga e medieval e na Reforma Protestante, o termo "ofício" é muitas vezes utilizado para indicar a natureza consagrada do pastor ou, então, a falta de qualificação de uma pessoa para exercer esse cargo.

A palavra "ofício", acompanhada dos adjetivos "pastoral" ou "teológico" (parece que eram relativamente intercambiáveis no passado), está associada em diversas épocas a um conceito bem elevado do ministério pastoral e da solenidade

sagrada dessa função, o que talvez ajude a esclarecer por que esse termo soa vagamente ultrapassado aos nossos ouvidos. Essas palavras indicam o caráter solene e a importância do ministério. Ninguém escolhe esse ofício: a pessoa é chamada pelo Senhor para exercê-lo e é designada pela igreja. Um ofício teológico é uma atividade consagrada ao serviço a Deus, e a pessoa nesse ofício é responsável por seus deveres sagrados não apenas diante de uma congregação inteira, mas também, em última análise, diante do Deus que governa o céu e a terra.

O período medieval: escolasticismo e monasticismo

A ideia de trabalho pastoral mudou no período medieval. Estamos nos esforçando para resumir esse movimento pastoral e sacerdotal que se estendeu por um milênio, aproximadamente de 500 a 1500. No entanto, podemos identificar ao menos duas grandes tendências no desenvolvimento da prática e do entendimento pastoral da Igreja Católica na Idade Média.

Em primeiro lugar, a teologia passou a pertencer mais à esfera do que poderíamos chamar de "teólogos acadêmicos". É claro que os escolásticos trouxeram muitas contribuições importantes para a doutrina cristã, sendo Anselmo e Aquino dois dos pensadores mais notáveis do período. A "teoria da expiação pela compensação" elaborada por Anselmo retratou com fidelidade um aspecto central do ensinamento bíblico sobre a crucificação que os reformadores desenvolveriam em seu intento de recuperar a ideia bíblica de "substituição penal". A obra *Cur Deus homo* (*Por que Deus se tornou homem*?), de Anselmo, defendeu a necessidade da encarnação e a associou com a expiação, um vínculo teológico fundamental. Aquino ofereceu muitas contribuições em vários campos para a teologia cristã, em especial sua doutrina da guerra justa, seus "cinco argumentos" que fundamentam a crença na existência de Deus e o desenvolvimento do conceito agostiniano da predestinação.

Esses personagens e outros — com Abelardo, Occam e Scotus como os mais proeminentes entre eles — trouxeram contribuições muito significativas para a comunidade teológica. Entretanto, isso era parte de um problema cada vez maior: à medida que a Igreja Católica crescia e se expandia, o ensino teológico

passou a ser mais uma área dos mestres acadêmicos e menos da responsabilidade de pastores estudiosos. Aqui vemos a segunda grande tendência do ministério pastoral na Idade Média: ele tornou-se parte do ministério prático, do serviço focalizado em ações, em vez de ser a esfera central do exercício da tarefa teológica. Líderes como Gregório I, Bernardo de Claraval e Francisco de Assis treinaram muitos seguidores para adotar um ministério mendicante e realizar boas obras. Certamente, esses deveres fazem parte da descrição bíblica do pastor. Entretanto, para nossos fins, essa mudança para a "prática pastoral", como poderíamos chamá-la, significou que muitos líderes de igrejas locais se viram menos como teólogos, como no passado, e mais como assistentes espirituais.

O despertamento promovido pela Reforma: pastores protestantes

No início do século 16, a igreja europeia oficial já havia se afastado do ensino e do modelo de ministério pastoral da igreja antiga. A Reforma representa tanto uma recuperação da doutrina bíblica quanto uma restauração do modelo pastoral da igreja antiga. Em seu cargo na tumultuada Wittenberg, Martinho Lutero ensinou que o pastor existia para o propósito supremo de esclarecer o evangelho e apresentar Cristo ao povo. Há uma continuidade considerável entre a visão de Agostinho e a de Lutero sobre o pastor, conforme percebemos nas preleções de Lutero sobre Gálatas:

> Portanto, sempre repetimos, defendemos e inculcamos essa doutrina da fé ou da justiça cristã para que seja observada sempre e distinguida, com precisão, da justiça das obras da Lei. (Pois a igreja é edificada apenas por essa doutrina e por meio dela, e nela se fundamenta.) De outra forma, não seremos capazes de observar a verdadeira teologia e logo nos tornaremos advogados, ritualistas, legalistas e papistas. Cristo ficará tão oculto que ninguém na igreja será corretamente ensinado ou consolado. Portanto, se desejamos ser pregadores e mestres de outras pessoas, temos de tomar muito cuidado nessas questões e manter a distinção entre a justiça da Lei e a justiça de Cristo.[21]

Para Lutero o trabalho do pastor é, ao mesmo tempo, uma ocupação extremamente séria e um encargo vivificador. Se interpretarmos de modo errado a Lei e o evangelho, afastamo-nos da "teologia verdadeira" e ocultamos o próprio Cristo, pois é impossível conhecer e entender Cristo sem uma compreensão correta de sua obra justa. Pregar a justiça por meio da fé implica, na perspectiva de Lutero, cumprir a missão fundamental de "pregadores e mestres de outras

pessoas". Portanto, o pastor é comissionado por Deus para "inculcar essa doutrina da fé". O trabalho de proclamar a "verdadeira teologia" que realmente salva e transforma as pessoas exige "muito cuidado" e discernimento teológico extraordinário. Assim, Lutero tinha um elevado conceito do ofício pastoral.

Essa concepção do ministério pastoral foi apoiada e até mesmo desenvolvida por João Calvino, companheiro de Lutero na batalha espiritual. Da perspectiva humana, designado ao ministério pastoral de Genebra pela argumentação ardente de Guilherme Farel, Calvino testemunhou a profunda bênção do Senhor em seu ministério com grande ênfase doutrinária. Mais do que Lutero e do que qualquer outro pastor de sua época, Calvino desenvolveu um ministério pastoral intencionalmente teológico em Genebra. Em sua obra *Institutas da religião cristã*, Calvino definiu o ofício do pastor como relacionado de forma inseparável às Escrituras:

> Portanto, esse é o poder soberano com o qual os pastores da igreja, independentemente do título que recebam, devem estar investidos, para que tenham grande ousadia em fazer todas as coisas pela Palavra de Deus; obriguem todo poder, glória, sabedoria e exaltação do mundo a se submeterem e a obedecerem à sua majestade; sustentados pelo poder do Senhor, comandem a todos, desde o mais importante até o mais humilde; edifiquem a casa de Cristo e derrubem a de Satanás; alimentem as ovelhas e expulsem os lobos; instruam e exortem os ensináveis; acusem, repreendam e persuadam os rebeldes e obstinados; unam e soltem; por fim, se necessário, lancem raios e relâmpagos, mas façam todas as coisas com base na Palavra de Deus.[22]

O poder do ministério se deve totalmente à Palavra de Deus. A definição de Calvino associa toda ação e todo poder no serviço eclesiástico com as Escrituras. Sua plena confiança como ministro estava na Bíblia, que ele acreditava claramente chamar todos a prestarem contas, os que tinham o "poder mundano" inclusive. Na condição de pastor-dirigente de Genebra, não surpreende o fato de que Calvino tivesse essa perspectiva; ele não era um magistrado da cidade, mas exerceu profunda influência moral nela.

A principal ação de influência de Calvino era o sermão, e seu modelo de pregação era expositivo. Calvino, como tantos outros reformadores (inclusive um grande número treinado por ele), sempre pregou ao longo de livros da Bíblia, interpretando o texto com simplicidade e, ao mesmo tempo, erudição. No final da vida, em seu testamento, ele resumiu o objetivo da sua pregação: "Tenho me

esforçado, tanto em meus sermões como também em meus escritos e comentários, a pregar a palavra com pureza e simplicidade e a interpretar fielmente as Escrituras Sagradas".[23] Para isso, Calvino estudava com grande dedicação durante a semana, forçando os limites de seu corpo, a fim de entender a passagem em análise e apresentar seu sentido correto, um sentido sempre condicionado pela graça de Deus em Cristo. Em seguida, após concluir a preparação, subia ao lugar alto do púlpito, abria sua Bíblia e pregava sem anotações. Esse foi um ministério grandioso, não por causa de floreios ou artifícios, mas porque a pregação de Calvino exaltava um Deus grandioso e gracioso, que edificava seu reino por meio do trabalho humilde e, ao mesmo tempo, poderoso de exposição regular, objetiva e semanal das Escrituras, um domingo após outro, um sermão após outro.

Em sua pregação e em seu programa ministerial mais amplo, Calvino procurava oferecer não apenas instrução exegética, mas também "supervisão moral".[24] Calvino sabia que, ao contrário do que alguns estudiosos atuais defendem, não conseguiria tornar as pessoas cristãs. No entanto, tomou providências para que os pastores cuidassem da vida moral da cidade sob suas ordens. Conforme observado por Scott Manetsch, "o tipo de disciplina promovido pela igreja e praticado de forma singular em Genebra era resultado de reflexão bíblica e teológica bem como de prática diária".[25] Calvino, Beza e o grupo de ministros que treinaram deram muita atenção ao fato bíblico de que Jesus confiou as "chaves" de seu reino aos discípulos (cf. Mt. 16.19;18.18,19). Os pastores-teólogos de Genebra interpretaram o "poder das chaves", expressão utilizada pelos reformadores, com o sentido de que os pastores eram responsáveis por exercer a disciplina eclesiástica. Na cidade, isso levou à formação de "um complexo sistema de observação e supervisão pastoral nas paróquias da cidade e da zona rural".[26] Esse sistema representou a concretização, ainda que imperfeita, de uma visão teológica da igreja genebrina, uma visão implementada pelo pastor-teólogo de destaque da época. Com certeza, os genebrinos nem sempre viveram à altura dos próprios padrões elevados. Mas seu objetivo era tornar a santidade de Deus real na vida das pessoas.

Calvino não esteve sozinho na busca da transformação de seu ambiente por meio de um ministério pastoral revigorado. Outros reformadores outorgaram considerável autoridade a suas equipes pastorais. Em seus ministérios, Ulrico Zuínglio, em Zurique (Suíça), e John Knox, na Escócia — para citar apenas dois outros importantes reformadores —, agiram com a convicção, em um grau que muitos pastores modernos talvez evitem, de que as Escrituras se dirigiam à vida como um todo, inclusive à sociedade. Foi a confiança na Palavra de Deus que levou os reformadores a essa convicção e transformou a Europa do século 16. Um colega de Knox, Thomas Randolph, resumiu o impacto do pregador em palavras que se tornaram famosas: "Eu lhes garanto que a voz de um só homem consegue em apenas uma hora pôr mais vida em nós do que quinhentas trombetas tocando sem parar em nossos ouvidos".[27] Essas são palavras impactantes para qualquer época, mas na era da Reforma havia evidência em abundância de sua veracidade.

Pastores teológicos: os puritanos e o aspecto prático da verdade

Os puritanos, herdeiros da Reforma Inglesa que passou por várias interrupções, viam o ofício pastoral de forma semelhante aos reformadores. O pastor era um médico de almas, um teólogo que aplicava todo o significado da doutrina bíblica à vida de seu povo carente.

Essa concepção se aplicava ao cerne de seu ministério. Os puritanos definiam teologia da perspectiva eclesiástica. William Ames, autor do manual clássico de teologia puritana *Medulla ss. theologiae* (*The marrow of sacred theology* [A essência da teologia sagrada]), definiu a própria teologia como "a doutrina sobre o viver para Deus". Em seu livro, Ames defendeu que, "se a forma mais sublime de vida para o ser humano é aquela que chega mais próximo do Deus vivo e vivificador, a natureza da vida teológica é viver para Deus".[28] Na explicação de Ames, a teologia diz respeito à vida. Ela existe para o povo de Deus e serve para que ele floresça diante do Senhor. A teologia pertence aos que desejam viver para Deus, conhecer sua vontade e valorizar sua bondade. Essa é uma definição pré-moderna e pré-crítica de teologia que tem muito em seu favor, como os capítulos a seguir mostrarão.

Os puritanos amavam teologia, mas a amavam porque em grande parte ela era adequada para a vida. Poucos em seu grupo defenderam a praticidade da verdade bíblica mais do que Richard Sibbes, o "agradável encorajador" de Cambridge. Sibbes desenvolveu a famosa descrição do cristão como um "caniço ferido" que tem necessidade fundamental de Cristo e de seu consolo:

> O caniço ferido é alguém que na maioria das vezes experimenta alguma aflição, como os que vieram a Cristo em busca de ajuda, e é levado por meio da aflição a ver o pecado como a causa dessa condição, pois, quaisquer que sejam as justificativas do pecado, elas acabam quando estamos feridos e quebrados. Ele é sensível ao pecado e à aflição, até mesmo à ferida; e, ao ver que não encontrará ajuda em si, é levado por um desejo incessante a obter socorro de outro, e isso ele faz com alguma esperança, a qual o leva a sair de si e se erguer até Cristo, embora não ouse reivindicar ter direito algum à misericórdia. Esse lampejo de esperança torna-se um pavio fumegante, em oposição às dúvidas e aos temores que resultam de seu estado de corrupção; assim, essas duas realidades, o caniço *ferido* e o pavio *fumegante*, constituem a condição de um pobre homem angustiado. Esse é o estado daquele que Cristo, nosso Salvador, chama de "pobre de espírito", o indivíduo que percebe suas necessidades e também se vê em dívida com a justiça divina.[29]

Dada essa condição de fraqueza, o crente precisava da igreja, que Sibbes descrevia como "*um hospital comum*, em que todos, em alguma medida, estão doentes com alguma enfermidade espiritual, de modo que todos têm oportunidade de exercitar o espírito de sabedoria e mansidão".[30] Nas mãos de Sibbes, a teologia é, em sua essência, o consolo na forma de Cristo para um povo exausto, necessitado, corrompido.

Obtemos uma compreensão ainda mais clara das associações brilhantes entre a teologia e a vida elaboradas pelos puritanos ao observarmos o ministério de Richard Baxter, o catequista que atuou em Kidderminster, pequena cidade da Inglaterra, no século 17. Ele foi imortalizado como pastor graças a seus esforços incansáveis para treinar as oitocentas famílias de sua congregação nos fundamentos da fé bíblica. Por essa razão, Baxter é geralmente classificado como "teólogo prático". No entanto, vislumbramos aqui a dificuldade dessa classificação. Afinal, por trás do extraordinário programa ministerial do puritano estava a firme convicção de que a principal necessidade da igreja era instrução teológica de tal forma que produzisse um coração transformado.

Em sua obra clássica *O pastor aprovado*, Baxter sugeriu que os membros da igreja precisavam ter em suas almas coisas de valor eterno que seus pastores

deveriam estimular:

> Esses são os fundamentos que têm de conduzir os homens a outras verdades; é com base neles que os cristãos devem edificar tudo o mais; são esses fundamentos que têm de operar todas as obras da graça e servir de base para edificar todos os aspectos da vida; são esses fundamentos que devem fortalecê-los contra as tentações. Quem não os conhece, nada conhece; quem os conhece bem, conhece o suficiente para tornar-se feliz; e quem os conhece melhor é o melhor cristão e com maior entendimento.[31]

Sem a verdade bíblica, os cristãos não têm nenhuma "base para edificar todos os aspectos da vida", não têm nada que possa "fortalecê-los contra as tentações". Baxter cria que havia uma correspondência entre conhecimento e maturidade. Purves observa que Baxter realizou seu trabalho "com base na visão de que a graça faz parte da vida da pessoa por meio do crescimento em entendimento".[32]

Os puritanos não eram pastores impecáveis; tinham seus defeitos. No entanto, seu ministério como um todo estava fundamentado nas Escrituras e na necessidade pura e simples de ensiná-la. Nesse sentido, eles representam um modelo fiel para pastores-teólogos modernos seguirem. J. I. Packer, um dos mais eminentes estudiosos dos puritanos, disse que a interpretação das Escrituras deles revela que acreditavam que "as Escrituras são um livro doutrinário; elas nos ensinam sobre Deus e sobre as coisas criadas em sua relação com ele".[33] A Bíblia toda era "teocêntrica", o que significa que os pastores puritanos ensinavam a seu povo a "perspectiva das Escrituras centrada em Deus". Isso significava que, "embora o homem caído se veja como o centro do universo, a Bíblia nos mostra Deus na posição central e descreve todas as criaturas, inclusive o homem, em sua devida perspectiva — como seres que existem por Deus e para ele".[34]

Vemos que os puritanos se apropriaram teológica e intelectualmente da ordem criada, estabelecendo-se como os principais intérpretes da vida e do pensamento neste mundo. Assim como os pastores luteranos e reformados do período da Reforma, eles se assustariam com a sugestão de que, como pastores, não tinham condições de atuar como teólogos de seu povo. Talvez perguntassem: "Quem mais *a não ser* o pastor tem capacidade para essas coisas?". Para os puritanos e milhares de ministros na história da igreja, o trabalho pastoral não era uma fuga do trabalho teológico, mas o chamado para demonstrar de forma concreta a

verdade na vida da igreja. Os puritanos entendiam que a teologia só pode ser pública: o povo de Deus vivendo para ele com base em sua verdade.

Representantes de uma "ocupação divina": os seguidores de Edwards e a esfera pastoral

O maior pastor dos Estados Unidos era filho de puritanos. Em razão desse famoso legado, é fácil esquecermos que Jonathan Edwards passava muito pouco tempo na torre de marfim. Nunca foi um professor de seminário ou universidade no sentido moderno. Edwards produziu muitos de seus tratados em meio a um ministério pastoral cheio de demandas, na maior igreja da Nova Inglaterra, nos arredores de Boston. Mais tarde, escreveu grandes obras teológicas enquanto servia como missionário na fronteira do estado de Massachusetts.

Poucos pastores alcançarão Edwards em sua produção como autor e teólogo. Dito isso, sua concepção de ministério e seu exemplo pessoal oferecem um grande incentivo ao ministério teológico realizado em favor da igreja. Seus sermões de ordenação, em muitos casos pregados em locais distantes e isolados, deixam claro que o serviço sagrado que o ordenando estava prestes a começar era um chamado doutrinário. Em um desses sermões, em que tratou da natureza do vínculo entre o pastor e as pessoas, Edwards defendeu que o ministério pastoral é tão somente um ministério do evangelho:

> A ocupação do evangelho é propriamente uma ocupação divina. Os que são chamados para essa obra são chamados a uma tarefa que pode ser corretamente considerada obra de Cristo. É uma atividade em que a pessoa, em todos os aspectos, precisa estar envolvida com Deus. Implica agir em nome do povo de Deus diante de Deus ou, então, agir em nome de Deus junto ao povo. Tudo consiste em agir com o foco em Deus ou como seu representante. E agir para Deus, que é a finalidade imediata da obra ministerial — mais do que em qualquer outra obra ou trabalho que os homens sejam chamados a realizar neste mundo.

Edwards concluiu a ideia associando o pastor a Cristo:

> Quando um povo convida um ministro é para que ele seja alguém por meio de quem as pessoas poderão dar continuidade a seus negócios com Deus — alguém que age pelo povo diante de Deus e com a ajuda de quem o povo poderá adorar o Senhor. O ofício ministerial não é um ofício de um reino humano ou terreno, mas ofício do reino de Cristo. Um ministro do evangelho é um oficial de Cristo, e seu trabalho deve ser um instrumento para levar adiante a obra de Cristo, a obra de redenção.[35]

Há muitos trechos dos livros de Edwards sobre a identidade pastoral que vale a pena citar, mas os que mencionamos captam a convicção inabalável de Edwards de que pastores exercem uma "ocupação divina", uma expressão maravilhosa. Em sua totalidade, "em todos os seus aspectos", o ministério pastoral lida com Deus, portanto, o pastor é principalmente um líder teológico. Quase não existe sofisticação nesse conceito de ministério, mas há muita glória. Pode-se dizer que o pastor é alguém escolhido, que está de modo incansável "com Deus". Servir diante de Deus em nome do povo ou junto ao povo em nome de Deus é para o ministro, em ambos os casos, "a finalidade imediata da obra ministerial". Essa é uma função diferente de todas as demais.

No modelo de Edwards, o pastor não devia perder tempo procurando ansiosamente carreiras mais sofisticadas e rentáveis. Os líderes da igreja eram oficiais de Cristo, instrumentos na "obra de redenção", a maior obra que o mundo veria. Por isso, Edwards concentrou boa parte de sua atenção no "despertamento", a salvação de almas por meio da pregação do evangelho. Edwards pregava Cristo tanto para o cristão professo quanto para a alma errante. Seu ministério teológico alimentou e impulsionou sua pregação por conversões, em vez de a sufocar. O estudo e a reflexão profunda produziram nele um desejo ainda maior de alcançar almas. Em Edwards não havia uma tensão entre brilhantismo intelectual e paixão evangelística. Ao contrário, um fomentava o outro, como seu entusiasmo pelos Grandes Despertamentos das décadas de 1730 e 1740 demonstra claramente.

Ler os sermões de Edwards é ouvi-lo rugir. Seu ministério pastoral não foi apático, pois envolvia trabalho teológico de alto nível, no mesmo sentido que o aconselhamento de Freud envolvia psicologia, que o trabalho acadêmico de Einstein envolvia ciência e que o trabalho de Churchill envolvia política. Robert Caldwell expressou bem: "Edwards estava convencido de que o principal caminho para a transformação cristã ocorria por meio do ensino das grandes verdades do cristianismo. Só quando a mente tem informação suficiente de teologia bíblica é que o coração e a vida podem ser transformados pelo evangelho". Com essa finalidade, Edwards "dedicava longas horas ao estudo das Escrituras a fim de que sua congregação pudesse se beneficiar de suas valiosas

meditações na doutrina bíblica". Além disso, "ele escreveu sermões e tratados sobre a vontade, a virtude moral, a mente e muitos outros temas".[36]

Semana após semana, Edwards pregava o texto bíblico. Ele não era um expositor no sentido de pregar versículo por versículo, como é comum entre pregadores atualmente; em vez disso, Edwards com frequência concentrava a atenção em uma única expressão ou frase da Bíblia. Depois de comentários explicativos sobre o contexto da passagem, analisava a "doutrina" do texto, adotando, em geral, um de vários cursos homiléticos: fundamentação da ideia com o uso da teologia bíblica, fazendo associações canônicas com seu texto; exposição da teologia ou da filosofia fundamentadas no versículo; apresentação de um extenso comentário sobre a situação de suas ovelhas e a necessidade que tinham de arrependimento e fé. Todo esse trabalho era desenvolvido visando à aplicação, que com frequência era tão teológica quanto a seção anterior. Considere o seguinte trecho do sermão "A excelência de Cristo":

> Permita que o que tenho exposto se desenvolva e o leve a amar o Senhor Jesus Cristo e a escolhê-lo como seu amigo e sua porção. Assim como em Cristo há uma união tão admirável de diversas excelências, nele também existe tudo para torná-lo digno de seu amor e sua escolha e para conquistá-lo e envolvê-lo. Tudo o que seja ou possa ser desejável em um amigo está em Cristo, e isso no mais elevado grau que possa ser desejado.[37]

Para Edwards, não é o amor de Cristo que, em primeiro lugar, leva a humanidade a segui-lo e a adorá-lo, mas a "união tão admirável de diversas excelências" que as pessoas encontram somente nele. Por isso, Edwards chamava seus ouvintes a se tornarem amigos de Cristo, a experimentarem afeição e felicidade do "mais elevado grau".

Esse teólogo não estava se afastando de sua tradição ao tratar de todas as perspectivas da vida espiritual, filosófica e teológica. Ele havia sido criado em uma grande tradição expositiva que chamava os pregadores não ao menor denominador comum na transmissão da mensagem, mas à prática de um ministério diversificado, com o estímulo do intelecto e das afeições em seu centro. Richard Bailey comentou que "a pregação de Edwards foi influenciada por vários manuais homiléticos da época, em particular as obras *Manductio ad ministerium*, de Cotton Mather, e *The preacher* [O pregador], de John Edwards.

Ambos os livros aparecem logo no início do 'Catalogue' [Catálogo] de Edwards, uma lista de obras que documenta seus interesses de leitura". De acordo com John Edwards, o pregador "tem de ser um linguista, gramático, crítico, orador, filósofo, historiador, casuísta, polemista e tudo o que revele habilidade e conhecimento em qualquer ciência verdadeira" enquanto procura preparar sermões "como se fossem diamantes: sólidos, mas também cristalinos".[38]

Em sua pregação, Jonathan Edwards não sentia constrangimento em relacionar todas as áreas da vida a Deus. Se uma área da ordem criada por Deus chamava sua atenção, ele sentia a gloriosa liberdade de identificá-la em sua cosmovisão teocêntrica e pregá-la ao seu povo. Esse foi o resultado prático de ser um ministro do evangelho, alguém que servia ao reino de Cristo e observava o mundo de perto, exercendo domínio sobre a criação. Dois séculos antes de o teólogo holandês Abraham Kuyper retratar Cristo declarando: "Minha!", em reivindicação de toda a sua criação, Edwards já dizia: "Dele!" em sua pregação e escritos.

Os seguidores de Edwards, criadores de uma escola teológica autóctone chamada Nova Teologia, serviram também de pastores-teólogos. Assim como Edwards, buscavam o avivamento onde quer que fossem e continuavam a fazer as grandes perguntas das Escrituras e da fé. Eles eram intelectualmente interessados, examinando com atenção diferentes disciplinas para investigá-las em busca de sabedoria e discernimento e escrevendo com todo o entusiasmo. Conforme E. Brooks Holifield revelou, esses homens e seus contemporâneos alcançaram um recorde impressionante de publicações nos séculos 18 e 19:

> O presbiteriano Jonathan Dickinson ficou famoso internacionalmente por combinar calvinismo com a devoção do despertamento. Samuel Johnson, no estado de Connecticut, sentia-se à vontade tanto com a teologia sacramental anglicana quanto com o pensamento moral britânico e com a filosofia. Cotton Mather escreveu a história da Nova Inglaterra, James Blair e William Stith, a história do estado de Virgínia, e Jeremy Belknap, a história do estado de New Hampshire. Jedidiah Morse foi o geógrafo de maior destaque nos Estados Unidos. Francis Allison e John Witherspoon tornaram popular a filosofia escocesa. John Clayton e John Bannister, no estado da Virgínia, elaboraram registros botânicos, enquanto Jared Eliot escreveu sobre a produção de ferro e o cultivo da terra na Nova Inglaterra. Edward Taylor, Timothy Dwight e Conowry Owen tornaram-se famosos como poetas da colônia. Próximo ao final do século, advogados e cientistas políticos assumiram a liderança, mas, durante a maior parte desse período, os clérigos foram os intelectuais dos Estados Unidos.[39]

A última afirmação talvez surpreenda o leitor moderno. O título "intelectuais dos Estados Unidos" não incluiria, necessariamente, a classe de pregadores atuais. No entanto, esse resumo dos fatos merece reflexão. Há algo vibrante e cheio de vida na reconstrução de Holifield. Nesse resumo, há algo que se move e respira, mas está adormecido nos dias atuais. No passado, pastores foram teólogos — teólogos com convicção intelectual e não apenas espiritual. Com frequência, eram os cidadãos com melhor nível educacional em sua comunidade: generalistas eruditos. Falavam com autoridade sobre uma ampla gama de assuntos. Acreditavam que estavam na *melhor* posição para esse tipo de trabalho porque a Palavra de Deus interpretava o mundo com autoridade.

A virada moderna: populismo, profissionalismo e a subjugação do ministério pastoral

Se o ministério pastoral é uma ocupação divina, então poderíamos descrever sua crise moderna como uma recessão teológica. Para que essa afirmação faça sentido, temos de compreender primeiro os efeitos da época posterior a Edwards, o final do século 18 e o início do 19, que abalaram a ordem estabelecida que os puritanos e seus herdeiros haviam presevado com tanto zelo.

O Grande Despertamento, impulsionado pela pregação de Edwards, George Whitefield, John Wesley e um exército de outros pregadores, sacudiu as colônias e, ao se estender pelo século 18, a jovem república. Nessa época não era preciso ser membro do clero formal para pregar; qualquer pessoa poderia seguir o exemplo de Whitefield, o incansável e célebre evangelista ao ar livre, e declarar junto com Wesley que o mundo é sua paróquia. Quando o Primeiro Grande Despertamento deu lugar ao Segundo, isso produziu novos movimentos e fortaleceu denominações recém-criadas. No início do século 19, os batistas e metodistas tiveram um enorme crescimento à medida que uma geração de pastores e evangelistas itinerantes percorria o país.

O efeito desses despertamentos nos Estados Unidos foi revolucionário. De acordo com Nathan Hatch, um renomado historiador e estudioso do século 19, foram esse período e sua "onda de movimentos religiosos populares" que "contribuíram para cristianizar a sociedade norte-americana mais do que

qualquer outra coisa antes ou depois".[40] Nenhum pregador exemplificou melhor o espírito do turbulento Segundo Grande Despertamento do que Charles Finney. Depois de entrar para o ministério sem ter quase nenhum treinamento formal, ele logo procurou modificar a teologia dos avivamentistas da linha de Edwards, os quais — ele acreditava — impediam os pecadores de vir a Cristo por causa de sua crença na necessidade da graça soberana. Finney se apropriou da ideia de Edwards da "incapacidade natural", mas transformou-a em "capacidade natural", em uma formulação parecida com a teologia pelagiana. Segundo Finney, em seu "ser interior", os pecadores têm "consciência da capacidade de desejar e do poder de controlar de forma direta sua vida exterior e, de modo direto ou indireto, o estado de seu intelecto e sentimentos por meio do exercício da vontade".[41] Assim, no sistema de Finney, a conversão tornou-se uma questão de descobrir o correto dispositivo da vontade. Voltar-se para Cristo era, em uma declaração que foi um divisor de águas, "resultado puramente filosófico do uso correto dos meios estabelecidos".[42] Por isso, Finney instituiu o "banco dos angustiados"[43] e outros métodos que impunham enorme pressão psicológica e emocional no pecador. Ao contrário dos avivamentistas anteriores, Finney entendia que a conversão não exigia um milagre, mas era garantida com as técnicas apropriadas. Finney exerceu importante influência em colegas pregadores cristãos. De acordo com Randall Balmer e Lauren Winner, dezenas de outros protestantes "começaram a adotar as práticas de Finney quando viram quantos convertidos ele era capaz de alcançar em uma única noite de pregação".[44] Esse espírito confiante tinha bastante relação com as mudanças que ocorriam nos Estados Unidos. A chamada Decisão de Dedham, em 1820, foi o ápice do que vinha se desdobrando por décadas, até mesmo séculos: a igreja cristã deixou de ser oficial em definitivo. De acordo com as implicações e os desdobramentos dessa decisão, as igrejas locais já não contavam com o apoio financeiro de cada cidadão proprietário de terras, que até aquela decisão tinham a obrigação de pagar um imposto eclesiástico.

Isso provocou uma mudança realmente impressionante na vida norte-americana, que correspondeu, de modo perfeito, ao clima político do país. Inovações e a proclamação sem restrições do evangelho se tornaram o meio pelo

qual alguém conquistava ouvintes. Em muitos lugares, o treinamento formal era considerado um elemento que tirava a vitalidade do jovem pregador e da igreja que tolerava sua pregação formal. Os sermões puritanos com cinquenta subdivisões estavam fora de moda; o ventríloquo espontâneo, mestre em contar historinhas cotidianas, estava na moda. Como Hatch afirmou, movimentos religiosos recém-criados enfrentaram os desafios dessa nova época transformando a natureza do ministério pastoral e da pregação nos Estados Unidos ao longo do processo:

> Desesperados em conquistar convertidos em cada povoado e vilarejo, procuravam reuni-los em comunidades locais e regionais. Continuaram a reformular o sermão como um instrumento popular, convidando até os mais incultos e inexperientes a aceitarem o chamado para pregar. Esses principiantes foram encarregados de proclamar o evangelho em todo lugar e todos os dias da semana — até o limite de sua resistência física. O resultado dessa invenção, o sermão informal, empregava narrativas ousadas no púlpito, apelos sem limites, humor chocante, ataques fortes e diretos, aplicações com detalhes vívidos e relatos de experiência pessoal íntima.[45]

Em uma geração, os Estados Unidos deixaram de ser uma nação conhecida pela conservação cuidadosa do ofício pastoral — caracterizada por estudo, comunidades estáveis e sólida pregação teológica — para se tornar uma nação em que a separação entre igreja e Estado prevaleceu e os comunicadores populistas de grande talento, como Finney, predominaram. Ao mesmo tempo, à semelhança do que ocorreu com seus antepassados europeus, o mundo acadêmico cada vez mais secularizado nos Estados Unidos expandiu e reivindicou territórios da vida intelectual do país.

No final do século 19 e no início do 20, pastores concederam aos acadêmicos a condição de líderes intelectuais, abrindo mão de boa parte da grade de disciplinas que o Cristo de Kuyper (e de Edwards) havia reivindicado: "Minha!". De acordo com George Marsden, essa transição centralizou-se em alguns movimentos importantes que juntos ajudaram a transformar o mundo acadêmico norte-americano e, dessa forma, a igreja norte-americana. Em primeiro lugar, o trabalho acadêmico foi "visto como uma profissão por direito".[46] Em segundo lugar, nessa estrutura, a filosofia, a filologia e mais tarde as ciências naturais tomaram o lugar da teologia como a rainha das ciências. Em terceiro lugar, a própria teologia foi separada da vida da igreja, em grande parte por causa da

divisão kantiana entre verdade "numenal" (espiritual) e verdade "fenomenal" (verificável).

Nesse contexto, teólogos se desdobravam para apresentar uma fundamentação de sua disciplina como academicamente respeitável, ao mesmo tempo que seus colegas intelectuais cada vez mais os consideravam envolvidos na reconstrução de contos de fadas. No século 18, pensadores iluministas haviam declarado que milagres estavam fora dos limites da ciência, mas foi só em meados do século 19, com a institucionalização da universidade moderna e sua ênfase na pesquisa, que o milagre e até mesmo o sobrenatural foram de fato excluídos do discurso acadêmico. Na Europa e nos Estados Unidos perdurou algum respeito por teólogos notáveis, a maioria dos quais tratava a Bíblia como um produto histórico completamente humano. Isso continuou até meados do século 20. Empregando um pouco de taquigrafia histórica, demorou algum tempo para o Iluminismo triunfar sobre o Grande Despertamento, e a vitória não foi reconhecida senão no final do século 20. No entanto, a comunidade teológica, em particular seus membros evangélicos, nunca mais seria a mesma. A rainha das ciências, a disciplina que ao longo de séculos teve Deus como seu objeto de estudo, havia sido reduzida a estudos religiosos, uma área que pesquisa apenas o comportamento humano (humano demais!). Se a sociedade fosse formada pelos participantes de um jantar de gala, cada vez mais os teólogos seriam encontrados num canto, abandonados a seus pensamentos fantásticos e a suas maldições religiosas.

Os teólogos sofreram com essa mudança cultural de grande impacto, mas os pastores sofreram ainda mais. Ao contrário do que ocorria anteriormente, a teologia se tornou disciplina do especialista, não de um generalista. Conforme observado, os teólogos se desdobraram para oferecer justificação teórica para sua ocupação. Em vez disso, muitos pastores ignoraram esses desdobramentos e concentraram-se no trabalho de sua igreja local ou então acenaram com uma bandeira branca. Em áreas urbanas no início do século 20, com algumas notáveis exceções, o ministério pastoral já havia se tornado uma profissão prática, mais preocupada em atender necessidades pessoais imediatas do que com a formulação de verdades atemporais. Essa concepção foi transmitida não apenas por uma

crescente cultura secular dos meios de comunicação, mas também por muitos seminários em que pastores foram preparados para o ministério. E. Brooks Holifield fez a observação de que William Rainey Harper, o arquiteto intelectual da Universidade de Chicago, "queria que a aprendizagem básica dos futuros ministros não ocorresse basicamente pelo domínio de um sistema teológico, mas por meio do desenvolvimento de habilidades especiais na pregação, ensino, deveres pastorais, música e administração da igreja". Isso significava um trabalho de pesquisa de campo enorme, pois o "ministro profissional teria conhecimentos especializados relacionados a habilidades práticas, não necessariamente um aprendizado teológico da forma antiga, mas um treinamento teológico para desempenhar as funções associadas ao ministério junto a uma congregação".[47]

Nas teorias de Harper, que transformaram sua época, testemunhamos uma mudança radical no ministério. Junto com as outras tendências mencionadas até aqui, presenciamos também a subjugação do ministério pastoral. Em sua grande maioria, os pastores adotaram essa nova identidade subjugada, reprimida e até mesmo secularizada. Sua área de atuação era "prática", embora muitos ministros procurassem se apegar ao que restou de sua antiga glória, justificando seu trabalho como uma "profissão".[48]

Com a crescente influência da mentalidade empresarial norte-americana na vida cultural, igrejas começaram a buscar se desenvolver exatamente como os grandes empreendimentos comerciais ao redor que alcançavam lucros astronômicos. A "eficiência" impulsionou o modelo de "crescimento de igreja", e a "administração" passou a ocupar o lugar mais importante na lista de deveres pastorais. Nesse ambiente, como H. Richard Niebuhr, professor da Yale Divinity School, escreveu:

> O diretor pastoral se torna o "grande empresário". Quando ministros comentam sobre os tipos de homens que são um fracasso no ministério, muitas vezes descrevem aquela pessoa que gerencia um clube religioso ou uma sociedade de bairro com bastante eficiência, ostentação e formalidade. Ele é ativo em muitos assuntos, organiza muitas sociedades, divulga o aumento de membros e de orçamento ocorrido em sua administração e, em geral, gere os negócios da igreja como se fossem parecidos com as atividades de uma associação comercial. Reagindo a essa secularização do ofício, alguns tentam retornar à ideia do pregador ou sacerdote. Mas as necessidades dos homens e as responsabilidades do ofício os impedem de fazê-lo. Então percebem que o "grande empresário" representa uma perversão do ofício do ministro não porque ele é um executivo, mas porque não administra o trabalho da *igreja*.[49]

Niebuhr coloca o dedo em um enorme problema que confronta a igreja. Fora das tradições confessionais, nos Estados Unidos da metade do século passado, o ministério pastoral havia perdido, em grande parte, sua natureza de ofício teológico; em muitos púlpitos esse conceito se perdeu e não foi recuperado.

O que foi dito anteriormente não significa que pastores com inclinação teológica, como C. H. Spurgeon, deixaram de ter um grande público no final do século 19. Com toda certeza isso não ocorreu, e os sermões de Spurgeon ainda falam. No entanto, conforme as tendências que acabamos de mencionar, o avivamentismo continuou com suas chamas ardendo à medida que evangelistas como Billy Sunday carregaram sua tocha ao longo do século 20. Uma frase famosa de Sunday, enunciada com bastante soberba, é que ele sabia tanto a respeito de teologia quanto uma lebre sabia de pingue-pongue, uma brincadeira que, de acordo com o historiador George Marsden, foi feita "basicamente com essas palavras".[50]

As realizações de Billy Sunday não tiveram precedentes na história evangelística; em muitas estimativas, ele pregou para mais pessoas do que qualquer outro avivamentista da história — até que, é claro, Billy Graham irrompeu em cena. A ascensão de Graham como avivamentista de fama mundial ajudou a consolidar as tendências já estabelecidas e documentadas até aqui. Graham se tornou uma celebridade mundial em 1949 após o magnata da imprensa William Randolph Hearst (que serviu de inspiração para nada menos que o Cidadão Kane, personagem do filme de mesmo nome) dizer à sua equipe para "adular Graham" depois de várias celebridades se converterem a Cristo publicamente em uma reunião evangelística de Billy Graham em Los Angeles. Graham e sua equipe tinham aprendido com predecessores como Whitefield, Finney e Sunday e haviam dado publicidade a essas conversões.

O uso do mercado por Graham não era sinal de que seu ministério tinha feito concessões; mostrou, porém, que nos Estados Unidos o ministério havia sofrido mudanças impressionantes em duzentos anos. Embora não haja nenhuma contradição real entre teologia e evangelização, muitos pastores evitaram a primeira em favor da última, seguindo o modelo dos megaevangelistas, que se inclinavam a considerar seu dever principal não a instrução bíblico-teológica, mas

a supervisão de um avivamento contínuo (e a atender às necessidades sentidas). Nesse ambiente, influenciado pelos fatores mencionados antes, a teologia parecia separada da evangelização e do ministério cotidiano da igreja local. O mecanismo evangelístico da igreja era forte, mas seus músculos teológicos haviam atrofiado por falta de uso.

Vislumbres de esperança: Harold Ockenga e a ousadia neoevangélica

Diante desses desdobramentos, alguns pastores se dedicaram à recuperação do modelo histórico do pastor — o pastor-teólogo —, procurando assim reparar o que o homem moderno havia despedaçado.

Em 1937, um pastor jovem e talentoso com o inesquecível sobrenome holandês Ockenga assumiu o leme da histórica Park Street Church [Igreja de Park Street], em Boston. Harold John Ockenga era de Chicago, havia estudado na Taylor University, de orientação avivamentista, recebido treinamento no rigoroso Princeton Theological Seminary, que estava se tornando teologicamente liberal, e se formou no Westminster Theological Seminary, com o incentivo e apoio do teólogo confessional J. Gresham Machen. Ockenga deu o passo incomum na época para obter um doutorado (na Universidade de Pittsburgh), mostrando um forte desejo de se equipar para um ministério pastoral teológico. Mas não buscou um ministério acadêmico à custa da evangelização. Sob sua liderança, a Park Street Church sustentou diretamente dezenas de missionários transculturais, promoveu eventos anuais para a valorização do ministério evangélico mundial e realizou por toda a cidade eventos de pregação dirigidos aos descrentes.

O ministério de Ockenga na Park Street Church, localizada em uma das extremidades do parque Boston Common, floresceu desde o início, com sua pregação atraindo pessoas da Universidade de Harvard, do MIT (Massachusetts Institute of Technology) e profissionais de nível superior, muitos deles vindo de todos os cantos da região. Ockenga não pedia desculpas por pregar sermões longos e intelectualmente ousados com base em uma "doutrina lógica". Entretanto, o pastor jovem e ambicioso não se satisfez em alimentar apenas seu requintado grupo de Boston. Queria inspirar uma geração de ministros jovens e

firmes. Quando convidado para ser o primeiro presidente do Fuller Theological Seminary, em 1947, ele defendeu um programa de grande rigor intelectual para os jovens estudantes cristãos:

> Não pretendemos deixar que nossa herança cristã se perca por negligência. O avivamento do pensamento e da vida cristãos não pode ocorrer em um vácuo. Nossas mentes têm de ser primeiro convencidas, antes de empenharmos nossa vida, nossos bens e nossa sagrada honra em alguma causa. Visto que na mente de muitos o alicerce da visão cristã de Deus, do mundo, do homem e do reino foi destruído pelo naturalismo e liberalismo, o dever solene e sagrado deste corpo docente será buscar a reconstrução desse alicerce com esforço acadêmico.[51]

Ockenga queria recuperar o modelo histórico de trabalho pastoral, o qual focalizava um ministério com solidez teológica que, em nome de Jesus Cristo, assumia o domínio de toda vida e pensamento. Aqui testemunhamos o ressurgimento do espírito confiante do passado. O cristianismo estava em posição de julgar o mundo, não o contrário; pastores que fossem treinados pelo erudito corpo docente de Fuller, liderado por seu primeiro diretor acadêmico, Carl F. H. Henry, estariam equipados para interpretar o mundo e proclamar a verdade de Deus.[52]

Diversos futuros líderes no serviço a Deus iniciaram o ministério depois de ouvir as pregações do próprio Ockenga. A influência de Ockenga não reverteu as tendências mencionadas antes, para dizer o mínimo. Mas, ao lado de contemporâneos e sucessores como W. A. Criswell, James Boice, D. Martyn Lloyd-Jones, Sinclair Ferguson, John Stott, Mark Dever, John Piper, John MacArthur e J. Ligon Duncan, Ockenga recuperou em seu ministério o modelo do pastor-teólogo, fundamentando seu trabalho em pregação, ensino e liderança claramente teológicos. A mensagem do evangelho dirigia todos os aspectos de seu ministério: ele não evitava instruir seu povo em todo o conselho de Deus, um dever que implicava exegese cuidadosa das Escrituras em vez de uma homilética de entretenimento. Ockenga cria que a Palavra alimentava o povo e, por isso, dedicou-se a um ministério pastoral teológico. Sua influência perdura até hoje à medida que uma geração de ministros que desejam ser pastores-teólogos procura, assim como ele, recuperar o ministério como — nas palavras de Jonathan Edwards, predecessor de Ockenga na Nova Inglaterra — um "ofício evangélico".

Conclusão: Rumo a que tipo de ministério pastoral?

Historicamente, pastores fizeram parte do grupo das mentes mais brilhantes da igreja cristã. O ministério pastoral não tem empurrado os líderes da igreja para dentro de uma pequena caixa, em que a possibilidade de pensar fica do lado de fora — pelo menos não até recentemente. Ao contrário, durante grande parte da história da igreja o ministério pastoral liberou líderes piedosos e talentosos para declarar e expor às pessoas as riquezas da Palavra de Deus. Essa é a atividade que os torna pastores-teólogos que submetem toda vida e todo pensamento ao domínio de Jesus Cristo para o bem do povo e para a glória de Deus.

A esperança é legítima. Afinal, até no mundo sombrio da ficção apocalíptica de Cormac McCarthy o fogo ainda está aceso. Um dos livros de McCarthy, o eletrizante romance *The road* [A estrada], apresenta uma conversa entre pai e filho anônimos que estão sozinhos e têm de superar muitos obstáculos terríveis para sobreviver. A narrativa é cheia de violência, mas em uma conversa reveladora há um sinal de esperança.

> FILHO: Vai dar tudo certo com a gente, não vai, papai?
> PAI: Sim, vai dar certo.
> FILHO: E nada de ruim vai acontecer com a gente.
> PAI: Isso mesmo.
> FILHO: Porque estamos carregando o fogo.
> PAI: Sim, porque estamos carregando o fogo.[53]

Se transpusermos essas palavras para a igreja, podemos observar que congregações evangélicas enfrentam a ameaça de declínio. No entanto, em meio a uma sociedade secular e a uma igreja que às vezes parece inclinada a trocar seu direito de primogenitura pastoral por um pedaço de carne, há grande esperança próxima de nós. Uma geração de pastores tem carregado o fogo, unindo a teologia com o ministério prático. Nosso desejo é que na presente geração Deus levante outros que também estejam dispostos a carregar o fogo.

Perspectivas pastorais

Como a teologia da fé salvadora tem afetado minha congregação

WESLEY G. PASTOR

Em 1746, Jonathan Edwards prefaciou sua grande obra *Religious affections* [Afeições santas] com uma pergunta que tem sacudido minha igreja nos últimos catorze anos: "Qual é a natureza da verdadeira religião?".[54]

Edwards afirmou que não havia "outra pergunta mais importante para a humanidade".[55] Com certeza não há nenhuma pergunta de maior impacto na Christ Memorial Church [Igreja Memorial de Cristo], fundada em 1992. A Christ Memorial viu dezesseis conversões em seus primeiros sete anos. No entanto, desde 1999 temos tido em média cerca de dezesseis conversões *por ano*, incluindo vários crentes professos. O que segue é minha "narrativa fiel" dessas conversões surpreendentes e minha explicação a respeito delas.[56]

Para mim, essa jornada começou quando eu era aluno do Dallas Theological Seminary, sob a orientação do dr. John Hannah, professor de teologia histórica. O dr. Hannah foi importante em minha decisão de plantar uma igreja na Nova Inglaterra, sendo meu mentor no estudo dos gloriosos Despertamentos e me apresentando ao pensamento de Jonathan Edwards, o grande teólogo do avivamento. Sue e eu nos mudamos para o estado de Vermont em 1991, e a Christ Memorial Church começou no ano seguinte.

Durante os primeiros sete anos, nossa igreja viu um crescimento constante, mas relativamente poucas conversões. Então, em fevereiro de 1999, um membro

ativo que havia professado a fé na adolescência se converteu de repente. Nossa congregação testemunhou a transformação radical desse "cristão" que foi salvo. As reações foram diversas. Alguns aceitaram rapidamente essa nova categoria. Outros foram mais cautelosos, talvez um pouco confusos. Alguns ficaram apenas irritados.

Sandy, mãe de quatro crianças e dedicada a ensinar os filhos em casa, em vez de mandá-los para a escola, ficou indignada.[57] Ela raciocinou que, se um cristão professo podia se iludir acerca de sua fé, ela também poderia. Enquanto Sandy se debatia com sua reação, Deus revelou que a culpa constante sentida por ela não era resultado de não compreender a graça, mas de não aplicá-la ao seu coração. Ela sentia remorso, mas não estava arrependida. No entanto, naquele verão, Deus entrou no coração de Sandy, levando-a à verdadeira fé em Cristo. Agora, sem o fardo de outrora, ela se regozijou com sua conversão e se regozija com a conversão de todos os que anteriormente haviam se iludido.

Naquele outono, iniciamos uma série de sermões sobre o livro de Hebreus, uma carta escrita para pessoas que haviam professado a fé e até mesmo sofrido por causa de Cristo, mas corriam o risco de se afastar do Senhor (Hb 3.12—4.13). Por isso, eu estava pregando regularmente sobre a natureza perseverante da verdadeira fé, que anseia pela cidade celestial, obedece mesmo em meio à perseguição e ama a comunhão dos irmãos (Hb 10.24,25,35-39;11.8-10;13.1-3).

Chet, filho de um pastor metodista e membro ativo de sua igreja durante quase vinte anos, veio a Cristo mais tarde naquele ano. Ele e a esposa queriam se tornar membros de nossa igreja, por isso lhes pedi que escrevessem seus testemunhos. Naquela noite, perceberam que não tinham um testemunho para apresentar. Nada em suas vidas se assemelhava à fé verdadeira. Permaneceram acordados, confessando, arrependendo-se e finalmente chegando a um conhecimento salvador de Cristo. Desde então, eles têm servido à igreja com alegria.

As conversões continuaram com adultos e adolescentes sendo alcançados. Marie estava observando. Como esposa de um dos presbíteros, Marie tinha lutado durante anos com um espírito crítico e incapaz de amar. Em meu sermão de final de ano em 2002, desafiei as pessoas de nossa congregação a amarem

umas às outras como amamos a nós mesmos, que é a característica distintiva da fé salvadora (Lc 10.25-28; 1Jo 3.11-24). Deus abriu os olhos da Marie para a força opressora de seu pecado, e ela experimentou uma conversão maravilhosa. No ano seguinte, enquanto eu pregava uma série de sermões sobre Romanos, Deus salvou Claire, uma funcionária da igreja que foi criada como judia, mas havia professado fé em Cristo havia quase vinte anos. Deus lhe mostrou que sua aceitação intelectual do evangelho tinha apenas aumentado sua consciência da lei, mas não lhe havia dado a capacidade de obedecer a ela (Rm 6—8; Tg 2.19). Marie e Claire até hoje caminham como novas criaturas.

Deus tem atuado. Ele tem salvado esposas adúlteras dos pastores auxiliares — até mesmo um pastor auxiliar que, refletindo sobre a obra *Religious affections*, de Jonathan Edwards, foi percebendo aos poucos que suas afeições eram ímpias. Exatamente, Deus tem agido por meio de uma compreensão maior da teologia da fé salvadora. Essa teologia, porém, não é nova. Em certo sentido, é a teologia dos puritanos, tão bem expressa por Jonathan Edwards. Mas na realidade é a teologia das Escrituras: dos Quatro Evangelhos, de Gênesis e Romanos, de Êxodo e Hebreus, de Deuteronômio e Tiago, das Epístolas Pastorais, das Epístolas de João e do Apocalipse. É a doutrina da salvação com foco na natureza da verdadeira fé que: (1) procede da eleição eterna de Deus Pai; (2) está fundamentada na morte, sepultamento e ressurreição de Cristo; (3) é iniciada com o toque sobrenatural do Espírito de Deus; (4) livra da punição, do poder e (por fim) da presença do pecado; (5) desenvolve-se em amor pelos irmãos; e (6) sempre persevera.

Os irmãos de nossa igreja compreenderam que a verdadeira fé é aquela que opera mudança de vida. Passaram a reconhecer que nem todo aquele que diz "Senhor, Senhor!" entrará no reino dos céus (Mt 7.21-23). Entenderam que o solo salvo produz frutos permanentes (Mc 4.1-20). A verdadeira fé, diferente da fé de Judas e dos judeus, continua firme e persevera mesmo em meio à perseguição (Jo 15.1-6; Ap 2—3). Sabem que é possível ter fé espúria, vã ou diabólica, nenhuma das quais salvará uma pessoa (Jo 8.30-59; 1Co 15.1,2; Tg 2.14-26). Para elas está claro que a fé real já não pratica o pecado, mas expressa a justiça e, em particular, demonstra amor pelos irmãos (1Co 6.9,10; Gl 5.19-21;

1Jo 3.1-10). Nossa igreja sabe que não há vida mais elevada nem mais profunda nem segunda bênção nem despertamento do evangelho, mas apenas uma fé que flui de modo sobrenatural do raio vivificador de Deus, produzindo novas criaturas que "levantam, vão em frente e seguem a Cristo".[58]

Deus tem sido gracioso com a Christ Memorial Church, despertando cerca de duzentas almas nestes últimos catorze anos e de modo que tem sido comprovado. Essa obra divina continua. Neste último verão, batizamos sete adolescentes, ouvimos um testemunho seguido do outro refletindo com clareza o que pensam de seus pecados, de seu Salvador e dos sinais de vida verdadeira que já tinham experimentado. A teologia da fé salvadora tem ajudado nosso povo a responder à pergunta mais importante da vida e a experimentar a liberdade da verdadeira fé: morrer cada vez mais para o pecado e viver cada vez mais para a justiça (1Pe 2.24). Conforme Jesus disse: "Se permanecerdes na minha palavra" — se tiverdes fé salvadora — "sereis verdadeiramente meus discípulos; e conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará" (Jo 8.31,32).

Um lugar para a verdade

KEVIN DEYOUNG

Se não estou enganado, nossa igreja é conhecida na cidade como a "igreja da teologia". Não digo isso para ganhar um tapinha de parabéns em minhas costas. Afinal, levar a teologia a sério não garante uma vida espiritual frutífera nem a maturidade na semelhança com Cristo. Ser conhecido pela fé, esperança ou amor pode ser mais seguro do que ser famoso pela erudição teológica. Tendo feito essas considerações, porém, prefiro fazer parte da "igreja da teologia" a fazer parte da "igreja que promove reciclagem de baterias", da "igreja com videogames no departamento de jovens" ou da "igreja com o fantástico gerador de fumaça nos cultos".

O desenvolvimento de uma igreja fundamentada em boa teologia e com fome de mais teologia começa no púlpito. Quando cheguei à University Reformed Church [Igreja Reformada Universitária] em 2004, recebi como herança um forte legado de pregação sólida e expositiva. Até os dias de hoje tenho procurado dar continuidade a essa tradição com longas séries de sermões sobre Gênesis, Levítico, 2Crônicas, Esdras, Eclesiastes, os Profetas Menores, Marcos, Atos, 2Coríntios, Efésios, 2Timóteo, 2Pedro e Apocalipse (citando apenas as principais séries). Poucas igrejas crescerão profundamente na Palavra, se apenas nadarem na parte rasa nas manhãs de domingo. Isso não significa que meu objetivo seja falar a professores universitários e a pessoas com doutorado da minha congregação. Meu público-alvo são os alunos de primeiro ano de faculdade — pessoas que (espera-se!) têm o hábito de pensar e estão abertas ao ensino meticuloso, mas que talvez precisem de ajuda com novos termos, novos nomes e novos conceitos. Em outras palavras, minha pressuposição é que as pessoas são capazes de aprender, mas não pressuponho que saibam a respeito do que estou falando.

Tenho certeza de que as pessoas de minha congregação diriam que minha pregação é bem teológica. Com isso creio que estariam indicando que podem dizer que trabalhei duro no texto durante a semana, que tento ser um pensador cuidadoso e que não tenho medo de tratar de questões de história da igreja, teologia sistemática e, de vez em quando, até mesmo de algumas palavras difíceis de hoje e da época bíblica. Mas a boa pregação teológica não deve ser confundida com pregação sabichã. É absolutamente possível que um grande intelecto pregue uma teologia de alto nível e leve seus ouvintes a um tédio enorme com a reflexão teológica. Bom conteúdo não basta. Há pelo menos dois outros elementos que precisam acompanhar a pregação teológica para que ela produza um povo com interesse pela teologia.

Primeiro, tem de haver paixão. As pessoas não ouvem tudo o que dizemos. Ouvem aquilo que nos empolga. Há uma maneira de falar sobre o Credo de Calcedônia que comunica o seguinte: "Isso é importante para pessoas inteligentes que gostam de saber mais do que as pessoas não tão inteligentes". Mas existe outra maneira que diz: "Puxa! Não acredito que vamos estudar isso! Vamos ter

um verdadeiro banquete esta manhã!". É como aquela história sobre o presidente norte-americano Benjamin Franklin e o pregador George Whitefield. Quando alguém perguntou a Franklin, que tinha uma clara posição não evangélica, por que continuava indo às pregações de Whitefield se não acreditava em nada do que ele estava dizendo, Franklin respondeu: "Eu não creio, mas *ele* crê". A reflexão teológica nunca será importante para o povo de Deus se este perceber que não é importante para os pregadores de Deus.

Em segundo lugar, devemos levar a melhor teologia até o fundo do coração e às alturas da glória de Deus. Se prego um sermão erudito com base em João 10 sobre os complicados detalhes da expiação limitada, os calvinistas de carteirinha vão vibrar, e o restante do público se sentirá constrangido. Entretanto, se consigo mostrar como o fato de Cristo morrer exclusivamente pelos eleitos é uma expressão de seu amor particular pelas ovelhas e de seu amor indestrutível por sua noiva, se consigo mostrar que Deus é glorificado não apenas ao nos salvar na cruz, mas ao nos salvar completamente, e se consigo fazer com que o sermão exalte a maravilha da morte da morte na morte de Cristo — se sou capaz de associar essa doutrina difícil com o nosso coração e com a glória de Deus, então estou ajudando as pessoas a se preocuparem com a exatidão teológica e a se importarem o bastante com a mensagem para extrair toda a polpa que puderem de suas suculentas Bíblias.

É claro que na vida de uma igreja há mais coisas a considerar do que apenas a pregação. Trabalhamos arduamente para combinar instrução e reflexão teológicas com cada aspecto de nossa igreja. Queremos pensar teologicamente sobre toda a vida, em especial nossa vida eclesiástica em comum. Tentamos pensar teologicamente sobre as músicas que cantamos, as orações que fazemos, a ordem do culto e até mesmo sobre o melhor momento para dar os avisos. Como podemos esperar que as pessoas reflitam teologicamente sobre suas vocações, se, como ministros, não pensamos teologicamente sobre a nossa?

E como o povo de Deus crescerá em discernimento e conhecimento teológicos, como será influenciado em suas afeições pelas riquezas da Palavra de Deus, como aprenderá a pensar os pensamentos de Deus, como constituirá um povo teológico, se não tivermos uma igreja teológica? Para nós, em nosso

contexto confessional reformado, isso significa que organizamos o conteúdo da classe de nossos novos membros em torno da Confissão Belga, do Catecismo de Heidelberg e dos Cânones de Dort. A maioria dos novos membros desconhece completamente as Três Formas de Unidade, mas, em geral, considera um ponto alto das aulas terem de ler sozinhos essas formulações teológicas que, por séculos, têm alimentado a fé do povo de Deus em todo o mundo. Recentemente dedicamos um ano inteiro, 52 noites de domingo, a uma série de sermões com base no Catecismo de Heidelberg.

Há muito mais que eu poderia dizer sobre nosso curso de treinamento de liderança, nosso processo de avaliação de candidatos a presbíteros e diáconos, nosso ministério entre universitários, nossos grupos pequenos, nosso programa para crianças e todos os demais ministérios. Não fazemos nada de extraordinário, apenas estabelecemos nosso foco na Palavra e nosso alicerce em uma tradição confessional, catequizamos nosso povo e somos assumidamente teológicos. Nosso mundo superficial precisa de igrejas com conteúdo. Nossa cultura rasa precisa de profundidade na adoração. Nossa sociedade secular precisa de uma boa dose de pensamento bom e puro. Meu ministério como pastor e nosso ministério como igreja se baseiam na *pressuposição* de que todos somos teólogos e na *convicção* de que, sendo esse o caso, podemos também tentar ser bons teólogos.

[1]Edição em português: *Onde os velhos não têm vez*, tradução de Adriana Lisboa (Rio de Janeiro: Alfaguara Brasil, 2006). O título do filme em português é *Onde os fracos não têm vez*.

[2]Douglas Sweeney, *Jonathan Edwards and the ministry of the Word* (Downers Grove: InterVarsity, 2009), p. 199.

[3]David Wells, *The courage to be protestant* (Grand Rapids: Eerdmans, 2008), p. 40.

[4]Irenaeus, *Against heresies* 1.10.1, in: Philip Schaff, org., *The ante-Nicene fathers* (Edinburgh: T. & T. Clark, 1887), vol. 1: *Apostolic fathers with Justin Martyr and Irenaeus*, p. 330-1 [edição em português: Irineu de Lião, *Contra as heresias*, Série Patrística (São Paulo: Paulus, 1997)].

[5]Fred Sanders, *The deep things of God: how the Trinity changes everything* (Wheaton: Crossway, 2012), cf. p. 8-12.

[6]The *shepherd of Hermas*, in: *The apostolic fathers: the shepherd of Hermas; The martyrdom of Polycarp; The epistle of Diognetus* (New York: Putnam, 1917), p. 39 [edição em português: *O pastor de Hermas*, in: *Padres apostólicos: Clemente Romano, Inácio de Antioquia, Policarpo de Esmirna, O pastor de Hermas, Carta de Barnabé, Pápias, Didaqué*, Série Patrística (São Paulo: Paulus, 1997)].

[7]Veja os documentos oficiais em: http://www.fordham.edu/halsall/basis/nicea1.txt. Uma explicação perspicaz e valiosa sobre esses desdobramentos é encontrada em Chad Brand; Daniel L. Akin; R. Stanton Norman, *Perspectives on church government: five views of church polity* (Nashville: B. & H., 2004), p. 172-4.

[8]Veja Alistair C. Stewart, *The original bishops: office and order in the first Christian communities* (Grand Rapids: Baker Academic, 2014).

[9]John Chrysostom, *On the priesthood* 6.4.9, in: Philip Schaff, org., *Nicene and post-Nicene fathers of the Christian church* (New York: Christian Literature Publishing Library, 1886), vol. 9: *On the priesthood, Ascetic treatises, Select homilies and letters, Homilies on the statues*, p. 69 [edição em português: São João Crisóstomo, *Sobre o sacerdócio*, disponível em: http://www.cristianismo.org.br/sacerdotio0.htm, acesso em: 10 dez. 2015].

[10] "Para João Crisóstomo, o ministério da igreja deve ser entendido e praticado de acordo com critérios espirituais e teológicos [...] aquele ofício [pastoral] também deve ser entendido, antes de tudo, da perspectiva teológica como o partilhar do próprio amor de Cristo por seu povo" (Andrew Purves, *Pastoral theology in the classical tradition* (Louisville: Westminster John Knox, 2001), p. 43.

[11] "Letter 73, Augustine to Jerome (AD 404)", in: Philip Schaff, org., *Nicene and post-Nicene fathers of the Christian church* (New York: Christian Literature Publishing Library, 1886), vol 1: *St. Augustine's life and work, confessions, letters*, p. 331.

[12]Michael Pasquarello III, *Sacred rhetoric: preaching as a theological and pastoral practice of the Church* (Grand Rapids: Eerdmans, 2005), p. 21.

[13] Refiro-me à tríade clássica de *theologia*, *habitus* e *sapientia* (veja ibidem, p. 21). Veja tb. a estimulante análise em Kevin J. Vanhoozer, *The drama of doctrine: a canonical-linguistic approach to Christian theology* (Louisville: Westminster John Knox, 2005), p. 252-6 [edição em português: *O drama da doutrina* (São Paulo: Vida Nova, 2016)].

[14]Augustine, *On Christian doctrine* 4.4.6, in: Philip Schaff, org., *Nicene and post-Nicene fathers of the Christian church* (Buffalo: Christian Literature, 1887), vol. 2: *St. Augustine*: *City of God and Christian doctrine*, p. 576 [edição em português: *A doutrina cristã: manual de exegese e formação cristã*, tradução de Nair de Assis Oliveira, Série Patrística (São Paulo: Paulus, 2014)].

[15]Augustine, *Letters: volume 1*, Fathers of the Church 12 (Washington: Catholic University Press of America, 2008), p. 48.

[16]"Ela [...] não deveria reivindicar para si função alguma que seja exclusiva de um homem, especialmente o ofício sacerdotal [nedum sacerdotalis officii]" (Tertullian, *De virginibus velandis* 9.1, in: E. Dekkers, ed.,

Tertulliani Opera (Turnhout: Brepols, 1954).

[17]Hippolytus, *The apostolic tradition*, in: Gregory Dix, ed., *The treatise on the apostolic tradition of St. Hippolytus of Rome, bishop and martyr* (London: Alban, 1992), p. 18 [edição em português: Hipólito de Roma, *Tradição apostólica*, tradução de Carlos Martins Nabeto, disponível em: http://www.veritatis.com.br/patristica/obras/8485-tradicao-apostolica, acesso em: 10 dez. 2015].

[18]Gregory, *The book of pastoral rule: St. Gregory the Great,* Popular Patristics series (Crestwood: St. Vladimir's Seminary Press, 2007), p. 29 [edição em português: Gregório Magno, *Regra pastoral*, tradução de Sandra Pascoalato, Série Patrística (São Paulo: Paulus, 2010)].

[19]Thomas Aquinas, *Summa theologica* (Raleigh: Hayes Barton, 1985), 2:4350 [edição em português: Tomás de Aquino, *Suma teológica* (São Paulo: Loyola, 2006), 9 vols.].

[20]Veja John Calvin, "Draft ecclesiastical ordinances" (1541), in: *Calvin's theological treatises*, edição de J. K. S. Reid, Library of Christian Classics 22 (Philadelphia: Westminster, 1954), p. 58; idem, *Institutes of the Christian religion*, edição de J. T. McNeill, tradução para o inglês de F. L. Battles, Library of Christian Classics 21 (Philadelphia: Westminster, 1960), 2:1068-9 (4.4.1) [edições em português: João Calvino, *As institutas*, tradução de Waldyr Carvalho Luz (São Paulo: Cultura Cristã, 2006), 4 vols.; *A instituição da religião cristã*, tradução de Carlos Eduardo Oliveira; José Carlos Estêvão; Elaine C. Sartorelli; Omayr J. de Moraes Jr. (São Paulo: Editora Unesp, 2008), 2 vols.].

[21]Martin Luther, "Lectures on Galatians", in: *Martin Luther's basic theological writings*, edição de Timothy Lull (Minneapolis: Fortress, 2005), p. 23.

[22]Calvin, *Institutes of the Christian religion*, 2:1156-7 (4.8.9).

[23] John Dillenberger, *John Calvin: selections from his writings* (Atlanta: Scholars, 1975), p. 35.

[24]Scott M. Manetsch, *Calvin's company of pastors: pastoral care and the emerging Reformed church, 1536-1609*, Oxford Studies in Historical Theology (Oxford: Oxford University Press, 2013), p. 190.

[25]Ibidem, p. 188.

[26]Ibidem, p. 190.

[27]"Thomas Randolph to Sir William Cecil, September 24, 1561", citado em W. Stanford Reid, *Trumpeter of God: a biography of John Knox* (New York: Charles Scribner's Sons, 1974), p. 216.

[28] William Ames, *The marrow of theology* (Grand Rapids: Baker, 1997), p. 77.

[29]Richard Sibbes, *The bruised reed*, Puritan Paperbacks (Carlisle: Banner of Truth, 1998), p. 3-4 [edição em português: *O caniço ferido*, tradução de Vanderson Moura da Silva (Brasília: Monergismo, 2007), disponível em: http://www.monergismo.com/richard-sibbes/o-canico-ferido/, acesso em: 13 out. 2016].

[30]Ibidem, p. 34.

[31]Richard Baxter, *The Reformed pastor*, Puritan Paperbacks (Carlisle: Banner of Truth, 1974), p. 177 [edições em português: *Manual pastoral de discipulado*, tradução de Elizabeth Gomes (São Paulo: Cultura Cristã, 2008); *O pastor aprovado: modelo de ministério e crescimento pessoal*, tradução de Odayr Olivetti (São Paulo: Publicações Evangélicas Selecionadas, 1989)].

[32]Purves, *Pastoral theology in the classical tradition*, p. 113.

[33]J. I. Packer, *A quest for godliness: the puritan vision of the Christian life* (Wheaton: Crossway, 1994), p. 102.

[34]Ibidem, p. 103.

[35] Jonathan Edwards, "Pastor and people must look to God", in: *The salvation of souls: nine previously unpublished sermons on the call of ministry and the gospel*, edição de Richard Bailey; Gregory Wills (Wheaton: Crossway, 2002), p. 142.

[36]Robert Caldwell, "The ministerial ideal in the ordination sermons of Jonathan Edwards: four theological portraits", *Themelios* 38, n. 3 (November 2013): 390-401, disponível em: http://legacy.thegospelcoalition.org/themelios/article/the_ministerial_ideal_in_the_ordination_sermons_of_

[37]Jonathan Edwards, "The excellency of Christ", in: *The works of Jonathan Edwards*, edição de M. X. Lesser (New Haven: Yale University Press, 2001), vol. 19: *Sermons and discourses, 1734-38*, p. 588.

[38]Richard A. Bailey, "Driven by passion: Jonathan Edwards and the art of preaching", in: D. G. Hart; Sean Michael Lucas; Stephen Nichols, orgs., *The legacy of Jonathan Edwards: American religion and the Evangelical tradition* (Grand Rapids: Baker Academic, 2007), p. 70.

[39] E. Brooks Holifield, *God's ambassadors: a history of the Christian clergy in America* (Grand Rapids: Eerdmans, 2007), p. 78.

[40] Nathan Hatch, *The democratization of American Christianity* (New Haven: Yale University Press, 1991), p. 3.

[41]Charles G. Finney, *Lectures on systematic theology* (London: William Tegg, 1851), p. 35 [edição em português: *Teologia sistemática*, tradução de Lucy Yamakami; Luís Aron de Macedo; Degmar Ribas Júnior (Rio de Janeiro: CPAD, 2001)].

[42]Charles G. Finney, *Lectures on revivals of religion*, edição de William G. McLoughlin (Cambridge: Harvard University Press, 1960), p. 13.

[43]Em algumas reuniões de avivamento havia um "banco dos angustiados", que era reservado para pessoas especialmente preocupadas com sua condição espiritual. (N. do T.)

[44]Randall Herbert Balmer; Lauren F. Winner, *Protestantism in America*, Columbia Contemporary American Religion Series (New York: Columbia University Press, 2005), p. 59.

[45] Hatch, *Democratization of American Christianity*, p. 57.

[46] George Marsden, *The soul of the American university: from protestant establishment to established nonbelief* (Oxford: Oxford University Press, 1994), p. 105, 154-5.

[47]Holifield, *God's ambassadors*, p. 173-4.

[48]Veja E. Brooks Holifield, *A history of pastoral care in America* (Nashville: Abingdon, 1983).

[49]H. Richard Niebuhr, *The purpose of the church and its ministry* (New York: Harper & Brothers, 1956), p. 81.

[50] George Marsden, *Fundamentalism and American culture: the shaping of twentieth-century Evangelicalism, 1870—1925* (New York: Oxford University Press, 2006), p. 130.

[51] Harold J. Ockenga, "Challenge to the Christian civilization of the West", Ockenga Papers (South Hamilton: Gordon-Conwell Theological Seminary, s.d.), p. 9. [Discurso inaugural proferido no Fuller Theological Seminary, em 1.º de outubro de 1947, Pasadena, Califórnia.]

[52] Para mais informações sobre o esforço neoevangélico em estimular o intelecto cristão, veja Owen D. Strachan, *Awakening the Evangelical mind: an intellectual history of the neo-Evangelical movement* (Grand Rapids: Zondervan, 2015). Veja tb. Garth M. Rosell, *The surprising work of God: Harold John Ockenga, Billy Graham, and the rebirth of Evangelicalism* (Grand Rapids: Baker Academic, 2008); Owen D. Strachan, *Reenchanting the Evangelical mind: Park Street Church's Harold Ockenga, the Boston scholars, and the mid-century intellectual surge*, tese de doutorado (Trinity Evangelical Divinity School, 2011).

[53]Cormac McCarthy, *The road* (New York: Knopf, 2006), p. 70 [edições em português: *A estrada*, tradução de Adriana Lisboa (Rio de Janeiro: Alfaguara Brasil, 2007); *A estrada*, tradução de Paulo Faria (Lisboa: Relógio D'água, 2007)].

[54]A formulação completa de sua indagação é a seguinte: "Quais são as credenciais que identificam aqueles que receberam o favor de Deus e têm direito às eternas recompensas dele? Ou qual é a natureza da

verdadeira religião? No que consistem os elementos distintivos daquela virtude que é aceitável aos olhos de Deus?" (Jonathan Edwards, *A treatise concerning religious affections*, in: *The works of Jonathan Edwards* [Carlisle: Banner of Truth, 1984], 1:234).

[55]Ibidem.

[56]Veja Edwards, *A faithful narrative of the surprising work of God*, disponível em: https://ia700401.us.archive.org/30/items/edwardsonrevival00edwa/edwardsonrevival00edwa_bw.pdf, acesso em: 11 dez. 2015.

[57]Todos os nomes foram alterados.

[58]Adaptado do maravilhoso hino de Charles Wesley: "Por muito tempo meu espírito aprisionado esteve, preso firmemente ao pecado e à escuridão da natureza. Teus olhos lançaram um raio vivificador — o calabouço resplandeceu de luz, e eu despertei. Meus grilhões caíram, meu coração foi libertado; levantei-me, fui em frente e te segui".

SEGUNDA PARTE

Teologia sistemática e teologia prática

3

No modo evangélico

O propósito do pastor-teólogo

KEVIN J. VANHOOZER

Para que servem os teólogos? Qual é exatamente o verdadeiro trabalho da teologia? Só podemos dizer como a teologia serve à igreja quando respondemos a essas perguntas relacionadas. Começaremos enfocando a tarefa da teologia. Em seguida, depois de determinar o propósito do trabalho teológico em geral, o capítulo seguinte examinará como pastores em particular se envolvem nesse trabalho.

Trabalho na área teológica há anos, mas meu tio ainda quer saber quando vou arrumar um emprego de verdade. Essa também é a pergunta do homem que realiza consertos em casa. Entendi o que querem dizer. Quem pode, faz; quem não pode, ensina. Não há dúvida de que muitos cristãos ficariam felizes em acrescentar: e aqueles que *realmente* não podem, ensinam teologia. O reverendo William Collins, personagem cômico criado por Jane Austen em *Orgulho e preconceito*,[1] é a encarnação fictícia do estereótipo do pastor como um tolo, sem qualquer capacidade de se relacionar, mais preocupado com a pompa e a posição social de seu ofício do que em ministrar a pessoas reais. O reverendo Collins nunca supera seus defeitos. Esse tipo de caricatura de pastores-teólogos como pessoas basicamente inúteis, incapazes de fazer algo além de trocar uma lâmpada,

não poderiam estar mais longe da verdade. O verdadeiro trabalho de pastores reais é corajoso e revigorante ao mesmo tempo.

Com certeza é conveniente ter pastores-teólogos por perto, tanto em ocasiões especiais — o nascimento de uma criança, um casamento, a morte de um dos pais — quanto no dia a dia. Talvez não tenham capacidade de consertar o aquecedor ou trocar a fiação elétrica de uma casa, mas sua presença e atividade é particularmente bem-vinda quando alguém está lutando com questões e desafios para os quais não existe tecnologia: perder o emprego, enfrentar uma crise matrimonial, lidar com a dor, educar crianças difíceis, cuidar de um doente terminal. É útil ter pastores-teólogos por perto, porque eles sabem o que dizer e fazer (ou o que não dizer e não fazer) para comunicar Jesus Cristo — para ser representante de Cristo em situações específicas, oferecendo consolo, conselho, verdade ou simplesmente lágrimas. É prático ter pastores-teólogos por perto, porque sabem examinar as coisas na perspectiva do drama da redenção e relacionar pessoas e momentos a Cristo e à história dele.[2] Parafraseando nosso Senhor, o verdadeiro trabalho de pastores-teólogos é ser lavrador de homens e mulheres (cf. Lc 10.2), desenvolvendo a imagem de Deus em cada pessoa, e edificar os crentes até se tornarem adultos maduros (Ef 4.13).

A teologia cristã é a tentativa de conhecer Deus a fim de dar a ele o que lhe é devido (amor, obediência, glória). Jesus Cristo está totalmente envolvido nisso: ele é tanto a revelação suprema do conhecimento de Deus quanto o modelo de como reagir corretamente a esse conhecimento. Pastores--teólogos também estão totalmente envolvidos: representar Deus perante o povo (e.g., por meio de ensino com palavras e exemplos) e o povo perante Deus (e.g., por meio da oração intercessória). Trocar uma lâmpada é brincadeira de criança se compararmos com a ação de ensinar indivíduos a andar como filhos da luz (Ef 5.8). Longe de ser inútil, o pastor-teólogo é (ou deveria ser) um santo faz-tudo para todo trabalho existencial.[3]

Os diversos *modos* da teologia: entre a morte e a ressurreição

Para que servem os pastores-teólogos? Uma rápida resposta: para cultivar a vida e lidar com a morte. "Morte" é mais do que o momento de falecer. Na verdade, é a

percepção de um fim que lança suas sombras escuras sobre tudo o mais em nossas histórias. Morte é uma maneira mais simples de designar o problema da condição humana: mortalidade, o que o filósofo romano Sêneca chamou "a brevidade do tempo".[4] Nenhuma pessoa ainda desenvolveu algum tipo de tecnologia que possa lidar com a realidade inevitável da própria morte ou a morte dos pais, amigos ou filhos. A morte lança uma sombra sobre tudo o mais — propósito, bondade e beleza; embora tentemos não pensar nela, não será possível negá-la, pelo menos não para sempre. O filósofo existencialista Martin Heidegger defendeu que a consciência da própria morte é o que torna os seres humanos diferentes de todas as demais formas de vida. Homens e mulheres sabem — se estiverem sendo honestos — que seu tempo é limitado, e esse conhecimento gera considerável ansiedade.

Portanto, como utilizaremos o tempo relativamente pequeno que nos resta? Teremos tempo suficiente para cumprir nosso destino, para alcançar nosso propósito de vida? Ou teremos tempo sequer para descobrir nosso propósito de vida? É possível evitar essas perguntas somente por algum período. Mais cedo ou mais tarde, uma doença debilitante, a perda de entes queridos ou algum outro evento catastrófico nos lembra da fragilidade da vida. Heidegger acreditava que quem é honesto acerca da condição humana não consegue deixar de sofrer uma ansiedade natural. Ser humano é ser um "ser para a morte", para usar a expressão perturbadora de Heidegger. Foi em grande medida à luz do trabalho de Heidegger que Paul Tillich descreveu a modernidade como "a era da ansiedade por falta de sentido".[5] De forma análoga, poderíamos chamar a pós-modernidade de "a era da ansiedade quanto à veracidade" (i.e., uma ansiedade sobre como viver em uma época em que a crença na verdade tornou-se difícil, se não impossível).

Todos sofremos de um problema dos séculos 20 e 21. Há um enorme número de formas de ansiedade e de diferentes remédios para elas: ansiedade social, estresse pós-traumático, fobias, depressão e ataques de pânico. Estima-se que 40% dos norte-americanos sofrem de algum tipo de transtorno de ansiedade, e com frequência remédios para combater a depressão ou a ansiedade são prescritos (e.g., fluoxetina, paroxetina, cloridrato de sertralina).[6] No entanto, pode-se questionar se a tranquilidade induzida por certos medicamentos não seria a

mesma coisa que "dizer: 'Paz', quando não há paz" (Ez 13.10, TA). O equivalente médico mais próximo do que Heidegger quis dizer com ansiedade é provavelmente "transtorno de ansiedade generalizada". De acordo com Heidegger, não há nada específico que desencadeie a ansiedade (em contraste com as fobias, que têm causas específicas, como aranhas ou falar em público): ela é, na verdade, uma condição espiritual próxima ao desespero, mais um *modo* (estado de espírito) do que um sentimento específico.

Heidegger empregou o termo alemão *Stimmung* ("*modo*"/"estado de espírito") para designar a maneira pela qual os seres humanos experimentam o "ser no mundo". *Modos* são mais profundos do que ideias ou até mesmo sentimentos. Um *modo* é uma maneira de ser, uma consciência de nós mesmos em dada situação, uma maneira de estar em sintonia com o mundo. O modo pelo qual estamos sintonizados com o mundo depende do tipo de música que nos cativa: estamos no mundo durante um período de fome, de guerra, de expansão econômica ou de retração? Para Heidegger a ansiedade era o *modo* padrão do ser humano porque reflete a verdadeira percepção da condição humana: somos seres finitos com tempo e energia limitados, mas, ao mesmo tempo, conseguimos imaginar possibilidades ilimitadas e nutrir esperanças infinitas. A ansiedade é o resultado inevitável de uma avaliação honesta da condição humana: nós nos importamos com a existência; nossa existência logo *cessará*. Para Heidegger, o ser humano autêntico significa ser-para-a-morte.[7]

Heidegger pretendia que sua análise da existência humana fosse universal. No entanto, uma análise da condição humana no século 21 talvez se afaste de Heidegger em um aspecto importante. Não é o cuidado, mas o descuido ou mesmo a indiferença que caracterizam alguns dos personagens que contribuíram para a virada radical pós-moderna. Em vez de ansiedade, parece que o *modo* predominante entre muitos nascidos entre 1980 e 2000 é a acídia: um tipo de apatia, torpor ou inconsciência existencial. Assim como a ansiedade, a acídia é uma doença que não é fundamentalmente do corpo, mas da alma (embora muitas vezes tenha sintomas somáticos). A tradição cristã a conhece com outro nome: preguiça. Em sua forma extrema, a acídia nem mesmo se importa por não se

importar. Será que existe uma cura para as almas que habitam o tempo todo nessas trevas do íntimo?

Pastores-teólogos lidam com o desespero que acompanha tanto a ansiedade quanto a acídia. Como Søren Kierkegaard diz nas páginas iniciais de *The sickness unto death* [Doença para a morte] (a doença em questão é o desespero): "Tudo o que é essencialmente cristão tem de ser parecido em sua expressão com a maneira que o médico fala junto ao leito do enfermo".[8] Pastores-teólogos não apenas aliviam os sintomas; também tratam da doença. O desespero é indicativo da verdade à medida que percebe corretamente que o "ser no mundo" está separado do "ser em Cristo". Em contraste, a fé é indicativa da verdade à medida que percebe a verdadeira condição do crente como alguém unido a Cristo. Jesus Cristo é o caminho, a verdade e a vida que liberta criaturas finitas da ansiedade do "ser para a morte": "A ressurreição de Jesus transformou a imagem que os primeiros discípulos tinham do mundo, não de uma forma abstrata ou teórica, mas por meio de sua *experiência* transformada de estarem vivos".[9] Pastores-teólogos tratam a condição humana em si, apresentando as pessoas a Jesus Cristo e ajudando-as a crescer nele. Pastores-teólogos curam almas não mediante a administração de remédios que alteram o *modo*, mas por meio de uma dose de realidade que altera o *modo*: a boa-nova de que Deus ressuscitou Jesus dentre os mortos e de que nós também podemos ser ressuscitados em Cristo. Pastores ministram a Palavra com o uso de linguagem bíblica e teológica para indicar o que Deus fez em Cristo e moldar o sentido de identidade dos membros da igreja como pessoas que morreram e ressuscitaram com Cristo.

Pastores-teólogos existem para encarnar o modo *evangélico, que é uma declaração no modo indicativo ("Ele ressuscitou! Ele é o Senhor!") e ao mesmo tempo uma maneira de ser que está em sintonia com o mundo já-e-ainda-não renovado em Jesus Cristo.* O pastor-teólogo faz parte de uma embaixada da parte do Cristo ressuscitado e, nessa condição, é um embaixador da nova ordem criada que já começou a existir em meio à velha desordem. O pastor-teólogo comunica, com palavras e ações, em sua pessoa e com seu trabalho, a realidade da nova ordem da ressurreição: a renovação do ser humano. O pastor-teólogo tanto proclama quanto pratica a ressurreição. N. T. Wright comenta que os primeiros cristãos "se comportavam

como se em algum sentido importante já estivessem vivendo na nova criação de Deus".[10] Aliás, a igreja local é uma embaixada terrena do governo celeste de Cristo.

Pastores-teólogos existem para transmitir e disseminar esse novo *modo* evangélico: "ser em Cristo". Enquanto no pensamento de Heidegger o "ser no mundo" dá origem a um *modo* de ansiedade, o *regozijo* é o *modo* mais apropriado ao "ser em Cristo". Ao contrário da felicidade, o regozijo não é um sentimento. Pastores-teólogos não estão aqui para produzir cristãos felizes, santos de rostos sorridentes. Felicidade é um termo superficial demais e uma emoção muito instável. A felicidade depende de circunstâncias, e as circunstâncias mudam. Não raro a felicidade é inadequada ou inautêntica no período de transição em que vivemos, caracterizado pela finitude e pelo sofrimento. Diferente da felicidade, o regozijo da ressurreição é um *modo*, uma maneira de estar em sintonia com o mundo — quando se sabe que o mundo inclui um túmulo vazio.[11] A felicidade é um fenômeno superficial, mas, para aqueles que, por meio da fé, desfrutam o "ser em Cristo", o regozijo está nas profundezas do seu ser. O regozijo nunca é inadequado, mesmo em meio aos maiores sofrimentos (e.g., em funerais), porque a ressurreição nos lembra que, ainda que seja um inimigo, a morte foi derrotada junto com seus colegas: a falta de sentido e a desesperança. O salmista declara: "... cantarei louvores ao meu Deus enquanto eu viver" (Sl 146.2). A Grande Reviravolta já começou a acontecer.

Os escritores do Novo Testamento identificam Cristo como o cumprimento jubiloso da esperança israelita do reino messiânico de Deus. Graças à ressurreição de Jesus, os gemidos da criação estão sendo substituídos pelo canto dos montes e as palmas das árvores (Is 55.12). O pastor-teólogo transmite o regozijo da ressurreição, especialmente ao conduzir a adoração. À semelhança do regozijo, a adoração não é simplesmente uma atividade particular, mas, de modo geral, uma expressão de gratidão que ocorre não somente em alguns minutos em dias especiais, mas ao longo de cada dia sem exceção: "E tudo o que vocês fizerem, seja em palavras seja em obras, façam em nome do Senhor Jesus, dando por meio dele graças a Deus Pai" (Cl 3.17, ESV). O pastor-teólogo transmite e encarna esse *modo* evangélico — e não é preciso um doutorado para fazê-lo. Em resumo,

o pastor-teólogo cura almas desesperadas, compartilhando o regozijo do Cristo ressurreto. Essa é a contribuição geral-específica do pastor-teólogo à condição humana: ajudar homens, mulheres e crianças a aprender a lidar com a brevidade do tempo mediante a *redenção* do próprio tempo (cf. Ef 5.16; Cl 4.5), vivendo cada momento em um *modo* evangélico (i.e., "ser para a ressurreição").

Como pastores-teólogos comunicam o regozijo de "ser para a ressurreição?". "*Modo*" é uma expressão de notável polissemia, com sentidos gramaticais e ontológicos associados. Conforme estudamos, em ontologia (o estudo do ser) o "*modo*" diz respeito à nossa atitude básica diante do mundo: nossa disposição mental e emocional. Paulo diz: "Então, se vocês foram ressuscitados com Cristo [...] pensem nas coisas que são de cima" (Cl 3.1,2, ESV). Gramaticalmente, "modo" indica a atitude do falante em relação ao que é dito (i.e., se é um fato, uma ordem, um desejo, uma pergunta etc.). Dada a natureza escatológica da ressurreição, o pastor-teólogo tem de comunicar regozijo evangélico em *muitos* modos.[12]

Um ministério da realidade: teologia no modo indicativo

Enquanto o tempo verbal fala do *tempo* de uma ação (e.g., passado, presente, futuro), os modos do verbo tratam da relação entre as palavras e o mundo. Interrogações expressam falta de certeza sobre uma situação ("A janela está aberta?"). Imperativos expressam um desejo de que o mundo se conforme com as palavras do falante ("Feche a janela!"). Indicativos expressam a crença de que o mundo se encontra de certa forma ("A janela está aberta"). Em linguagem simples, indicativos são usados para declarar fatos. A teologia requer muitos modos, mas o evangelho está no indicativo: "Ele ressuscitou!"; "Jesus é o Senhor"; "Jesus reina agora". O Quarto Evangelho é em grande parte um testemunho indicativo do que Jesus disse e fez: "Estes, porém, foram registrados para que possais crer que Jesus é o Cristo" (Jo 20.31).

Em grande parte a teologia cristã é indicativa. Como dissemos na introdução, a teologia é a tentativa de colocar em palavras *o que está em Cristo*. Essa é outra maneira de "indicar" a verdade do evangelho: o que Deus fez, está fazendo e fará *em Cristo*. Existem muitas histórias verdadeiras sobre o que está acontecendo no

mundo (e ainda mais histórias falsas), mas o foco da história bíblica é o que Deus está fazendo no mundo para renovar a ordem criada: "É verdade, o Senhor ressuscitou..." (Lc 24.34). Nada parece a mesma coisa depois do impacto da ressurreição: Deus, o ser humano, o plano de salvação, o próprio cosmo — tudo precisa ser repensado.

A tarefa do teólogo é expor a "sã doutrina" em palavras e ações: a verdade sobre o estranho mundo novo do evangelho. O teólogo é um representante desse estranho mundo novo pós-ressurreição, um emissário do reino de Deus que já está causando impacto no velho mundo em que muitos pensam que ainda vivem. Ao esclarecer o que Deus fez em Cristo, o teólogo produz algo útil — presta um serviço. De outra forma, pode-se dizer que o teólogo é um *ministro da realidade*. Um ministro (lat., *minus* = "menos") se faz menor do que o objeto ou a pessoa que está sendo servida. Pastores são teólogos públicos porque dão testemunho do que está *em Cristo*, e não há realidade mais fundamental do que essa. Se a palavra de Deus permanece mais que os céus e a terra, a Palavra viva por meio da qual os céus e a terra foram feitos permanecerá muito mais. À medida que auxilia o povo de Deus a viver na realidade da ressurreição — a nova criação em Cristo —, o teólogo ajuda as pessoas a ter um encontro com a realidade.

O evangelho é um indicador confiável da realidade, visto que revela a natureza e o propósito, a origem e o destino, da totalidade da ordem criada. Isso também é teologia pública: tornar conhecido "o mistério que esteve oculto durante séculos e gerações, mas agora foi manifesto aos seus santos [...] Cristo em vós..." (Cl 1.26,27). A teologia pública é a apresentação em proposições e, ainda mais importante, em *pessoas* da realidade da nova vida em Cristo. A igreja, o grupo daqueles que foram ressuscitados com Cristo, é a vanguarda da nova ordem criada. O exímio pastor-teólogo Jonathan Edwards diz algo muito semelhante: a finalidade da obra divina de redenção e, portanto, o propósito total da história era criar um reino para seu Filho, um povo que fosse sua propriedade especial. Aqueles que foram ressuscitados com Cristo, a sociedade dos redimidos, são apenas as primícias dessa realidade suprema.

A metafísica é o estudo da realidade, ou *do que é*. Um pastor-teólogo talvez nunca empregue a palavra "metafísica" em público, mas isso não implica que a

metafísica não tenha relação com o ministério desse pastor. Cada pessoa tem uma metafísica, uma visão de mundo e de vida, crenças e práticas simultâneas que, vistas em conjunto, revelam o que essa pessoa pensa ser o mais importante, valioso e real.[13] A tarefa do teólogo é indicar *o que é/está em Cristo*.[14]

Antes de tudo, o que está em Cristo é Deus: verdadeira divindade, a Segunda Pessoa da Trindade, o Logos divino: "a Palavra [que] era Deus" (Jo 1.1, ESV). Cristo é a "imagem do Deus invisível" (Cl 1.15), "a representação exata do seu Ser" (Hb 1.3). Tudo o que Jesus diz, faz e é revela Deus. O que existe em Cristo é conhecimento verdadeiro de Deus. Jesus é Deus no modo indicativo.

Em segundo lugar, o que está em Cristo é a verdadeira humanidade. Jesus Cristo é o segundo Adão, o Filho do homem, o verdadeiro Israel, o servo da aliança do Senhor exemplar, o Filho amado que resiste à tentação e revela obediência filial, mostrando-nos assim o propósito primário para o qual Deus criou os seres humanos. O que existe em Cristo é a imagem perfeita de Deus em forma humana (2Co 4.4; Cl 1.15). O terceiro aspecto do que está em Cristo é a totalidade da ordem criada: "... tudo foi criado por ele e para ele" (Cl 1.16); "... e nele tudo subsiste" (Cl 1.17). Em Cristo há o sábio cuidado de Deus com o mundo.

Finalmente, em Cristo há a execução do "plano para a plenitude dos tempos", uma apresentação prévia e uma antecipação da ordem criada renovada e restaurada: "unir todas as coisas nele, as que estão no céu e as que estão na terra" (Ef 1.9,10, ESV). Em Cristo, existe a reconciliação entre Deus e a humanidade: "em Cristo Deus estava reconciliando o mundo consigo" (2Co 5.19, ESV). Na pessoa e na obra de Cristo existem o amor e a liberdade divina concedidos à humanidade e manifestos na vida e na paixão de Jesus, e existem o amor e a liberdade da humanidade para com Deus expressos em louvor e obediência. O que há em Cristo é o cumprimento da Lei (i.e., o mandamento de amar a Deus e ao próximo como a si mesmo). Em última análise, os teólogos existem para a divulgação jubilosa da redenção que está em Cristo — o que temos em Cristo de forma suprema é a redenção: "Portanto, se alguém está em Cristo é nova criação..." (2Co 5.17).

Assim sendo, o que encontramos em Cristo é a vida, a luz e o amor de Deus: "... todos os tesouros da sabedoria e da ciência" (Cl 2.3). E se olharmos com bastante atenção, veremos nós mesmos sepultados e ressuscitados em Cristo, adotados na família de Deus, membros do povo de Deus reconciliado e feito um só em Cristo: Israel e a igreja, judeus e gregos, homens e mulheres, escravos e livres (Gl 3.28). Quando dizem o que é e o que está para vir em Cristo Jesus, os teólogos cumprem sua vocação como "encarregados dos mistérios de Deus" (1Co 4.1). Pensar teologicamente significa compreender Deus, o mundo e nós mesmos em relação ao *que é/está em Cristo*.

O que encontramos em Cristo é boas notícias e regozijo: "sabendo que, tendo sido ressuscitado dentre os mortos, Cristo já não morre mais; a morte não tem mais domínio sobre ele" (Rm 6.9). É por esse motivo que "ser em Cristo" implica "ser para a ressurreição". O Deus que ressuscitou Jesus "também nos ressuscitará pelo seu poder" (1Co 6.14). Aliás, Deus já nos ressuscitou com ele e "nos fez assentar nas regiões celestiais em Cristo Jesus" (Ef 2.6). Consequentemente, agora conhecemos, em certo aspecto, "o poder da sua ressurreição" (Fp 3.10), mas, em outro aspecto, a ressurreição ainda é futura, a qual continuamos a esperar (Fp 3.11; 1Pe 1.3). O desafio de indicar *o que é em Cristo* decorre da natureza já/ainda não da ressurreição — o que poderíamos chamar de *"é" escatológico*.

O "é" de *o que é em Cristo* não é um indicativo simples e direto. A razão disso é que declarações como "... fostes sepultados com ele no batismo" (Cl 2.12, RSV) e "Deus vos deu vida juntamente com ele" (Cl 2.13) não são o tipo de afirmações que se pode verificar por meio da experiência dos sentidos. Ao contrário, é necessário ter uma imaginação santificada, os olhos do coração iluminados pelo Espírito (Ef 1.18) para perceber, assim como Paulo, que "fui crucificado com Cristo" de modo que "já não sou eu quem vive, mas Cristo vive em mim" (Gl 2.20, ESV).

É fundamental não confundir o *é* de *o que é em Cristo* com *como se fosse*. O fato de que fomos ressuscitados com Cristo nos apresenta um *indicativo escatológico*: algo que declara o que *já é* fato, *mas ainda não plenamente*. Os discípulos realmente *já* desfrutam da união com Cristo graças ao Espírito Santo que habita

neles, embora *ainda não* tenham alcançado a plena medida da semelhança com Cristo. A doutrina que expõe *o que é/está em Cristo* demanda uma resoluta imaginação escatológica, uma visão que se baseia na fé e percebe que o que *ainda não* está completo — nossa salvação — *já* está consumado por causa da nossa união com Cristo. É uma questão de ver que o que é "parcial no presente" como "perfeito no futuro".

Os teólogos ministram essa realidade escatológica, a verdade do "ser em Cristo". Tudo depende de entender corretamente esse assunto central. Podemos alcançar sabedoria apenas se vivermos em conformidade com a realidade criada e recriada. Teólogos expõem com palavras *o que é em Cristo* e, portanto, dizem como as coisas realmente são. O *é* escatológico levanta a questão da natureza da realidade. Declarações no modo indicativo do pretérito e do presente se referem ao que era e é. Isso funciona bem com a maioria dos tipos de coisas e acontecimentos comuns (tenho dúvidas quanto à física quântica). No entanto, o evangelho diz respeito não à *ousia* (o ser em geral), mas à *parúsia* (a nova realidade que está começando a existir na pessoa de Cristo). O ministério da realidade de *o que é/está em Cristo* requer o ministério de ajudar as pessoas a entender essa realidade. É esse aspecto de ministração do evangelho que focalizaremos agora.

Um ministério de entendimento: a *diakonia* da Palavra de Deus

Ao contrário da concepção popular, a teologia não é uma ciência misteriosa ou uma área acadêmica como as demais *logias*, em cujo campo de conhecimento o estudioso alcança progressivamente maior domínio ao processar cada vez mais informações (ou ao obter graus acadêmicos mais altos). Conhecer *o que é/está em Cristo* exige muito mais do que acrescentar alguns itens do armazém do conhecimento. É verdade que a teologia diz respeito ao conhecimento de Deus, porém, o que ela produz não são mais dados, mas uma compreensão maior — de Deus e de tudo o mais relacionado a ele.

Um teólogo é um ministro do entendimento, alguém que ajuda a igreja a entender o significado do que Deus fez, está fazendo e fará em Jesus Cristo, bem como o que devemos dizer e praticar em resposta a isso. Para entender o

significado de algo — seja uma máquina feita de pedaços de metal, seja uma frase composta de palavras em português, seja uma história constituída de pessoas e acontecimentos — é preciso ter mais do que apenas um conhecimento de cada parte; é preciso ver como elas se encaixam em um contexto maior. A teologia lida com o mais amplo de todos os contextos: a obra redentora do Deus trino e uno, que é o motor que faz a história mundial se mover.

Ministrar entendimento é ajudar as pessoas a fazer conexões: entre as partes da Bíblia e a história global; entre a Bíblia e o mundo em que vivem; entre o que elas são e o que Deus as chama a ser. Pastores não são chamados a desenvolver uma teologia acadêmica, mas a ministrar entendimento teológico, ajudando as pessoas a interpretar as Escrituras, sua cultura e sua própria vida em relação à grande obra de Deus de redenção sintetizada *em Cristo*.

Agora deve estar claro por que descrevemos os teólogos como intelectuais públicos. O apóstolo do Novo Testamento era uma "testemunha da sua ressurreição [i.e., da ressurreição de Cristo]" (At 1.22), e com certeza esse era um tipo de conhecimento público (i.e., testemunho ocular).[15] Contudo, o teólogo é um tipo diferente de testemunha da ressurreição: alguém que compreende como esse acontecimento único coloca todos os outros, a "totalidade" da história do mundo, em uma perspectiva que faz sentido. Mas essa é justamente a tarefa do intelectual público: falar sobre questões como o significado da vida e que dizem respeito a coisas *em geral*. O teólogo é um generalista que fala sobre assuntos em geral (a ordem criada renovada) em relação a um assunto em particular: a ressurreição de Jesus Cristo. Na perspectiva da teologia cristã, a ressurreição é a verdade geral do mundo, e o pastor lida com vidas particulares à luz dessa verdade central sobre o momento decisivo da história. Em outras palavras, Jesus Cristo é o "todo" à luz do qual todos os aspectos particulares fazem sentido (cf. Ef 1.10).

Compreender todas as coisas em relação ao Cristo ressuscitado exige que se pense mais sobre a relação entre as partes e a totalidade. De modo específico, requer uma leitura holística e um conhecimento teológico (1) da Palavra de Deus, (2) do mundo humano e (3) de palavras humanas sobre o mundo do homem.

Lendo a Palavra de Deus: conhecimento bíblico

Só conseguimos compreender *o que é/está em Cristo* à luz do testemunho profético e apostólico divinamente inspirado, o qual Jesus declarou que, em última instância, era a respeito dele (Lc 24.27). Teólogos ministram entendimento do que está em Cristo, ao menos em parte, ao ajudar outros a entenderem as Escrituras. Embora pastores-teólogos devam fazer mais do que apenas interpretar a Bíblia, com certeza não devem fazer menos do que isso. Na igreja primitiva, os apóstolos delegaram aos diáconos a importante tarefa de distribuir alimentos para as viúvas: "... Não faz sentido que deixemos a palavra de Deus e sirvamos às mesas" (At 6.2). Teólogos, assim como os apóstolos, têm de se dedicar "ao ministério da palavra [*diakonia tou logou*]" (At 6.4). "... Nem só de pão o homem viverá, mas de toda palavra que sai da boca de Deus" (Mt 4.4). À luz do ensinamento de Jesus, certamente é significativo o fato de que Lucas usa o mesmo verbo tanto com o sentido de servir à mesa quanto de servir a Palavra de Deus. Teólogos atendem às mesas, servindo a Palavra a outros para que possam digeri-la com maior facilidade.[16]

Somente as Escrituras fornecem um relato imbuído de autoridade d*o que é/está em Cristo*. Se quisermos seguir a Cristo, temos de seguir as Escrituras que nos conduzem a Cristo, nos apresentam Cristo e nos ensinam seu caminho. Se quisermos ter a mente de Cristo, devemos ser estudantes das Escrituras, capazes de relacionar a Lei e os Profetas com a pessoa e obra de Jesus Cristo, assim como o próprio Jesus fez. A teologia exerce seu ministério de entendimento ajudando seguidores de Jesus a serem melhores seguidores das Escrituras, o que significa entender a história central delas.

A compreensão teológica exige certo conhecimento bíblico. Se as Escrituras são a alma da teologia, então a falta de conhecimento bíblico que tem assolado as igrejas norte-americanas como epidemia é uma ameaça ao entendimento do que é/está em Cristo, além de ser um evidente obstáculo para ter a mente de Cristo. Podemos ilustrar o problema fazendo referência ao livro *Cultural literacy: what every American needs to know* [Conhecimento cultural: o que todo norte-americano precisa saber], de E. D. Hirsch.[17] O autor escreveu o livro por uma

preocupação com o fato de que muitos norte-americanos não sabem o que precisam saber para ser melhores cidadãos. Conhecer a cultura é um pré-requisito para participar das instituições fundamentais dos Estados Unidos e do diálogo nacional sobre o que significa ser norte-americano: "Ter conhecimento cultural é ter as informações básicas necessárias para prosperar no mundo moderno".[18] Conforme veremos na próxima seção, pastores-teólogos também precisam ter conhecimento da cultura. No entanto, no cerne do trabalho do pastor está a necessidade de promover o conhecimento bíblico na igreja. O conhecimento bíblico é necessário para que os cristãos compreendam sua identidade em Cristo (i.e., o que significa ser santo) e para que sejam melhores cidadãos do céu aqui na Terra (Ef 2.19; Fp 3.20).

Por mais que eu deseje fazê-lo, este não é o lugar para oferecer um relato em detalhes sobre a interpretação e a hermenêutica da Bíblia.[19] Alguns aspectos importantes devem ser suficientes. Em primeiro lugar, conhecimento bíblico significa conhecimento canônico. Não basta saber fatos sobre a Bíblia. O que é necessário é *percepção canônica*: a capacidade de interpretar passagens específicas das Escrituras à luz de toda a Bíblia. Percepção canônica significa saber em que etapa estamos no fluxo da história redentora. Implica pensar não apenas sobre a Bíblia, mas também *com* a Bíblia, a ponto de ter a capacidade de interpretar a própria experiência com categorias bíblicas à luz do enredo principal das Escrituras. Jesus fez isso consigo e com sua história. Ninguém teve mais percepção canônica do que Jesus.

Em segundo lugar, conhecimento bíblico significa teologia bíblica, uma maneira de acompanhar a narrativa que reconhece a unidade e a diversidade, mas ao mesmo tempo vê o Antigo e o Novo Testamentos em conjunto. Uma vez mais, isso não é tanto uma questão de conhecimento especializado, que é o foco do estudo bíblico acadêmico, quanto uma compreensão da estrutura interpretativa por meio da qual os autores bíblicos compreenderam a história de Israel e da igreja (o princípio formal da teologia bíblica) — bem como é uma questão relacionada ao que Edwards chamou de trabalho trinitário da redenção (o princípio básico da teologia bíblica).[20] Em resumo, a teologia bíblica reconhece que tudo no mundo foi criado para que "o Filho eterno de Deus conseguisse uma

esposa".[21] Do começo ao fim, a Bíblia conta a história de Deus ao preparar um povo separado para ser sua propriedade preciosa — e seu templo. Em uma narrativa mais simples, Deus se encontra com o mundo (cria o mundo); Deus perde o mundo; Deus consegue o mundo de volta; Deus e o mundo vivem felizes para sempre.

Em terceiro lugar, conhecimento bíblico significa ser capaz de ler o próprio mundo, a própria situação histórica e a própria vida à luz do mundo do texto bíblico. A tipologia é um excelente meio de fazer isso. Assim como os membros da igreja do Novo Testamento tinham uma compreensão de si próprios por meio dos acontecimentos da história de Israel, da mesma maneira os membros da igreja contemporânea têm de ver a si próprios como participantes do mesmo drama (que está em andamento) da redenção. O cenário histórico e cultural pode ter mudado, porém, os cristãos atuais estão no mesmo contexto histórico-redentor dos primeiros cristãos, vivendo com confiança e expectativa entre a primeira e a segunda vinda de Cristo, mas ainda tendo de suportar vários tipos de oposição no mundo.

Teólogos são leitores da Palavra de Deus. Repetindo: essa não é uma questão de se tornar especialista em Bíblia. Na verdade, é uma questão de se tornar generalista, o ouriço proverbial que conhece "uma grande coisa", a saber, o grande panorama histórico-redentor: a maneira que o Deus trino e uno agiu para "fazer convergir em Cristo todas as coisas" (Ef 1.10).[22]

Lendo o mundo: conhecimento cultural

Para ministrar a palavra de Deus, os pastores-teólogos precisam ler não só a Bíblia, mas também o mundo ao qual a Palavra de Deus é dirigida, o mundo em que ela deve se estabelecer e ser aplicada. Aqui não estou pensando no mundo natural, mas no mundo humano, o mundo do dia a dia da cultura humana: todas as coisas que os seres humanos fizeram e fazem juntos. Cultura é o mundo de significado em que um povo habita, um mundo apresentado em várias obras com significado (e.g., livros, filmes, pinturas, anúncios, músicas, moda, carros, esportes, edifícios, comidas, jogos) que transmitem valores e crenças de uma

sociedade. Portanto, a cultura é o *software* de uma sociedade, um programa para cultivar a humanidade e dar forma à sua liberdade.

Pastores-teólogos têm de educar seu povo acerca da cultura, pois a cultura está envolvida em tempo integral em educar o povo e formar sua humanidade (a cultura cultiva!). A cultura educa ao programar certos tipos de comportamento (e.g., o consumismo) e ao demonstrar certas crenças e valores (e.g., patriotismo). Podemos ir mais longe: a cultura está envolvida em tempo integral na formação espiritual, cultivando a humanidade. Em última instância, a cultura não educa a mente, ela educa o coração.[23] Uma cultura materialista está estruturada para formar materialistas, pessoas com um coração que deseja bens materiais na esperança infundada de que acabarão com o vazio em suas vidas. Eles não preencherão o vazio. Só o amor de Deus consegue satisfazer o coração humano, pois nosso coração foi criado para desejar Deus.

Os melhores pastores-teólogos sempre têm consciência das influências formadoras da cultura. Agostinho estava fazendo teologia pública quando encorajou sua congregação a não assistir a espetáculos públicos. Agostinho (e Tertuliano) cria que o teatro romano estava tão fundamentado na religião pagã que os cristãos não deviam apoiá-lo, especialmente porque estimulava a imoralidade. A cultura contemporânea é mais sutil em sua influência. Todo cristão precisa assistir ao documentário "The persuaders" [Os persuasores], que passou no programa *Frontline* [Linha de frente] do canal de televisão PBS, nos Estados Unidos. O documentário revela de forma brilhante como os gurus do *marketing* procuram influenciar a opinião e o comportamento das pessoas de forma a obter maiores lucros para seus clientes.

As denominadas "guerras culturais" são na realidade apenas um sintoma de um problema mais profundo: o fato de que os cristãos não lutam contra carne e sangue, nem contra alimentos e filmes, mas contra potestades e principados que buscam capturar nossa mente e nosso coração. O conhecimento cultural é a capacidade de "ler" ou entender o que está acontecendo em nossa situação contemporânea. É particularmente importante ser capaz de entender as tendências culturais. A cultura em si não é o problema; existem muitos aspectos da cultura que refletem a imagem de Deus e a graça comum. Ao mesmo tempo,

outras correntes culturais fornecem meios para doenças socialmente transmitidas, inclusive o DMT (deísmo moralista terapêutico) — talvez a teologia cultural padrão de nosso tempo.[24]

Há mais de uma geração, Carl F. H. Henry encorajava a um conhecimento cultural quando identificou uma importante tendência (pós-)moderna: "Nenhum fato da vida ocidental contemporânea é mais evidente do que sua crescente desconfiança em relação à verdade suprema e seu questionamento implacável de qualquer palavra de certeza".[25] Enquanto observamos e interpretamos a cultura contemporânea, podemos perceber que esse câncer ideológico tem avançado a ponto de tratar todas as instituições e toda autoridade com desconfiança e ceticismo sistemáticos.

O conhecimento cultural é a capacidade de entender o que está acontecendo na sociedade contemporânea, a capacidade de ler textos e entender tendências culturais. O propósito do conhecimento cultural é alcançar uma compreensão, e precisamos entender corretamente o que está acontecendo a fim de saber como as pessoas cuja cidadania é celeste devem reagir de maneira correta. O conhecimento cultural é parte integrante da dupla cidadania do cristão, que está no mundo ("ser para a morte"), mas não é do mundo ("ser para a ressurreição"). Como comunidade da ressurreição, a igreja busca viver ou praticar seu discipulado do Cristo vivo, e, para isso, precisamos saber em que tipo de cenário cultural estamos atuando. Portanto, o propósito do conhecimento cultural é garantir que os membros da igreja sejam agentes culturais: pessoas que não são meros consumidores passivos do alimento cultural, mas capazes também de deixar a própria marca na cultura, a marca da cruz e da ressurreição. O conhecimento cultural diz respeito ao que os cristãos precisam saber sobre sua cultura do dia a dia a fim de serem agentes culturais eficazes para o reino de Cristo.[26]

Muitos livros — livros demais! — têm sido escritos para examinar a cultura com base na perspectiva de várias disciplinas: sociologia, economia, psicologia social e estudos culturais, para citar apenas algumas. Certamente pastores-teólogos não têm tempo para processar todo esse material. Existem atalhos úteis. Por exemplo, um periódico como *Books and Culture* [Livros e cultura] é uma boa

fonte de conhecimento de segunda mão, graças a suas resenhas de livros importantes em várias áreas acadêmicas distintas. Como pessoas que estão na cultura ao redor, mas ao mesmo tempo não pertencem a ela, pastores-teólogos também terão conhecimento em primeira mão do que está acontecendo. Mas, como intelectuais orgânicos que ministram o discernimento, seu principal serviço será ajudar a igreja a ler a situação do mundo à luz da Palavra de Deus.

Para entender a cultura é preciso ter consciência dela; no entanto, a cultura normalmente passa despercebida, pois, assim como o ar, ela é a atmosfera que respiramos todos os dias. Então, a tarefa mais importante do pastor-teólogo é assegurar que a congregação acorde e permaneça desperta, tornando-se consciente da cultura e do que ela está tentando cultivar em nosso coração e mente. Jesus exorta seus discípulos: "Vigiai e orai" (Mc 14.38). A oração nos desperta ao concentrar nossa atenção na presença e na atividade de Deus e no propósito dele para o mundo em que vivemos.[27] Marqueteiros culturais, que coordenam campanhas de *marketing* e política, podem criar imagens convincentes e contar histórias convincentes, mas a teologia feita com oração se concentra no que é/está em Cristo, e ele, que é a luz do mundo, dissipa a névoa da confusão cultural. Pastores-teólogos ministram discernimento (e constroem pontes entre o conhecimento bíblico e o cultural) quando leem o mundo à luz das Escrituras e guiam suas congregações no caminho de sabedoria e florescimento humano.

Lendo ficção: conhecimento humano

O pastor é um teólogo público que ministra discernimento ao povo de Deus, a fim de edificá-lo em Cristo. Por isso, faz sentido que "pastores tenham sempre de crescer em seu conhecimento e compreensão das pessoas".[28] A melhor maneira de conhecer pessoas é viver entre elas, partilhar suas tristezas, alegrias, desafios e frustrações. No entanto, as pessoas vêm em muitas formas e tamanhos, e não há tempo suficiente para se familiarizar com cada indivíduo que se conhece — daí a importância de se familiarizar com a literatura, o laboratório da condição humana.[29] Mas por que deveríamos nos deixar levar pela imaginação, entrando em histórias que nunca aconteceram e em experiências pelas quais jamais

gostaríamos de passar? C. S. Lewis resume bem a ideia ao falar da "ampliação de nosso ser": "Quando leio boa literatura, torno-me mil homens e ainda continuo sendo eu mesmo".[30]

Lewis apresenta uma questão central para o pastor-teólogo. É muito importante que pastores-teólogos se distanciem de si mesmos e aprendam a ver o mundo de outras perspectivas. Para amar os outros, temos de ser capazes de nos colocar no lugar deles. Acaso não é isso que Deus faz por nós em Cristo? Ele se identifica conosco não apenas na imaginação, mas também na encarnação. Não sou negro nem mulher, não sofri violência sexual quando era criança, mas passo a entender um pouco de como é ser uma pessoa assim por meio da leitura de *I know why the caged bird sings*, de Maya Angelou.[31] Ler ficção nos ajuda a entender aqueles que não são como nós e a nos identificar com eles. Esta é a primeira razão pela qual pastores-teólogos devem ler ficção: conhecer a humanidade em toda a sua unidade e diversidade e ser solidário com ela.

Uma segunda razão para ler ficção é que os grandes poetas e narradores escrevem com frequência sobre temas universais: a busca da felicidade, a perda trágica, o amor em todas as suas facetas e assim por diante. Os contos de Flannery O'Connor nos ensinam a procurar a graça em lugares inesperados (e.g., em situações e personagens grotescos). *Os irmãos Karamazov*, de Dostoievsky, contém uma análise perspicaz do problema do mal. Muitos romances contemporâneos — mais uma vez, em número grande demais! — comunicam como é a vida *distante de Cristo*. Uma coisa é saber intelectualmente que algumas pessoas não são salvas; outra bem diferente é saber de forma vicária, assumindo a totalidade do ser de uma pessoa, como é ser alguém assim. A ficção nos dá a oportunidade de compreender o que não experimentamos pessoalmente.

Uma terceira razão para ler é compreender os privilégios, as oportunidades e os desafios especiais de ser um ministro da Palavra de Deus. Uma história já mencionada e que serve de alerta aos pastores é a de Elmer Gantry, personagem da obra de mesmo nome escrita por Sinclair Lewis. Nela vemos a tentação sempre presente de engrandecer o próprio nome e não o de Cristo. Outro livro, com um exemplo mais positivo, é o romance *Gilead*,[32] escrito por Marilynne Robinson e ganhador do Prêmio Pulitzer, o qual li duas vezes com grupos de

seminaristas. Estou disposto a defender que é possível aprender mais sobre a vida de um pastor com a leitura de *Gilead* do que com a leitura de muitos livros de teologia pastoral.

A quarta e última razão para pastores-teólogos priorizarem a leitura de obras de ficção tem a ver com o que dissemos anteriormente sobre conhecimento cultural. Obras de ficção expõem não apenas a vida de indivíduos, mas também de culturas inteiras. Antes de eu conhecer os pais de minha esposa, Sylvie, ela insistiu que eu lesse os romances de Marcel Pagnol, *Jean de Florette*[33] e *Manon des Sources*[34]. Esses livros captaram perfeitamente a inconfundível cultura das classes mais baixas da região de Provença, na França, em meados do século 20, o mundo campesino em que os pais de Sylvie cresceram. Quando finalmente os conheci, era como se já os conhecesse, pois se assemelhavam demais às personagens dos livros de Pagnol. Ocorreu-me que missionários transculturais devem se esforçar para conhecer a literatura de uma cultura tanto quanto se esforçam para aprender seu idioma.

Certamente, como Newbigin observou de modo preciso, nossa cultura ocidental agora se tornou um campo missionário.[35] Por isso, pastores-teólogos devem ler um pouco de ficção contemporânea a fim de conhecer a cultura na qual e à qual ministram. Por exemplo, enquanto escrevo este texto, um dos livros de ficção mais vendidos na livraria virtual da Amazon (e o segundo mais vendido na categoria "Espiritualidade e transformação pessoal") é o romance *O alquimista*, de autoria de Paulo Coelho, publicado em 1993, que já vendeu mais de 150 milhões de cópias em todo o mundo. O livro, com narrativa parcialmente autobiográfica, trata de um jovem pastor de ovelhas que viaja da Espanha para o Egito, para seguir a sua lenda pessoal. Ele fica sabendo que a "maior mentira do mundo" é que perdemos o controle do que está acontecendo conosco. A verdade, de acordo com esse evangelho da Nova Era, é que a alma do mundo deseja que todos sejam felizes: "Alcançar o próprio destino é a única obrigação real de alguém", e o universo "conspira" para nos ajudar a ser bem-sucedidos. De acordo com o romance, espiritualidade significa ser fiel a si mesmo e correr riscos, e não levar a própria cruz para se tornar como Cristo. Isso não é DMT (deísmo moralista terapêutico), mas o que poderíamos chamar de PQH (panteísmo

quixotesco humanista). De qualquer modo, ler ajuda os teólogos a compreender melhor aspectos significativos da cultura contemporânea.

Eu sei, eu sei: pastores-teólogos são ocupados — mas ocupados demais para ler ficção? Desconfio que uma análise da relação custo-benefício possa indicar muito bem que o tempo que pastores gastam lendo ficção gera dividendos absurdos. É difícil atribuir um preço à sabedoria e ao entendimento. Aqui também existem atalhos. Recomendo de vez em quando dar uma olhada em www.goodreads.com ou então em "Arts & Letters Daily" (www.aldaily.com). Neal Plantinga incentiva os iniciantes a começarem sem pressa: um romance por ano.[36] Quatro livros por ano é ainda melhor, uma obra para cada uma das razões para ler mencionadas anteriormente.

É claro que a leitura só nos traz até aqui. O entendimento teológico não é meramente teórico. Envolve mais do que conhecimento intelectual. As torres da igreja não deveriam ser feitas de marfim. O discernimento também é prático. Quando entendemos realmente nossa situação, somos capazes de fazer algo a respeito. Adquirir entendimento produz *know-how*, como saber *aplicar o conhecimento à vida cotidiana* . Esse é o objetivo do entendimento: encarnar a mente de Cristo, pondo em prática o que está em Cristo. Podemos, portanto, direcionar nossa atenção para essa forma definitiva de ministrar Cristo.

Um ministério de vida (nova): teologia no modo imperativo

O evangelho é o modo indicativo. Pregar as boas-novas envolve dizer o que ocorreu e qual é a situação: Jesus morreu por nossos pecados; Deus ressuscitou Jesus dentre os mortos; Jesus agora é o Senhor vivo, a quem o Espírito nos une pela fé. No entanto, o indicativo evangélico — o que é/está em Cristo — contém ainda um imperativo implícito, uma exigência intensa de se conformar com o *que é/está* e participar com júbilo no *que é*. E, visto que viver na realidade de Cristo é um projeto coletivo, também poderíamos falar do modo coortativo (do lat. *co*, "juntos" + *hortari*, "encorajar"), que se expressa na primeira pessoa do plural do presente do subjuntivo e sinaliza que pastores têm de dar atenção a suas próprias exortações: "Busqu*emos* aquilo que contribui para a paz e a edificação mútua" (Rm 14.19, ESV). "Deix*emos* os aspectos elementares do ensino de Cristo e

prossig*amos* para a para a maturidade" (Hb 6.1, ESV). "Am*emos* uns aos outros" (1Jo 4.7). Viver com outros para Deus em Cristo por meio do Espírito — essa é a essência da teologia.

O pastor-teólogo é um equilibrista, lembrando aos cristãos o que Deus já realizou, mas também exortando-os a fazer com que suas vidas correspondam a essa realidade. Estar em Cristo é tanto uma dádiva quanto uma tarefa, tanto um privilégio quanto uma responsabilidade. Enfatize demais a dádiva, e correrá o risco de complacência antinomiana; dê muita ênfase à responsabilidade, e correrá o risco de ansiedade legalista. O apóstolo Paulo é um equilibrista em suas epístolas, muitas das quais iniciam com uma lembrança aos leitores do grande indicativo (Jesus morreu e ressuscitou para nossa justificação) e depois passam a exortar os destinatários a viver essa realidade. Por exemplo, em Colossenses, Paulo primeiro resume o que Deus fez — "Se vocês foram ressuscitados com Cristo" — e só depois passa para o imperativo — "busquem as coisas que são de cima, onde Cristo está" (Cl 3.1, ESV).[37]

Alguns talvez se oponham ao fato de eu associar o evangelho a imperativos. O que o evangelho tem a ver com a Lei? É muito interessante a ideia de que obedecer ao evangelho é uma concepção totalmente bíblica. É possível ouvir o evangelho, mas não obedecer-lhe (Rm 10.16). A consequência de não obedecer ao evangelho é a destruição eterna: existência "longe da presença do Senhor" (2Ts 1.9; cf. 1Pe 4.17). Entretanto, obedecer ao evangelho não é um fardo para quem o Espírito uniu a Cristo, pois Cristo vive no crente. Ao mesmo tempo, o modo imperativo da teologia é importante: Deus nos salva pela graça por meio da fé, porém, temos de exercitar nosso próprio "ser para a ressurreição" "com temor e tremor" (Fp 2.12). Richard Gaffin capta com precisão a tensão: "Quando o indicativo está presente e é uma realidade, então, a preocupação com o imperativo deve ser e será uma realidade que assume forma concreta, ainda que seja imperfeita, mínima ou inadequada".[38]

A teologia é o projeto de corresponder, com palavras e ações, ao que é/está em Cristo. Estar ou não estar *em Cristo*: essa é a questão fundamental para o discípulo. Quando torna explícito *o que é/está em Cristo*, a doutrina cristã ordena, de modo implícito, aos discípulos que marchem: correspondam ao que é.

Quando os discípulos vivem na realidade da ressurreição — isto é, a renovada ordem da criação — eles participam da verdade, bondade e beleza de Jesus Cristo.

"Ganhe sabedoria"

> "Ganhe sabedoria, ganhe compreensão" (Pv 4.5, NIV).

Os Evangelhos nos contam apenas uma pequena parte do que Jesus disse e fez (Jo 20.30; 21.25), mas o que está escrito é tudo o que é necessário para a fé e a vida (20.31). Da mesma forma, Paulo não está interessado em toda a verdade (e.g., as artes, a agricultura), mas apenas na "verdade que é conforme a piedade" (Tt 1.1, TA). Além disso, essa verdade que é conforme a piedade ou conduz a ela se fundamenta na "esperança da vida eterna" (1.2), isto é, na nossa participação na ressurreição de Jesus. A ênfase da carta de Paulo na teologia pastoral se dá porque pastores devem ajudar a igreja a vivenciar o plano divino de salvação, o mistério agora revelado na cruz e na ressurreição de Cristo.

O fato de que a verdade do evangelho "é conforme a piedade" (*kat' eusebeian*) merece atenção especial: se conseguirmos entender isso, seremos capazes de ver por que o modo evangélico envolve tanto indicativos quanto imperativos. Nesse versículo, Paulo está descrevendo a existência cristã, que integra o conhecimento de Deus com a vida santa, fruto desse conhecimento. O propósito em conhecer a Deus é produzir piedade em quem o conhece: temos de praticar o que sabemos.[39] A palavra "piedade" é a que melhor corresponde ao que o Antigo Testamento chama "temor do Senhor", e, novamente, a ênfase está na ligação essencial entre conhecer Deus e viver de forma piedosa.[40] Os crentes têm de fazer o que eles sabem ser verdadeiro.

A verdade do evangelho conduz à piedade, e a piedade está em conformidade com a verdade do evangelho. Em contraste, os incrédulos, em sua desobediência, negam a verdade e o conhecimento a respeito dela (Tt 1.16). "O temor do SENHOR [piedade] é o princípio da sabedoria" (Pv 9.10). Sabedoria é o termo prático, pois a sabedoria é o conhecimento aplicado, conhecimento vivenciado e posto em prática. E este é o propósito da teologia: ajudar os crentes a crescer na

sabedoria de Jesus Cristo. O sábio pratica a verdade. Por isso, ele floresce: vivenciar a verdade é aceitar a realidade em vez de lutar contra ela. O tolo procura lutar contra a realidade, uma causa totalmente perdida.

Pastores-teólogos falam no modo imperativo sempre que convidam os cristãos a se tornarem o que são em Cristo. A teologia cultiva sabedoria à medida que orienta os discípulos em seus contextos específicos a viverem conforme a renovada ordem da criação em Cristo. A doutrina não nos diz apenas *o que é* e *como são as coisas*; ela também nos exorta a confiarmos nesse *é assim que as coisas são* a ponto de arriscarmos a vida por isso. A fé se apega ao que está em Cristo e procura viver nessa realidade, ou melhor, experimentar essa realidade em ação piedosa.

"Exercitem o amor"

"Revesti-vos do amor" (Cl 3.14).

"Deus estava em Cristo" (2Co 5.19) e "Deus é amor" (1Jo 4.8). O que está em Cristo é basicamente o amor de Deus pelo mundo. Em Cristo percebemos a finalidade de toda a Criação: "Na ressurreição de Cristo, a criação é restaurada, e o reino de Deus se manifesta".[41] Sabedoria cristã significa viver de acordo com a nova ordem inaugurada por meio da ressurreição de Jesus, algo que só podemos fazer porque temos a liberdade do Espírito, que é a liberdade de viver em conformidade com o que é/está em Cristo (2Co 3.17). A teologia evangélica no modo imperativo tem tudo que ver com a forma assumida por essa liberdade em Cristo.

Em Cristo existe apenas "a fé que atua pelo amor" (Gl 5.6): "O amor é a forma geral da ética cristã, a forma da participação humana na ordem criada".[42] O amor é o principal fruto do Espírito Santo (Gl 5.22; cf. 1Co 13.13), nossa antecipação e nosso penhor (2Co 1.22) do novo ser em Cristo. Pastores-teólogos ministram nova vida em Cristo à medida que ajudam a igreja a ordenar de modo correto suas expressões de amor. Ordenamos de forma correta nossas expressões de amor quando agimos de maneira que corresponde à ordem da nova criação, a realidade suprema.

O imperativo (i.e., "exercitem o amor") pressupõe conhecimento indicativo (i.e., "é assim que as coisas são"). Nossas obras de amor estão ordenadas de modo correto quando correspondem à nova ordem real das coisas, *o que é/está* em Cristo: "Na ordem do amor o que está em jogo é a veracidade: se nosso amor reconhece o que o próximo é, o que Deus é e qual deve ser a verdadeira disposição da criatura em relação ao Criador".[43] Amamos nossos irmãos em Cristo como a nós mesmos quando os vemos como são: santos, como nós, que foram ressuscitados e unidos com Cristo. O imperativo de Paulo: "Revistam-se de amor, que une tudo em perfeita harmonia" (Cl 3.14, ESV) só faz sentido no contexto de um indicativo, a saber, que Deus ressuscitou Jesus, cumprindo seu plano "de fazer convergir em Cristo todas as coisas" (Ef 1.10). A nova vida em Cristo significa amar o que está em Cristo, e isso envolve cada membro de seu corpo. Aliás, se os maridos devem "amar as esposas como aos próprios corpos" (Ef 5.28, ESV), muito mais devem os pastores amar suas igrejas, não porque sejam seu corpo, mas porque as congregações são o corpo de Cristo.

"Imitem a Cristo"

> "Revesti-vos do Senhor Jesus Cristo" (Rm 13.14).

A comunidade da fé foi renovada em Cristo (2Co 5.17). Este é o principal indicativo: Deus nos ressuscitou com Cristo em antecipação ao fim da criação. Pastores-teólogos ensinam a verdade quando dizem e mostram o que é/está em Cristo, e a igreja adquire entendimento e exercita o amor quando busca corresponder a essa realidade e viver nela. Mas o imperativo final é o mais paradoxal de todos: "Revistam-se de Cristo — o novo eu, com ações de uma vida ressurreta" (veja Cl 3.9-14). Os que portam seu nome não devem apenas corresponder ao que é em Cristo, mas também reconhecer e deixar florescer a realidade que é Cristo em nós. Paulo fala das "riquezas da glória deste mistério, a saber, Cristo em vós, a esperança da glória" (Cl 1.27).

Por fim descobre-se que a esperança da glória é o plano da salvação concebido "antes da fundação do mundo" (Ef 1.4). Eis o que C. S. Lewis tem a dizer sobre a finalidade da criação e o propósito da igreja: "A igreja existe para nada mais do

que atrair os homens a Cristo, para torná-los pequenos Cristos. Se não estão fazendo isso, todas as catedrais, o clero, as missões, os sermões e até mesmo a própria Bíblia são meramente perda de tempo. Deus não fez o homem para nenhum outro propósito. Deve-se até duvidar — você sabe disso — que o universo tenha sido criado para qualquer outro propósito".[44]

A vocação singular de pastores-teólogos é ajudar os cristãos a andar pelo caminho de Jesus Cristo, o caminho da verdade e da vida (Jo 14.6), demonstrando isso em sua própria vida. A maneira de seguir a Cristo é agir — *ser* — como ele.[45] Pastores-teólogos são representantes da nova ordem em Cristo. O ideal é que possam dizer, assim como Paulo: "Sejam meus imitadores, como também eu sou de Cristo" (1Co 11.1). Como intelectuais orgânicos no corpo de Cristo, pastores-teólogos têm, acima de tudo, de exibir a mente ou atitude de Cristo, a qual Paulo descreve da perspectiva da humildade (Fp 2.5-11). Imitar a Cristo não implica ser moralmente perfeito, mas, sim, morrer diariamente para o velho eu (1Co 15.31; cf. Lc 9.23). É o padrão cruciforme da vida de Jesus, um padrão de amor abnegado, que pastores-teólogos têm de cultivar em sua vida e atividades.

Revestir-se de Cristo ou imitá-lo não significa fingir, com todo esforço possível, ser algo que a pessoa não é. Ao contrário, significa deixar o Espírito efetuar em nós a realidade que somos: "Portanto, se alguém está em Cristo, *é* nova criação" (2Co 5.17, grifo do autor).[46] A ética (o âmbito do imperativo) não significa esforçar-se para agir de modo semelhante a Jesus, como se Jesus fosse um ideal externo; significa, ao contrário, vivenciar Jesus, porque nossa vida é uma participação na vida dele. Dietrich Bonhoeffer expressa isso bem: "O espaço que em todos os outros sistemas éticos é caracterizado pela antítese entre dever e ser [...] é ocupado na ética cristã pela relação entre a realidade e o ato de tornar-se real, [...] a relação entre Jesus Cristo e o Espírito Santo".[47] Cristo agora reina, e é privilégio e responsabilidade do discípulo participar desse reinado ao vivenciar ou *pôr em prática* o que Cristo tornou real e, portanto, realmente possível: "[Cristo] é o 'ser' e, no Espírito, o 'dever'".[48]

Para que servem os teólogos? Qual é o serviço especial do pastor-teólogo? A nossa resposta é: confessar, compreender, celebrar, comunicar, exaltar o que

é/está em Cristo e tornar a si e os outros conforme ao que é/está em Cristo. A teologia serve à igreja à medida que ajuda discípulos a cumprir sua vocação de revestir-se de Cristo e a crescer à "medida da estatura da plenitude de Cristo" (Ef 4.13). O verdadeiro trabalho da teologia é de fato público: levar pessoas ao crescimento, cultivar um povo. Significa ajudar pessoas e comunidades a crescer na plenitude de Cristo. Em resumo: o verdadeiro trabalho da teologia é gerar um encontro com a realidade — levar as palavras, pensamentos e ações das pessoas a se conformarem à mente e ao coração de Jesus Cristo, a fonte e o padrão de toda verdade, bondade e beleza.[49]

Os benefícios da teologia: para que servem os seminários?

O propósito do pastor-teólogo tem tudo que ver com os seminários, na medida em que seminários existem para treinar pastores-teólogos. Aqui não há espaço para um exame completo da situação dos seminários. Podemos fazer apenas uma breve digressão (o proverbial sermão de três pontos). No entanto, é apropriado dizer algo neste capítulo como transição da reflexão sobre o propósito de pastores-teólogos para a reflexão sobre sua prática no capítulo seguinte. Como seminários podem formar melhor os pastores-teólogos para que sejam lavradores de homens, mulheres e crianças com o objetivo de preparar a noiva de Cristo ao torná-la sábia para a salvação em Jesus?

1. *Seminários existem para promover conhecimento bíblico e teológico visando ao entendimento e à vivência do que é/está em Cristo*. O seminário não é *primariamente* o lugar para adquirir habilidades ou conhecimentos que também poderiam ser adquiridos com boa qualidade em outras instituições: habilidades para falar em público, habilidades pedagógicas, habilidades de aconselhamento ou, nesse aspecto, filosofia, história e até mesmo religião. O seminário não é *primariamente* o lugar para transmitir informações, mas para educar e formar os intelectuais orgânicos da igreja, líderes que encarnam o amor intelectual de Deus. O seminário deve ser *basicamente* o lugar em que a teologia não apenas é ensinada, mas aprendida de fato e — até o ponto em que isso é possível em um curso com alunos externos — vivenciada em comunidade.

A vocação especial do seminário é cultivar nos alunos o conhecimento e a sabedoria necessários para o manuseio correto da Palavra de Deus (as Escrituras, o evangelho) e transformá-los em pessoas em quem a palavra de Cristo habitará ricamente (Cl 3.16). A palavra habita ricamente quando está presente em tudo o que uma pessoa pensa, faz e é. Apenas isso é apropriado, pois a tarefa básica do seminário é formar a mente de Cristo em seus alunos.

Promover conhecimento teológico significa dar aos alunos fundamentação na tradição teológica. Desde o início, pastores e mestres passaram adiante o que haviam recebido de outros. Embora ainda existam muitas questões que exigem maior reflexão, a responsabilidade primária dos seminários é consolidar nos alunos o entendimento do evangelho que a igreja como um todo já alcançou: a ortodoxia.

Muitos seminários evangélicos não têm uma denominação definida. Isso pode ser tanto um ponto forte quanto um ponto fraco. O ponto forte é que ele expõe os alunos ao melhor de várias tradições. O ponto fraco é que aumenta a probabilidade de que os alunos se formarão sem uma teologia coerente. Em uma época em que tanto as tradições quanto as denominações estão sendo deixadas de lado, é central que os seminários evangélicos comuniquem a seus alunos uma noção de identidade, reexaminando sua herança evangélica. Sem dúvida alguns farão a objeção: Qual é a herança evangélica? Qual é a tradição teológica? São evangélicos da linha de Wesley ou são da linha de Westminster? São arminianos ou reformados? Tudo isso está incluído.

O evangelicalismo surgiu como movimento de renovação do protestantismo confessional; o protestantismo formou-se como movimento de reforma do catolicismo romano. A constatação é que os evangélicos são protestantes e que os protestantes são católicos reformados (em vez de católicos romanos). Portanto, ter conhecimento evangélico é conhecer a tradição católica. Wallace Alston chamou corretamente a atenção para o fato de que a vocação do pastor é "transmitir a tradição da igreja": "A tarefa pastoral de transmitir a tradição, em que os séculos de reflexão e crença cristãs são repassados a sucessivas gerações, tem sido abandonada pelos indicadores de sucesso e substituída pelos vários

avalistas de longevidade pastoral".[50] Como podem pastores-teólogos transmitir a tradição a outros se não tiverem recebido a tradição?

2. *Os seminários não existem para reforçar, mas para transcender a compartimentalização comum de teologia "bíblica", "sistemática" e "prática" com o objetivo de promover uma sabedoria teológico-pastoral interdisciplinar.* Muitas vezes, a teologia prática é tratada, ao menos por alunos que pretendem prosseguir seus estudos, como um meio-irmão não muito brilhante na família das disciplinas acadêmicas de um seminário. Esses alunos brilhantes se queixam dos vários obstáculos ministeriais que têm de enfrentar para cumprir as exigências acadêmicas de seu curso. Por outro lado, alunos interessados em aprender a ministrar muitas vezes lamentam ter de realizar um trabalho intelectual bem pesado, o tipo de trabalho que a teologia sistemática normalmente oferece. Esse sistema teórico-prático de *apartheid* teológico não atende a ninguém; na verdade, prepara pastores para o fracasso na igreja.

É comum alunos "brilhantes" que decidem fazer doutorado se verem diante da escolha entre as áreas de história da igreja, estudos bíblicos ou teologia sistemática. A teologia "prática" não está no cardápio (Deseja ser prático? Faça um doutorado em ministério ou em psicologia), e essa é uma das principais razões por que os intelectuais da igreja têm a fama de serem abstratos e teóricos, em vez de orgânicos e práticos. Isso é uma tremenda vergonha, pois, conforme temos defendido ao longo deste trabalho, a atividade do pastor-teólogo é intelectualmente árdua, exigindo sabedoria e discernimento — a capacidade de relacionar o conhecimento a problemas e questões concretas e relevantes — em geral, bem maiores do que o que é exigido no meio acadêmico, no qual os estudos de doutorado logo se desconectam da correria do dia a dia.

A ideia básica da seção anterior é que a teologia prática (o evangelho no modo imperativo) é em grande parte uma implicação da teologia doutrinária (o evangelho no modo indicativo). Em sua melhor forma, a teologia doutrinária é sempre prática à medida que as perguntas da vida real sobre as Escrituras e a vida cristã são o estímulo para a busca da fé por compreensão. O que é chamado teologia prática é simplesmente o exercício, na vida de cada um, da tentativa do teólogo em compreender o que é/está em Cristo e como o que é/está em Cristo é

relevante em situações práticas (e.g., relações entre pais e filhos, relações entre patrão e empregado) e questões contemporâneas (e.g., justiça social, sexualidade).[51]

O pastor-teólogo não tem uma habilidade profissional ou clínica particular, mas é, na verdade, a consciência teológica da igreja e, assim, compreende tudo no contexto bíblico-teológico e em relação ao que Deus está fazendo em Jesus Cristo. Portanto, a teologia prática não é tanto uma disciplina específica quanto o centro da tarefa do seminário de cultivar o discernimento: "O cuidado pastoral é uma oportunidade de comunicar, de forma verbal ou não, de forma direta ou indireta, a fé da igreja".[52] Continua em aberto a questão se isso implica que a teologia prática deve deixar de ser uma área acadêmica distinta no seminário e, em vez disso, tornar-se a cola que mantém tudo o mais unido.[53]

3. *Os seminários existem para cultivar um tipo específico de generalista: alguém que compreende todas as coisas à luz do testemunho bíblico do que é/está em Cristo, passa tempo com Cristo, vivencia a realidade escatológica do estar ressuscitado com Cristo e ajuda outros a fazer o mesmo*. Já é bastante ruim que alunos evangélicos saiam do seminário com uma crise de identidade teológica. Pior ainda é o desafio de estabelecer relação entre o que aprenderam em diferentes áreas acadêmicas. O que dá unidade ao currículo de um curso de Master of Divinity (MDiv) [Mestrado em Divindade][54] e faz dele algo mais do que uma coleção de exigências acadêmicas tão diferentes? Levantar essa pergunta é examinar o que constitui o currículo ou, de modo mais direto, o que dá integridade ao seminário.

O que torna essa pergunta especialmente desafiadora é a natureza singular do intelectual orgânico da igreja, que, conforme já estudamos, não é uma função de habilidades ou conhecimentos especializados: "Se a teologia pastoral tem alguma identidade legítima, essa é a identidade de um discípulo que serve para atrair todas as outras áreas de estudo teológico ao centro, o lugar em que o ministério tem de se desenvolver no cuidado do povo de Deus. Assim, a teologia pastoral tem o mérito e a graça especiais de ser uma disciplina generalista".[55] Sim, mas que tipo de generalista? Uma resposta rápida seria: o tipo de generalista que pensa em tudo na vida em relação a como isso pode convergir em Jesus Cristo (Ef 1.9,10).

Portanto, o ponto de integração do currículo de seminário deve ser a sabedoria pastoral, que exige igualmente conhecimento, competência e excelência. Por conhecimento, quero dizer tudo o que os pastores precisam *conhecer* a fim de cumprir sua vocação de se tornar um pastor como Cristo. Competência significa as capacidades que um pastor tem de adquirir a fim de *realizar* um ministério eficaz e usar bem o conhecimento adquirido; pastores-teólogos têm de ser generalistas não apenas no que se refere ao conhecimento, mas também às habilidades. Por excelência, refiro-me a todas as qualidades pessoais que um pastor precisa ter a fim de *ser* alguém que ministra, de modo correto, Cristo — o caminho, a verdade e a vida — aos outros.

Para ministrar Cristo, é preciso conhecer Jesus Cristo, e para isso precisamos do testemunho do Antigo e do Novo Testamentos, da tradição da reflexão constante da igreja sobre esse testemunho e da experiência pessoal da presença e da atividade de Cristo. Aprender Cristo — com o coração, a alma, a força e a mente — tem de ser o princípio e o fim, o centro e a periferia, a matéria e a energia do currículo de seminário. Que os seminários decidam "não saber nada [...] exceto Jesus Cristo e ele crucificado" e ressurreto (1Co 2.2; 15, ESV): o Cristo, todo o Cristo e nada além de Cristo.

Sobre a morte

DAVID GIBSON

> Melhor é o bom nome do que o perfume caro,
> e o dia da morte é melhor que o dia do nascimento.
>
> Eclesiastes 7.1

Ao se tratar de morte, o papel do pastor é bem conhecido. Ele está presente para consolar os enlutados quando a morte de uma pessoa querida os aflige; ele também está presente para incomodar os que se sentem confortáveis algum tempo depois do luto. A perspectiva da perda presente e do juízo futuro parece determinar como a morte é vista no ministério pastoral, seja como conselheiro pessoal seja como expositor bíblico.

De forma bem resumida, quero sugerir outro horizonte. A morte atribui vida. *O dia da morte é melhor do que o dia do nascimento.*

A tarefa pastoral se ocupa em desendeusar nossos deuses fabricados, e é um engano cultural pensar que a batalha mais intensa é contra os ídolos de dinheiro, sexo e poder. Essas coisas recebem honra só por causa do ídolo mais enraizado de todos, o "eu". O desejo de ser criatura imortal independentemente de Deus é o pecado básico — *orgulho* —, e a ferramenta divina para destruir esse pecado é a morte. Essa morte, quando vista como o delimitador apropriado da finitude deste lado da Queda, pode ser a fonte de uma vida bem vivida, o verdadeiro demolidor de nossas divindades falsas.

A morte cria, assim como mata. Pode moldar e dar forma, assim como pode rasgar e despedaçar. Isso acontece porque a maldição é um ato de fala *performativo*: comunica o desprazer divino com a usurpação do Trono pela

criatura e, dessa maneira, determina as fronteiras limitadoras da existência humana, que têm de ser respeitadas. Cruze a fronteira, e a consequência é a desintegração. Espere receber mais do que lhe foi prometido e veja o que acontece! Éden reconquistado?[56] Duas mãos cheias de vento. Setenta anos de vapor que se dissipa na terra sempre em rotação. Mais do que uma sentinela a serviço no controle de fronteira, a morte não somente patrulha a fronteira; ela própria é a fronteira, um demarcador para definir e delimitar todo o projeto do ser humano deste lado da Queda.

Eis a superioridade da morte. As palavras do *Qohelet*,[57] em Eclesiastes 7.1, podem ser interpretadas de diferentes maneiras, mas a minha sugestão é que estamos sendo convidados a ver a morte como um pregador por excelência. A morte é um mestre. O dia da morte é melhor do que o dia do nascimento — não porque a morte seja melhor do que a vida, *mas porque um caixão prega melhores sermões do que um berço*. "Melhor é ir a casa onde há luto do que ir à casa onde há banquete; pois a morte é o fim de todos os homens; que os vivos reflitam nisso em seu coração" (7.2, TA). "O coração dos sábios está na casa onde há luto, mas o coração dos tolos, na casa da alegria" (7.4).

O *Qohelet* estudou dois tipos de pessoas que vão aos sepultamentos. Os tolos, que ficam se mexendo em seus assentos, desesperados para estar lá fora debaixo do sol e de volta ao que estavam fazendo; e os sábios, que observam o caixão e reconhecem que um dia será a sua vez. Tal desatenção ou atenção diante da morte introduz dois caminhos bem diferentes ao longo da vida.

Observe-se o empresário ou político corrupto no topo da pirâmide, sentado na melhor mesa no restaurante finíssimo. Realizou tudo, teve êxito em tudo e almoça absolutamente só em sua insatisfação (Ec 4.7,8). Orgulhoso? Egoísta? Talvez. Mas por quê? Porque não acredita que morrerá. Nunca encarou o olhar da morte. Não deparou com a própria morte antes e não a observou erguendo as mãos abertas e atuando em seu coração.

Os sábios, sentados no crematório e mais uma vez com a atenção focada em sua mortalidade, dizem para si mesmos: "Se vou morrer, como então devo viver?" Eles se levantam, renascidos com a resposta da morte: vinho e trabalho, sexo e comida, amor e riso, beleza e verdade e uma grande quantidade de tudo isso — já

basta para começar (9.7-9). A morte faz as pessoas buscarem o prazer, não apenas pensarem em tragédias ou em aspectos negativos. A lista de atividades sábias em 9.7-9 é representativa, não exaustiva. Será que podemos parafrasear? Ande de bicicleta, visite o Grand Canyon, vá ao teatro, aprenda a compor música, visite os enfermos, cuide das pessoas à beira da morte, cozinhe, alimente os famintos, assista a um filme, leia um livro, ria com alguns amigos até chorar de tanto rir, jogue futebol, participe de uma maratona, faça mergulho no oceano, ouça Mozart, converse com seus pais pelo telefone, escreva uma carta, brinque com seus filhos, gaste seu dinheiro, aprenda uma língua, plante uma igreja, comece uma escola, fale de Cristo, viaje a um lugar em que nunca esteve, adote uma criança, doe sua fortuna ou então doe algo, influencie a vida de outra pessoa sacrificando sua própria vida.[58]

Trabalho, planejamento, conhecimento e sabedoria um dia cessarão, então faça essas coisas agora, enquanto você pode. O que quer que sua mão encontre para fazer, faça com todas as forças. Pessoas à beira da morte, que realmente sabem que estão morrendo, são as mais vivas de todas as pessoas. Não estão aqui para viver para sempre. Elas estão aqui para viver agora ou hoje — e acima de tudo estão aqui para viver para os outros. "Melhor é serem dois do que um" (4.9). "O cordão de três dobras não se rompe tão facilmente" (4.12). Pense quão resistente seria o cordão de quatro fios ou de cinco.

Será que o boato de um banquete que estava prestes a acontecer chegou até o Qohelet? Ele está espalhando o boato ou sua boca é um túmulo? Independentemente do que ele soubesse, sabemos que essas coisas devem fluir de nossos púlpitos como o próprio conteúdo de nossa teologia pública da morte. Embora seja um chavão dizer que nada é tão certo quanto a morte e os impostos, também é verdade que a morte faz todo o possível para fugir do olhar público. Ernest Becker nos mostrou de forma bem convincente que negar a morte é a principal motivação de boa parte da atividade humana.[59] Terrível demais para enfrentar, nós a ignoramos ou a tratamos com eufemismos em um discurso aceitável e a relegamos a segundo plano como algo que acontece com os outros. Quão diferente isso é para o Qohelet e os discípulos que ele instrui. Quando a criatura se vê como *criatura*, a finitude não precisa produzir medo e desespero

esmagadores que temos de disfarçar com uma percepção errônea da realidade. Enfrentar a morte é a principal motivação da vida humana abundante. Pois a morte é o elemento fundamental de quem está maravilhado e fascinado com o que vem antes dela — a *vida*. Quando nos preparamos para morrer, aprendemos a viver.

A morte produz humildade. Esvazia o projeto fútil de tentar ser Deus. A morte ensina os jovens a perderem sua vida por algo maior do que a vida e a arriscarem tudo por Cristo e seu reino; ensina aos idosos por que, depois da sepultura, Deus é a esperança de um mundo renascido em justiça e equidade. A morte elabora com todo cuidado uma cosmovisão devotada não ao lucro pessoal, mas à generosidade e à satisfação. "Melhor é ter um punhado com tranquilidade do que as duas mãos cheias à custa de muito trabalho e de perseguir o vento" (4.6). A morte concede perspectiva na dor. Ela nos ajuda a perder, pois um dia Deus endireitará todas as coisas.

Invista em sua morte vivendo.

Pregando a doutrina do evangelho como verdade, bondade e beleza

BILL KYNES

Como pastor, sou chamado a ser um arauto da verdade do evangelho conforme revelado nas páginas das Escrituras. Essa verdade do evangelho é chamada doutrina, e, quando exponho essa doutrina, apelo à mente de meus ouvintes, procurando explicar com clareza o que Deus — por meio da vida, morte e ressurreição de Cristo — tem feito na história para nos reconciliar consigo e nos restaurar à imagem de Cristo para a glória de Deus. Apresento a grandiosa história da Criação, Queda, redenção e restauração, indicando como essa história explica melhor o cosmo e nossa própria consciência. Ao declarar que somos

criados à imagem de Deus, a Bíblia explica por que temos tanta dignidade como seres humanos mesmo ela podendo ser tão depravada; por que fazemos parte da natureza e ao mesmo tempo estamos acima dela; e por que ansiamos tão desesperadamente por significado, propósito e apreço em nossa vida. Em minha pregação, dirijo-me à razão humana e chamo as pessoas a colocarem a fé no evangelho de Cristo, porque ele é verdadeiro.

No entanto, a doutrina, que é o evangelho, é mais do que algo meramente racional; ela também é moral. Ao expor o ensinamento das Escrituras, também apelo à consciência de meus ouvintes. Apresento a eles a santidade do nosso grande Deus e os padrões de sua lei. Procuro desmascarar suas justificativas pessoais, hipocrisias e idolatrias tolas e confrontá-los com o Juiz de toda a terra, que conhece de modo perfeito os pensamentos e intenções do coração de cada um. Somos verdadeiramente culpados quando nos apresentamos diante de um Deus santo. Contudo, essa mesma doutrina bíblica também revela um Deus de misericórdia e compaixão, que agiu de forma bondosa para remover nosso pecado. Mediante o sangue expiatório de Cristo, o evangelho oferece o perdão e uma purificação moral interior. A mensagem que sou chamado a proclamar não é apenas verdadeira; também é boa. O evangelho não apenas satisfaz a mente; também alivia a consciência e impele o crente a viver em retidão como Cristo. Em minha pregação, chamo as pessoas a colocarem sua fé no evangelho de Cristo porque esse evangelho é bom.

Há ainda mais a ser dito. O evangelho e a nova vida que ele produz não são apenas verdadeiros e bons; também são belos. Conforme a doutrina cristã declara, naquela feia cruz romana observamos, na verdade, um ato de beleza sem igual — um amor de sacrifício e de perdão derramado para salvar aqueles que nada merecem senão a ira divina. E daquela cruz flui uma atraente qualidade de vida — "a beleza incorruptível de um espírito gentil e tranquilo" (1Pe 3.4, NIV), humilde e compassivo, mas com propósito, satisfeito e cheio de um regozijo sincero. Os seguidores de Cristo abandonam a busca fútil por dinheiro e fama mundana e se apegam a algo bem mais satisfatório. Em relacionamentos de amor e cuidado, a comunidade que Cristo cria por meio de seu Espírito exibe às vezes vislumbres de sua glória futura, quando será "uma noiva [maravilhosamente]

adornada para seu marido" (Ap 21.2, ESV). Quando exponho a verdade do evangelho com toda a sua força moral, estou apelando não apenas à mente e à consciência, mas também ao coração — àquele sentido estético que é atraído para o que é atraente, desejável e prazeroso, até mesmo glorioso. Chamo as pessoas a colocarem a fé no evangelho de Cristo porque esse evangelho é belo.

Proclamo o evangelho em toda a sua verdade, bondade e beleza. Nessa abordagem homilética, sou encorajado pelo exemplo do apóstolo Paulo em sua carta a Tito. No versículo inicial ele fala do "conhecimento da verdade, que leva à piedade" (1.1); essa ligação entre verdade e bondade moral constitui um tema importante da epístola. Paulo diz que os líderes cristãos devem "se apegar firmemente à mensagem fiel conforme tem sido ensinada" e devem "incentivar outros por meio da sã doutrina" (1.9, NIV). Paulo exorta Tito: "Tu, porém, fala o que está em harmonia com a sã doutrina" (2.1), e logo a seguir o instrui no caminho da vida que deve caracterizar os crentes em Cristo — como homens idosos, mulheres idosas, mulheres jovens, homens jovens e escravos. Eles devem viver uma vida de reverência, autocontrole, pureza, humildade e piedade (2.2—3.1). E a mensagem de Paulo aos escravos pode igualmente ser declarada a todos: devem viver de tal maneira que "em tudo mostrem a beleza da doutrina de Deus, nosso Salvador" (2.10) ou, conforme traduzido pela NIV, de tal maneira que "tornem atraente o ensino sobre Deus, nosso Salvador". A bondade moral que deve fluir da verdade da sã doutrina tem de revelar uma beleza que será atraente.

Acaso não devemos esperar exatamente essa relação? Pois a doutrina cristã é o ensinamento sobre o evangelho, e o evangelho é uma revelação do caráter divino. A teologia cristã afirma que todos esses três elementos — verdade, bondade e beleza — estão unidos no próprio Deus. Em certo sentido, são apenas três maneiras diferentes de falar sobre quem Deus é: verdade perfeita, bondade infinita e beleza pura — uma beleza que é absolutamente gloriosa. Esses três aspectos não podem ser separados em compartimentos diferentes, pois a verdade divina é boa, sua bondade é bela e sua beleza é verdadeira. Deus é a fonte de toda verdade, bondade e beleza; por isso, tudo o que é verdadeiro, bom ou belo neste mundo aponta, em última instância, para Deus. Assim, a sã doutrina — ou seja,

o ensino fiel do evangelho de Deus — reunirá os três elementos: o modo de vida bom que flui da verdade do evangelho é algo belo.

Em meu desejo de ser fiel ao meu chamado pastoral, procuro proclamar o evangelho em toda a sua verdade, bondade e beleza, apelando à mente, à consciência e ao coração. Minha oração é que o Espírito de Deus use o que prego para levar a vontade do ouvinte a responder de modo positivo a essa doutrina do evangelho com arrependimento, fé e obediência amorosa.

Ler para pregar

CORNELIUS PLANTINGA JR.

Os pregadores adotam um programa de leitura geral por vários motivos, puro prazer ou culpa inclusive, mas a maioria dos motivos tem que ver com o respeito pelos ouvintes. Pregadores respeitosos não pressupõem que a própria experiência de vida seja terreno suficientemente fértil para cultivar um sermão e, por isso, importam nutrientes de outros. Por exemplo, pregadores leem poesia para deixar o ouvido sintonizado com a linguagem, sua principal ferramenta de trabalho. Também leem biografias para adquirir um bom discernimento, especialmente da natureza humana. Enquanto isso, textos de jornais ajudam o pregador a reforçar sua compreensão de tendências e acontecimentos contemporâneos. Ensaios literários ensinam os pregadores a se concentrar em uma ideia (muitos dos ensaios de George Orwell tratam precisamente de um único assunto). E a literatura infantil ("Dizem que Aslam está a caminho" [C. S. Lewis]) dá ao pastor um modelo de estilo de prosa, que poderia ser descrito como "simplicidade majestosa".

Pregadores não adotam esse programa de leitura para fazer sermões bonitos ou extravagantes. Nem todo membro da congregação quer ouvir que "atrás das colinas de Moabe o céu era de cor rosa chiclete", ou escutar que "as asas do apóstolo estavam recolhidas enquanto seus pés caminhavam de forma cadenciada

pelo chão batido da calçada da vida". Afinal, quem fala assim? Em geral, pregadores que exageram no emprego da literatura, quer utilizem o próprio modo de falar quer o de alguma outra pessoa, podem parecer efeminados.

Ainda assim, há fortes razões para o pregador ler ficção e, às vezes, parafraseá-la ou até mesmo reproduzi-la literalmente. Para começar, os pregadores estão sempre à caça de ilustrações. Assim, o pregador que reflete sobre o bom conselho de Paulo, "Revesti-vos de [...] humildade" (Cl 3.12), quer conhecer o pregador John Ames, do romance *Gilead*, de Marilynne Robinson, que personifica o indivíduo amável, que ri de si mesmo, um tipo de humildade atraente. Ames nos conta um de seus sonhos: "Eu estava pregando para o próprio Jesus e dizendo qualquer bobagem que eu pudesse imaginar, e ali ele estava sentado com seu manto branquíssimo, parecendo resignado, triste e espantado". O pregador de paciência se lembrará de Ma Joad de *The grapes of wrath*,[60] uma mulher com enorme capacidade de suportar aborrecimentos, até mesmo injustiças, sem ficar paralisada por isso.

Se ilustrações extraídas de obras de ficção são interessantes ou não, depende muito do bom senso do pregador. Em que medida essa ilustração é apropriada? Até que ponto ela é fantasiosa? Quão relacionada está com o tema que desejo ilustrar? De que forma essa ilustração seria proveitosa para o público em geral?

Entretanto, nenhum pregador experiente lê ficção apenas porque ela o capacita a ilustrar temas pré-estabelecidos. Uma razão para isso é que ler apenas para encontrar ilustrações dá muito trabalho. Outra razão é que ler com um objetivo tão restrito distrai o pregador, impedindo-o de obter proveito maior e mais amplo: um programa bem escolhido de leitura tende a tornar o pregador sábio. Afinal, textos bem escritos estão repletos de informações reveladoras com incidentes, imagens, descrições de personagens, expressões e observações sobre tudo o que existe debaixo do sol, incluindo a vida, a morte, o pecado, a graça, a peregrinação, a paciência, Deus, a velhice, o regozijo, a saudade, o retorno para casa e o ato de colher o que foi plantado. Pregadores tratam desses mesmos temas nas Escrituras; eles terão vantagem se o fizerem com a mente já repleta de compreensão de tais temas.

Vejamos um exemplo. Em *East of Eden*, de John Steinbeck, Samuel e Liza Hamilton formam um casal que perde Una, a filha mais velha. Ao nos relatar essa perda, Steinbeck nos mostra como a morte é encarada de modo diferente por cada alma humana:

> A morte de Una tirou o chão de Samuel, abriu as portas de seu castelo bem defendido e deixou a velhice entrar. Por outro lado, Liza — que com certeza tinha, assim como o marido, um profundo amor pela família — não foi destruída nem teve a saúde abalada. A vida continuou da mesma maneira. Ela sentiu dor, mas sobreviveu.[61]

Por que essa diferença? Na realidade, Samuel não acreditava na morte. Para ele a morte era "uma afronta, uma negação da imortalidade que ele sentia intensamente". Mas no mundo de Liza a morte era inevitável: "Ela não gostava da morte, mas sabia que existia, e, quando a morte chegou, isso não a surpreendeu".

O pregador atento refletirá sobre essa diferença e a comparará com atitudes bíblicas diante da morte. Será que a morte é uma afronta ("o último inimigo a ser vencido" [cf. 1Co 15.26]), um fenômeno que nunca deveria ter entrado em nosso mundo? Ou a morte é parte natural do ritmo da vida, em que existe "tempo de nascer e tempo de morrer" (Ec. 3.2)? Ou seria ambos?

O dom e o chamado do pregador são a sabedoria. Sem ela quem suportaria a tarefa dominical de ensinar, advertir, inspirar e encorajar uma congregação? Com ela o pregador pode ao menos esperar que a congregação não ficará ali sentada "resignada, triste e espantada". Os pregadores sabem que com apenas poucas prateleiras de romances eles têm uma centena de mundos possíveis para entrar e habitar por algum tempo, cada um trazendo nova revelação. Em um desses mundos, os pregadores armazenam "sabedoria intermediária", as percepções que estão no centro do espectro, que envolve desde trivialidades até coisas profundas. Eis alguns exemplos de percepções:

- A compaixão humana fica muitas vezes abaixo da superfície e, se um sujeito grosseiro a demonstra primeiro, ela se torna contagiante à medida que outras pessoas acolhem a mesma atitude.

- Mas a compaixão pode parecer mais um fardo que um presente quando alguém compassivo quer ser bom com você da maneira *dele*.
- A ira pode destruir e corromper, mas, quando é direcionada contra a injustiça, pode despertar as pessoas e torná-las resolutas.
- O silêncio é o contexto natural para falar e para ouvir. Deus estabeleceu a cadência silêncio-som-silêncio na criação; quando nós quebramos essa cadência, ficamos desorientados.
- Sob a pressão do pecado, o amor pode assumir formas impensáveis, inclusive algumas que parecem traição.

Pregadores sábios leem para se tornar mais sábios. Afinal, toda semana eles têm uma montanha para escalar. Em que outra área da vida humana alguém é chamado a falar a um público tão variado sobre os assuntos mais majestosos do mundo — Deus, glória, salvação, ressurreição, memória, esperança — e a fazê-lo de uma forma que realmente envolva os ouvintes? O pastor tem de ser um pouco louco para escalar essa montanha. Ou então esperar, mais uma vez, que o Espírito Santo sopre o sermão no coração dos ouvintes.

[1]Edições em português: *Orgulho e preconceito*, tradução de Alexandre Barbosa de Souza (São Paulo: Penguin-Companhia das Letras, 2013); *Orgulho e preconceito*, tradução de Celina Portocarrero (Porto Alegre : L&PM, 2010); *Orgulho e preconceito*, tradução de Lúcio Cardoso, Clássicos Abril 13 (São Paulo: Abril Coleções, 2010.); *Orgulho e preconceito*, tradução de Enrico Corvisieri (Rio de Janeiro: Best Seller, 2004); *Orgulho e preconceito*, tradução de Laura Alves; Aurélio B. Rebello (Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1997); *Orgulho e preconceito — Pride and prejudice*, edição bilíngue, tradução e notas de Marcella Furtado (São Paulo: Landmark, 2008).

[2]Cf. Paul W. Pruyser: "Estou cada vez mais convicto de que as pessoas se voltam para os pastores — acertadamente — porque desejam ter a oportunidade de olhar *para si e seus problemas à luz de sua fé e de sua tradição religiosa* com a ajuda de um especialista apenas nesse aspecto" ("The diagnostic process in pastoral care", in: A. W. Richard Sipe; Clarence J. Rowe, orgs., *Psychiatry, ministry, and pastoral counseling* [Collegeville: Liturgical, 1984], p. 109).

[3]O que dizer de igrejas com vários pastores? Todos precisam ser teólogos públicos? Será que cada um tem de ser capaz de ministrar exatamente da mesma maneira, ignorando na prática os próprios dons em uma determinada área? Essa é uma questão complexa. Respondendo com poucas palavras, todos precisam ser teólogos públicos no sentido de que, independentemente de sua função ou ministério específico, estão todos trabalhando com pessoas, e a contribuição teológica que têm a dar é a capacidade de enxergar a vida em sua totalidade e interpretar cada situação da perspectiva do drama completo da redenção, isto é, de acordo com o que o Deus trino e uno está fazendo para reunir todas as coisas em Cristo.

[4]Seneca, *On the shortness of life: life is long if you know how to use it*, tradução para o inglês de C. D. N. Costa (London: Penguin, 2004), p. 1-33 [edição em português: Sêneca, *Sobre a brevidade da vida*, tradução de Lúcia Sá Rebello; Ellen Itanajara Neves Vranas; Gabriel Nocchi Macedo (São Paulo: L&PM Editores, 2006)].

[5]Paul Tillich, *The courage to be* (New Haven: Yale University Press, 1952), p. 46-50. "A era da ansiedade" é também o nome de um poema vencedor do Prêmio Pulitzer de 1948, escrito por W. H. Auden, e de uma sinfonia de autoria de Leonard Bernstein, inspirada no poema de Auden. De sua parte Tillich sentiu que cada era da história humana tem propensão para certo tipo de ansiedade, seja ôntica, moral ou espiritual (veja *Courage to be*, p. 57-63).

[6]Veja o documento "America's state of mind report", publicado por Medco Health Solution, que trata de tendências de medicação em saúde mental entre 2001 e 2010, disponível em: http://apps.who.int/medicinedocs/documents/s19032en/s19032en.pdf.

[7]A fonte primária para esse material sobre Martin Heidegger é sua obra *Being and time*, tradução para o inglês de John Macquarrie; Edward Robinson (Oxford: Blackwell, 1980) [edição em português: *Ser e tempo*, tradução de Marcia Sá Cavalcante Schuback (Petrópolis/Bragança Paulista: Vozes/EDUSF, 2006)].

[8]Søren Kierkegaard, *Kierkegaard's Writings* (Princeton: Princeton University Press, 2013), vol. 19: *The sickness unto death: a Christian psychological exposition for upbuilding and awakening*, p. 5 [edição em português: *O desespero humano*, tradução de Alex Marins (Martin Claret: São Paulo, 2001)].

[9]Sarah Bachelard, *Resurrection and moral imagination* (Farnham/Burlington: Ashgate, 2014), p. 2. Veja tb. Oliver O'Donovan, *Resurrection and moral order: an outline for Evangelical ethics* (Grand Rapids: Eerdmans, 1986).

[10] N. T. Wright, *The resurrection of the Son of God* (Minneapolis: Fortress, 2003), p. 578 [edição em português: *A ressurreição do Filho de Deus*, tradução de Eliel Vieira (São Paulo: Academia Cristã/Paulus, 2012)].

[11]Veja tb. Pope Francis, *The joy of the gospel: evangelii gaudium* (Frederick: Word among Us, 2014) [edição em português: Papa Francisco, *Exortação apostólica* evangelii gaudium*: a alegria do evangelho* (São

Paulo: Paulinas, 2013)].

[12]Para mais informações sobre os modos teológicos, veja David F. Ford, *The future of Christian theology* (Oxford: Wiley-Blackwell, 2011), p. 71-83.

[13]De acordo com Rowan Williams, a metafísica — o estudo filosófico *do que é* — é mais bem entendida da perspectiva de nossas convicções fundamentais sobre de que maneira as coisas estão implícitas em nossas práticas mais importantes ("Between politics and metaphysics: reflections in the wake of Gillian Rose", *Modern Theology* 11 [1995]: 6).

[14]Um só verbo é usado para indicar "realidade" e "posição", ao passo que, em português, essas duas ideias são comunicadas por dois verbos: "ser" e "estar", respectivamente. Uma vez que o autor lança mão dos dois sentidos em sua exposição da relação do cristão com Cristo, optamos por destacar um desses sentidos quando fica claro pelo contexto e manter ambos ("ser/estar") quando as duas interpretações são possíveis.

[15]Veja ainda Wright, *Resurrection of the Son of God*, p. 679-82.

[16] No capítulo seguinte, veremos que pastores-teólogos servem o pão e o vinho com um objetivo parecido: nutrir e edificar o corpo de Cristo.

[17]E. D. Hirsch, *Cultural literacy* (New York: Vintage Books, 1988).

[18]Ibidem, p. xiii.

[19]Veja Kevin J. Vanhoozer, "Scripture and hermeneutics", in: Gerald McDermott, org., *Oxford handbook of Evangelical theology* (Oxford: Oxford University Press, 2010), p. 35-52; idem, "Ascending the mountain, singing the rock: Biblical interpretation earthed, typed, and transfigured", *Modern Theology* 28, n. 4 (2012): 781-803; idem, "Interpreting Scripture between the rock of biblical studies and the hard place of systematic theology: the state of the Evangelical (dis)union", in: Richard Lints, org., *Renewing the Evangelical mission* (Grand Rapids: Eerdmans, 2013), p. 201-25.

[20]Veja a excelente análise em James M. Hamilton Jr., *What is biblical theology? A guide to the Bible's story, symbolism, and patterns* (Wheaton: Crossway, 2014).

[21]Jonathan Edwards, "The church's marriage to her sons, and to her God", in: *The works of Jonathan Edwards* (New Haven: Yale University Press, 2006), vol. 25: *Sermons and discourses, 1743-1758*, p. 187.

[22]A referência é à distinção feita por Isaiah Berlin entre dois tipos de pensadores: raposas, que empregam um amplo estoque de diferentes tipos de conhecimento, e ouriços, que tendem a interpretar tudo através da lente de uma única ideia definidora. Berlin baseia sua distinção em um pequeno trecho da poesia grega antiga: "A raposa sabe muitas coisas, mas o ouriço sabe uma grande coisa" (Arquíloco, fragmento 103). Veja Isaiah Berlin, *The hedgehog and the fox: an essay on Tolstoy's view of history* (London: Weidenfeld & Nicolson, 1953).

[23]Veja ainda James K. A. Smith, *Desiring the kingdom: worship, worldview, and cultural formation* (Grand Rapids: Baker Academic, 2009).

[24]"Deísmo moralista terapêutico" é a descrição apresentada por Christian Smith da teologia dos adolescentes americanos (veja Christian Smith; Melinda Lundquist Denton, *Soul searching: the religious and spiritual lives of American teenagers* [Oxford: Oxford University Press, 2005]).

[25]Carl F. H. Henry, *God, revelation, and authority* (Waco: Word Books, 1976), vol. 1: *God who speaks and shows: preliminary considerations*, p. 1.

[26]Para mais detalhes sobre como interpretar a cultura teologicamente, veja Kevin J. Vanhoozer, "What is everyday theology: how and why Christians should read culture", in: Kevin J. Vanhoozer; Charles A. Anderson; Michael J. Sleasman, orgs., *Everyday theology: how to read cultural texts and interpret trends* (Grand Rapids: Baker Academic, 2007), p. 15-62.

[27]Quanto ao papel da imaginação na compreensão de onde estamos, veja Kevin J. Vanhoozer, "In bright shadow: C. S. Lewis on the imagination for theology and discipleship", in: John Piper; David Mathis, orgs., *The romantic rationalist: God, life, and imagination in the work of C. S. Lewis* (Wheaton: Crossway, 2014), p. 81-104.

[28] Andrew Purves, *Pastoral theology in the classical tradition* (Louisville: Westminster John Knox, 2001), p. 120.

[29]No entanto, o próximo capítulo recomenda a prática da visitação pastoral. Pastores precisam ter conhecimento pessoal e imediato de suas ovelhas, bem como devem ser estudantes da condição humana por meio da literatura.

[30]C. S. Lewis, *An experiment in criticism* (Cambridge: Cambridge University Press, 1961), p. 141 [edição em português: *Um experimento na crítica literária*, tradução de João Luís Ceccantini (São Paulo: Unesp, 2009)].

[31]Edição em português: *Eu sei por que o pássaro canta na gaiola*, tradução de Paula Rosas, Coleção José Olympio (Rio de Janeiro: José Olympio, 1996).

[32] Tradução de Maria Helena Rouanet (Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005).

[33]Tradução de Wilma dos Santos Mendes; Maria de Lourdes Machado Demenato; Maria Ignez Aulicino Andrade (Campinas: Pontes, 1996).

[34]Edição em português: *A vingança de Manon*, tradução de Wilma dos Santos Mendes; Maria de Lourdes Machado Demenato; Maria Ignez Aulicino Andrade (Campinas: Pontes, 1997).

[35]Lesslie Newbigin, *Foolishness to the Greeks: the gospel and Western culture* (Grand Rapids: Eerdmans, 1986).

[36]

Cornelius Plantinga Jr., *Reading for preaching: the preacher in conversation with storytellers, biographers, poets, and journalists* (Grand Rapids: Eerdmans, 2014), p. 42. Veja tb. sua reflexão pastoral em outro trecho deste livro.

[37]Mudanças semelhantes no modo verbal, do discurso indicativo para o imperativo, ocorrem em Ef 4.1 e Fp 2.12.

[38]Richard B. Gaffin Jr., *By faith, not by sight*, 2. ed. (Phillipsburg: P&R, 2013), p. 82.

[39]De modo semelhante, as Epístolas joaninas se referem a "praticar a verdade" (1Jo 1.6, TA), e Paulo também pode falar da verdade como algo a que se deve obedecer (Rm. 2.8).

[40]Veja a nota adicional "Godliness" em Philip H. Towner, *The letters to Timothy and Titus*, New International Commentary on the New Testament (Grand Rapids: Eerdmans, 2006), p. 171-4.

[41]Oliver O'Donovan, *Resurrection and moral order: an outline for Evangelical ethics* (Grand Rapids: Eerdmans, 1986), p. 15.

[42]Ibidem, p. 25.

[43]Ibidem, p. 236.

[44]C. S. Lewis, *Mere Christianity* (Glasgow: Collins, 1955), p. 171 [edição em português: *Cristianismo puro e simples*, tradução de Álvaro Oppermann; Marcelo Brandão Cipolla (São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009)].

[45]Veja ainda Jason B. Hood, *Imitating God in Christ: recapturing a biblical pattern* (Downers Grove: InterVarsity, 2013).

[46]Uma das tarefas mais importantes de pastores-teólogos é ajudar a igreja a compreender a natureza desse *é* escatológico.

[47]Bonhoffer, *Dietrich Bonhoeffer works* (Minneapolis: Fortress, 2005), vol. 6: *Ethics*, p. 49-50 [edição em português: *Ética*, tradução de Helberto Michel (São Leopoldo: Sinodal/EST, 2002)].

[48]Christopher R. J. Holmes, *Ethics in the presence of Christ* (London: T. & T. Clark, 2012), p. 12.

[49]Para mais informações sobre a ideia de revestir-se de Cristo, veja Kevin J. Vanhoozer, *Faith speaking understanding*, cap. 5.

[50]Wallace M. Alston Jr., "The education of a pastor-theologian: toward a learned ministry", in: Wallace M. Alston Jr.; Cynthia A. Jarvis, orgs., *The power to comprehend with all the saints: the formation and practice of a pastor-theologian* (Grand Rapids: Eerdmans, 2009), p. 68.

[51]Ainda é uma questão em aberto se a sabedoria pode ser ensinada, mas, caso possa ser, então talvez a melhor maneira de fazê-lo seja tornar os pastores mais jovens aprendizes daqueles que têm mais experiência. Muitos seminários exigem que alunos de mestrado em divindade tenham uma experiência de estágio, mas normalmente essa etapa prática acontece independentemente do restante do currículo. Seminários e igrejas locais fariam bem em trabalhar juntos para criar experiências de estágio que exponham os alunos a uma série de casos reais a serem analisados, o que poderia proporcionar experiências curriculares excelentes bem como oportunidades de aprendizado com um mentor.

[52]Ibidem, p. 79.

[53]Sarah Coakley sugere algo parecido em uma entrevista concedida em 2012. Veja "Ministry is not easier than theology", disponível em: http://www.faithandleadership.com/multimedia/sarah-coakley-ministry-not-easier-theology.

[54]Nos Estados Unidos, pessoas que têm vocação pastoral geralmente fazem o curso de bacharel em alguma área das ciências humanas e, depois, o mestrado em divindade, que tem currículo semelhante ao curso de bacharel em teologia no Brasil. (N. do T.)

[55]Purves, *Pastoral theology in the classical tradition*, p. 121.

[56]Alusão à obra *Paradise regained*, de John Milton [edições em português: *Paraíso reconquistado*, tradução de Guilherme Gontijo Flores (São Paulo: Editora de Cultura, 2014); *O paraíso reconquistado*, tradução de Antônio Rocha Azevedo (São Paulo: Edições Renascimento: 1971)]. (N. do T.)

[57]Termo hebraico que indica o "pregador" (ARA) ou "sábio" em Eclesiastes 1.2 e que dá nome à própria obra na Bíblia Hebraica. (N. do E.)

[58]Para uma reflexão provocadora e harmoniosa desse tipo de vida, veja N. D. Wilson, *Death by living* (Nashville: Nelson, 2013).

[59]Ernest Becker, *The denial of death* (New York: Free, 1973) [edição em português: *A negação da morte*, tradução de Luiz Carlos do Nascimento Silva (Rio de Janeiro: Record, 2007)].

[60]Edições em português: *As vinhas da ira*, tradução de Herbert Caro; Ernesto Vinhaes (Rio de Janeiro: BestBolso, 2008); *As vinhas da ira*, tradução de Virgínia Motta (Lisboa: Livros do Brasil, 2000).

[61]John Steinbeck, East of Eden (New York: Viking, 1952), cap. 24 [edição em português: *A leste do Éden*, tradução de A. B. Pinheiro de Lemos, Grandes Romancistas (São Paulo: Abril Cultural, 1984)].

4

Artesãos na casa de Deus

As práticas do pastor-teólogo

KEVIN J. VANHOOZER

> Porque somos cooperadores de Deus,
> e dele sois lavoura e edifício (1Co 3.9).

A teologia não é um fim em si. Diferente de instituições que buscam perpetuar a própria existência, a teologia tem um objetivo mais elevado do que a mera sobrevivência. A glória de Deus é a finalidade suprema da teologia, como também de todas as coisas humanas. No entanto, o fim imediato da teologia é edificar os que pertencem a Deus, equipando-os para alcançarem seu objetivo final: glorificar a Deus em tudo o que fazem, dizem e sofrem. A missão da teologia tem tudo que ver com participar da missão do próprio Deus no mundo. Na teologia, tudo acaba voltando a esse ponto inicial: o Pai criando e abraçando todas as coisas com suas duas "mãos", o Filho e o Espírito.

Neste capítulo, examinaremos várias práticas concretas em que pastores-teólogos se envolvem no ministério cristão, isto é, na missão *de Deus*. A ideia é tão evidente que passa facilmente despercebida. Aliás, as primeiras páginas deste livro fizeram soar um alarme, a saber, que muitas congregações e pastores têm compreensões secularizadas do ministério cristão. Assim como o maior erro que podemos cometer como cristãos é pensar que Deus existe para nos ajudar como ator coadjuvante em nossa história de vida (em vez de nós sermos os personagens

secundários na história de Deus), o maior erro que um pastor pode cometer é pensar que o ministério é antes de tudo um trabalho humano, apoiado por Deus. Ao contrário, Deus tem estado ativo na edificação de sua igreja desde antes da fundação do mundo (Ef 1.4; Ap 13.8). O pastor é simplesmente um santo novato que trabalha para a causa.

Podemos ser mais específicos. Embora a igreja seja obra do Deus trino e uno, o pastor participa da obra do Filho em particular. Jesus Cristo é o profeta supremo, que não apenas fala, mas também é a Palavra de Deus dirigida à humanidade. Jesus Cristo é o sacerdote supremo à medida que tanto oferece o único sacrifício sangrento que remove o pecado quanto é o próprio sacrifício. Na condição de Deus-homem, Jesus Cristo é o único mediador que representa Deus diante de outros e os outros diante de Deus. Jesus é tanto a palavra divina majestosa quanto a resposta sábia e obediente da humanidade.

Pastores participam no ministério do próprio Jesus graças à união deles com Cristo. Como todos os crentes, os pastores estão unidos à pessoa de Jesus Cristo, o Filho ressurreto de Deus, que agora reina à destra do Pai. Além disso, embora todos os crentes partilhem até certo ponto da obra contínua do Filho, os pastores foram consagrados para participar de uma forma distinta do ofício de Cristo como o Grande Pastor: "O ministério de Cristo tem a ousada intenção de combinar os ministérios profético e sacerdotal em um único ministério da palavra e do sacramento, em que uma pessoa serve tanto no ofício sacerdotal de conduzir o culto público quanto no ofício profético de fornecer instrução religiosa, exegese e proclamação da palavra de Deus".[1] Portanto, o pastor representa e participa do ministério do próprio Jesus Cristo.

Deve-se ter em mente que o ministério pastoral é, em primeiro lugar, obra de Jesus Cristo e, apenas de forma secundária, obra de pastores humanos. Os pastores podem ministrar de modo autêntico o que é/está em Cristo apenas se eles próprios estiverem em Cristo.[2] Porque estão em Cristo, Cristo também está neles, comunicando a si mesmo e aos seus benefícios por meio de seu Espírito: "Por nossa união com Cristo, partilhamos do ministério de Jesus Cristo conosco, para nós e através de nós por meio do Espírito Santo para a glória do Pai".[3] As práticas que constituem o trabalho do pastor-teólogo podem abranger

habilidades específicas das chamadas profissões de ajuda, mas, em última análise, o que as torna práticas teológicas é o fato de serem maneiras de comunicar *o que é/está em Cristo*.[4]

O presente capítulo começa com um exame do que estamos denominando a Grande Comissão Pastoral: "façam discípulos" e "edifiquem a casa de Deus". A última imagem é de interesse especial, principalmente à luz de seu desenvolvimento em Esdras-Neemias e Efésios. O restante do capítulo examina quatro práticas pastorais, cada uma, a seu modo, correlacionada ao Grande Mandamento (Mc 12.30). Antecipando a ideia central que defenderemos, pastores-teólogos amam a Deus e ao povo de Deus com toda a alma, a mente, o coração e a força quando proclamam, ensinam, celebram/ministram e demonstram *o que é/está em Cristo*.

A Grande Comissão Pastoral: "façam discípulos";"edifiquem a casa de Deus"

Jesus utiliza o termo "igreja" (gr., *ekklēsia*, "assembleia reunida") apenas três vezes, todas no Evangelho de Mateus (16.18; 18.17 [2x]). No entanto, em outras passagens, ele teve muito a dizer sobre o plano de Deus para um povo separado, retratando-o alternadamente como rebanho, colheita de cereais, peixes apanhados em uma rede e convidados de um casamento. Por exemplo, Jesus disse que foi enviado "às ovelhas perdidas da casa de Israel" (Mt 15.24), porém, também reconheceu: "Tenho ainda outras ovelhas que não são deste aprisco" (Jo 10.16). Por essa razão, é significativo que as palavras finais de Jesus aos discípulos após sua ressurreição — que também são as palavras finais do Evangelho de Mateus — digam respeito às orientações a seu povo separado: "Portanto, ide, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo; ensinando-lhes a obedecer a todas as coisas que vos ordenei; e eu estou convosco todos os dias, até o final dos tempos" (Mt 28.19,20).

Podemos também ver essa Grande Comissão como uma Grande Comissão Pastoral. Pois, enquanto todos os cristãos têm de dar testemunho de sua vida em Cristo, pastores têm o privilégio e a responsabilidade especiais de batizar e ensinar discípulos.[5] A Grande Comissão Pastoral consiste em formar uma nação santa com pessoas de muitas nações (1Pe 2.9; cf. Êx 19.6). Ou, para usar uma

imagem relacionada, a igreja é uma *embaixada escatológica*, "uma instituição que representa uma nação [i.e., o reino de Deus] dentro de outra nação".[6] Uma coisa é administrar instituições terrenas; outra bem diferente é administrar uma realidade escatológica. É exatamente por isso que os pastores precisam ser teólogos.

Pastores são teólogos públicos porque trabalham em nome de Deus com *pessoas* (uma assembleia reunida como público escatológico [de outro mundo] em meio a um público secular [deste mundo]). A vocação particular do pastor-teólogo é edificar cristãos em Cristo: "E ele designou uns como apóstolos, outros como profetas, outros como evangelistas, e ainda outros como pastores e mestres, tendo em vista o aperfeiçoamento dos santos para a obra do ministério e para a edificação do corpo de Cristo; até que todos cheguemos à unidade da fé e do pleno conhecimento do Filho de Deus, ao estado de homem feito, à medida da estatura da plenitude de Cristo" (Ef 4.11-13).

Pastores existem para edificar pessoas em Cristo. Aliás, tudo o que acontece na igreja deve servir para a edificação. "Edificar" (gr. *oikodomeō*) é construir (Rm 14.19; 1Co 14.3,12; 2Co 10.8; 12.19; Ef 4.12,29). O Novo Testamento utiliza duas imagens diferentes para a edificação: uma é orgânica e a outra, inorgânica. A imagem orgânica diz respeito a cultivar coisas vivas (e.g., plantações em um campo). Jesus instrui Pedro: "Alimente as minhas ovelhas" (Jo 21.17, ESV). Aqui o crescimento envolve nutrição e cuidado, a ministração do leite da palavra de Deus e, em seguida, da carne e das batatas (i.e., o "alimento sólido", Hb 5.14). A imagem inorgânica é a de um prédio. Paulo menciona as duas imagens uma ao lado da outra em 1Coríntios 3.9: "Vocês são o campo de Deus, o edifício de Deus" (ESV). A ideia central é que pastores-teólogos são basicamente lavradores de igreja, construtores de igreja — sendo que a palavra "igreja" não se refere literalmente a um edifício, mas a uma construção feita de pessoas. Essa é a ideia que este capítulo destaca com sua imagem principal do pastor-teólogo como um artesão na casa de Deus.

"Sobre esta rocha": qual rocha? alicerce de quem?

No entanto, antes de passarmos a examinar as maneiras pelos quais pastores-teólogos edificam discípulos, precisamos considerar outra imagem que está em algum ponto entre plantações e edifícios: as rochas. Rochas são extraídas de campos, mas em seguida incorporadas em edifícios. Talvez seja por isso que Jesus tenha recorrido a essa imagem em sua primeira e possivelmente mais famosa referência à igreja: "E eu lhe digo: você é Pedro, e sobre esta rocha edificarei a minha igreja" (Mt 16.18, ESV). Existem vários aspectos a observar nessa passagem controversa — controversa em grande parte porque é o principal ponto de discórdia no debate entre católicos romanos e protestantes sobre o papel do papa e de seu ofício "petrino".

Antes de tudo, está mais do que evidente que aqui Jesus promete edificar ele mesmo a igreja: ela é *sua* igreja ("minha"), e *ele* é o agente principal de sua construção ("edificarei"). Isso é resultado do fato de que Jesus ressuscitou, ascendeu ao céu, ali se assentou e enviou seu Espírito Santo para equipar várias pessoas na igreja para diversos tipos de trabalho de edificação. Reiterando, Jesus é o primeiro-ministro (i.e., a principal força atuante) da igreja.

O segundo ponto é mais controverso: o que ou quem é a rocha? Existem três principais interpretações possíveis: o próprio Cristo (e.g., Agostinho); o próprio Pedro (e.g., os católicos romanos); a confissão petrina de Cristo (e.g., muitos protestantes; veja Mt 16.16,17). Outros textos relevantes incluem 1Coríntios 3.11 ("Porque ninguém pode lançar outro alicerce, além do que já está posto, o qual é Jesus Cristo"), que identifica Jesus Cristo como o alicerce (gr., *themelios*) da igreja, e Efésios 2.20, que identifica os apóstolos e profetas como o alicerce (de novo, *themelios*) e Jesus Cristo como a "pedra angular". Grant Osborne tenta oferecer uma solução perfeita ao debate: "Jesus é o construtor e a pedra angular, mas Pedro é o primeiro líder/rocha/alicerce sobre o qual Jesus ergue a superestrutura".[7] Pedro é a rocha — Osborne pensa —, embora no contexto "certamente seja Pedro quem confessa Cristo".[8]

Insistimos no assunto porque, se pastores-teólogos têm a incumbência de construir a casa de Deus, é importante saber sobre qual alicerce devem construir. Robert Gundry observa que em grego *petros* ("Pedro") pode ser traduzido por "pedra solta" — dificilmente algo que serviria de alicerce da igreja. Em contraste,

"esta rocha" (*petra*) é leito de rocha. Mateus usa *petra* anteriormente, em 7.24, em uma declaração de Jesus: "Todo aquele, pois, que ouve estas minhas palavras e as põe em prática será comparado a um homem prudente, que edificou sua casa sobre a rocha [*petra*, no acusativo]". De acordo com Gundry, "esta rocha" significa, portanto, "as palavras de Jesus, seu ensinamento".[9] As palavras de Jesus têm importância só porque ele próprio é a Palavra de Deus. A confissão de Pedro de que Jesus é o Cristo, em Mateus 16.16-18, está intimamente relacionada à sua outra confissão, registrada no Evangelho de João, em que ele diz a Jesus: "Tu tens as palavras de vida eterna" (Jo 6.68). *A igreja é construída tanto sobre a forma quanto sobre o conteúdo das duas confissões relacionadas de Pedro: a profissão verbal de fé em Jesus e em suas palavras como a fonte da vida eterna*.[10] Jesus construirá sua igreja com base em confessores e suas confissões.[11]

Jesus é o mestre de obras que construirá sua igreja sobre a rocha de confessores e confissões. Os pastores-teólogos têm um papel especial de servir como representantes credenciados de Jesus, incumbidos de preservar a integridade dessas confissões. Uma confissão é uma afirmação com envolvimento pessoal, uma das principais maneiras de comunicar Cristo no modo indicativo. Este capítulo examina as muitas maneiras pelas quais pastores-teólogos confessam ou comunicam Cristo: proclamando, ensinando, celebrando e exemplificando. Pastores-teólogos confessam Cristo de muitas formas, não apenas com palavras, mas especialmente com elas, como fez o próprio Jesus.

Cultivando discípulos: o campo de Deus

Pastores são teólogos públicos que trabalham com pessoas para construir a igreja de Cristo. Grande parte do trabalho é público no sentido de cuidar de pessoas em geral, à vista de todos; no entanto, também há a importante responsabilidade de trabalhar com pessoas como indivíduos. "Alimente as minhas ovelhas." Pessoas são pessoas: um rebanho é constituído de ovelhas individuais, e só é possível alimentar um rebanho certificando-se de que cada ovelha esteja comendo. O pastor-teólogo trabalha com pessoas como um grupo, mas também deve ser capaz de trabalhar com indivíduos (i.e., ministrar a eles). Não há

nenhuma fórmula ou atalho específico para fazer discípulos, embora haja um modelo: Jesus Cristo, o Bom Pastor (Jo 10.14).

O que há em Cristo é um modelo para todos os pastores-teólogos posteriores. Mesmo que o pastor não ofereça uma imagem abrangente, ainda assim é instrutiva. Pedro descreve Jesus como "o Pastor e Supervisor das almas de vocês" (1Pe 2.25, ESV). Jesus é um supervisor (gr., *episkopos*) que guarda as almas ou cuida delas, ou seja, um supervisor do ser ou da vida interior da pessoa. Jesus é o "supremo pastor [*archipoimenos*]" (5.4), mas os pastores-teólogos participam dessa tarefa de pastoreio (5.2) como representantes nomeados por ele ("subpastores"). Aliás, Paulo exorta os presbíteros da igreja de Éfeso: "Portanto, tende cuidado de vós mesmos e de todo o rebanho sobre o qual o Espírito Santo vos constituiu bispos, para pastoreardes a igreja de Deus" (At 20.28).

É importante não confundir "supervisionar" com "dominar". Pedro adverte explicitamente os líderes da igreja a não imitarem os líderes mundanos que abusam de seu poder ou papel (1Pe 5.3). O próprio pastor supremo explica que "o bom pastor dá a vida pelas ovelhas" (Jo 10.11): "Os líderes do povo de Deus possuem só um tipo de autoridade genuína — a autoridade de servir o rebanho, dando sua vida por ele".[12] Neste ponto, pastores-teólogos comunicam o que é/está em Cristo com mais do que meras palavras.

Os pastores-teólogos cuidam do rebanho e cultivam o campo de Deus quando supervisionam ou (para usar o termo tradicional) "curam" as almas. A cura de almas significa cuidar do ser mais profundo de alguém: a inclinação do coração para outras pessoas e especialmente para Deus. Não há nada mais fundamental do que a relação de alguém com Deus; além do evangelho de Jesus Cristo, não há nenhum outro evangelho para curar o que nos aflige nas profundezas de nosso ser. A cura ou o cuidado de almas se refere ao cultivo da semelhança com Cristo no campo da carne humana e, por conseguinte, à transformação do indivíduo em uma pessoa que é uma imagem mais fiel de Deus.

Supervisionar almas é o que Eugene Peterson chama "trabalho semanal" do pastor.[13] Esse trabalho não pode ser feito durante o culto dominical porque exige cuidar da condição de pessoas em suas particularidades. É uma questão de discernir e ajudar indivíduos a perceber a presença e a atividade de Deus na

própria vida. Para isso, os pastores-teólogos precisam conhecer tanto o caráter de Deus quanto o caráter da alma que está sendo cuidada. Peterson insiste em que o cuidado da alma não é uma forma especializada de ministério, mas uma maneira de descrever a tarefa pastoral em sua totalidade: fazer discípulos mediante a edificação de cada pessoa em Cristo e à semelhança com Cristo, uma alma de cada vez. Isso também é teologia pública, mas descreve apenas uma parte da tarefa do pastor-teólogo na edificação da igreja.

Construindo templos: o edifício de Deus

Já mencionamos que Jonathan Edwards acreditava que Deus criou o mundo a fim de obter uma esposa para seu Filho. Hugo de São Vítor havia dito algo semelhante séculos antes e que serve de ponto de transição da reflexão acerca das almas individuais para pensar na igreja como uma entidade coletiva. Para Hugo, a tarefa básica pastoral-teológica era re-formar a alma em uma moradia condizente — uma câmara nupcial! — para a presença divina. Um estudioso sugere que foi a forma impressionante como catedrais góticas estavam sendo construídas na época (século 12) que inspirou Hugo em sua ideia de "construção da alma".[14] Hugo acreditava que o cuidado da alma é na verdade sua *restauração*: uma questão de receber novamente a forma de sabedoria, isto é, Cristo, a verdadeira imagem de Deus. O objetivo do pastor é "re-formar a alma à imagem de Deus, de maneira que a alma e a igreja se tornem moradas, casas, templos para Deus".[15]

Ao menos em uma passagem, o apóstolo Paulo se refere ao corpo das pessoas como "templos" do Espírito Santo (1Co 6.19). Mas, na maioria das vezes em que Paulo usa a imagem de templo, ele não tem em mente um indivíduo, mas, sim, um corpo coletivo: a igreja toda. A igreja — não uma coleção de indivíduos, mas um povo organicamente unido em Cristo — é a finalidade para a qual Deus criou o mundo. Portanto, pastores-teólogos têm o dever não apenas de ministrar aos indivíduos, mas também de manter em bom estado a casa de Deus — a igreja como templo vivo constituído de pedras de muitas pedreiras.

Não é a primeira vez que a casa de Deus precisa de restauração e de pessoas que liderem esse trabalho. O progresso da redenção nem sempre é constante.

Jonathan Edwards comparou a história da igreja a "um edifício que é levantado aos poucos até ser concluído, embora sua construção possa ser intermitente".[16] Os babilônios destruíram o templo de Salomão, e durante décadas o local do templo esteve em ruínas. Pastores-teólogos talvez possam aprender com os antecessores que estiveram envolvidos na reconstrução da casa de Deus em Jerusalém e cuja história é contada em Esdras-Neemias. Aliás, Esdras-Neemias fornecem precedente bíblico para a nossa imagem principal de pastores-teólogos como artesãos da casa de Deus.

Esdras-Neemias: reconstrução e reforma

> ... Nós somos servos do Deus do céu e da terra e estamos reconstruindo o templo que foi construído e concluído há muitos anos... (Ed 5.11)

Esdras-Neemias conta a história de três construtores e três projetos de construção: Zorobabel e a reconstrução do Templo de Jerusalém (Ed 1.1—6.15); Esdras e a reconstrução da comunidade de Jerusalém (Ed 7—10); Neemias e a reconstrução dos muros de Jerusalém (Ne 1.1—12.26). Em cada caso há oposição à construção; no entanto, cada líder realiza sua respectiva missão e então supervisiona uma assembleia de exilados que se reúne para celebrar a ocasião (Ed 6.16-22; Ne 9—10; Ne 12.27—13.3).

A igreja também é uma nação santa de exilados, de estrangeiros residentes (cf. 1Pe 1.1; 2.11) que estão tentando construir uma casa para Deus em circunstâncias que muitas vezes não são nada ideais. Ao recorrer à construção do Segundo Templo, não estou tornando o texto alegórico; ao contrário, estou ressaltando uma continuidade histórico-redentora entre a luta de Israel para vivenciar sua aliança com Deus e a luta da igreja para fazer o mesmo atualmente. Esdras-Neemias é uma palavra encorajadora para pastores-teólogos incumbidos de reconstruir a casa de Deus. Assim como Esdras e Neemias, os líderes da igreja têm de superar a oposição externa e interna enquanto se esforçam para completar a obra, embora nunca cheguem ao resultado final — uma morada santa e adequada para Deus — pois as pessoas ainda estão no processo de se tornar santas. Assim como Esdras e Neemias, o problema "não é tanto de exílio

prolongado, mas de restauração incompleta".[17] À semelhança de Esdras e Neemias, hoje os líderes da igreja se veem lutando para ser fiéis a Deus, enquanto vivem como se estivessem em território ocupado (no meio da cultura secular).[18] É bem interessante que o primeiro comentário sobre Esdras-Neemias é de Beda, o Venerável, que viveu no século 8, e de acordo com ele o texto "designa o próprio Senhor e seu templo e cidade, os quais somos nós [cristãos]".[19]

Existem 26 referências à "casa de Deus" (*bêt hāʾĕlōhîm*) em Esdras-Neemias. Esdras 1—6 relata a volta dos exilados para Jerusalém e seu trabalho de reconstrução do templo, o sinal físico da presença pactual de Deus com seu povo. Embora o povo tenha de fazer o trabalho, está claro que é a atuação divina a verdadeira força motriz por trás do projeto, pois é o Senhor quem desperta o espírito de Ciro, rei da Pérsia, para assegurar que os judeus reconstruam a casa de Deus (Esdras 1.1-3).[20] Mas a reconstrução do templo é apenas o começo da história. O verdadeiro desafio e a preocupação central de Esdras, é com a restauração de um *povo* santo. Por isso, Esdras talvez seja o teólogo público por excelência no Antigo Testamento.

Esdras é apresentado como sacerdote (Esdras 7.11) e "escriba hábil na Lei de Moisés" (7.6), o que significa "estudioso e expositor da palavra escrita de Deus".[21] Esdras era um estudioso que "tinha decidido no coração estudar a Lei do Senhor, praticá-la e ensinar seus estatutos" (7.10, ESV). Observe-se a progressão. Não se pode dizer acerca de Esdras: "Quem pode, faz; quem não pode, ensina". Ao contrário, para Esdras o estudo leva à pratica e só então ao ensino: "[Esdras] é um reformador-modelo porque havia primeiro vivido o que ensinou, e o que viveu ele havia primeiro verificado nas Escrituras".[22] Em resumo, Esdras se lançou na tarefa de ministrar e comunicar a palavra de Deus com toda sua alma e mente e todo seu coração e sua força.

Esdras 7—10 conta a história da volta de Esdras para Jerusalém para reconstruir não o templo, mas a comunidade, daí, a relevância desse texto para nosso tema sobre como pastores-teólogos edificam a igreja. Esdras-Neemias não é apenas um relato histórico do que aconteceu em um mundo bem distante. Ao contrário, é uma narrativa de reforma religiosa sob a direção da palavra de Deus e, por esse motivo, tem enorme importância atual. O ponto central da história é

o uso que Esdras faz da palavra de Deus para reformar seu povo. É uma narrativa sobre teologia pública. Com perspicácia, Beda observa que, depois de Esdras ter restaurado os edifícios destruídos, fazia todo o sentido para ele voltar a atenção para a restauração interior da fé e do amor do povo.[23]

Quando chega a Jerusalém, Esdras fica chocado com a notícia de que os membros do povo haviam se casado com não judeus, deixando assim de se separar dos "povos das terras" (Ed 9.1-4). Sua oração pública de confissão ajuda as pessoas que se uniram a ele a compreender o alcance de sua infidelidade (9.6—10.1). Esdras reforma o povo usando a palavra de Deus como uma lente por meio da qual as pessoas se veem exatamente como são: idólatras que, ao se casarem com mulheres estrangeiras adoradoras de deuses estrangeiros, estão vivendo fora da lei divina — portanto, são violadores da lei. Até mesmo um templo reconstruído não serve de morada para um Deus santo, se esse templo estiver no meio de um povo impuro.

O livro de Esdras termina com a resposta sincera da comunidade, que envolveu tanto confissão de pecado quanto mudança em sua maneira de agir: "Façamos agora uma aliança com o nosso Deus, de que mandaremos embora todas as mulheres" (10.3). O assunto central da passagem não é divórcio, muito menos racismo, mas, sim, reforma e renovação da comunidade.[24] É curioso que a própria Lei Mosaica não dava uma orientação direta sobre esse problema específico (a saber, esposas estrangeiras), de maneira que Esdras improvisa uma interpretação que está de acordo com o espírito da Lei.[25] Beda acreditava que as mulheres estrangeiras "simbolizam as heresias e as seitas supersticiosas dos filósofos".[26] De modo parecido, pastores-teólogos precisam refletir bastante sobre equivalentes dinâmicos de esposas ou ídolos estrangeiros acolhidos pela igreja atual (1Jo 5.21).

O livro de Neemias dá sequência à história com o relato de Neemias voltando para Jerusalém para reconstruir seus muros. Restaurar os muros era necessário não apenas para defender a comunidade, mas também para restaurar sua unidade básica.[27] Neemias organiza o trabalho de modo que cada família seria responsável pela parte do muro que estava mais próxima dela (Ne 3.28-30). Beda interpreta isso como um tipo da comunidade que está construindo a nova

Jerusalém, embora talvez tenha ido longe demais em sua exegese ao sugerir que aqueles que constroem os portões da cidade são ninguém menos do que os profetas, apóstolos e evangelistas![28] O que a exegese permite é a inferência de que aqueles que, à semelhança de Neemias, constroem a casa de Deus no presente, estarão sujeitos a vários tipos de oposição interna e externa (Ne 6).

Neemias 7—13 volta a falar de Esdras, o teólogo público. Não basta que as coisas externas corretas, como os muros, estejam em seu lugar; o importante é ter a palavra de Deus em corações humanos receptivos e obedientes, que é o motivo pelo qual Esdras-Neemias volta a ressaltar a reforma da comunidade. Essa seção final mostra Esdras lendo/explicando a lei de Deus e o povo reagindo com entusiasmo.[29] Vale destacar, em especial, a ênfase repetida no fato de o povo "entender" a leitura da Lei (Ne 8.2,3,7,8,12). Também é importante observar a reação de regozijo do povo, *porque* entendeu as palavras faladas (Ne 8.12). Se isso ocorreu com a palavra da Lei, quanto mais deveria ocorrer com a proclamação do evangelho. Quem dera a igreja, da mesma maneira e com igual regozijo, apenas se empenhasse na revitalização de sua comunidade e dissesse, assim como fez a assembleia reunida em torno de Esdras: "Não negligenciaremos o templo do nosso Deus" (Ne 10.39)!

Efésios: a igreja como templo vivo

Assim como Esdras, o apóstolo Paulo foi um teólogo público, ministrando a palavra por meio do Espírito a fim de edificar o povo de Deus para ser casa de Deus. Lembremos a citação inicial com que começamos o capítulo: "dele [de Deus] sois [...] edifício" (1Co 3.9). Essa não é uma imagem incomum, seja em Paulo, seja no restante do Novo Testamento.

O Evangelho de João apresenta o próprio Jesus como o verdadeiro templo, aquele que é e faz tudo o que o templo terrestre deveria ser e fazer. O texto base é João 1.14: "E o Verbo se fez carne e habitou [lit., armou sua tenda] entre nós, pleno de graça e de verdade; e vimos a sua glória, como a glória do unigênito do Pai". Essa é uma clara alusão ao tabernáculo no deserto construído por Moisés e à nuvem de glória que simboliza a presença de Deus, a qual se estabeleceu primeiro na antiga tenda (Êx 40.34-38) e, mais tarde, no templo de Jerusalém

(1Rs 8.10-13). Essa glória estava ausente do templo reconstruído em Jerusalém, mas presente no templo do corpo de Jesus (Jo 2.19-22; cf. 13.31,32). O corpo de Jesus é o Santo dos Santos, a morada especial de Deus na terra e o lugar em que se faria expiação e aconteceria a reconciliação.

À luz de nossa análise anterior acerca da rocha em que Jesus edificaria sua igreja, é interessante o fato de que Pedro seja aquele que identifica Jesus como a "pedra viva" preciosa que se tornou a pedra angular de uma "casa espiritual" (1Pe 2.4,5; cf. Is 28.16). Pedro não identifica essa casa como um templo nem associa o adjetivo "espiritual" ao Espírito Santo, mas poderia muito bem tê-lo feito, pois passa a descrever a casa espiritual como um "sacerdócio santo" que existe para "oferecer sacrifícios espirituais aceitáveis a Deus" (1Pe 2.5). Em outra passagem, a expressão "casa de Deus" se refere explicitamente ao templo (Mt 12.4; Hb 10.21). No entanto, o que chama mais a atenção é que agora Deus está edificando seu povo como casa espiritual (cf. 1Pe 4.17) constituída de pedras vivas (em virtude da união do povo com Cristo, a principal pedra viva), sendo Jesus a pedra angular. Os pastores-teólogos, colaboradores nesse projeto de construção trinitária, trabalham não apenas na vida de indivíduos, mas também em uma entidade coletiva — uma comunidade local que passa bastante tempo com Cristo: "O 'sacrifício espiritual' que esses sacerdócio e templo coletivos oferecem é sua vida santa e cruciforme como um povo piedoso no meio das nações e por amor a elas".[30]

Paulo afirma claramente que a igreja é "o santuário do Deus vivo" (2Co 6.16). Ele é igualmente categórico em declarar que a igreja — e, portanto, o templo vivo — é constituída tanto de judeus quanto de gentios — uma diferença significativa com o Templo de Jerusalém, em cujos pátios internos os gentios eram proibidos de entrar. A igreja — isto é, as pessoas — encarna o evangelho porque é a prova viva de que Deus em Cristo transformou uma humanidade dividida em um povo unido. É em relação a essa igreja, em que já não há judeu nem grego, que Paulo se compara a um "sábio construtor" (1Co 3.10).

A igreja é um projeto de construção trinitária, centralizada na pessoa e na obra de Jesus Cristo e convergindo para elas. O ministério de reconciliação é a obra do Filho para o Pai por meio do Espírito. Portanto, os gentios não são "mais

estrangeiros nem imigrantes", e sim "membros da família de Deus, edificados sobre o fundamento dos apóstolos e dos profetas, sendo o próprio Cristo Jesus a principal pedra de esquina" (Ef 2.18-20). Ser membros da casa de Deus implica ser um povo separado para o projeto de "viver para Deus". Paulo concebe a igreja como a casa ou o templo divino, em que os membros são pedras que foram unidas a Cristo. Os pastores-teólogos existem para ministrar *o que é/está em Cristo*, e, em Efésios 2.21,22, Paulo começa a revelar essa realidade. Em Cristo, "o edifício inteiro, bem ajustado, cresce para ser templo santo no Senhor" (2.21); em Cristo, "também vós, juntos, sois edificados para morada de Deus no Espírito" (2.22).

O pastor-teólogo participa do que é basicamente um projeto de construção em andamento. O alicerce foi lançado — a obra expiatória de Cristo está concluída —, no entanto, a estrutura continua "crescendo" como um templo santo. Peter O'Brien ressalta a combinação das imagens de edifício (inorgânico) e crescimento (orgânico): "A referência à construção *estar unida* não é apenas à união de uma pedra com outra, mas também à união de toda estrutura com a pedra angular e na pedra angular".[31] As pessoas estão em Cristo *e* estão crescendo ainda mais nele e à sua semelhança (i.e., em santidade). Conquanto em outra passagem Paulo associe o templo a uma congregação local (1Co 3.16,17), aqui, em Efésios 2.21, o templo se refere a todos os que estão em Cristo, abençoados "com todas as bênçãos espirituais nas regiões celestiais" (Ef 1.3). Em resumo, a igreja, o povo unido "em Cristo", é um templo, porque o Espírito Santo, o Espírito do Senhor ressurreto, habita nesse templo (2.22).

Portanto, a igreja não é um edifício comum. Na verdade, é um templo celeste, um espaço em que a vontade de Deus está sendo feita assim na terra como no céu. A igreja, o povo unido em Cristo, é o lugar em que a vida, a luz e o amor de Deus são vivenciados no tempo e no espaço. Embora o Quarto Evangelho identifique o corpo físico de Jesus como a habitação de Deus, Efésios 2 fornece um relato atualizado. Graças à morte e ressurreição de Cristo, a igreja é agora o lugar em que Cristo vive por meio de seu Espírito: "Os crentes na terra, destinatários dessa carta circular, estão ligados à esfera celeste no Espírito do Senhor ressurreto e por meio desse Espírito".[32]

Vários comentaristas associam o que está acontecendo em Efésios 2 com a prática de reis do Antigo Oriente Próximo de construir templos para comemorar a vitória na guerra. Yahweh faz algo parecido, criando um templo-jardim no Éden depois de subjugar o caos das águas e, mais tarde, providenciando o templo de Jerusalém para indicar a conquista da Terra Prometida. Aliás, G. K. Beale acredita que a construção de uma morada digna por Deus é o tema da Bíblia inteira: o templo é "um pequeno modelo do cosmo todo" e, assim sendo, aponta para um templo cósmico futuro, em que a presença divina será tudo em todos.[33] Quando vista à luz desse pano de fundo, a igreja, um templo vivo, é o que Deus constrói para comemorar sua vitória sobre as potestades e os principados que têm escravizado a criação divina: "Deus está construindo a igreja de Jesus Cristo, que é multirracial e composta por diversas etnias e gerações, um monumento ao seu triunfo sobre os poderes das trevas".[34] Podemos dizer que a igreja *é* a vitória de Deus: "Essas realidades — a de que o templo é um símbolo do cosmo e a de que a igreja é o templo do Espírito — significam que a igreja deve ser uma antecipação do que o mundo se tornará".[35]

Paulo entende que sua tarefa pastoral é nada menos do que cultivar uma nova humanidade em Cristo. Aprender "de Cristo" (Ef 4.20) é despir-se do velho homem a fim de se "revestir do novo homem" (4.24). Isso é mais do que apenas uma metáfora, embora os pastores-teólogos precisem ter cuidado ao transmitir o significado e as mudanças práticas que essa realidade demanda. Paulo antecipa a necessidade e relaciona várias atividades e padrões de comportamento que os cristãos devem evitar e outros que precisam adotar. O ministério pastoral consiste mais em conformar discípulos à verdade que está em Jesus e menos em atender às necessidades percebidas (Ef 4.21). De especial importância são as práticas verbais: "Não saia da vossa boca nenhuma palavra que cause destruição, mas só a que seja boa para a necessária edificação" (Ef 4.29). Também nesse caso dizemos que pastores e leigos participam juntos de um ministério de edificação por meio de palavras.

Pastores-teólogos estão envolvidos em um projeto de construção bem mais ambicioso do que qualquer diretoria de igreja já propôs. Pastores-teólogos estão na vanguarda de uma procissão de vitória, celebrando o triunfo de Deus sobre a

morte, a destruição e a desintegração, uma procissão despertada pela "processão" do Espírito Santo da parte do Pai e de seu Filho ressurreto. A igreja é tão somente o início de uma obra de renovação não apenas urbana, mas também *cósmica*, antecipando em suas práticas reconciliatórias a reconciliação de todas as coisas. Confessar junto com os santos em todos os lugares e em todas as épocas: "Creio [...] na igreja" significa confessar que a igreja é o prenúncio dos novos céus e da nova terra. É privilégio e responsabilidade dos pastores-teólogos supervisionar e estimular a igreja a compreender essas primícias da nova realidade "em Cristo" e a participar delas.

Evangelista: proclamar o que está em Cristo

Conforme sugerimos, a teologia cristã implica demonstrar em palavras e na vida *o que é/está em Cristo*. Os pastores-teólogos ministram (i.e., comunicam) essa realidade escatológica com palavras, ações e uma atitude geral (e jubilosa) de "ser para a ressurreição". O pastor-teólogo atua em grande parte no modo indicativo, proclamando o evangelho e, sempre que possível, usando palavras para isso: palavras do próprio Jesus e sobre ele.

Os pastores-teólogos são ministros da palavra de Deus com o objetivo de levá-la a habitar ricamente em discípulos (Cl 3.16). Em grande parte, a palavra de Deus é o evangelho, a proclamação da nova realidade inaugurada em Jesus Cristo. Esta é a palavra que precisa ser divulgada: "Você ouviu? Todas as coisas foram tornadas novas em Cristo Jesus. Portanto, não há nenhuma condenação para aqueles que estão em Cristo Jesus, pois Deus está em Cristo reconciliando todas as coisas consigo. Você ouviu? Você entende a importância do que isso significa?".

É claro que nossa maneira de viver amplia o significado de nossas palavras. O que o termo "amor" realmente significa? Jesus explica e exemplifica: "Ninguém tem maior amor do que aquele que dá a própria vida pelos seus amigos" (Jo 15.13). Os pastores-teólogos só podem ministrar entendimento do evangelho se seu modo de vida corresponde às suas palavras. Ninguém pode dizer "Ele ressuscitou" com um semblante triste sem negar o conteúdo.[36] Da mesma forma, seria uma contradição performativa pregar sobre a Parábola do Bom Samaritano

e depois fechar os olhos ao ir embora para alguém que está sangrando junto à porta da igreja. A palavra de Deus tem de se tornar carne, vez após vez.

No entanto, conforme já estudamos, os pastores-teólogos receberam uma comissão especial de ministrar a palavra (At 6.4) e de fazê-lo em grande medida com palavras — confirmadas, é claro, com ações condizentes. Isto é algo maravilhoso: os pastores podem e devem alimentar as ovelhas e edificar a igreja com palavras. Por quê? Porque a fé (e o entendimento) resulta de ouvir o evangelho (Rm 10.17). Jesus é uma pessoa, não uma tese abstrata; no entanto, a linguagem é o meio que o Espírito usa para possibilitar que o evangelho se torne a estrutura abrangente que permite aos discípulos não apenas refletir sobre a verdade, bondade e beleza do que é/está em Cristo, mas também se posicionar em relação a tudo isso. A linguagem é o meio que o Espírito usa para apresentar o Cristo vivo às pessoas. Palavras apresentam Jesus. Palavras medeiam a relação de um discípulo com seu Senhor. Palavras não apenas informam, mas também comunicam uma orientação em relação à vida como um todo, afetando as experiências e dirigindo as ações. A matéria-prima do ministério pastoral não é o sangue de bodes e ovelhas, mas palavras e pessoas (a única coisa que às vezes é sacrificada durante o culto é o texto bíblico). Os pastores-teólogos são evangelistas em um sentido amplo: ao proclamar o evangelho, usam palavras não só para que a Palavra de Deus habite ricamente nos discípulos, mas também para capacitar os discípulos a habitarem o estranho mundo novo do evangelho.

Aconselhamento: o ministério pastoral da palavra

Restringir o ministério da palavra a sermões formais é um erro. Quando Paulo explica o que quer dizer com "a palavra de Cristo habite ricamente em vós", ele menciona não apenas a ação de ensinar, mas também de admoestar e cantar (Ef 5.19; Cl 3.16). Isto é importante: os pastores ministram palavras não só para a cabeça, mas também para a vontade e o coração dos ouvintes — para a pessoa como um todo. Cuidar de pessoas em todo o seu ser — cuidar de almas — implica servir à vida interior delas, mas também à sua vida exterior. Não há dúvida de que as circunstâncias importam, mas é do coração, o centro das vontades e desejos de operações existenciais, que brota toda a realização.

Outras pessoas cuidam de nós, mas o pastor cuida de uma maneira especial: como alguém designado por Cristo para ministrar a verdade, a bondade e a beleza do evangelho a cada pessoa na igreja. É isso que torna distinto o cuidado pastoral: ele diz respeito a Jesus Cristo e é exercido em seu nome. Nem sempre pastores conseguem ajudar a mudar circunstâncias dolorosas, mas essa não é a ideia de edificar pessoas em Cristo. O que é diferente em relação aos discípulos não é o fato de que sofrem menos, mas, sim, como reagem à presença e à atividade de Deus em meio ao sofrimento. O pastor ajuda as pessoas a entenderem suas experiências à luz do evangelho em um relacionamento com o Cristo vivo, dando-lhes assistência para que reajam a tudo — inclusive à adversidade — com fé, esperança e amor. Portanto, uma das maneiras de os pastores-teólogos cuidarem de almas é mudando a forma de muitos se relacionarem com Deus. Poderíamos expressá-lo assim (com um pedido de licença a John F. Kennedy): "Não pergunte o que Deus pode fazer por você, mas o que você pode fazer (e sofrer) por Deus e pelo país dele (i.e., o céu)".[37]

O ministério da palavra envolve não apenas ensino (veja a seguir) e admoestação, mas também consolo. É claro que existe um tempo para falar *e* um tempo para ficar calado, quando pastores devem simplesmente ficar vigiando o rebanho durante a noite escura da alma. No entanto, há certo consolo oferecido pela teologia mesmo nessas longas noites escuras: Deus não deseja precisamente o sofrimento. A sabedoria divina consegue extrair o bem de qualquer mal. Deus derrotou o mal e tornará a derrotá-lo. Ele jamais nos deixará ou nos abandonará. Essas verdades são mais poderosas quando a igreja atua como corpo de Cristo, levando os fardos uns dos outros e chorando com os que choram.

Os pastores não devem aguardar as crises para então oferecer aconselhamento: "O cuidado pastoral tem o objetivo não apenas de dar consolo, mas também de redirecionar a vida".[38] Para fazer isso bem, os pastores precisam aprender a conhecer as pessoas, e isso toma tempo — principalmente tempo para ouvir. Pode parecer estranho que ouvir seja parte integral do ministério da palavra, mas é isso mesmo. Só quando um pastor ouve é que pode avaliar o estado espiritual de alguém. Só quando ouve a história de uma pessoa é que um pastor consegue encontrar maneiras de integrar essa história na história do evangelho.

O conselho do pastor-teólogo não é um mero subproduto de psicoterapia, como é o DMT (deísmo moralista terapêutico). O objetivo final não é "ajudar pessoas", se isso significa simplesmente "levar as pessoas a se sentirem melhor". Na melhor das hipóteses, esse é um subproduto do ministério da palavra, mas não sua razão de ser. Ao contrário, o que os pastores-teólogos têm a oferecer não são meramente sentimentos positivos, mas notícias realmente boas e o consolo pleno disponível apenas em Cristo (2Co 1.3-7). William Willimon expressa isso bem: "Talvez o objetivo principal em nosso aconselhamento pastoral devesse ser contribuir para a maturidade do nosso povo em Cristo, e não para a sua saúde".[39] Ou, declarando isso nos termos deste livro, o objetivo deve ser tornar o nosso povo — seu coração e mente — semelhantes a*o que é/está em Cristo*. E uma parte importante do que há em Cristo é o consolo procedente do "Deus de toda a consolação" (2Co 1.3). O pastor que cuida de almas age como uma parteira preocupada com o nascimento e o crescimento da mente de Cristo em seus discípulos: "*Paulo entendia que o exemplo de Cristo de atitudes e ações adequadas ao Reino de Deus fornece o padrão que define o que significa ser maduro*".[40]

Visitação: o ministério encarnado da Palavra

O ministério completo da palavra é uma prática pastoral encarnada. Embora as circunstâncias possam às vezes exigir telegramas, cartas ou e-mails, o modo padrão de ministrar a palavra é pessoal. As Escrituras registram várias visitações divinas: José prometeu a seus irmãos que Deus os "visitaria" e os tiraria do Egito (Gn 50.24). A visitação de Deus significa que ele está presente e ativo — sendo tudo o que ele é — em salvação ou juízo, dependendo de quem recebe sua visita.

É claro que Jesus Cristo, a Palavra (o Verbo na linguagem joanina) que "se fez carne", é o ápice da visitação divina (Jo 1.14). Quando Jesus curou o filho da viúva, o povo disse: "Deus visitou o seu povo!" (Lc 7.16, ESV). É interessante que, tanto no Antigo Testamento (LXX) quanto no Novo, o termo grego para "visitar" é *episketomai* (de *epi* + *skopos*), a raiz do termo *episkopos* ("supervisor"). Porém, visitar não é "supervisionar", mas "ir e ver". O próprio Jesus visitou pessoas em suas casas. Além disso, quando vão ver pessoas que de alguma forma talvez estejam longe do olhar e do cuidado congregacional, os pastores levam a

sério a advertência de Jesus aos que ministram em seu nome só com palavras: "Eu estava nu, e você me vestiu; estava doente, e você me visitou; estava na prisão; e você veio me ver" (Mt 25.36, ESV; cf. Tg 1.27). A visitação é uma das maneiras de os pastores participarem no ministério de Jesus aos pobres, doentes, abatidos, enfraquecidos e perdidos.

O propósito da visitação, assim como de todas as outras formas do ministério da palavra, é comunicar o evangelho encarnando Cristo, o amor divino ao mundo. Amar o povo de Deus significa ir ver como ele está caminhando. Só quando pastores se achegam para ver o contexto de vida de alguém, em momentos e lugares específicos, podem ministrar a palavra da maneira específica que orienta as pessoas no caminho de Jesus Cristo. Portanto, os pastores-teólogos edificam a casa — a família — de Deus ministrando a uma família de cada vez. Se Tom Oden estiver correto ao pensar que a responsabilidade de "visitar de casa em casa" é intrínseco ao ofício pastoral, então talvez tenhamos alguma ideia do tamanho máximo a que uma igreja deve chegar.[41] Se os próprios pastores não conseguem visitar todas as famílias, então precisam ao menos treinar presbíteros que possam fazê-lo. Nenhuma igreja deve ser tão grande a ponto de abrigar cristãos anônimos.

Sermão: o ministério de pregação da Palavra

O sermão não é a única forma de ministério da palavra, mas, ainda assim, pregar é a prática mais característica e uma das mais importantes do pastor-teólogo. A pregação não é todo o ministério pastoral, mas é seu microcosmo: a qualidade do sermão determina a qualidade da igreja.

A pregação "é o mais público dos atos pastorais".[42] A glossofobia — o receio de falar em público — aparece com regularidade em primeiro lugar em pesquisas de opinião sobre o que os americanos temem (o receio da morte vem em segundo lugar).[43] Os pastores-teólogos devem ter um temor ainda maior diante da perspectiva de falar a palavra de Deus em público! Talvez seja por esse motivo que muitos pastores nem sequer tentam fazê-lo, preferindo, em vez disso, entreter, contar histórias de autoajuda e engraçadas, compartilhar a própria experiência e apresentar chavões morais e espirituais vagos, que não são mais

ofensivos do que as felicitações bem-intencionadas de quem envia um cartão de aniversário.

As palavras são o meio mais sofisticado de comunicação que temos; por meio delas podemos compartilhar tanto experiências simples quanto ideias complexas, sem falar em tudo o que está contido entre esses dois extremos. A pregação, como um ministério da palavra, é uma forma de comunicação verbal, uma das mais desafiadoras para dominar (e "domínio" talvez nem seja uma descrição apropriada para usar quando se trata de manusear corretamente a Palavra de Deus). Comunicar é "tornar comum", compartilhando algo com os outros. A ideia central é que a comunicação envolve tanto quem fala quanto quem ouve. São necessárias ao menos duas pessoas para que haja comunicação. Se eu falo sem produzir compreensão, estou simplesmente "falando ao vento" (1Co 14.9).[44] Por isso, os pregadores também precisam ouvir com atenção o texto bíblico, bem como as perguntas que as pessoas têm sobre a mensagem. Ainda assim, até o mais hábil dos oradores não pode garantir que será entendido. Só o Espírito Santo pode abrir ouvidos e corações para receberem a mensagem. Pregar um sermão, ou falar ao vento — e um discurso público não é menos do que isso! —, exige tanto coragem quanto fé.

Hoje, o desafio da pregação é ainda maior, pois há uma desconfiança total em relação ao que as pessoas em posição de autoridade nos dizem. A reação pós-moderna é suspeitar que o discurso de uma pessoa serve, antes de tudo, aos interesses dela. Além disso, dizer como as coisas são, enunciando uma declaração da verdade, dá margem para o locutor ser acusado de oprimir os outros com seu ponto de vista. Será que é mera coincidência o fato de que, em nossa cultura contemporânea, o solitário apresentador de jornais na televisão tenha sido substituído por uma equipe de notícia, a qual normalmente reflete a diversidade racial e de gênero? Atualmente, é difícil imaginar as pessoas aceitando Walter Cronkite terminar a apresentação do noticiário com o bordão: "E essa é a verdade". Mas é precisamente o que os pastores-teólogos têm a dizer toda semana: e essa é a verdade *em Jesus Cristo*.

Os pastores-teólogos anunciam o que é/está em Cristo porque foi exatamente isso que Jesus fez: "Veio Jesus [...] pregando o evangelho de Deus" (Mc 1.14,

RSV). Jesus veio proclamando o reino, e os pregadores de hoje participam dessa comunicação dominical: "Por isso, a comunicação teológica é possível com base no testemunho que Jesus dá de si mesmo por meio do Espírito Santo".[45] O que distingue a pregação cristã de toda outra forma de comunicação humana é a sua participação no que, em última análise, é uma atividade trinitária: a pregação se distingue por sua fonte oficial (as Escrituras, a Palavra de Deus), por seu conteúdo singular (o evangelho, o que é em Cristo) e por seu poder de persuasão incomparável (a iluminação, a obra do Espírito). A pregação é um meio de graça porque comunica aquele que é "pleno de graça e de verdade" (Jo 1.14).

Este não é o lugar para um exame exaustivo da pregação cristã. Antes, meu propósito imediato é ressaltar quatro funções que explicam a razão de o sermão ser a vanguarda da teologia pública, ou quatro razões por que o púlpito "lidera o mundo", assim como a popa vai à frente de um navio (uma arca?) e o arado prepara um campo.[46]

1. *A pregação promove o conhecimento bíblico, a habilidade bíblico-teológica e o sentido canônico*. Não há nada como a exposição disciplinada das Escrituras para ajudar congregações a aprender a entender como as várias partes da Bíblia (livros; testamentos) se relacionam com o todo (cânon) e com a pessoa que está no centro de todas as Escrituras (Jesus Cristo).[47] Todo sermão deve contribuir em alguma medida para que a congregação aprecie cada vez mais as várias maneiras pelas quais a obra divina de redenção se mantém unida, tanto conduzindo à cruz de Cristo quanto procedendo dela.[48]

2. *A pregação promove o conhecimento teológico, a capacidade de interpretar (e, se necessário, criticar) nosso mundo — nossa história, nossa cultura — à luz da presença e da atividade divina*. Enquanto a tarefa básica da pregação é revelar de forma progressiva a Palavra de Deus, o papel de lançar luz sobre a situação contemporânea da igreja é, em geral, um subproduto importante. Embora a exposição das Escrituras revele o drama divino da redenção, também é importante que as igrejas locais saibam como se encaixam nesse drama e qual é seu papel nele. Não basta compreender a história bíblica: temos também de entender que a situação atual está inserida nessa mesma história. Só então a

igreja local poderá definir o que deve dizer e fazer para contribuir com a ação em curso: renovar todas as coisas em Cristo por meio do Espírito.[49]

Os pastores têm um privilégio e uma responsabilidade singulares de ajudar congregações a compreender melhor tanto a Palavra de Deus quanto, graças a essa Palavra, o mundo em que vivemos. O sermão da mais alta qualidade é a joia da coroa da teologia pública. Quando expõem a palavra de Deus, os pastores-teólogos dão às suas congregações um meio poderoso para discernir e em seguida derrubar os ídolos de nosso tempo. Alguns desses ídolos, como os modelos de "sucesso" condicionados pela cultura, ganharam espaço na igreja.[50] Pastores agem bem em chamar a atenção de suas congregações para o poder da cultura como um meio de (de)formação espiritual. Aliás, os pastores são mais proféticos quando chamam as pessoas a abandonarem os falsos ídolos (e.g., fama, riqueza, beleza física, posição social, popularidade, carreira, autorrealização etc.) e a voltarem a servir o Deus vivo.

Aqueles que não têm consciência da cultura estão condenados a repeti-la. A cultura cultiva formas de humanidade. Uma cultura materialista pode nos transformar em indivíduos materialistas. Antonio Gramsci, um sociólogo italiano, usou um termo para designar o processo pelo qual uma classe social dominante mantém sua influência sobre as pessoas utilizando meios não coercivos (e.g., escolas, mídia, marketing): "hegemonia" (gr., *hēgemōn*, "governante"). A hegemonia atua levando as pessoas a pensar e a sentir que certos valores e práticas (e.g., casamento entre pessoas do mesmo sexo) são simplesmente "senso comum" ou "naturais" (mesmo quando não são). Uma ideologia alcança hegemonia quando sua maneira de interpretar o mundo e agir nele domina a sociedade. Não há necessidade de travar uma guerra cultural se um dos lados se sujeita ao outro de forma inconsciente. É precisamente neste ponto que a noção do pastor-teólogo como intelectual orgânico é adequada.

Originalmente, o que o marxista Gramsci tinha em mente ao se referir a intelectuais orgânicos era pessoas que poderiam representar os interesses da classe trabalhadora, e não da dominante. Meu propósito é seguir o exemplo de Agostinho e saquear não os egípcios, mas os moscovitas, roubando de fato de Lenin para pagar a Paulo. No caso da teologia pública, a "classe" que os pastores-

teólogos representam, na condição de intelectuais orgânicos, é a dos "pobres *em espírito*" (Mt 5.3), cuja pobreza inclui posição social baixa, a "classe" daqueles cuja cidadania está no céu. O pastor-teólogo é um intelectual orgânico que representa os interesses dos que formam o corpo de Cristo, e os pastores organizam a vida desse corpo em torno do governo de Cristo, não do governo da cultura. Resumidamente, os pastores-teólogos ajudam as igrejas locais a recuperar a influência cultural — a capacidade de deixar a própria marca na cultura em vez de se submeter de forma passiva ao programa cultural — ao "identificar os poderes [culturais]" e encorajar práticas concretas de discipulado, maneiras pelas quais os membros da igreja apresentam seus corpos como sacrifícios vivos (Rm 12.1) ao Senhor Jesus Cristo, ao invés de aos ídolos do nosso tempo.

3. *A pregação desperta a igreja local, aqui e agora, para a realidade vivificadora de Jesus Cristo, que está à disposição sempre e em todo lugar, mas, ao mesmo tempo, além de nossa compreensão*. De acordo com a famosa definição de Aristóteles: "A verdade é dizer acerca do que é aquilo que é e acerca do que não é aquilo que não é" (*Metafísica* 1011B.25). Da mesma forma, a pregação é um meio da verdade porque, ao dizer "aquilo que é" *em Cristo*, declara, em última instância, o que é. A pregação é um meio de graça, porque, ao expor com palavras *o que é em Cristo*, também apresenta o próprio Cristo.[51] O sermão não é uma descrição de segunda mão do que está acontecendo em uma galáxia histórica muito distante. Ao contrário, a pregação do evangelho expõe a verdadeira história do mundo, reconhecendo que todas as coisas "são dele, por ele e para ele" (Rm 11.36). O sermão é, portanto, uma palavra cheia de graça e de verdade que leva cativo o pensamento subevangélico, expondo a futilidade de outras narrativas e de falsos evangelhos que buscam colonizar nossa imaginação. O sermão é a artilharia pesada no arsenal do pastor-teólogo e, por isso, o melhor ataque frontal contra as imaginações mantidas cativas por outras histórias, supostos evangelhos que prometem caminhos diferentes para a vida plena. Por assim dizer, o sermão é a frente de combate do evangelho, a vanguarda do avanço da palavra à medida que ela conquista novos territórios, um coração de cada vez. Ao expor *o que é em Cristo*, o sermão não é apenas uma palavra de verdade e um meio de graça, mas também um meio de libertação (Jo 8.32).

Um sermão deve descrever não somente *o que é/está em Cristo*, mas também comunicar a *excelência* do que é/está em Cristo. A pregação deve não apenas nos informar, mas também nos transportar. Deve não apenas aumentar nosso estoque de conhecimento, mas também nos emocionar e nos deleitar. Dizer *o que é/está em Cristo* é alistar e examinar cada bênção espiritual com que temos sido abençoados (Ef 1.3; cf. Rm 15.27). Dizer, com base nas Escrituras, *o que é/está em Cristo* implica explorar a linguagem ao máximo. Talvez seja por isso que as próprias Escrituras usam tantas imagens e formas literárias para descrever a salvação, e essa também é a razão por que pastores têm de ser "poetas menores", capazes de ver e expressar a realidade de coisas mais profundas além da superfície.[52] Cristo é real e está entre nós, mas é necessária a imaginação escatológica, que Paulo denomina os "olhos do vosso coração" (Ef 1.18), para discernir sua presença e atividade. No entanto, quando nosso coração está aberto à Palavra de Deus, percebemos pela fé que Cristo está de fato entre nós, ministrando a nós, por exemplo, por meio dos dons com que o Espírito tem equipado a igreja.

Os sermões são um dos principais meios com os quais pastores-teólogos ministram entendimento, despertando pessoas para o que realmente está acontecendo em nosso mundo — aquilo que Deus está fazendo em Cristo. Um sermão que nos diz o que é em Cristo apela à nossa imaginação, de modo que podemos ver a realidade como ela de fato é: não um universo mecânico em movimento perpétuo, mas uma criação divina em meio a dores de parto, em que as coisas novas em Cristo, a partir das coisas antigas em Adão, estão surgindo em cada um de nós bem como em nosso próximo, tanto o que está perto quanto o que está longe. No momento, todos os que estão em Cristo estão sendo transformados à sua imagem. Portanto, Cristo é o significado de toda a história, o significado da própria vida, pois ele é o modelo perfeito de divindade (senhorio da aliança) e humanidade (serviço da aliança).

4. *A pregação atrai a igreja local, aqui e agora, a um relacionamento com a realidade vivificadora de Jesus Cristo, levando os discípulos a adotar crenças, valores e práticas que correspondem ao que é/está em Cristo, a fim de ter consciência da realidade.* O propósito da pregação não é apenas descrever algo externo à igreja e só então

indagar como isso deve ser "aplicado". Ao contrário, a pregação *escreve* o evangelho nos corações dos ouvintes e *insere* os ouvintes na história. A pregação é uma prática "mediante a qual a igreja é levada à própria vida de Deus".[53] Os pastores-teólogos participam do ofício profético do próprio Cristo quando proclamam o evangelho.

A palavra de Deus continua a crescer e a "prevalecer com poder", assim como ocorreu na igreja primitiva (cf. At 6.7;12.24; 19.20). Essa palavra cresce ao edificar o corpo de Cristo, lembrando os discípulos de sua verdadeira identidade oculta em Cristo. Ela se propaga ao ajudar cada discípulo a compreender sua identidade em Cristo e como se tornar alguém conforme essa identidade. Ela se espalha ao ajudar as igrejas locais a entenderem como viver coletivamente para que sua vida em comunidade se torne, neste momento, a encenação de uma parábola do reino de Deus. A palavra de Deus cresce cada vez que congregações passam a entender o que está em Cristo e começam a conformar seu coração, sua vontade e sua mente a essa realidade.

Os pastores-teólogos receberam a honra da causalidade comunicativa: por meio da pregação da Palavra de Deus eles ministram a realidade às pessoas, ajudando-as a agirem de forma correspondente ao que é/está em Cristo e, desse modo, a terem consciência da realidade. O pastor é "alguém na corda bamba", cujos sermões têm de caminhar pela linha fina entre as Escrituras e a situação contemporânea, mostrando a relevância da Palavra de Deus para todos os aspectos da vida e levando toda a vida a uma conformidade com a Palavra de Deus. Pregar — professando o que é/está em Cristo e conformando-se a isso — é o ato teológico por excelência dos intelectuais orgânicos da igreja, responsáveis por edificar o corpo de Cristo cultivando o entendimento e a obediência.

Não há como sermões que ministram a Palavra de Deus não serem edificantes, embora o resultado não seja automático nem imediato. Em última análise, é o Espírito que nos une e nos torna semelhantes a Cristo, juntamente com a palavra que gera a fé e a fortalece. Aliás, a fé é o termo operacional, pois é preciso ter fé e coragem para anunciar a palavra de Deus ao vento. Ainda assim, um corpo começa a se materializar a partir do vento. O pastor é um artesão, um

pedreiro da casa de Deus. Na preparação para pregar, é importante que o ministro lembre o que está fazendo.

Dois pedreiros estavam trabalhando bastante. Quando indagados sobre o que estavam realizando, o primeiro disse: "Estou cortando esta pedra em formato perfeitamente quadrado". O outro respondeu: "Estou construindo uma catedral". Assim ocorre com os pastores. O que estão fazendo? Um pastor pode dizer: "Estou preparando sermões bem elaborados, planejando programas e administrando conflitos". O pastor que é teólogo público (e poeta menor) responderá de forma diferente: "Estou construindo um templo". É preciso coragem, fé e uma imaginação instruída na Bíblia para ver a congregação como um templo vivo, mas essa é de fato a resposta certa. Os pastores-teólogos estão esculpindo, montando e polindo cada pedra viva para juntá-las a Cristo e umas às outras.

Catequista: ensinar o que está em Cristo

Não há nada particularmente de valor no aprendizado em si de complicados termos e fórmulas teológicos. Termos gregos e latinos como *homoousios* e *extra calvinisticum* parecem bem distantes das preocupações diárias da maioria das congregações locais. Então, por que a igreja primitiva insistia em que novos crentes passassem por um período de catequese (gr., *katēcheō*, "instruir oralmente") de um a três anos antes do batismo e desenvolveu manuais de instruções para esse fim?[54] Em poucas palavras, a *doctrina* ("ensinamento") sagrada existe para edificar discípulos em seu conhecimento do que é/está em Cristo.

A verdade clara é que algum tipo de doutrinação é inevitável. Durante o curso de nossas vidas, somos todos influenciados por vários tipos de doutrina — teológica, mas também econômica, política e ideológica. Doutrinas — opiniões, crenças e ensinamentos — estão em toda parte: são ensinadas formalmente em escolas, mas também informalmente em casa, no bairro, na pista de atletismo e no trabalho. A televisão também educa ou doutrina. Os vários meios de comunicação são um dos instrumentos usados pela cultura para educar. Independentemente da doutrina que recebemos — comunismo, capitalismo,

consumismo ou qualquer outra coisa —, vivenciamos o que cremos que é verdadeiro e certo. Ter ideias erradas sobre a realidade conduzirá provavelmente a uma vida insensata. Teologia — viver para Deus — é a força vital do corpo de Cristo, e este livro visa estancar a hemorragia (i.e., o analfabetismo teológico) que está drenando a vida da igreja, quando doutrinas não bíblicas (e.g., o individualismo) nos levam a viver para nós mesmos e não para Deus. Os pastores precisam vacinar o corpo de Cristo contra toxinas idólatras, infecções ideológicas e outras formas de ensinamento falso.

As Epístolas Pastorais estão repletas de referências à doutrina (gr., *didaskalia*, "ensinamento"). Paulo teve de enfrentar o ensino falso, e isso ocorre com os pastores de hoje também. O apóstolo não exalta a doutrina pela doutrina, mas, na verdade, insta Timóteo e Tito a ensinarem a sã doutrina (*hygiainousē didaskalia*; veja 1Tm 1.10; 2Tm 4.3; Tito 1.9; 2.1). A sã doutrina é boa para a saúde do corpo de Cristo; a doutrina não sadia (ensino tóxico) provoca problemas de saúde, deixando o corpo de Cristo incapaz de funcionar direito. É significativo que Paulo use "sã doutrina" como um termo de contraste não com ideias, mas com *práticas*, como agredir os pais, mentir, ter comportamento homossexual e sequestrar (1Tm 1.9,10). Em contraste, a "sã" doutrina é saudável no sentido de gerar saúde. A doutrina é sã quando corresponde ao que é/está em Cristo.

Ao falar dos diversos dons que Cristo concede à igreja depois de subir ao céu, Paulo menciona profetas, evangelistas e, ligados por um único artigo definido no grego, "pastores e mestres" (gr., *tous poimenas kai didaskalous*, Ef 4.11).[55] Essa construção gramatical sugere que os dois grupos, embora não necessariamente idênticos, têm funções sobrepostas: "Todos os pastores ensinam, [...] mas nem todos os mestres são pastores".[56] O objetivo do ensino é "equipar os santos para a obra do ministério, para a edificação do corpo de Cristo" (4.12, ESV). Os pastores-teólogos lideram a igreja ao ensinar seus membros a se tornarem eles mesmos ministros no dia a dia. Dessa forma, cada um na igreja, tanto o membro com ministério extraordinário (os "dons" mencionados) quanto aquele com ministério ordinário, está envolvido na atividade de edificar a igreja e, portanto, de participar do projeto de edificação do próprio Cristo por meio do Espírito.[57]

O objetivo do ensino é a unidade (da fé e do conhecimento do Filho) e a maturidade em Cristo (4.13). Aqueles que são maduros em Cristo não serão "mais inconstantes como crianças, levados ao redor por todo vento de doutrina" (4.14).

A sã doutrina é fundamental para a saúde do corpo. Por isso, é apropriado que os teólogos tenham sido descritos como "doutores" da igreja (lat., *docere*, "ensinar"). Calvino está disposto a chamar pastores de "doutores" também, desde que se reconheça outro tipo de doutor que supervisiona a educação de pastores.[58] Os doutores da igreja preservam a sã doutrina e corrigem a falsa, especialmente ao interpretar corretamente a Bíblia. Agora somos capazes de ver como os pastores-teólogos são intelectuais orgânicos de um tipo específico: são doutores que tanto pertencem ao corpo quanto cuidam dele, especialmente por meio do ensino do que é e do que virá *em Cristo*.

Assim como a pregação expositiva sistemática, seja livro por livro seja de acordo com o lecionário, é a melhor maneira de promover o conhecimento bíblico, assim também o ensino expositivo sistemático, seja de credos seja de confissões, é a melhor maneira de um pastor-teólogo promover o conhecimento teológico na igreja local. Em cada lugar e época, as igrejas locais são a personificação da igreja universal e da igreja no céu; por esse motivo, elas fazem bem em buscar a "unidade da fé" (Ef 4.13), e uma maneira de fazê-lo é aprendendo a doutrina cristã. A igreja primitiva produziu vários tratados sobre a importância dos catecismos, e em um deles Agostinho incentiva os catequistas a apresentar não uma lista de pontos doutrinários, mas uma "narração completa" da história da salvação, que começa com a Criação e gradualmente revela questões importantes e decisivas (e.g., a Queda, a esperança de restauração).[59] Agostinho está certo: dizer de modo correto *o que é em Cristo* requer que o catequista ensine todos os atos que constituem o drama da redenção.

Calvino era um pastor, não um profeta, mas a igreja de hoje faria bem em dar ouvidos à sua afirmação sobre o assunto: "A igreja de Deus nunca se manterá firme sem um catecismo".[60] *O catecismo da igreja de Genebra* (1541), de autoria de Calvino, é composto de 373 perguntas e respostas organizadas em torno dos Dez Mandamentos, do Credo dos Apóstolos, da Oração do Pai-Nosso e dos

sacramentos; aborda assuntos de fé, obediência e vida da igreja.[61] Esse catecismo foi usado em igrejas e casas e era lido em público quatro vezes ao ano. A primeira pergunta preparava o crente para as demais: "Qual é o objetivo supremo da vida humana?" Resposta: "É conhecer a Deus".

Conhecer a Deus e a nós mesmos na presença dele dificilmente é algo teórico, se nossa vocação como seres humanos for viver para Deus. Talvez seja por isso que J. I. Packer, autor de *O conhecimento de Deus*,[62] acha que a melhor maneira de se descrever é como "catequista moderno".[63] Packer define a catequese como "a transmissão da doutrina e da ética do discipulado com orientação prática [...] Seu método está baseado na Bíblia, sua perspectiva é cristocêntrica, sua forma é declarativa e sua motivação é doxológica".[64] O catecismo é uma resposta ao mandamento de amar a Deus com toda a nossa mente. No entanto, a maioria dos catecismos clássicos, quando dirige nossa atenção para a Oração do Pai-Nosso e os Dez Mandamentos, também visa a nossos sentimentos e ações, nossa devoção e nosso dever.[65] Antes de tudo, a catequese é aprender a verdade, a bondade e a beleza d*o que é/está em Cristo*.[66]

Cada pastor deve ser um catequista. Isso corresponde bem ao que dissemos anteriormente sobre o teólogo ser um generalista.[67] Pense no pastor-teólogo como um clínico geral cuja responsabilidade é cuidar da saúde do corpo de Cristo, em parte ao ensinar a sã doutrina. Em muitos lugares na terra, o corpo de Cristo está fora de forma, talvez obeso ou enfermo. Nesse caso, a igreja é um centro cirúrgico em que o ensinamento falso é removido cirurgicamente com o bisturi do Espírito (i.e., "a palavra de Deus", Ef 6.17) para ser substituído pela sã doutrina, talvez por meio de um "soro catequético" aplicado na veia. Um corpo eclesiástico que está desperto e vivo para o que é/está em Cristo tem a doutrina circulando em sua corrente sanguínea, e não parada na mente.[68]

Liturgista: celebrar o que está em Cristo

O capítulo anterior destacou o pastor-teólogo como personificação e catalisador do *modo* cristão exemplar: o regozijo de "ser para a ressurreição". *O que é/está em Cristo* é, de fato, algo a ser ensinado, uma maneira de amar a Deus com nossa mente; no entanto, também é algo a ser celebrado, uma expressão de amor a

Deus que flui do nosso coração. Muitos aspectos do evangelho inspiram o júbilo, mas o que está mais intimamente relacionado ao catecismo é o batismo, que celebra a inclusão de alguém no corpo de Cristo. Na igreja antiga, o batismo era o ápice do processo de instrução, uma demonstração pública da fé e do início da vida como discípulo. O batismo simboliza o ato de morrer e ressuscitar com Cristo e, dessa maneira, representa o dia do novo nascimento da pessoa. Cada novo batismo celebra outra pedra acrescentada ao templo vivo que é o corpo de Cristo na terra.

Os pastores-teólogos são responsáveis por liderar as congregações na celebração do que é/está em Cristo — chamemo-la *orthodoxa* ("louvor correto, glorificação correta"). Muitos pastores talvez não pensem em si como liturgistas, mas a celebração a Deus de forma coletiva e organizada de maneira correta é o sentido técnico de liturgia. Literalmente, liturgia significa "o trabalho do povo" (gr., *leitourgia* = *leitos* ["público"] + *ergos* ["trabalho"]). Os que organizam os momentos em que a igreja celebra coletivamente a obra divina de salvação estão envolvidos na administração de atividades públicas. Isso também é teologia pública: trabalhar para organizar expressões coletivas de louvor e adoração cristãs.

Liturgias podem ser formais ou informais. Exemplos de liturgia formal seriam o Livro de Oração Comum, adotado pelos anglicanos, ou o Livro de Ordem Comum da Igreja da Escócia. Na realidade, muitos cultos denominados não litúrgicos são liturgias informais, embora alguns sejam tão ocasionais a ponto de levar o termo "litúrgico" a quase perder o sentido. A pergunta persiste: como pastores, na condição de teólogos públicos que trabalham com pessoas, lideram seu povo para amar a Deus não apenas com toda a sua mente, mas também com todo o coração? Como a igreja deve organizar corretamente suas celebrações do *que é/está em Cristo*?

Reunindo: o que/onde/quando é um culto de adoração?

Enquanto a doutrina apresenta com palavras a verdade do que é em Cristo, a adoração apresenta essa mesma verdade com ação simbólica na vida coletiva da igreja e o faz na forma de uma resposta ou oferta dirigida a Deus. Os pastores perdem uma valiosa oportunidade de edificar a igreja quando simplesmente

passam a "adoração" para outros, geralmente para os músicos. Isso não significa que os próprios pastores-teólogos tenham de ser músicos, mas apenas que entendem de forma equivocada sua vocação se imaginam que não dirigem também esse aspecto da reunião do povo de Deus.[69] Pois *a adoração é o ato teológico por excelência*: um reconhecimento do amor que Deus oferece ao mundo e uma oferta de amor que as pessoas retribuem a Deus na forma de dízimos, orações e obediência.[70] É por isso que o povo de Deus se reúne: para celebrar coletivamente a presença e a atividade, em seu meio, do Deus trino e uno.

A liturgia, em especial o calendário litúrgico, é uma espécie de *summa theologiae* viva, "um resumo da fé e da experiência cristã em sua totalidade".[71] É uma maneira poderosa de levar o corpo de Cristo a participar de forma ativa do drama da redenção. O batismo é apenas a porta de entrada: uma igreja que observa o calendário litúrgico por meio de leituras bíblicas que estão organizadas de acordo com os acontecimentos da vida de Jesus (e.g., Advento, Natal, Sexta-feira Santa, Páscoa, Pentecostes e assim por diante) aprende a experimentar a própria vida como inserida na vida de Jesus, semana após semana e ano após ano.

Por que existe igreja?[72] A igreja (gr. *ekklēsia*) é uma "reunião", um grupo de pessoas que, convocado por Deus, se reúne com algum propósito, para fazer algo em conjunto. O termo inglês *worship* ("adorar") sugere que o propósito dessa reunião é atribuir valor supremo ao Ser Supremo, e é verdade que uma das atividades das pessoas é louvar a Deus e a seu Cordeiro (Sl 96.7,8; Ap 5.11,12). Contudo, é um erro escandaloso pensar (1) que a adoração é simplesmente o que seres humanos fazem, (2) que ela ocorre apenas no culto da igreja no domingo de manhã, (3) que ela acontece apenas durante a primeira metade do culto e, portanto, antes do sermão, ou (4) que a adoração em espírito e em verdade é basicamente "êxtase provocado pelo louvor".[73]

Em primeiro lugar, Deus está, de forma bondosa, ativo e presente na adoração, comunicando Cristo nas Escrituras, no sermão, nos cânticos e no sacramento. Ao mesmo tempo, a adoração da igreja participa dos ofícios profético, sacerdotal e régio de Cristo por meio da pregação (dizer a verdade), oração (interceder) e louvor (cantar). Como o louvor corresponde ao ofício régio de Cristo e participa dele?[74] Mediante a celebração do governo de Cristo sobre a

criação e da vinda de seu reino na terra. A celebração da igreja, à semelhança de seu ato de ouvir a Palavra de Deus, é uma obra capacitada pelo Espírito.

Podemos responder aos erros 2, 3 e 4 juntos, definindo claramente o que é adoração, quando e onde ela ocorre. As reuniões de cristãos em igrejas locais hoje, assim como as dos primeiros cristãos, envolvem atividades como orar, ouvir a exposição da Palavra de Deus, levantar ofertas financeiras para a obra de Deus, observar a ceia do Senhor e oferecer sacrifícios de louvor. Sabemos, é claro, que Deus não fica satisfeito com as expressões exteriores de devoção das pessoas: Deus "não se deleita em sacrifícios" (Sl 51.16, ESV), na verdade ele "odeia" cerimônias religiosas (Is 1.14) quando não são um gesto de um "coração quebrantado e arrependido" (Sl 51.17).

A adoração pode ocorrer de duas maneiras erradas: na maneira objetiva (por assim dizer), ela é dirigida a algo indigno, como um ídolo ou um deus falso; na maneira subjetiva, é dirigida ao objeto certo, mas de forma errada.[75] A citação que Jesus faz de Oseias 6.6 indica o caminho a seguir para os que desejam adorar em espírito e em verdade: "Pois quero amor inabalável e não sacrifício, conhecimento de Deus em vez de holocaustos" (cf. Mt 9.13). Os pastores-teólogos dirigem corretamente a adoração quando estimulam e direcionam a congregação a responder ao único Deus verdadeiro da maneira certa. A adoração correta, da forma que agrada a Deus, reconhece não apenas com nossos lábios, mas também com nossas vidas a graça que está em Jesus Cristo. O sacrifício do próprio Cristo torna possível a forma correta de oferta e a adoração adequada: o sacrifício de nossa vida inteira, uma existência que se caracteriza por ações de graças e procede de um estado de espírito grato.

Em última análise, a adoração (à semelhança da teologia) é uma questão de *viver para Deus*: "Os cristãos atuais confundem a amplitude e a profundidade do ensinamento bíblico sobre esse assunto ao insistir em usar a palavra 'adoração' da forma limitada que estão acostumados, aplicando-a principalmente ao que ocorre nos cultos de domingo".[76] Uma definição menos limitada de adoração poderia ser "a reação que celebra o que Deus fez, está fazendo e promete fazer".[77] Esse é o entendimento de Paulo acerca da adoração, que é o motivo pelo qual ordena seus leitores em Roma "a apresentar os seus corpos como sacrifício vivo, santo e

aceitável a Deus, que é o seu culto espiritual" (Rm 12.1, ESV).[78] Portanto, a adoração envolve mais do que aquilo que acontece em uma reunião de igreja, e reuniões de igreja envolvem mais do que o que normalmente queremos dizer com o termo *adoração*.

Adoramos a Deus ao oferecermos nossos corpos — todo o nosso ser — como sacrifício vivo para seu serviço. Comunicar o evangelho é uma das coisas mais importantes que podemos fazer para servir a Deus. Essa é uma tarefa não só para o clero, que tem um ministério formal da palavra, mas também para os leigos, que ministram a palavra de modo informal, em especial por meio de "cânticos espirituais" (Ef 5.19; Cl 3.16). O que é adoração? A adoração é a oferta de nós mesmos a Deus com amor e louvor como resposta à oferta de si mesmo que Deus fez a nós com amor e misericórdia. Onde e quando ocorre a adoração? Em todo lugar e em todo momento em que o povo de Deus se oferece a ele. Mesmo no antigo Israel, o culto correto a Deus "exigia obediência e fidelidade em cada esfera da vida".[79]

De acordo com as Escrituras, o principal objetivo do culto dominical regular não é o que costumamos chamar de "adoração". Qual é, então, o propósito das reuniões da igreja local? Já propus que a resposta certa é *celebrar o que é/está em Cristo*, mas podemos ser mais específicos: a igreja se reúne *para ser edificada em Cristo*. Aliás, Paulo costuma usar a terminologia de *edificação* em vez da de *adoração*, quando fala do propósito da reunião da igreja local.[80] Antes de tudo, edificação é algo que Deus faz. Os líderes da igreja participam da obra do Deus trino e uno na edificação da igreja mediante a celebração (o que inclui lembrar, conforme veremos a seguir) e no trabalho conjunto de tornar manifesto o que é em Cristo. Em resumo: o povo de Deus se reúne para o encorajamento mútuo a fim de aprender de Cristo, celebrá-lo e vivenciar a sua vida no corpo por amor ao mundo. Nós nos reunimos para manifestar o Filho de Deus na terra assim como ele está no céu.[81]

Portanto, a liturgia da igreja (a organização do culto coletivo) é treinar para a liturgia da vida (a forma do culto pessoal). A rigor, não há tempo "comum" para o santo. Cada novo dia nos apresenta oportunidades de transformar nossa vida em ofertas para Deus. Por isso é tão importante que os pastores-teólogos estejam

envolvidos em todos os aspectos do culto dominical. A adoração coletiva no contexto da igreja consiste em edificar um povo que, individual e coletivamente, apresenta seus corpos vivos como ofertas consagradas ao culto a Deus. É impossível haver melhor exemplo de teologia pública do que isso.

Por que existe a igreja? *Os santos se reúnem como igreja local para ser edificados na fé, na esperança e no amor com o objetivo de alcançarem o propósito maior de se tornar o tipo de povo que é capaz de adorar em espírito e em verdade em qualquer lugar e a qualquer momento*. A adoração coletiva é um dos principais meios de edificação dos santos. Em outras palavras, a igreja se reúne e adora a fim de edificar o povo de Deus, capacitando-o a servir ao Senhor por meio da oferta de si mesmo como sacrifício vivo nos outros dias da semana, quando não está reunido como igreja. O que normalmente chamamos culto coletivo de adoração revela, de forma concentrada, o que deve ocorrer sempre e em toda parte quando os cristãos se reúnem: "Pois onde dois ou três se reúnem em meu nome, ali estou no meio deles" (Mt 18.20).

Orando: um encontro com a realidade expresso

O que é em Cristo não é menos do que a realidade: a verdade sobre Deus, o mundo e nós mesmos. Enquanto celebramos o que é em Cristo, estamos reorganizando nossas ideias sobre o que é real e realinhando nossos corações diante disso. Talvez seja por isso que Mark Labberton pôde escrever sobre *The dangerous act of worship* [O perigoso ato de adoração].[82] A adoração é perigosa porque, ao nos despertar para como as coisas estão em Cristo (i.e., o propósito de Deus para o mundo e para nós), ela ameaça não apenas derrubar as mesas dos cambistas, mas também abalar nossas preciosas ideias e destruir nossa brilhante autoimagem. Podemos dizer a mesma coisa sobre a oração: ela é perigosa porque reorganiza a realidade, dissipando o nevoeiro de nossas ilusões idólatras.

De todas as ilusões, aquela que confunde a criatura com o Criador é a mais perigosa e a mais tola. Bem poucos de nós admitem sentir essa tentação; um menor número ainda admite afirmar explicitamente que somos como Deus. Mas, apesar disso, a tentação é real e ao mesmo tempo bem sutil. Chegamos perto dessa confusão capital quando começamos a agir e a orar como se Deus estivesse

ao nosso dispor, um gênio divino da lâmpada que está ali para ser esfregada — e para receber um pedido! — apenas quando desejamos sua ajuda. Mas, ao aprendermos a orar com Jesus, o Livro de Salmos e os santos que viveram antes de nós, somos rapidamente colocados em nosso devido lugar: prostrados perante o soberano Senhor, Deus todo-poderoso, Criador do céu e da terra. A oração não significa apenas viver para Deus, mas também falar com ele (e ouvi-lo). Aliás, a oração é um microcosmo do relacionamento de alguém com Deus.

Se a teologia trata da relação de Deus com o mundo, então a oração pode, à semelhança da adoração, alegar ser o ato teológico por excelência. Nas palavras de São Evágrio: "Se você é um teólogo, você ora de verdade. Se você ora de verdade, é um teólogo".[83] Então Jesus era um teólogo de verdade, porque os discípulos viviam topando com ele em oração. Examinando apenas o Evangelho de Lucas, muitos trechos retratam Jesus em oração: 3.21; 5.16; 6.12; 9.18,28,29; 10.21; 11.1; 22.41-45. Lucas também registra Jesus incentivando seus discípulos a orar (10.2; 18.1; 21.36; 22.40,46) e ensinando-lhes como fazê-lo, tanto com exemplos negativos (18.10,11; 19.46; 20.47) quanto de uma forma positiva com o próprio exemplo (11.2-4). É significativo que a preocupação maior de Jesus era a santidade ou a consagração do nome de Deus: "Pai, santificado seja o teu nome" (Lc 11.2).

Os primeiros cristãos também foram teólogos: enquanto se reuniam no cenáculo em Jerusalém, "se dedicavam à oração" (At 1.14). Os pastores de hoje perdem uma oportunidade preciosa de fazer teologia pública quando deixam de lado a tradição da oração pastoral.[84] Aliás, deixar de liderar a comunidade reunida em oração implica perder uma das melhores oportunidades não apenas de celebrar o que é/está em Cristo, mas também de ensinar teologia às pessoas, pois a oração expressa a boa-nova de que, por meio de Cristo, temos acesso a Deus não apenas como Criador do céu e da terra ou mesmo como Pai, mas também como *Aba* ("papai"). A verdadeira oração exibe a relação de Deus com seu povo de uma forma que a teologia doutrinária se esforça para expressar com seus conceitos de transcendência e imanência divinas, a saber, de que forma o santo Deus Criador também se apresenta a nós como Pai amoroso.

Com sua oração, os pastores-teólogos têm uma oportunidade singular de ministrar a realidade. A tradição ocidental tem denominado "coleta" as orações pastorais talvez porque os pastores reúnem as preocupações do povo e as apresentam de forma coletiva a Deus em oração. De qualquer maneira, uma coleta tem normalmente cinco elementos: a invocação ("Ó Senhor"), o reconhecimento de um atributo divino (e.g., "que é rico em misericórdia"), um pedido (e.g., "perdoa-nos"), a fundamentação do pedido (e.g., "por meio da obra de Jesus Cristo") e a conclusão (e.g., "em seu nome, amém"). Com frequência as igrejas litúrgicas têm livros com "coletas" para situações específicas ou dias especiais, mas pastores que servem em tradições não litúrgicas fazem bem também em preparar orações pastorais, mesmo que não as chamem de "coleta". Na verdade, os pastores-teólogos em igrejas que não usam algo semelhante ao Livro de Oração Comum têm uma responsabilidade ainda maior em liderar as orações públicas.

Palavras são importantes, e os pastores fariam bem em considerar com atenção as palavras com que se dirigem a Deus. A oração pública é um ótimo exemplo de teologia pública. Assim como as crianças aprendem a se dirigir aos pais ouvindo a maneira de o papai falar com a mamãe, da mesma forma os pastores-teólogos ensinam suas congregações a conversar com Deus (Aba!) por meio do exemplo da oração pública: "Os pastores precisam lembrar que as orações feitas em público têm o efeito de influenciar a vida inteira de oração da congregação".[85] Pastores cujas orações nunca incluem a confissão de pecado correm o risco de comunicar à congregação sem perceber que ela também não precisa incluir esse elemento em suas preces. Pastores cujas orações estão sempre focadas nas necessidades da congregação, e não na vinda do reino de Deus ("Venha o teu reino"), correm o risco de comunicar inadvertidamente à congregação que Deus está ao nosso dispor, em vez de nós estarmos às ordens dele.

A oração celebra o que é/está em Cristo: não apenas o diálogo entre o Pai e o Filho, mas também nossa adoção como filhos de Deus. Quando os cristãos oram, participam da comunhão do próprio Filho com o Pai ("Pai nosso...".). Além disso, assim como Jesus orientou sua vida de acordo com a missão de Deus por

meio da oração, podemos fazê-lo da mesma maneira. Foi mediante a oração que Jesus conseguiu forças para dizer: "Não seja feita a minha vontade, mas a tua" (Lc 22.42). Da mesma forma, é por meio da oração que nos lembramos de nossa própria vocação e identidade "em Cristo". C. S. Lewis diz: "Bem, para mim o momento de oração é [...] a consciência — a consciência redesperta — de que esse 'verdadeiro mundo' e esse 'verdadeiro eu' estão muito longe de ser realidades vazias".[86] À medida que a oração nos lembra quem somos em Cristo, ela funciona como um alerta, um tônico revigorante da realidade. Pastor, ensine-nos a orar.

Participando da comunhão: a ceia do Senhor

Para os que anotam dados de estatística, até agora usei três vezes a expressão "ato teológico por excelência" para descrever, respectivamente, a pregação, a adoração e a oração. Cada um desses atos envolve Deus e influencia o povo dele, sendo, portanto, "teologia pública". Concluímos nossa seção sobre o pastor como liturgista (i.e., quem organiza e coordena o trabalho público de reunir-se diante de Deus) com aquele que, muito provavelmente, é até agora o uso mais adequado de nosso bordão: celebrar a ceia do Senhor é um (o?) ato teológico público por excelência.

A ceia do Senhor tem tudo que ver com *o que é/está em Cristo*, pois o que existe na ceia do Senhor é tanto um resumo da história de Cristo quanto uma antecipação de sua realidade. O próprio Jesus instituiu essa prática por ocasião da Última Ceia, quando disse aos discípulos: "Este é o meu corpo, que é entregue por vocês. Façam isto em memória de mim [...]. Este cálice [...] é a nova aliança no meu sangue" (Lc 22.19,20, ESV). Quando celebramos a ceia do Senhor, anunciamos "a morte do Senhor, até que ele venha" (1Co 11.26). Quando nos lembramos da morte expiatória de Jesus na cruz ao partilharmos o pão e o vinho, recordando também da refeição pascal de Israel, encenamos de forma verbal, visual e completa um resumo profundo de todo o drama da redenção. Celebrar a ceia do Senhor é uma atividade presente que olha para trás — para um evento salvador ocorrido no passado — e para a vinda futura do Senhor.

Por isso, celebrar a ceia do Senhor é alcançar uma preciosa antecipação da realidade final. Pois o que é/está em Cristo, o que é real em última análise, é a *comunhão* com Deus e uns com os outros. Ao celebrar a ceia do Senhor, a igreja não está brincando de adivinhar, mas participando dessa realidade, em suas dimensões vertical e horizontal. Ao celebrar a ceia do Senhor, participamos fisicamente com palavras e ações da comunhão (gr., *koinōnia*) que Cristo estabeleceu entre Deus e seu povo e também em meio ao próprio povo. Em poucas palavras: o que é/está em Cristo é *paz* com Deus e com nossos irmãos em Cristo.

O ensinamento de Paulo sobre a ceia do Senhor ocorreu em resposta a um problema na igreja em Corinto: "... ouço dizer que há divisões entre vós..." (1Co 11.18). Divisões entre os cristãos não são apenas feridas no corpo de Cristo, mas também um fracasso da igreja em compreender o que existe em Cristo: "a comunhão dos santos" (Credo dos Apóstolos). Anteriormente, vimos que a igreja é um templo vivo e que a morte de Cristo removeu a "parede de separação" (Ef 2.14), que havia impedido os gentios de serem unidos ao povo de Deus. Em Cristo há reconciliação não apenas entre pecadores e Deus, mas também entre as várias categorias de seres humanos: senhores e escravos, homens e mulheres, judeus e gentios. Pastores que celebram a ceia do Senhor participam do "ministério da reconciliação" do próprio Cristo (2Co 5.18).

A ceia do Senhor é uma exposição impressionante da unidade que existe "em Cristo". É um ato poderoso de teologia pública que chega ao âmago do significado do evangelho. A boa notícia é que o Espírito une pessoas de todas as cores, classes e castas com Cristo por meio da fé. Unidas a Cristo, elas também são unidas umas com as outras. A mesa do Senhor é o lugar em que essa unidade é exibida com toda clareza ou não aos olhos de todos. Paulo ficou incomodado com a má teologia pública vivenciada em Corinto. Não apenas existiam facções, mas também os coríntios estavam comendo a ceia do Senhor indignamente: "Portanto, quando vos reunis no mesmo lugar, não é para comer a ceia do Senhor. Pois, quando comeis, cada um toma antes a sua própria refeição. Assim, um fica com fome, e o outro se embriaga" (1Co 11.20,21). Alguns versículos

adiante, Paulo adverte contra comer e beber "sem ter consciência do corpo" (11.29).

Ter consciência do corpo significa entender como pessoas procedentes de muitas tribos, nações e classes sociais se tornaram um só povo em Cristo: "Acaso o cálice da bênção que abençoamos não é a comunhão [*koinōnia*] do sangue de Cristo?" (1Co 10.16). A coinonia cristã envolve compartilhar algo com alguém ou participar de algo com alguém. O que os cristãos compartilham entre si é a realidade de ser em Cristo, sendo "justificados pelo seu sangue" (Rm 5.9), e o regozijo da comunhão na ressurreição de Cristo por meio do Espírito. Os pastores fazem um trabalho importante de teologia pública quando lideram uma celebração que encena, de forma visível e concreta, a graciosa lógica do próprio evangelho, que está derrubando a lógica mundana que enaltece a posição social. Partilhar o pão e o vinho com o próximo no domingo, mas não ter relação com ele no resto da semana é uma contradição performativa do que é/está em Cristo. Portanto, a ceia do Senhor é não apenas uma celebração, mas também uma espécie de catecismo vivido por meio do qual a igreja chega a uma compreensão mais profunda e a uma concretização mais autêntica da comunhão em Cristo.

Então, temos consciência do corpo de Cristo ao celebramos a comunhão que temos uns com os outros em Cristo por meio do Espírito. Essa comunhão é real — mais real do que as diferenças superficiais que parecem dividir os seres humanos (e.g., idioma, cor da pele). Então, o aspecto horizontal de ter consciência do corpo envolve compreender a real comunhão dos santos em Cristo. Participar do corpo e do sangue de Cristo com quem, de outra forma, você jamais se relacionaria torna estimulante uma declaração "corpórea" ou "coletiva" de teologia pública tal como ela é. A igreja *é* teologia pública quando encarna a nova humanidade que há em Cristo, em quem não existe qualquer divisão racial, social ou econômica.

Mas há também uma dimensão vertical no discernimento do corpo.[87] O próprio Cristo está *realmente presente* na ceia do Senhor, não basicamente na mesa, mas, sim, *à* mesa. É a ceia do Senhor, e ele é tanto a refeição quanto o anfitrião. Ele está vivo e muito bem; seu corpo ressuscitado ascendeu ao céu: "a ascensão não altera o fato nem a realidade da presença de Cristo com a igreja,

mas o modo dessa presença".[88] Comungamos com o Cristo vivo quando participamos da ceia do Senhor por meio do Espírito, que eleva nosso coração até o Senhor, unindo assim os hóspedes ao anfitrião. Novamente, não são os elementos em si, mas a totalidade da ação e do evento da ceia do Senhor que comunica a presença real de Cristo. A ceia do Senhor nos lembra que o que há em Cristo é a união e a comunhão com Deus e uns com os outros.

Celebrar a ceia do Senhor é um ato de teologia pública que é tão sofisticado no significado quanto é simples no ato. Os pastores-teólogos fazem bem em explorar as riquezas teológicas da ceia do Senhor, talvez mediante celebração semanal, pois é uma síntese do evangelho, um ministério da realidade e a verdade encenada acerca da igreja.[89] Ao partir o pão juntos, os cristãos reconhecem o que realmente são em Cristo por meio do Espírito. Aliás, a celebração regular da ceia é obediência não só ao mandamento de nosso Senhor: "Fazei isto" (Lc 22.19), mas também à sua comissão: "Fazei discípulos de todas as nações" (Mt 28.19), pois a celebração da comunhão não é apenas um momento de ensino profundo que inclui palavras — embora inclua muito mais que isso —, mas também uma forma concreta de edificar o povo de Deus em Cristo: "Acaso o pão que partimos não é a comunhão [*koinōnia*] do corpo de Cristo?" (1Co 10.16).

Apologista: demonstrar o que está em Cristo

Durante mais de um milênio as mentes mais privilegiadas da cristandade têm buscado o que poderíamos chamar "pedra apologética": uma maneira de transformar chumbo cosmológico em ouro teológico, evidência deste mundo em prova conclusiva da existência de Deus. A apologética é a defesa da verdade cristã e claramente uma das tarefas dos doutores da igreja, quando "Não se machuque" passa a ser "Não aceitem o erro". Paulo diz a Tito que os que supervisionam a igreja têm de ser capazes "tanto de exortar na sã doutrina quanto de convencer os seus opositores" (Tt 1.9). João Crisóstomo elogia a determinação de Paulo: "Acaso você não vê que Paulo pôs o mundo inteiro para correr, que ele era mais forte do que Platão e todos os demais? Mas isso ocorreu por causa de seus milagres — você dirá. Não só pelos milagres, pois, se examinar os Atos dos Apóstolos, você o encontrará muitas vezes prevalecendo com seu ensino".[90]

Os pastores são apologistas, incumbidos de demonstrar a verdade do evangelho e refutar o ensinamento falso. Ou, em outras palavras, os pastores são responsáveis por manter um testemunho fiel e confiável do evangelho e de ajudar os membros de suas congregações a fazer o mesmo. Será que isso significa que, no final das contas, assim como Paulo, os pastores têm de operar milagres ou então se tornar intelectuais acadêmicos, responsáveis por desenvolver silogismos proposicionais e conhecimento de física das partículas elementares, com a finalidade de refutar não Platão, mas os novos ateus?[91] Creio que há outra alternativa a seguir, que procede de uma visão ampliada do que a apologética envolve.

A verdade que os pastores precisam defender não é a existência de Deus, mas a sabedoria da cruz: "Pois a palavra da cruz é insensatez para os que estão perecendo, mas para nós, que estamos sendo salvos, é o poder de Deus" (1Co 1.18). Paulo diz explicitamente que foi "posto aqui para defesa do evangelho" (Fp 1.16). Será que, para defender a verdade do evangelho, é preciso ser um gênio ou operar milagres? Na introdução, defendi que os discípulos não eram gênios e que os pastores também não precisam ser gênios. Pois o que precisa ser defendido não é a teoria, mas a sabedoria, e a sabedoria é o conhecimento vivido. Nós "comprovamos" a sabedoria por meio de demonstrações práticas, não de provas teóricas.

A assembleia dos crentes reunidos é a demonstração prática tanto da sabedoria da cruz quanto do senhorio do Cristo ressurreto: "Se o Espírito Santo não dá testemunho do Pai e do Filho por meio dos testemunhos dos cristãos, então os cristãos não têm argumentos para apresentar".[92] O que os pastores precisam não é de uma pedra filosofal, mas da pedra angular do teólogo, a saber, Jesus Cristo, a quem todas as pedras vivas são unidas e em quem os crentes crescem juntos. Esse edifício — o povo de Deus, o corpo de Cristo, a comunhão do Espírito Santo — é o argumento encarnado, o milagre que "põe o mundo inteiro para correr" (Crisóstomo).

Na realidade, a existência da igreja constitui dois argumentos, duas demonstrações distintas da verdade do que é em Cristo. O primeiro é o *argumento da perseverança jubilosa*. A fé cristã "demonstra" que é verdadeira

quando o povo de Deus de forma voluntária se submete a todo tipo de testes críticos, quer intelectuais quer existenciais, e persevera até o fim, regozijando-se na certeza de que o sofrimento produz perseverança, caráter e uma esperança que não decepciona (Rm 5.3-5). O autor de Hebreus pede a seus leitores que se lembrem da época em que haviam suportado sofrimentos, o que envolveu serem "expostos publicamente [*theatrizō*] a ofensas e perseguições" (Hb 10.32,33). O que é demonstrada no teatro da fé é a verdade que resiste a tudo: testes críticos, sofrimento, ridicularização e morte. O martírio cristão é uma demonstração da vida de Cristo em nós: "Pois todo o que é nascido de Deus vence o mundo; e esta é a vitória que vence o mundo: a nossa fé" (1Jo 5.4). A prova de que a igreja é o edifício de Cristo é o fato de que "as portas do inferno não prevalecerão contra ela" (Mt 16.18).

Em segundo lugar, a igreja é a personificação do que poderíamos chamar *argumento da comunhão crescente*. Mais uma vez, a qualidade de vida comunitária da igreja tem que ver com a integridade de seu testemunho do evangelho. Quando a igreja se torna o que é — uma comunhão do Espírito Santo —, ela se torna uma estrutura de plausibilidade viva. O filósofo Jacques Derrida não seria capaz de classificar o perdão com a expressão "se é que isso existe", caso os cristãos realmente perdoassem uns aos outros conforme Jesus ordenou (Mt 18.21,22). É mais fácil rejeitar conceitos teológicos abstratos ou criticar o que parecem ser doutrinas ultrapassadas; mas algo totalmente diferente é ignorar imagens da vida real que encenam a verdade do evangelho por meio da reconciliação racial, do perdão familiar, da justiça social e do amor sacrificial. É difícil contestar o ministério da reconciliação.

A igreja não pode obrigar o mundo a provar e ver a bondade de Deus. No entanto, ela é responsável por comunicar tanto o sentido quanto a doçura d*o que é em Cristo*. Para isso, talvez não haja nenhuma demonstração pública melhor do que celebrar a ceia do Senhor — *ser e praticar a comunhão*. Bonhoeffer declara: "A comunidade cristã não é um ideal que temos de realizar, mas uma realidade criada por Deus em Cristo da qual podemos participar".[93] A ceia do Senhor é tanto *summa* quanto *apologia* do evangelho, porque na celebração da ceia a igreja

não apenas proclama, mas também encena de forma concreta tanto a união quanto a comunhão, a realidade d*o que é em Cristo*.

O próprio Jesus tratou da importância desse aspecto da teologia pública: "Nisto todos saberão que sois meus discípulos, se vos amardes uns aos outros" (Jo 13.35). Esse aspecto final da vocação do pastor diz respeito a equipar a igreja para sua missão no mundo: "O mundo não crerá nem saberá que Deus enviou Jesus apenas porque nossa teologia é verdadeira, nossa doutrina é correta e nossa liturgia é adequada. O mundo saberá e crerá *quando vir Jesus em nós*".[94] Em última análise, a melhor apologética é o povo de Deus celebrando a ceia e realizando obras de amor ao mundo, demonstrando a verdade do que é e do que será em Cristo.

Por que a igreja existe? Existe para expor como as coisas são em Cristo. O povo de Deus, pedras vivas unidas para fazer um templo, o lugar da presença e da atividade de Deus, deve ser uma demonstração coletiva da verdade, do poder e da realidade do evangelho. O grande privilégio e responsabilidade do pastor é ser um artesão na casa de Deus e, dessa forma, edificar e supervisionar esses argumentos encarnados. A melhor apologética é uma vívida teologia pública.

Perspectivas pastorais

O drama da pregação

GUY A. DAVIES

Como pastor, vejo-me com a obrigação de desempenhar vários papéis. Sou pregador, conselheiro, líder da igreja, coordenador de reuniões e assim por diante. Com muitas tarefas exigindo meu tempo, manter minha leitura teológica em dia talvez nem sempre se apresente como uma prioridade. Passar momentos preciosos com Agostinho de Hipona, João Calvino ou Herman Bavinck pode até parecer um luxo; porém, não é. Sem teologia meu ministério seria quase a mesma coisa que administração empresarial ou trabalho social. Por isso, preciso almejar ser um teólogo público pelo bem do povo de Deus.

Um pastor pode servir de teólogo público de várias de maneiras. Mas é, acima de tudo, em meu trabalho de pregador do evangelho que levo a teologia para o domínio público. No entanto, isso não significa que meu trabalho seja servir porções de teologia sistemática requentadas. A pregação deve ser "teologia em chamas". Por maior que seja a sua capacidade de dramatizar no púlpito, isso não contribuiria para despertar o interesse em algumas de suas típicas obras de teologia sistemática. Então, precisamos repensar a relação entre teologia e pregação.

A esse respeito, para mim foi muito útil a proposta de Kevin Vanhoozer de que a melhor maneira de visualizar a teologia é como um "teodrama":

> O evangelho é "teodramático" — uma série de entradas e saídas de cena divinas, especialmente porque essas entradas e saídas de cena dizem respeito ao que Deus fez por nós em Jesus Cristo. Dessa maneira, o evangelho — tanto o evento de Cristo quanto o cânon que o comunica — surge em cena como o

> momento culminante na economia trinitária da ação divina autocomunicadora. A teologia reage e corresponde à palavra e à ação prévia de Deus; por isso, a própria teologia faz parte da ação teodramática.[95]

Essa percepção tem me ajudado a refletir sobre como a teologia deve impactar a pregação. A pregação teodramática é evangelística. Enquanto anunciamos a boa-nova de Jesus, ela está chamando a uma reação de arrependimento, fé e obediência ao evangelho, para que as pessoas sejam incluídas no drama da graça redentora. A pregação teodramática capacita os membros de nossas igrejas a desempenhar seus papéis no drama da redenção. Ela equipa o povo de Deus para representar o teodrama, encenando o evangelho de uma maneira que é fiel ao roteiro bíblico oficial e apropriada ao cenário contemporâneo.

Uma abordagem teodramática da pregação reconhece que a Bíblia nos apresenta atos de fala de Deus imbuídos de autoridade. Fazemos as coisas por meio do discurso. Com o diálogo, um homem e uma mulher começam uma relação matrimonial. Com palavras podemos insultar as pessoas ou incentivá-las. As palavras de Deus nas Escrituras são as *locuções* bíblicas. Essas locuções (unidades de fala) têm um propósito *ilocucionário*. Deus faz coisas mediante suas palavras: ele estabelece uma relação de aliança com seu povo, faz promessas, dá advertências ou ordens. O Espírito concede poder *perlocucionário* a essas ilocuções, de modo que, ao pregarmos, as pessoas creem em promessas, dão ouvidos a advertências e obedecem a ordens. A pregação teodramática busca descobrir e proclamar a ação comunicativa de Deus nas Escrituras. Podemos ter a confiança de que, uma vez proclamada, a Palavra de Deus não voltará vazia, mas realizará o que lhe agrada (Is 55.11).

Os que defendem uma pregação que leva em conta a história da redenção identificam passagens bíblicas específicas no grandioso enredo do drama da revelação das Escrituras. Essa abordagem é valiosa porque, se estiverem isoladas de metanarrativas bíblicas, passagens específicas não são compreendidas. Entretanto, às vezes a pregação histórico-redentora tem dificuldade com a natureza exemplar e prática da revelação bíblica. A consequência disso é que a pregação pode se tornar algo semelhante a um exercício de teologia bíblica. Uma abordagem mais teodramática tem me ajudado a vencer o abismo entre as

metanarrativas histórico-redentoras e a natureza exemplar e prática do ensino bíblico. À luz do que Deus fez em Cristo conforme revelado nas Escrituras — o teodrama —, exortamos os crentes a moldar suas vidas de acordo com os exemplos bíblicos e a obedecer às ordens do Senhor. A pregação teodramática valoriza tanto os indicativos quanto os imperativos do evangelho.

A pregação teodramática busca estabelecer uma relação triangular entre as Escrituras, a igreja e o mundo. Sim, a Bíblia é nosso enredo oficial, mas não devemos ver as Escrituras separadas da igreja. Não quero interpretar a Bíblia do meu próprio jeito, muito menos de forma herética. Uma proteção útil é estabelecer um diálogo entre as Escrituras e a rica herança dos credos da igreja. Na preparação do sermão nos envolvemos com comentaristas bíblicos antigos e modernos para entender de fato o sentido de um texto. Mas, depois de alcançarmos uma compreensão da passagem em espírito de oração, nosso trabalho ainda está na metade. Temos, então, de descobrir como aplicar com discernimento a verdade ao nosso povo em seu contexto cultural atual. Só então a igreja "reunida" será equipada para viver como a igreja "dispersa", com crentes vivendo integralmente como discípulos de Jesus no palco do mundo.

O ato de proclamar a Palavra tem de ser teodramático. Quando prego, meu objetivo não é simplesmente dar instrução doutrinária à congregação a que sirvo, mas também permitir que o povo de Deus compreenda e sinta a verdade das Escrituras a fim de praticá-la. Preciso pensar sobre o texto e examiná-lo cuidadosamente para que meu ministério se torne uma representação viva da mensagem. Isso não significa que sou dissimulado em meus sermões. Mas temos de aplicar refletidamente nossa mensagem a nós mesmos antes de pregá-las a outros. Quero que minha pregação não seja nada menos do que uma encenação do teodrama — um evento revelador, em que a Palavra cristocêntrica de Deus é proclamada ao seu povo, no poder transformador do Espírito.

Para minha pregação alcançar algum efeito, preciso que o Espírito de Cristo esteja atuando tanto em mim quanto nas pessoas a quem proclamo a Palavra de Deus. Temos de ministrar dependendo do Espírito Santo conscientemente e em oração. O Novo Testamento não vê a pregação apenas como uma declaração precisa da verdade, mas também como um encontro capacitado pelo Espírito

com o Deus do evangelho (1Ts 1.5). Esse pensamento me leva a orar pela capacitação divina cada vez que proclamo a Palavra de Deus a seu povo.

Na condição de pregador teodramático, desejo me tornar um pastor-teólogo para o bem do povo de Deus. Quando comecei meu atual ministério pastoral, dez anos atrás, as igrejas às quais eu servia estavam preocupadas com questões internas, e não se fazia praticamente nada para alcançar os perdidos para Cristo. Creio que agora posso dizer que os crentes têm um profundo amor uns pelos outros e que as igrejas estão mais interessadas em missão. Quando a teologia se torna um "bem público" em nossa pregação, o povo de Deus, a quem fomos chamados a servir, é orientado a desempenhar seu papel no grande drama da graça redentora de Deus. Temos desfrutado do privilégio de testemunhar a ação comunicadora de Deus em operação entre nós, de forma lenta, mas certa, tornando-nos mais semelhantes a Cristo mediante a presença do seu Espírito em nosso meio. Esse é o drama da pregação.

O pastor-teólogo como apologista no púlpito

JASON B. HOOD

Será uma década difícil para Megan. Ela vai perder o emprego. Levará para o casamento expectativas inalcançáveis, antes de descobrir que, ao contrário do que haviam lhe dito, o "casamento cristão" não é bem um mar de rosas. Romances cristãos não a prepararam para um marido que dos vinte aos vinte e poucos anos foi viciado em pornografia. Uma tia querida será diagnosticada com câncer. Sua prima mais próxima decidirá fazer cirurgia de mudança de sexo e tratamento hormonal. Sua igreja será uma variedade surpreendente de pecadores e santos, uma combinação de ameaça e estímulo à sua fé.

Megan não está preparada para enfrentar esses desafios. Durante a adolescência, ela foi atrás de doses de Disney com grandes tragos do bar do individualismo norte-americano. Aprendeu que a liberdade e a independência

são o maior bem que uma pessoa pode ter. Em sua página no Facebook ela é inundada com comentários hostis à fé e às práticas cristãs. Com bastante empenho e uma atitude de pouco caso, seus colegas de trabalho tentam convertê-la a crenças alternativas.

Nesta semana "Megans" de carne e osso estarão frequentando uma igreja perto de você. Como a igreja pode atender às necessidades de Megan? Ela precisa de muitas coisas: uma dieta regular do evangelho; cristãos maduros que são exemplos de vida cristã fiel; um lugar seguro para fazer perguntas desafiadoras; e o cultivo de uma atitude cativante e misericordiosa com gente de fora que se opõe ao cristianismo. Megan também precisa de um teólogo no púlpito que desenvolva uma apologética para o contexto cultural em que ela vive, especialmente desmascarando alternativas populares ao cristianismo, com suas promessas de falso conforto. A apologética não é apenas para os incrédulos; é para crentes como Megan, que são afligidos pela vida, pelo sofrimento e por uma cultura pós-cristã.

Pense em Tim Keller. Muito antes de escrever *The reason for God*,[96] seu *best-seller* que esteve na lista do New York Times, Keller tinha o hábito de lidar no púlpito com o que ele chama de "crenças destruidoras". Essas crenças-barreiras são condicionadas culturalmente — compromissos fundacionais que fazem o cristianismo parecer duvidoso ou até mesmo totalmente irracional. No Cairo, todo muçulmano sabe que Jesus não morreu na cruz e que Deus não tem filhos, logo Jesus não é o Filho de Deus. No Ocidente ninguém se incomoda com a morte de Jesus na cruz, mas a noção de que uma única religião ofereça *o* caminho para Deus é simplesmente inacreditável; por outro lado, essa ideia não é problema algum no Cairo.

Cada passagem da Bíblia dirá respeito a pelo menos uma das seis "crenças-barreiras" que tornam o cristianismo difícil de ser aceito no Ocidente pós-cristão:

1. É impossível uma única religião verdadeira que considere falsas todas as outras visões.
2. O mal e sofrimento tornam impossível o Deus poderoso da Bíblia.

3. Meu direito de escolha é sagrado e não pode ser transgredido por nenhuma religião ou ideologia que exija que eu me submeta a alguma autoridade.
4. O histórico da igreja é muito deplorável.
5. A ira ou indignação de Deus é intragável, talvez até criminosa.
6. A Bíblia não merece confiança e é socialmente retrógrada.

Essas barreiras à crença cristã não são encontradas apenas em Nova York: são encontradas em todo lugar e fazem parte do ambiente cultural. Por outro lado, não são apenas os incrédulos que enfrentam essas barreiras, pois elas são um componente tão importante do ambiente cultural que eu as ouço sendo mencionadas por alunos (surpreendentemente honestos) em sala de aula de escolas cristãs e por membros de igrejas que ainda não desprenderam totalmente sua cosmovisão da cultura ao redor. Essas barreiras são tão respeitadas que seus defensores em geral não as submeteram a um teste cuidadoso; no entanto, tais barreiras são muitas vezes surpreendentemente frágeis.

Como estudo de caso, imagine um sermão sobre a conhecida passagem de Mateus 28.16-20. Tenho ouvido muitos sermões sobre essa passagem, mas não me lembro de ouvir um só que tratasse das objeções dos incrédulos em nosso etos cultural vigente. O senhorio de Jesus apresentado em Mateus 28.16-20 confronta cada uma das três primeiras crenças-barreiras: o alcance de seu senhorio é amplo demais (crença-obstáculo 1) e o grau de sofrimento que vemos ou experimentamos nos leva a questionar se ele está de fato reinando (crença-obstáculo 2). Aqui tratarei apenas da crença-barreira 3: a reivindicação de senhorio de Jesus restringe o desenvolvimento do potencial pessoal e da autoafirmação, valorizados mais do que qualquer outra coisa em nossa cultura.

Enquanto escrevo, as paradas de sucesso musical oferecem muitas ilustrações da terceira crença-barreira. “Same love” [Mesmo amor], de Macklemore, uma música que, com letra forte e de grande impacto, praticamente virou hino oficial do movimento de defesa do casamento *gay*, evoca uma resposta mais favorável do que “We can’t stop” [Não conseguimos parar], de Miley Cyrus, uma música sensual de balada. No entanto, ambas as músicas funcionam como narrativas contemporâneas da liberdade irrestrita. Ambas ensinam que meu corpo pertence

a mim e não consigo frear meus desejos: preciso ser livre, autônomo e dizer o que penso.

Megan — e a amiga do trabalho que ela trouxe consigo à igreja — precisa ouvir Mateus 28 em seu contexto: o homem que reivindica governar nossa vida e o mundo inteiro só faz isso depois de morrer por nós. O teólogo do púlpito ressalta que, na verdade, "liberdades" alternativas são senhores alternativos. O refrão da música de Macklemore admite: "Não conseguiria mudar, mesmo que tentasse, mesmo que quisesse". Miley também segue a linha de que a sexualidade é uma fatalidade: "Não conseguimos parar". Essa liberdade conduz à tirania do eu. Radicais do sexo que proclamam a redefinição de casamento também propõem o fim de todas as restrições sexuais, o que acaba se revelando um tipo diferente de escravidão. Agora sou obrigado a deixar que meu menino de seis anos de idade diga — se assim quiser — que é menina, e nosso conselheiro cristão perderá seu registro profissional caso encoraje meu filho a aceitar a pele e os cromossomos que Deus lhe deu. A abordagem "tradicional" de gênero é censurada como escravidão. Mas então a criança é vendida ao déspota da escolha de gênero. Com muita sutileza, a liberdade sexual radical começa a dominar nossa imaginação, exigir nossa lealdade, forçar nossos hábitos e limitar nossa liberdade. Como Bob Dylan diz em uma de suas músicas: "Você terá de servir a alguém".

A procura de satisfação pessoal e de autoafirmação nunca acaba; o deus do ego nunca se satisfaz. A busca de autoafirmação vai dominar seus desejos, absorver sua energia e sugar seu dinheiro. Por fim, a cultura achará que você é velho demais ou muito chato. A cultura vai abandoná-lo. Sua vida sexual vai abandoná-lo. O rei Jesus, porém, promete nunca abandoná-lo e assegurou um caminho verdadeiro, distinto dos outros, que você poderia trilhar através do deserto da confusão cultural. A seu serviço descobrimos a verdadeira libertação e nos braços de seu Pai encontramos nossa identidade como filhos amados.

[1]Thomas C. Oden, *Pastoral theology: essentials of ministry* (New York: HarperOne, 1983), p. 313.

[2]Andrew Purves faz a seguinte observação ao parafrasear Atanásio: "O ministério que não é assumido por Jesus Cristo é um ministério que não é curado, mas definha no orgulho de nossas próprias tentativas de alcançar o céu" (Purves, *Reconstructing pastoral theology: a Christological foundation* [Louisville: Westminster John Knox, 2004], p. ix).

[3]Ibidem, p. xxiii.

[4]Purves utiliza termos semelhantes para revelar o que é/está em Cristo. Ele examina um ministério quádruplo que se origina da união com Cristo: um ministério da palavra, da graça, da presença e do reinado de Deus (*Reconstructing pastoral theology*, parte 2).

[5]No Novo Testamento, as categorias de liderança da igreja são, em certa medida, flexíveis. É privilégio e responsabilidade de todos os presbíteros da igreja, e não apenas dos pastores, ajudar os membros da igreja a crescerem na maturidade cristã (Ef 4.11-13). Para uma análise sobre os presbíteros da igreja, veja Jeramie Rinne, *Church elders: how to shepherd God's people like Jesus* (Wheaton: Crossway, 2014).

[6]Jonathan Leeman, *Church membership: how the world knows who represents Jesus* (Wheaton: Crossway, 2012), p. 27.

[7]Grant Osborne, *Matthew*, Zondervan Exegetical Commentary on the New Testament (Grand Rapids: Zondervan, 2010), p. 627.

[8]Ibidem.

[9]Robert H. Gundry, *Commentary on the New Testament: verse-by-verse explanations with a literal translation* (Peabody: Hendrickson, 2010), p. 72.

[10]Para uma defesa ampla de que "esta rocha" se refere ao conteúdo da confissão de Pedro, veja Chrys C. Caragounis, *Peter and the rock* (Berlin: de Gruyter, 1989).

[11]Jonathan Leeman também ressalta que as chaves do reino mencionadas em Mt 16.19 dizem respeito à autoridade de decidir quem fez confissões em conformidade com o evangelho e quais confessores representam o reino do céu (*Church membership*, p. 58-9).

[12]Douglas Harink, *1 and 2 Peter*, Brazos Theological Commentary on the Bible (Grand Rapids: Brazos, 2009), p. 124.

[13]Eugene H. Peterson, "Curing souls: the forgotten art", *Leadership Journal* 4 (Summer 1983): 48-60.

[14]Essa é a tese de Boyd Taylor Coolman, *The theology of Hugh of St. Victor: an interpretation* (Cambridge: Cambridge University Press, 2010).

[15]Ibidem, p. 27.

[16]Rhys S. Bezzant, *Jonathan Edwards and the church* (Oxford: Oxford University Press, 2014), p. 107.

[17]Matthew Levering, *Ezra and Nehemiah*, Brazos Theological Commentary on the Bible (Grand Rapids: Brazos, 2007), p. 20, nota 2.

[18]Mark A. Throntveit defende que a principal preocupação teológica do livro de Esdras é "incentivar a comunidade a ser o povo de Deus em meio às estruturas políticas vigentes" (*Ezra-Nehemiah*, Interpretation [Louisville: Westminster John Knox, 1992], p. 31).

[19]Bede, *On Ezra and Nehemiah*, tradução para o inglês de Scott DeGregorio (Liverpool: Liverpool University Press, 2006), p. 1-2.

[20]H. G. M. Williamson observa como o livro de Esdras retrata de forma tipológica a volta dos exilados como um segundo Êxodo e, portanto, como um ato da graça divina (*Ezra, Nehemiah*, Word Biblical Commentary [Nashville: Nelson, 1985], p. 20, 111).

[21]Ibidem, p. 92. Sobre Esdras como sacerdote, veja Throntveit, *Ezra-Nehemiah*, p. 40-1.

[22]Derek Kidner, *Ezra and Nehemiah: an introduction and commentary*, Tyndale Old Testament Commentaries (Leicester: Inter-Varsity, 1979), p. 62 [edição em português: *Esdras e Neemias: introdução e comentário*, tradução de Gordon Chown, Série Cultura Bíblica 11 (São Paulo: Vida Nova, 1985)].

[23]Bede, *On Ezra and Nehemiah*, p. 108.

[24]É significativo que o Novo Testamento rejeite de forma explícita o divórcio no caso de crentes casados com incrédulos (veja 1Co 7.12,13).

[25]Essa é a interpretação de Williamson, *Ezra, Nehemiah*, p. 160.

[26]Bede, *On Ezra and Nehemiah*, p. 139.

[27]Throntveit, *Ezra-Nehemiah*, p. 78.

[28]Bede, *On Ezra and Nehemiah*, p. 178.

[29]Throntveit (*Ezra-Nehemiah*, p. 110) sugere que o texto apresenta Esdras como um segundo Moisés e a leitura/resposta como uma cerimônia de renovação da aliança.

[30]Harink, *1 and 2 Peter*, p. 69.

[31]Peter O'Brien, *The Letter to the Ephesians*, Pillar New Testament Commentary (Grand Rapids: Eerdmans, 1999), p. 219.

[32]Ibidem, p. 221.

[33]G. K. Beale, *The temple and the church's mission: a biblical theology of the dwelling place of God* (Downers Grove: InterVarsity, 2004), p. 48.

[34]Timothy G. Gombis, *The drama of Ephesians: participating in the triumph of God* (Downers Grove: InterVarsity, 2010), p. 182.

[35]James M. Hamilton Jr., *What is biblical theology?* (Wheaton: Crossway, 2014), p. 106.

[36]Ao contrário disso, não podemos apresentar um semblante alegre diante da crucificação. A tensão para o partor-teólogo é comunicar a vida de Jesus em nossa carne mortal e lembrar que aquele que ressuscitou é também aquele que foi crucificado (veja 2Co 4.10-12).

[37]"Não pergunte o que seu país pode fazer por você — pergunte o que você pode fazer por seu país", palavras de Kennedy em seu discurso de posse. (N. do T.)

[38]John H. Leith, *Introduction to the Reformed tradition: a way of being the Christian community* (Atlanta: John Knox, 1981), p. 85 [edição em português: *A tradição reformada: uma maneira de ser a comunidade cristã* (São Paulo: Pendão Real, 1997)].

[39]William H. Willimon, *Pastor: the theology and practice of ordained ministry* (Nashville: Abingdon, 2002), p. 183.

[40]James G. Samra, *Being conformed to Christ in community: a study of maturity, maturation and the local church in the undisputed Pauline epistles* (London: T. & T. Clark, 2006), p. 167-8. "Ter a mente [de Cristo]" (cf. Fp 2.5, ESV) se refere principalmente não à imitação de seu conteúdo cognitivo (i.e., informação), mas à imitação de sua atitude (i.e., inclinação).

[41]Oden, *Pastoral theology*, p. 314.

[42]Ibidem, *Theology*, p. 127.

[43]Veja http://www.psychologytoday.com/blog/communication-success/201311/5-tips-reduce -the-fear-public-speaking.

[44]John Durham Peters define comunicação como "o projeto de conciliação entre o eu e o outro" (*Speaking into the air: a history of the idea of communication* [Chicago: University of Chicago Press, 1999], p. 9).

[45]Andrew Purves, *The resurrection of ministry: serving in the hope of the risen Lord* (Downers Grove: InterVarsity, 2010), p. 37.

[46]Herman Melville compara o púlpito à proa de um navio em *Moby Dick*, cap. 8 [edições em português: *Moby Dick (a fera do mar)*, tradução de José Maria Machado (São Paulo: Clube do Livro, 1957); *Moby Dick*, tradução de Péricles Eugênio da Silva Ramos (São Paulo: Círculo do Livro, 1994); *Moby Dick*, tradução de Berenice Xavier, Série Clássicos Abril Coleções (São Paulo: Abril Coleções, 2010); *Moby Dick*, tradução de Irene Hirsch; Alexandre Barbosa de Souza (São Paulo: Cosac Naify, 2008); *Moby Dick*, tradução de Monteiro Lobato; Adalberto Rochsteiner, Série Clássicos Nacional (São Paulo: Nacional, 2002)]. Cf. as quatro dimensões da pregação propostas por Oden: evangélica, pastoral, doutrinária e ética formativa (*Pastoral theology*, p. 128-9). Veja tb. David L. Bartlett, "Sermon", in: William H. Willimon; Richard Lischer, orgs., *Concise encyclopedia of preaching* (Louisville: Westminster John Knox, 1995), p. 433-7.

[47]Igrejas que utilizam lecionários oferecem oportunidades semanais para o pastor relacionar o Antigo e o Novo Testamentos e, assim, tratar da mais antiga questão teológica que a igreja primitiva precisou enfrentar, a saber: O Antigo Testamento é um livro da igreja? O Deus de Israel é também o Pai de Jesus Cristo?

[48]Veja Graeme Goldsworthy, *Preaching the whole Bible as Christian Scripture* (Grand Rapids: Eerdmans, 2000) [edição em português: *Pregando toda a Bíblia como Escritura cristã: a aplicação da teologia bíblica à pregação expositiva*, tradução de Francisco Wellington Ferreira (São José dos Campos: Fiel, 2013)].

[49]Veja o artigo de Samra nesta obra, que aborda a seguinte questão: "Como a igreja deve refletir teologicamente sobre a tecnologia?".

[50]"Atualmente, o mercado religioso profissional oferece de modo insistente um número enorme de fórmulas para alcançar um ministério pastoral de sucesso. Todas essas fórmulas se baseiam na suposição de que os pastores precisam atender às expectativas daqueles que já estão na igreja e, em especial, daqueles que ainda não estão" (Craig M. Barnes, *The pastor as minor poet: texts and subtexts in the ministerial life* [Grand Rapids: Eerdmans, 2009], p. 12).

[51]Nas palavras de Calvino: "Que aqueles que desejam desempenhar bem a tarefa do ministério da Palavra aprendam não apenas a discursar e a falar em público, mas especialmente a penetrar na consciência, para que as pessoas vejam o Cristo crucificado e seu sangue escorrendo. Se a igreja tiver esse tipo de artista, ela não precisará de madeira nem de pedra, ou seja, não precisará de representações sem vida e, na realidade, não precisará mais de imagem alguma" (citado em Herman J. Selderhuis, *John Calvin: a pilgrim's life* [Downers Grove: InterVarsity, 2009], p. 115).

[52]Poetas "maiores" oferecem expressões permanentes das verdades mais profundas da vida. (Deus é um poeta maior!) Poetas "menores" têm a tarefa menor, porém fundamental, de "inculcar essa verdade em pessoas específicas em lugares específicos" (Barnes, *Pastor as minor poet*, p. 17).

[53]L. Roger Owens, *The shape of participation: a theology of church practices* (Eugene: Cascade, 2010), p. 67.

[54]Os manuais mais conhecidos incluem Hyppolytus, *Apostolic tradition* [edição em português: Hipólito, *Tradição apostólica*, tradução de Carlos Martins Nabeto, disponível em: http://www.veritatis.com.br/patristica/obras/8485-tradicao-apostolica, acesso em: 23 jan. 2015]; Augustine, *Catechizing the uninstructed* [edição em português: Santo Agostinho, "Primeira catequese aos não cristãos", in: *A fé e o símbolo; Primeira catequese aos não cristãos; A disciplina cristã; A continência*, tradução de Fabrício Gerardi, Série Patrística (São Paulo: Paulus, 2013)]; e Gregory of Nissa, *Great Catechetical Oration* [edição em português: "A grande catequese", in: Gregório de Nissa, *A criação do homem; A alma e a ressurreição; A grande catequese*, tradução de Bento Silva Santos, Série Patrística (São Paulo: Paulus, 2011)].

[55]Stephen E. Fowl comenta: "Pastores e mestres são *eles mesmos* os dons dados pelo Cristo que subiu ao céu por meio do Espírito" (*Ephesians: a commentary*, New Testament Library [Louisville: Westminster John Knox, 2012], p. 130, grifo do autor).

[56]O'Brien, *Letter to the Ephesians*, p. 300.

[57]Observe-se como a combinação de imagens biológicas (orgânicas) e arquitetônicas (inorgânicas) em Ef 4.12 estabelece um paralelo com a justaposição semelhante em 2.20,21.

[58]Comentário de Calvino sobre Efésios 4.11 em Calvin, *Commentary* [edição em português: *Comentário de Gálatas, Efésios, Filipenses e Colossenses*, tradução de Valter Graciano Martins (São José dos Campos: Fiel, 2010)]. No que se refere a doutores da igreja, Scott Manetsch comenta que, na Genebra de Calvino, "sua esfera de responsabilidade ia além da congregação local, abrangendo também a igreja em sentido mais amplo [...] e incluía a responsabilidade de ensinar os futuros pastores e proteger a igreja de erro doutrinário" (*Calvin's company of pastors: pastoral care and the emerging Reformed church, 1536-1609* [Oxford University Press, 2013], p. 28).

[59]*Catechizing the uninstructed* 3.5. Agostinho é bem realista e dedica vários capítulos para tratar das "diversas causas que provocam fadiga no catecúmeno".

[60]Calvin, "Letter to Edward Seymour, October 22, 1548" (citado em Manetsch em *Calvin's company of pastors*, p. 266).

[61]O catecismo de Calvino servia a um propósito pastoral, oferecendo instrução tanto na área doutrinária quanto na área prática e devocional (disponível em: http://www.reformed.org/documents/calvin/geneva_catachism/geneva_catachism.html).

[62]Tradução de Cleide Wolf; Rogério Portella (São Paulo: Mundo Cristão, 1996).

[63]J. I. Packer, "Reflection and response", in: Timothy George, org., *J. I. Packer and the Evangelical future: the impact of his life and thought* (Grand Rapids: Baker Academic, 2009), p. 174.

[64]J. I. Packer; Gary A. Parrett, "The return to catechesis: lessons from the great tradition", in: Richard Lints, org., *Renewing the Evangelical mission* (Grand Rapids: Eerdmans, 2013), p. 112.

[65]Ibidem, p. 129.

[66]Veja ainda J. I. Packer; Gary A. Parrett, *Grounded in the gospel: building believers the old-fashioned way* (Grand Rapids: Baker Books, 2010) [edição em português: *Firmados no evangelho: edificando crentes à moda antiga* (São Paulo: Cultura Cristã, 2012)].

[67]Cf. Packer, que faz uma afirmação parecida em seu texto "Reflection and response", p. 174.

[68]Em outro texto, comparo o aprendizado da doutrina com a orientação teatral: a doutrina ajuda os discípulos a encenar o que é/está em Cristo e, desse modo, a desempenhar seus papéis no drama da redenção (veja esp. Kevin J. Vanhoozer, *Faith speaking understanding: performing the drama of doctrine* [Louisville: Westminster John Knox, 2014]) [edição em português: *Encenando o drama da doutrina* (São Paulo: Vida Nova, 2016)].

[69]"Na condição de líder litúrgico da congregação, o pastor é responsável por organizar, interpretar e presidir toda a esfera da adoração, em geral em consulta com leigos por meio de uma comissão eclesiástica de adoração" (Oden, *Pastoral theology*, p. 90).

[70]Cf. Martinho Lutero, que disse que o propósito da adoração é que "o próprio Senhor fale por meio de sua santa palavra e que respondamos a ele com nossas orações e hinos" (citado em ibidem, p. 91).

[71]Ibidem, p. 93.

[72]Esse questionamento pode ser o equivalente teológico da velha pergunta filosófica: "Por que as coisas existem?".

[73]Graham Kendrick, *Learning to worship as a way of life* (Minneapolis: Bethany House, 1985), p. 32.

[74]É provável que não seja coincidência o fato de que muitos salmos foram escritos por reis.

[75]Veja Daniel Block, *For the glory of the Lord: recovering a biblical theology of worship* (Grand Rapids: Baker Academic, 2014), p. 23-4.

[76]David Peterson, *Engaging with God: a biblical theology of worship* (1993; reimpr., Downers Grove: InterVarsity, 2002), p. 18.

[77]John E. Burkhart, *Worship: a searching examination of the liturgical experience* (Philadelphia: Westminster, 1982), p. 17.

[78]Veja o argumento de D. Peterson para traduzir *logikēn latreian* (Rm 12.1) por "culto com entendimento" (*Engaging with God*, p. 174). O sacrifício vivo do próprio Paulo assumiu a forma de seu ministério evangélico: "Quanto a mim, já estou sendo derramado como oferta de libação" (2Tm 4.6; cf. Fp 2.17).

[79]Ibidem, p. 73.

[80]Veja ibidem, p. 206.

[81]"Cada reunião cristã pode ser considerada uma expressão terrena da igreja celestial" (Ibidem, p. 205).

[82]Mark Labberton, *The dangerous act of worship: living God's call to justice* (Downers Grove: InterVarsity, 2007).

[83]Evagrius Ponticus, *The pratikos and chapters on prayer* (Piscataway: Gorgias, 2009), p. 65.

[84]O falecido James Montgomery Boice lamentou o "enfraquecimento" do culto evangélico com a diminuição da presença de elementos tradicionais, como a leitura pública da Palavra de Deus e as orações pastorais (citado em Philip Ryken; Derek Thomas; J. Ligon Duncan, orgs., *Give praise to God: a vision for reforming worship; celebrating the legacy of James Montgomery Boice* [Phillipsburg: P&R, 2003], p. 18-20).

[85]Scott Hoezee, "The pastoral prayer as a theological occasion", in: Alston; Jarvis, orgs., *The power to comprehend with all the saints*, p. 337.

[86]C. S. Lewis, *Letters to Malcolm: chiefly on prayer* (New York: Harcourt, Brace & World, 1964), p. 81 [edição em português: *Oração: cartas a Malcolm* (São Paulo: Vida, 2009)].

[87]"A dimensão 'vertical' da participação comunitária na ceia do Senhor [...] naturalmente transborda às dimensões 'horizontais' do modo de vida" (Anthony C. Thiselton, *The First Epistle to the Corinthians*, New International Greek Testament Commentary [Grand Rapids: Eerdmans, 2000], p. 770).

[88]John Jefferson Davis, *Worship and the reality of God: an Evangelical theology of real presence* (Downers Grove: InterVarsity, 2010), p. 162.

[89]Cf. a convocação de Davis à celebração semanal da ceia do Senhor como o evento climático de cada reunião semanal da igreja (Ibidem, p. 114).

[90]John Chrysostom, *Homilies on Titus*, sobre Tito 1.9 [edição em português: "Tito", in: João Crisóstomo, *Comentário às cartas de São Paulo: Homilias sobre as cartas: Primeira e Segunda a Timóteo, a Tito, aos Filipenses, aos Colossenses, Primeira e Segunda aos Tessalonicenses, a Filemom, aos Hebreus*, tradução de Monjas Beneditinas do Mosteiro de Maria Mãe de Cristo, Série Patrística (São Paulo: Paulus, 2013), vol. 3].

[91]Os novos ateus (e.g., Christopher Hitchens, Sam Harris, Richard Dawkins) defendem que não se deve tolerar a religião, mas desmascará-la como insatisfatória da perspectiva científica e intelectual. Para uma refutação (intelectual), veja Tom Gilson; Carson Weitnauer, orgs., "*True reason*": *confronting the irrationality of the New Atheism* (Grand Rapids: Kregel, 2013).

[92]Stanley Hauerwas, *With the grain of the universe: the church's witness and natural theology* (Grand Rapids: Brazos, 2001), p. 210.

[93]Dietrich Bonhoeffer, *Life together* (New York: Harper & Row, 1954), p. 30 [edição em português: *Vida em comunhão*, tradução de Ilson Kayser (São Leolpoldo: Sinodal, 1982)].

[94]M. Robert Mulholland Jr.; Marjorie J. Thompson, *The way of Scripture: a small-group experience in spiritual formation* (Nashville: Upper Room Books, 2010).

[95]Kevin J. Vanhoozer, *The drama of doctrine: A canonical-linguistic approach to Christian theology* (Louisville: Westminster John Knox, 2005), p. 31 [edição em português: *O drama da doutrina* (São Paulo: Vida Nova, 2016)].

[96]Edição em português: *A fé na era do ceticismo: como a razão explica Deus*, tradução de Regina Lyra (São Paulo: Vida Nova, 2015).

Conclusão

55 teses resumidas sobre o pastor como teólogo público

KEVIN J. VANHOOZER

Por que a igreja precisa de pastores-teólogos? Para que servem pastores-teólogos? De forma breve, nossa resposta é que os pastores-teólogos são dons do Cristo ressurreto, auxílio na edificação da igreja de Cristo, especialmente ao levar pessoas a confessarem, compreenderem, celebrarem, comunicarem, recomendarem a outros o que é/está em Cristo e a viverem de acordo essa realidade.

Como é apropriado a uma declaração de visão, especialmente em um livro sobre a redescoberta de uma visão, podemos concluir com um sumário das principais teses de cada capítulo. Cremos que essas teses têm implicações para o que deveria estar ocorrendo hoje em igrejas e seminários.

1. A igreja corre o risco de trocar seu direito de primogenitura por uma refeição secular no âmbito menos esperado: o ministério pastoral (ideia apresentada na introdução).
2. Os pastores, junto com as igrejas a que servem, muitas vezes ficam presos a imagens de liderança (e.g., gestores, terapeutas) tiradas da cultura contemporânea, e não das Escrituras.
3. A posição da teologia no mundo acadêmico, junto com a divisão entre estudos bíblicos e teologia doutrinária, não traz contribuições para os pastores nem para a igreja.
4. Os pastores têm de exercer vigilância especial em seus ministérios, tomando cuidado para não transformar o púlpito em plataforma de intimidação nem

para exaltar o próprio nome em vez do nome de Deus ou o próprio nome junto com o de Deus.

5. Os pastores são teólogos cuja vocação é buscar, anunciar e demonstrar o entendimento do que Deus está fazendo em Cristo por amor ao mundo e conduzir outros a fazerem o mesmo.
6. Os pastores são teólogos públicos porque trabalham para o bem do povo, com o povo e no povo — a assembleia reunida dos fiéis — e o conduzem a viver para Deus, dando testemunho como um pináculo público em praça pública.
7. Os pastores não são os únicos a edificar outros em Cristo (todos os cristãos partilham desse privilégio e dessa responsabilidade), mas foram os únicos designados para a posição de supervisores desse projeto de construção.
8. O pastor-teólogo é um intelectual orgânico no corpo de Cristo, alguém que tem inteligência evangélica e é sábio para a salvação.
9. Na condição de intelectual orgânico, o pastor-teólogo expressa a fé, a esperança e o amor da comunidade de fiéis, em favor dela e para sua edificação.
10. O pastor-teólogo é um tipo específico de generalista: alguém que se especializa em ver a totalidade da vida na perspectiva do que Deus fez, está fazendo e fará em Jesus Cristo.
11. O ofício do pastor-teólogo não é uma inovação recente, pois tem sua origem nos ofícios de liderança do antigo Israel: profeta, sacerdote e rei (ideia apresentada no cap. 1).
12. O ofício de pastor-teólogo foi estabelecido por Jesus, dá continuidade ao ministério dele como Bom Pastor da comunidade da nova aliança e participa do tríplice ofício messiânico de Jesus como profeta, sacerdote e rei.
13. À semelhança dos sacerdotes, os pastores-teólogos representam Deus diante dos seres humanos (esp. no que diz respeito às exigências de santidade, dirigindo as pessoas até a graciosa provisão de Deus em Cristo Jesus por causa de seus constantes pecados) e os seres humanos diante de Deus (esp. oferecendo sacrifícios de louvor ou ação de graças e orações de intercessão).

14. Assim como os profetas, os pastores-teólogos exercem principalmente (mas não exclusivamente) um ministério de anunciar a verdade com palavras, comunicando a perspectiva de Deus, especialmente em relação à verdade que está em Cristo Jesus.
15. À semelhança dos bons reis do antigo Israel, os pastores-teólogos personificam a sabedoria e a justiça cruciformes de Deus por meio da obediência humilde à Palavra de Deus, sendo exemplos de como a cidadania celeste se manifesta na terra.
16. Os pastores de épocas anteriores da história da igreja entenderam, de modo invariável, sua vocação como teológica, e a maioria dos melhores teólogos da história da igreja também foram pastores (ideia apresentada no cap. 2).
17. Na igreja antiga, os pastores-teólogos usaram a Regra de Fé para fornecer os princípios de compreensão das realidades teológicas que são parte integrante do evangelho e para identificar o Deus de Israel com o Pai de Jesus Cristo, o Criador de todas as coisas com o Redentor da igreja.
18. Em algum momento no início da igreja, os bispos deixaram de ser apenas pastores das igrejas locais e passaram também a supervisionar regiões mais amplas — pastores-teólogos "ampliados" — responsáveis por representar a unidade da igreja, defender a verdadeira fé e refutar o erro.
19. Na Reforma Protestante, os pastores-teólogos foram vistos basicamente como ministros da Palavra de Deus. Portanto, seus discursos tinham mais autoridade do que qualquer outra palavra terrena.
20. Na tradição puritana, os pastores-teólogos se destacaram ao utilizar a instrução certa com o propósito de transformar corações e vidas, aplicando a doutrina de Deus para promover a santidade.
21. Jonathan Edwards viu o ministério pastoral como uma "atividade divina", uma participação na obra de Cristo de representar Deus perante os seres humanos (esp. na pregação) e os seres humanos perante Deus (esp. na oração).
22. Charles Finney e outros avivamentistas do século 19 estiveram mais interessados em conduzir a vontade ao arrependimento e à fé por meio de

discursos públicos repletos de entusiasmo, e não por meio da doutrina correta, o que na prática degradou a teologia em favor de "resultados".

23. Teólogos do século 19 enfrentaram a análise acadêmica de cientistas e filósofos e voltaram sua atenção para o projeto de recuperar a respeitabilidade intelectual, distanciando-se assim das preocupações dos pastores na igreja.
24. Muitos pastores modernos, que passaram a entender sua vocação como a de uma profissão de ajuda, perderam o interesse na teologia, pois estavam preocupados em aprender habilidades práticas que lhes garantissem sucesso (i.e., resultados).
25. A década de 1940 viu o início de um remanescente evangélico que procurava recuperar a visão histórica do ministério pastoral como um ofício teológico.
26. O pastor teólogo, longe de ser um especialista, é um santo faz-tudo no trabalho existencial, responsável em comunicar Cristo a todas as pessoas, em todos os lugares e em todas as épocas (ideia apresentada no cap. 3).
27. O pastor-teólogo lida com a morte, o momento da morte e a ansiedade de "ser para a morte" ao ministrar, de modo geral, uma dose de realidade que altera o *modo* — a boa notícia do evangelho — e ao encarnar, de forma pessoal e de maneiras sensíveis ao contexto, o *modo* jubiloso do "ser para a ressurreição".
28. Os pastores-teólogos encarnam um modo "evangélico" — uma declaração indicativa ("Ele ressuscitou! Ele é Senhor!") e uma forma correspondente de ser que está em sintonia com o mundo "já/mas ainda não" renovado em Jesus Cristo.
29. A tarefa singular do pastor-teólogo é dizer, com base nas Escrituras, o que foi, é e será "em Cristo".
30. Os pastores-teólogos que expõem com palavras *o que é em Cristo* estão, em última instância, engajados em um ministério da realidade, ou seja, na ministração da verdade d*o que é*: a verdade sobre Deus, a humanidade e o relacionamento entre eles.

31. Ministrar *o que é em Cristo* implica ministrar entendimento, uma percepção de como as partes — as pessoas, os acontecimentos e as coisas que constituem o evangelho — se relacionam com o todo, isto é, sua convergência em Jesus Cristo.
32. Os pastores-teólogos são intelectuais públicos porque tratam das grandes questões e do grande quadro por meio do filtro e da estrutura da história bíblica da obra divina de redenção que culmina na ressurreição de Jesus.
33. Os pastores-teólogos se dedicam ao privilégio de estudar e interpretar a Palavra de Deus e de ministrar seu entendimento aos outros; pois só as Escrituras são o relato divinamente autorizado do que Deus está fazendo em Cristo para reconciliar a humanidade e renovar a criação.
34. Os pastores-teólogos se esforçam para aumentar o conhecimento bíblico em suas congregações, dando atenção particular à teologia bíblica e ao desafio de perceber a unidade da história bíblica de Cristo na diversidade de livros, pessoas e eventos bíblicos.
35. Os pastores-teólogos se esforçam para aumentar o conhecimento cultural em suas congregações, sabendo que, em última análise, a cultura é um meio de formação espiritual que estrutura valores e práticas, crenças e comportamentos.
36. Como teólogos públicos que trabalham com pessoas para edificá-las em Cristo, os pastores fariam bem em ler ficção com o objetivo de compreender os diferentes tipos de pessoas.
37. Os pastores-teólogos falam no modo imperativo e também no indicativo, exortando suas congregações a não apenas dizer, mas também a se conformar à nova realidade escatológica que está disponível a nós *em Cristo* por meio do Espírito de Cristo.
38. Os seminários existem para promover o conhecimento bíblico e teológico com o propósito de alcançar entendimento e vivência do que é/está em Cristo.
39. Os seminários existem não para reforçar, mas para transcender a separação comum entre teologia "bíblica", "sistemática" e "prática" a fim de alcançar sabedoria teológico-pastoral interdisciplinar.

40. Os seminários existem para promover um tipo específico de generalista: alguém que discerne todas as coisas à luz do que é/está em Cristo, passa tempo com Cristo, encena a realidade escatológica de ser ressuscitado com Cristo e ajuda os outros a fazer o mesmo.
41. As práticas do pastor-teólogo estão alicerçadas na união do próprio pastor com Cristo e implicam comunicar o que é/está em Cristo (ideia apresentada no cap. 4).
42. A Grande Comissão Pastoral é a incumbência de Cristo aos pastores para serem teólogos públicos que trabalham com pessoas em nome de Deus, trabalhadores que apascentam as ovelhas de Cristo e edificam a casa de Deus.
43. Jesus é o mestre de obras que edificará sua igreja sobre a rocha de confessores e confissões, ainda que pastores-teólogos desempenhem um papel especial (i.e., consagrado) ao servir de representantes oficiais de Jesus, responsáveis em preservar a integridade das confissões da igreja.
44. O pastor-teólogo é um construtor da casa de Deus, um pedreiro que trabalha com materiais vivos, unindo-os à pedra angular (Jesus Cristo) a fim de formar uma morada para Deus na terra: um templo feito de pessoas.
45. Na condição de artesãos na casa de Deus, os pastores-teólogos supervisionam um trabalho de renovação, não apenas urbana, mas também cósmica, à medida que antecipam a reconciliação de todas as coisas por meio das práticas de reconciliação da igreja.
46. Os pastores-teólogos ministram a palavra de Deus de reconciliação e renovação em Cristo por meio de ensino e pregação e também de aconselhamento e visitação pessoal.
47. O sermão é um instrumento fundamental no arsenal de graça e verdade do pastor-teólogo, promovendo o conhecimento bíblico, a competência bíblico-teológica e uma apreciação holística da excelência de Jesus Cristo.
48. Os sermões também funcionam como excelente meio de promover a capacidade da congregação de interpretar a cultura, reconhecer a hegemonia cultural e discernir a maneira particular pela qual textos e tendências

culturais contribuem para a concretização do governo de Deus na terra ou o atrapalham.

49. O sermão é um dos principais meios de o pastor-teólogo despertar as pessoas para a realidade redentora do que Deus está fazendo em Cristo abaixo, atrás, ao lado e acima da superfície de manifestações socioculturais.
50. Pelo fato de ser inevitável uma ou outra forma de doutrinação, pastores-teólogos têm de reivindicar de maneira explícita o papel de catequista conforme exposto nas Epístolas Pastorais, ensinando a doutrina com o objetivo de capacitar as pessoas a discernirem melhor a realidade e a se conformarem a ela, e, assim, ter um encontro com a realidade.
51. Os pastores-teólogos ministram a sã doutrina ao corpo de Cristo para que este tenha saúde, floresça e cresça em maturidade em Cristo.
52. Os pastores-teólogos lideram a congregação reunida, celebrando o que está em Cristo e utilizando o tempo em que estão juntos para edificar a congregação na fé, na esperança e no amor, a fim de que os discípulos adorem tanto na reunião do corpo de Cristo quanto fora dela, ao oferecer seus corpos como sacrifício vivo durante a semana toda.
53. Os pastores encenam um ato teológico e público por excelência ao liderar a congregação em oração, um ministério da realidade que reconhece o que os pecadores são perante Deus e o que os santos são diante de Deus em Cristo Jesus.
54. Os pastores lideram o ato teológico público por excelência de celebrar a ceia do Senhor, um ministério da realidade escatológica que — por causa da união comum com Cristo na fé por meio do Espírito — os crentes desfrutam como comunhão com o Deus vivo e uns com os outros, apesar das diferenças passageiras de raça, classe social e gênero.
55. Os pastores-teólogos atuam como apologistas, defendendo a sabedoria da cruz e a verdade do evangelho ao estimular demonstrações coletivas e concretas de perseverança na fé e de amor, perdão e comunhão do que é/está em Cristo.


IX 9Marcas CONSTRUINDO IGREJAS SAUDÁVEIS
SÃ DOUTRINA
COMO UMA IGREJA CRESCE NO AMOR E NA SANTIDADE DE DEUS
BOBBY JAMIESON

Sã doutrina

Jamieson, Bobby 9788527506755
128 páginas

Compre agora e leia

COMO VOCÊ SE RELACIONA COM A DOUTRINA?

Qualquer que seja a resposta que lhe venha à mente, este livro não apenas o convencerá de que a sã doutrina é vital para uma vida piedosa, mas também explicará o papel essencial da teologia na vida de uma igreja saudável. Afinal de contas, pensar de modo correto sobre Deus influencia todas as áreas da vida, desde questões práticas até questões relacionadas ao crescimento da igreja em unidade e testemunho.

Este livro breve e de fácil leitura mostra como a boa teologia nos conduz à transformação, à vida e à alegria.

Compre agora e leia


TIMOTHY KELLER
MINISTÉRIOS DE
MISERI
CÓRDIA
O CHAMADO
PARA A ESTRADA
DE JERICÓ
VIDA NOVA

Ministérios de misericórdia

Keller, Timothy 9788527506854
272 páginas

Compre agora e leia

Por que alguém arriscaria a própria segurança, cancelaria a agenda, gastaria suas economias e ficaria todo sujo de terra e sangue para ajudar uma pessoa de outra raça e classe social?

E por que Jesus nos diz: "Vai e faze o mesmo" (Lc 10.37)?

O Bom Samaritano não ignorou o homem espancado na estrada de Jericó. Assim como ele, tomamos ciência de pessoas necessitadas à nossa volta: a viúva que mora ao lado, a família afundada em dívidas médicas, o sem-teto que fica do lado de fora da igreja. Deus nos chama a ajudá-los, precisem eles de abrigo, assistência, cuidados médicos ou simplesmente amizade.

Tim Keller mostra que cuidar dessas pessoas é tarefa de todo cristão, tarefa tão fundamental ao cristão quanto o evangelismo, o discipulado e a adoração. Mas Keller não para por aí. Ele ensina de que maneira podemos realizar esse ministério vital como indivíduos, famílias e igrejas.

Ao final, cada capítulo oferece perguntas para debate e aplicação.

Compre agora e leia

Jonathan Edwards

A Verdadeira Obra do Espírito

Sinais de autenticidade



A verdadeira obra do Espírito

Edwards, Jonathan 9788527506540
104 páginas

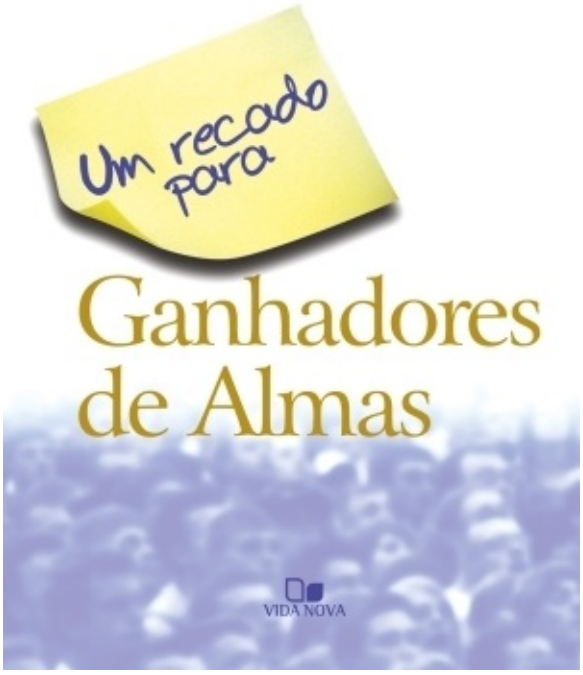
Compre agora e leia

Esta obra é uma exposição de 1 João 4 feita com maestria e brilhantismo por Jonathan Edwards, que nos exorta a provar a procedência dos espíritos, de acordo com a recomendação do apóstolo João.

Os pensamentos do autor surgiram da necessidade de instruir os cristãos que viveram numa época de grande agitação e confusão, à medida que se faziam todos os tipos de reivindicação espiritual. Não é preciso dizer que a situação no Brasil de hoje apresenta muitas semelhanças.

Compre agora e leia

Horatius A. Bonar



Um recado para ganhadores de alma

Bonar, Horatius A.
9788527506557
64 páginas

Compre agora e leia

Um recado para ganhadores de almas é a expressão da dedicação de Horatius Bonar ao ministério da Palavra. Nesta obra, ele não apresenta métodos de evangelização ou coisa parecida; sua preocupação está mais voltada para a vida do ministro de Deus.

Compre agora e leia


IX 9Marcas CONSTRUINDO IGREJAS SAUDÁVEIS
MEMBRESIA NA IGREJA
COMO O MUNDO SABE QUEM REPRESENTA JESUS
JONATHAN LEEMAN
Apresentação de Michael Horton

Membresia na igreja

Leeman, Jonathan 9788527506885
144 páginas

Compre agora e leia

POR QUE DEVO SER MEMBRO DE UMA IGREJA?

Tornar-se membro de uma igreja é quesito essencial da vida cristã, sendo, porém, negligenciado com frequência. Aliás, a tendência atual é abandonar a prática da religião organizada, o que demonstra aversão ou medo de compromisso, especialmente em relação às instituições. Jonathan Leeman aborda essas questões de maneira objetiva, ao definir membresia na igreja e explicar por que ela é importante. Conferindo à igreja local o papel que lhe é devido, Leeman constrói uma argumentação convincente a favor do comprometimento com o corpo da igreja local.

Compre agora e leia